JORNAL ENCYCLOPÉDICO
DE
LISBOA,

COORDENADO

PELO P. J. A. DE M.

N.º I. JANEIRO DE 1820.

TOMO PRIMEIRO.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
1820

Com Licença de Sua Magestade.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

LISBOA.

N.º I. Janeiro de 1820.

Discurso Preliminar.

Os paizes estrangeiros enchem Portugal de livros, e, se não he agora, houve tempo que esta droga estranha teve mais consumo neste Reino que em outro qualquer da Europa, considerado relativamente aos outros d'onde este commercio vinha. Esta importação de livros, e o seu rapido consumo, parece que devia fazer conhecer aos mesmos Estrangeiros, que assim como as outras producções da industria aqui se consomem porque se usa dellas, tambem os livros se compravão e possuião, porque se lião e se gostavão, e que se não podião lêr nem gostar se se não entendessem: esta intelligencia, que he o resultado da avidez com que se lião, e com tantas despezas procuravão e possuião, depõe a favor do caracter e talento dos Portuguezes para as Artes e Sciencias; por-

que estas são, e forão sempre cultivadas com grande proveito e gloria em Portugal. Não comprão livros os Hottentotes, não os comprão os Mouros, porque nem cultivão as Sciencias, nem para ellas, ou por educação ou por natureza, mostrão ter aptidão. Este argumento da capacidade dos Portuguezes, e as publicas e luminosas provas de seus progressos em todos os ramos scientificos, parece que devião fazer mudar de opinião os Estrangeiros a nosso respeito; mas está a opinião contraria tão estabelecida e arreigada, que parece ser, não dos individuos, mas da mesma terra que os produzio, e onde habitão; porque os nossos mesmos nacionaes que alguma causa leva ou desterra de Portugal, em lá chegando fazem éco ás preoccupações subsistentes, e não cessão de clamar e vociferar, que nós os que cá ficamos somos ignorantes, e que permanecemos ainda, na repartição das Artes e Sciencias, em hum lastimoso atrazo. Assim o dão a conhecer até nos mesmos escritos que para cá nos envião na nossa mesma lingua; dizem elles, que para nossa illustração.

Que motivo haverá para isto? Não fazermos livros como elles os fazem; mas eu creio que na repartição das letras tambem entrão especulações da fome. Dão-se, por exemplo, os homens em França á composição dos livros, como se dão e dedicão até aos officios chamados mecanicos. He preciso hum meio de subsistencia, e a invenção e multiplicação destes meios he sempre na razão directa da penuria e miseria publica e particular. Se esta tivesse sido até aqui real e verdadeira relativamente ao total da nação, como tem sido em outras nações comparativamente a Portugal, talvez que esta nos tivesse obrigado a lançarmos mão até dos recursos literarios, e teriamos inundado de

livros os outros reinos, como elles tem inundado o nosso; mas as riquezas de Portugal, depois de seus vastos descobrimentos e conquistas, tem sido immensas; tinhamos com que comprar as coizas sem nos fazer falta, eramos huma nação de opulentos; e quem tem que gastar para que ha de trabalhar? Seja embora bem ou mal entendido este principio, serve para o caso presente. Porque razão ninguem vio ainda hum Portuguez, ou huma tropa delles, andar pelos reinos estranhos mostrando camaras opticas, dançando em theatros, toureando em praças, cantando em coretos, fazendo bonecos de gesso, vendendo espelhos, escovas, voando em balões, etc. etc. etc.? Porque a pobreza os não tem obrigado a tanto, e se nestas infimas classes do povo ha esta razão (que he a unica razão), nas classes médias, d'onde de ordinario sahem os homens dados ás letras, ha o mesmo poderoso motivo. Não se dão muitos Portuguezes ás Sciencias, porque a necessidade os não obriga a escolherem este meio de subsistencia. Só o gosto os determina; eis-aqui porque não tem havido em Portugal aquella alluvião de livros em que parece naufragão muitas nações da Europa. Desta não entendida causa tem nascido as estranhas invectivas contra a supposta incapacidade dos Portuguezes.

Achão os Estrangeiros em suas tarefas literarias competidores em todas as nações civilisadas, porque todas ellas trabalhão e concorrem para a espantosa multiplicação dos livros; parece que cada huma se aposta em exceder as outras; dizem que não encontrão entre os Portuguezes competidores, e se indignão e enojão contra esta nação, dizendo que he a unica entre as da Europa, que, negando seu concurso para o commum trabalho, se aparta das obrigações racionaes e humanas da

sua existencia. Tanto os arrebata esta, ao parecer, nobre e innocente indignação, que não contentes com motejar e escarnecer nossos habitos e costumes, attribuem a quasi todo o corpo da nação os defeitos pessoaes de hum curto numero de seus membros. A todos os Portuguezes, sem excepção alguma, desejão poder negar as qualidades e circunstancias precisas para a cultura das Artes e Sciencias, retratando-os, como eu tenho visto em suas superficiaes viagens a Portugal, e até em suas mesmas conversações, como Godos e Barbaros, cuja ignorante presumpção e altivez he o escandalo da humanidade; e por isto tem a audacia de nos considerarem como entes imperfeitissimos da especie racional, faltos de educação literaria, de leis, de direcção, e até de governo. Que não terei eu visto e lido em tantos livros estrangeiros sobre a nossa Universidade de Coimbra? Já li em hum viajante Francez, que nesta Universidade passão os mancebos annos e annos estudando as formulas da Theologia Escolastica, e sahem dalli perfeitos e habeis em fazer palitos. Nossos estudos e escolas são o alvo a que se dirigem suas satyras, e a porfia com que mantemos nossa herdada fantasia de fidalgos, guerreiros, e conquistadores, (dizem elles), he a causa da nossa barbara e lastimosa ignorancia. Olhão para esta nação como falta de potencias; mas se nos conhecessem, por certo confessarião que nos sobra muito de capacidade e de talentos com que na verdade somos superiores a elles.

Se estes melancolicos e inadvertidos censores de nossa vida, costumes, leis, e literatura, nos dessem ouvidos, ou ao menos nos lessem, e nos conhecessem, mui curta satisfação bastaria para lhes fazer moderar a irritação que os cega, e os

obrigaria a mudar de dictame. Crêm acaso, porque não descobrem ao presente aquelles heroes famosos que até nos tempos dos Romanos fizerão conhecer o nome Portuguez, que já não existem entre nós homens insignes em armas, e em letras? Pois vejão e examinem sem preoccupação os tempos passados desde o reinado d'El-Rei D. João o segundo, consultem nossos proprios escritos, e acharão nelles, que Portugal floreceo em engenhos de superior jerarquia, quando seus paizes (excepto a Italia) jazião sepultados nos abysmos da mais deploravel ignorancia. E se quizerem attentamente reparar nos successos, que sem interrupção alguma tem movido e agitado por tantos seculos este reino occupando seus habitantes em todas as quatro partes do mundo, facilmente descobrirão os motivos por que nos dedignámos de fazer estampido com as letras, para as quaes nunca faltou aptidão nos Portuguezes, ainda que lhes faltassem, ou estimulos, ou recompensas.

Se nos accusão de omissos, frouxos, deixados, e negligentes, que são os vicios com que temos obstado ás nossas maiores venturas, não poderão sem summa injustiça motejar-nos de inaptidão, ou de falta de talentos, para poder inventar, ou executar os primores que nos outros povos Europeos são tão familiares, como preciosos, e entre nós outros tão raros, como desattendidos.

Para rebater todos estes suppostos aggravos, desejaria que os Estrangeiros volvessem os olhos aos seculos passados, e que deixando de parte o merito que pelas armas ganhárão os Portuguezes, lhes restituissem aquelles exquisitos inventos, em materias fysicas, astronomicas, nauticas, e mecanicas, que com tanta injustiça elles nos tem usurpado, pois até creio que a raridade absoluta de

algumas obras dos Portuguezes nasce da malicia dos Estrangeiros. De muitos escritos se deo cabo em a dominação dos sessenta annos. Quantos m. s. existem nossos pelas Bibliothecas do Escurial, e pelas de París! Não se encontrão entre nós quatro ou cinco exemplares das obras do Fysico Antonio Luiz, de Garcia da Horta, de Pedro Nunes, de Zacuto, e do grande medico Abrabanel. Se se lesse bem o tratado *De Crepusculis* de Pedro Nunes, talvez nos não admirassemos tanto das idéas de Newton sobre a luz, e as cores. O que mais me escandalisa he vêr que os Estrangeiros nos insultão e motejão tendo as nossas mesmas obras na mão. Quem se não indignaria ao vêr tratar por hum Francez, grande escritor, as Décadas de João de Barros por hum pouco de papel rabiscado? Sobre estas Décadas, e sobre as do seu continuador Diogo de Couto, formárão os Estrangeiros as suas grandes relações e descripções da Asia, porque (e isto he huma verdade demonstrada) assim como os Portuguezes abrírão com suas espantosas navegações a estrada aos descobrimentos e conquistas dos Estrangeiros, tambem com suas letras concorrêrão para a dissipação daquellas sombras de ignorancia e rudeza em que jazião sepultados, quando nós já podiamos contar entre os nossos escritores, bons poetas, bons filosofos, bons historiadores. Alguns destes Estrangeiros mais moderados invectivadores dos Portuguezes, concedendo algum mérito aos nossos passados, o negão absolutamente aos presentes. Esta negação encerra em si a mesma injustiça. Os nossos transfugas talvez tenhão a culpa desta iniqua asserção. Vão naquelles reinos onde se acoitão, evadindo as pesquisas da Justiça, e a severidade das Leis, para se vingarem da mesma patria que elles escandalisárão,

semear entre os estranhos, que ainda que a nossa ignorancia não provenha, ou se derive de nossa natural incapacidade, procede sem duvida da nossa constituição politica, que nos reduz ao desalento, e á escravidão; outra calumnia não menos atroz que a primeira, e mais capaz de arreigar entre os povos da Europa, por onde elles peregrinão e mendigão, a anticipada idéa, ou preoccupação, sobre o estado de semibarbaridade em que existimos. E como estes homens que por lá vivem se transformão repentinamente em escritores, assoalhão desde logo, que escrevem para remediar nossos males; porque para dizer a verdade, e para tratar das Sciencias e Artes, he preciso existir fóra de Portugal, augmentando assim o conceito da nossa quimérica servidão, imaginada por elles, e da nossa ignorancia, que se não tem (dizem elles) causas fysicas, tem motivos moraes, religiosos, e politicos! Quando ao conhecimento que eu tenho desta intenção de tantos escritores nacionaes em França e em Inglaterra, ajunto a leitura das suas obras, não posso conter a indignação que sinto, como verdadeiro Portuguez, cuja inteireza tenho conservado e comprovado entre as mais atrozes perseguições, calumnias, improperios, afrontas, vilipendios, que homem nenhum ainda padeceo no Mundo. Não só se advoga a causa da Nação, e se defende a Patria desembainhando huma espada no campo, talvez mais se estenda, e se mantenha a sua gloria com huma penna, porque o cargo que nos fazem de nossa ignorancia, não se rebate senão com documentos de literatura, com que se faça ou emmudecer a inveja, ou desenganar a pertinacia dos que nos tratão de rudes e illiteratos.

Muitas vezes a grandeza, a fama, a gloria, e a ventura de hum homem pende de huma situa-

ção, ou circunstancia em que o poz o acaso. Se a lingua Franceza se não tivera propagado, e universalisado tanto, que póde ser chamada ha algum tempo a lingua geral da Europa, não teria feito tanto estampido no mundo a sua literatura; porque entre os Francezes (convertidas as letras em ramo de commercio) não ha folheto, brochura politica, novella somnifera, cuja efémera existencia não devia correr outro espaço que não fosse o da prensa para a sepultura, que não gire, e que não vá mandada aos ultimos limites da terra. Se a lingua Portugueza tivesse o mesmo destino, não permanecerião tão sepultados como estão os nossos thesouros literarios. Além desta circunstancia do conhecimento da lingua, para a estima publica da nossa literatura devião tambem concorrer outras, que de nós privativamente dependem; deviamos, primeiro que tudo, amar e estimar mais as nossas coizas que as estranhas; o merito existe nellas, e não nas terras onde se fazem; mas este erro de opinião he mui difficil de desarreigar, e desterrar do meio dos Portuguezes. Deviamos dar mais apreço á literatura, que não sei porque fatalidade se vai attenuando e apagando entre nós; e não sería alheia de hum Filosofo-politico a indagação das causas moraes desta decadencia, nem improprio para huma Academia este Programma para os seus premios. Devia conhecer-se a necessidade de hum prompto e activo expediente na censura dos livros. Deviamos, por huma boa educação, (e quanto isto se despreza!) fazer conhecer á mocidade, que huma boa parte, e talvez a melhor, da gloria do homem cidadão, e da honra da patria, consiste na cultura das letras; que os timbres de douto são tão apreciaveis, e de tanto valor como ou os herdados com o sangue, ou adquiridos pelas armas;

e finalmente deviamos pôr mais cuidado na perfeição e apuro da Arte Typografica, já que esta foi huma das causas que mais efficazmente contribuírão em França para o conhecimento e propagação da sua literatura. Os Hespanhoes nossos vizinhos conhecêrão esta verdade no reinado de Carlos III., levando ao ponto de perfeição, em que a vemos, esta gloriosa arte. São lastimosos nesta repartição até os ultimos tempos os nossos atrazos, e nesta parte pouco ou nada temos que responder aos Estrangeiros. Com que dó, ou para melhor dizer, com que desprezo olharão elles para a maxima parte dos nossos livros impressos!

Tudo isto, e não a vista ou a mira de hum sordido interesse, tão alheio do meu caracter como he a mentira e a impostura, me obrigou a formar o projecto, e a executallo, de hum Jornal Literario, mas Portuguez, e prover nelle a necessidade em que nos julgão estar, os que fóra de Portugal escrevem, de noticias e conhecimentos estranhos. Desejei mais que tudo offerecer ao Publico hum documento subsistente, e até progressivo, que por si só fosse bastante para convencer de erroneas e abusivas as idéas de muitos Aristarcos estrangeiros, e nacionaes tambem; provando clara e evidentemente á vista do Mundo, que em Portugal ha materia bastante para crear engenhos, e para produzir huma nova geração de sugeitos, que illustrando e enriquecendo a Patria com portentosos inventos, resuscitando com extraordinario beneficio do Reino, e de toda a Nação antigos thesouros literarios e mecanicos, que pela incuria, pelas calamidades, pelas guerras, e pelos eclipses politicos que tem acontecido, e se tem visto por tantos annos neste Reino, jazem perdidos, ou permanecem occultos e ignorados.

Huma noticia periodica depouco vulto, e de bastante amplitude de materias, me pareceo o meio mais proporcionado para despertar o gosto da Nação, e para mostrar aos Estrangeiros, que somos, e que podemos alguma coiza. Não he de meu animo ou intenção empenhar-me em buscar pedaços de Poezia, ou de Eloquencia, para engrossar com elles este Jornal. Além de serem pouco uteis, só servem para inspirar idéas vãs, sem concorrerem, nem contribuirem de modo algum para conveniencia e utilidade da patria. O encargo mais particular que na presente época se deve fazer aos escritores, he que se apartem dos raciocinios theoricos, e que levem seus leitores ao que he pratico, ao que he necessario, ao que he util.

A Agricultura, o Commercio, a Navegação, as Artes liberaes e mecanicas, a Moral pratica, ramo principal da educação, são pélagos insondaveis, onde os engenhos mais vastos achão apenas fundo para ancorar, e para segurar seus conhecimentos. Estas Artes são necessarias, e são inseparaveis da nossa ventura e conveniencia, e requerem huma não limitada comprehensão em quem as houver de tratar. As pennas mais déstras, e os politicos mais consumados de quantas nações dominárão o Mundo, não tem esgotado o seu fundo, nem combinado perfeitamente o accidental, quanto mais o integral do que continuamente se descobre em qualquer das materias que pertencem a estes pólos monarquicos. Meus curtos talentos me estreitão, e me obrigão a conter em huma limitada carreira. A compilação critica de quanto escrevem os Estrangeiros sobre as principaes materias do Commercio, cultura das Artes, Agricultura, Navegação, Moral, Fysica experimental, e a Literatura patria, são os objectos escolhidos com preferencia

para este Periodico. Jámais determinarei coiza alguma sobre as differenças e contestações que houver em opiniões encontradas. Antes quero que os meus leitores se enganem com a sua propria experiencia, que allucinallos eu com as minhas decisões mal entendidas.

Os novos descobrimentos em Nautica, as invenções e melhoramento feito nos instrumentos que servem para adiantar o facil exercicio das Artes, e da Agricultura com todas as especies accidentaes relativas ou coincidentes a estas capitaes materias, terão hum lugar mui distincto, como todas aquellas materias que se referem a utilidade publica.

A Agricultura he necessaria a todos os viventes; sabios e ignorantes, velhos e moços, ricos e pobres, todos logrão e participão de sua boa, ou má fortuna. Não só devem olhar por seu augmento os lavradores do campo, incapazes de coizas grandes, mas os Principes, os Grandes, os Supremos Magistrados, que della tirão toda a sua subsistencia, e por isto são obrigados a promover, e cuidar em seus progressos. Os estudiosos das Provincias, que vivem de suas rendas, como menos preoccupados, e mais habeis e illustrados que o resto do povo, devem com exactas e regulares observações, e experiencias, contribuir melhor que todos para os incrementos desta nobre e necessaria Agricultura, para a qual muitos, cujo fundo de casas por ella he formado, olhão com desdem e desprezo, como coiza que degrada a nobreza e alta prosapia, de que tanto e talvez unicamente se ufanão. No cabo de tantos milhares de annos, e apezar de tantos methodos diversos, só inventados para revolver a terra, não vejo que os trabalhos agrarios hajão ainda tocado o ultimo periodo da

sua perfeição. A Agricultura he huma Arte, e huma Sciencia, cujo fundo não he menos rico e inesgotavel que o das outras Artes e Sciencias. Além da difficuldade de conhecer as qualidades e circunstancias dos terrenos, a cultura de que necessita cada planta, os accidentes insensiveis que as damnão, e que só se deixão conhecer passado algum tempo, abrem na Agricultura hum largo e espaçoso campo para as reflexões. Não poucas vezes he preciso desprezar ou reformar hum antigo e usado methodo, para lhe substituir hum novo e nunca usado. As noticias literarias das experiencias feitas, são as mais proprias para tirar luzes das mesmas trévas com que a Natureza costuma encobrir as suas mágicas operações.

Estende-se a lavoura a huma multidão de partes; não só se encerra sua jurisdicção no que respeita ás terras cultivaveis, porém tambem aos bosques, ás matas, ás charnecas, á multiplicação e conservação dos gados, ás aves domesticas, ás abelhas, e até aos peixes dos rios; tudo isto pertence á inspecção, e existe debaixo do immediato dominio do lavrador ou ecónomo. A preparação da semente, e a conservação dos fructos permittem ensaios praticos, e observações especulativas em que jámais pensárão os cultivadores das terras, cuja ignorancia ou descuido tem causado bastantes vezes a ruina e a perda dos trabalhos de todo hum anno. Huma das maiores difficuldades que ha que vencer para se poder trabalhar no melhoramento da Agricultura, he a obstinação e o capricho com que os povos se mantem escravos de seus antigos e supersticiosos costumes. He impossivel obrigallos a renunciar o que huma vez aprendêrão; nem he facil persuadir-lhes, o fazer-lhes entender, que admittão e reconheção por verdade incontes-

tavel, que cada paiz, cada clima, e para o dizer de huma vez, cada terreno he hum objecto distincto em a natureza, e deve ser cultivado de diverso modo. Torno a dizer, que conheço toda a dificuldade de influir nos lavradores e nas suas opiniões. He preciso fazer-lhes cotejar os methodos estrangeiros com os nacionaes, para que as luzes que tirem desta comparação lhes sirvão de regras directivas em seus trabalhos ruraes. Por isto as Memorias sobre a Agricultura, as experiencias, ensaios fysicos que annuncião todos os dias a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Italia, e até os nossos vizinhos Hespanhoes, em fim tudo quanto se discorre, inventa, e pratíca nos paizes estrangeiros para fertilizar os campos, entrarão com muita escolha e muita critica neste Jornal. Alguns methodos estrangeiros praticados neste Reino tem dado excellentes resultados, e as experiencias repetidas em partes distantes da sua invenção tem sido consequentes, e tem correspondido ás esperanças do trabalho. Os apaixonados da primeira das Artes, a Agricultura, verão com gosto neste Jornal o exame destas mesmas experiencias, e reconhecendo huma congruente uniformidade entre os methodos e experiencias novas, que com clareza exporei, sem destruir o seu regular e costumado modo de obrar, procurarão com o tempo tirar destas experiencias as mais preciosas e desejadas vantagens.

O Commercio he bem conhecido; com tudo, apontarei os meios que o podem ampliar, o conhecimento destes meios dará hum infinito espaço para especulações, que se podem augmentar consideravelmente, e de que vem cheios quasi todos os Jornaes da Europa, que tem por objecto e por emprego as Sciencias e as Artes.

Todas as Artes franqueão largos e amenos espaços á nossa investigação. Os antigos a distinguião em Liberaes e Mecanicas: as primeiras erão tratadas por pessoas nobres, e de condição livre, sem derogar a sua qualidade e caracter: as segundas, que requerem robustez e forças materiaes, estavão reservadas ao cuidado dos criados e escravos. Tudo o que se offerecer digno, ou me fòr communicado, nas Artes Liberaes, será dignamente inserido neste Jornal, sem omittir as Artes Mecanicas, pois com ellas vive mais a sociedade civil, e entre estas ha algumas que pedem força de engenho, como he a Typografia, e a fabrica ou construcção de Instrumentos Mathematicos.

Os arcanos e mysterios que á nossa limitada capacidade occulta a Natureza, são tantos e tão diversos, que nem a temeraria curiosidade, nem o ousado engenho do homem, poderão jámais achar fundo aos thesouros de suas tão varias producções, que debaixo de fórmas differentes, costuma, em sua economia e governo, manifestar aos laboriosos investigadores. Os ensaios mallogrados por falta de luzes, ou principios fundamentaes, em lugar de atemorizar ou entibiar os engenhos, lhes devem servir de estimulo para avivar a sua perseverança, para se conseguir o effeito que se deseja. E sendo assim, como todas as Artes devem sua existencia e perfeição ás leis do movimento, (isto he, Mecanica, Statica, Hydraulica, etc.) publicarei o invento e perfeição das maquinas mais uteis que com tanta frequencia se nos annuncião em os Jornaes estrangeiros.

Não tocarei nesta obra especie alguma, que seja meramente governativa. Isto he huma ingerencia atrevida e criminosa em qualquer escritor. Disto estamos fartos, offendidos, e enjoados. Que

mania! Constituições!!! Pois este Reino não tem huma Constituição! Se ella affrouxa, se se altera pela vicissitude das coizas humanas, pelas calamidades do tempo, pela corrupção dos costumes, pela introducção de novas idéas, ao Legislador compete reformalla, e adaptalla ás circumstancias do tempo, e da pública necessidade. Quem constituio estes homens Juizes sobre nós? Tenhão zêlo pelo bem da Patria, e seja o primeiro acto deste zelo não nos revolucionar. Abusos de particulares que convertem o poder que se lhes confia em acções arbitrarias, não mostrão que a Constituição do Reino seja, ou esteja viciada na sua essencia. Não temos Constituição! Isto he verdade; que não temos, nem queremos ter a que elles fazem, ou querem fazer. Pois então existimos em corpo de Nação ha mais de sete seculos, e não temos Constituição? Se estes Senhores quizessem observar a Constituição deste Reino, não fugirião delle para nos acenarem de lá com outra, e de tão longe, que não estão ao alcance de lhe agradecermos o beneficio que nos querem fazer, e o disvèlo com que procurão a nossa ventura, ou querem curar hum mal de que nos não queixamos.

Não tratarei pois de opiniões politicas. Isto pertence directamente, e sem reserva ao Legislador, e a seus Ministros de Estado. Os nossos Platões de Respublicas me tratão aqui de homem pequeno, de homem de idéas servis. Paciencia, eu sei melhor que estes Senhores o que convem ao Povo, e o que o Mundo deve querer, huma vez que não feche os ouvidos ás lições que lhe derão tantas, e tão permanentes desgraças. Agradeção aos apuros da minha trabalhosa existencia, que me levão huma grande parte della, não leva-

rem huma completa derrota. O Povo Romano pedia — *Panem, et Circenses* — pão, e espectaculos para existir contente; eu para convidar tantos amigos de Portugal pediria socego, e independencia.

Finalmente, esta obra he conforme ao meu genio, e o estimulo para a publicar não foi outro mais, que o desejo de rebater calumnias dos Estrangeiros; que Estrangeiros tambem são os que fogem da Patria, e a vão insultar impunemente de longe. Vencer o ocio, e dar conta dos talentos que possuimos he obrigação, que cada hum deve á Natureza, e á Sociedade. Occupando-me nisto, cumpro com estes dois deveres; e se hum trabalho util, e honesto merece o seu galardão, e premio, muito, e excellente será o meu na complacencia com que espero vêr, que o meu ensaio servirá de modelo a outros, que sendo mais habeis, e instruidos do que eu sou nestes assumptos, os poderão desempenhar com maior lustre.

Muitos poderião communicar ao Publico as suas luzes, e revindicar zelosamente a obscurecida fama da Nação Portugueza, aggravada pelos Estrangeiros, em lugar de morder, e censurar as obras alheias. Oxalá podera eu despertar o adormecido animo dos Portuguezes, exhortando-os a que abrissem os olhos sobre o acertado, e maravilhoso systema do Reino, que procurão atacar sem o conhecer, persuadindo-os que a Patria, mesmo abatida como está, nos merece tanta veneração, e respeito, que devemos com cuidado, disvelo, e zelo favorecella, e sacrificar por ella não sò os nossos estudos, mas a nossa vida.

Em nossas actuaes circunstancias ha muito lugar para que luzão os Estudos, e applicações dos apaixonados das Letras, e que cada hum na sua Faculdade ou Arte, pretenda o louro e premio

de seus trabalhos. O meu animo, e desejo nesta Obra, he só excitar os Portuguezes a que lidem pela honra da Patria, e das Letras, procurando, e promovendo o fomento, e amor ás Artes, e Sciencias pelos mesmos meios que n'outro tempo empregou o immortal *Erasmo* para excitar os Conegos de Metz a publicarem os Manuscritos da sua rica, e preciosa Bibliotheca, e com a mesma firmeza, e segurança com que *Salmazio* a outro proposito exhortava seu amigo *Serrario*:" Eia, ponhamos mãos á obra, porque os beneficios que fizermos á Patria nos servirão de premio, e nos procurarão a eternidade do nome.

Fim do Discurso Preliminar.

NOTICIA

DE

VARIOS DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS,

DOS ANNOS DE 1818, E 1819.

ASTRONOMIA.

Sobre a Libração da Lua.

OS QUE são vistos em Astronomia saberáõ que a Lua gyra em torno de seu eixo do mesmo modo que faz a sua revolução média ao redor da Terra; que a inclinação do equador lunar para a ecliptica he constante; e que o seu nodo, ou intersecção, coincide com o nó ou intersecção média da órbita da Lua. *LaPlace* mostrou, que estes resultados não são perturbados pelas equações seculares do movimento médio da Lua, nem pelas deslocações seculares da ecliptica. Mr. *Poisson* mostrou, que tambem não são modificados pela equação secular que impressiona o movimento médio da intersecção da Lua; mas que correspondem á velocidade média de rotação, e estado médio do equador lunar. A theoría indica, que esta velocidade, assim como

a inclinação do equador, e a distancia da sua intersecção da da sua orbita, são sujeitas a desigualdades periodicas. *La Grange* exprimio por formulas as principaes desigualdades da velocidade de rotação; e Mr. *Poisson* determinou mui recentemente as desigualdades da inclinação e da intersecção. As formulas a que ha sido conduzido achão-se na obra *Connoissance des tems*, para o anno de 1821, pag. 219, ha poucos mezes publicada em París; porém a individuação dos calculos pelos quaes as obteve he provavel não appareça senão nas Memorias do Instituto.

Sobre os Cometas observados em 1818 *e* 1819.

Cometas descobertos em 1818.

Posto que o primeiro dos Cometas observados em 1818 fosse antes da entrada deste anno, pois foi visto a 26 de Dezembro de 1817, pelo Astronomo *Pons* em Marselha, como as suas observações só em Março de 1818 se podérão combinar com as que se fizerão em Paris, onde não foi visto senão a 29 de Março referido, he por conseguinte pertencente mais a 1818 que a 1817. Este Cometa he hum dos mais notaveis pela inclinação da sua órbita, que he a maior de quantos se tem observado, sendo só 12′ 3″ o que lhe falta a ser perpendicular á ecliptica. Mr. Nicollet computou, pelas observações de Marselha e París, os seguintes elementos parabolicos da sua órbita:

Passagem do perihelio, tempo médio de París, a 26 de Fevereiro de 1818 . . . $6^h\ 0'$
Distancia perihelia 1.19878
Inclinação da sua orbita . , . . 89°47′27″

Longitude do Nodo	70°21′10″
Longitude do perihelio sobre a órbita	182°56′52″
Movimento heliocentrico . . .	Directo.

A 26 de Novembro do mesmo anno de 1818 descobrio o mesmo Mr. *Pons* de Marselha, (sem duvida hum dos mais activos observadores astronomicos modernos,) hum novo Cometa na constellação Pégaso; e obteve de suas observações, a 30 de Novembro, e 1 de Dezembro, os seguintes resultados:

	Ascens. R.	Declin. Sul.
Novembro 30, ás 17ʰ e 37′ (*) tempo médio . .	179°38′	29° 17′
Dezembro 1, às 17ʰ e 57′	180°39′	28° 47′

Tambem Mr. Nicollet computou os seguintes elementos da órbita deste Cometa, (o qual tem hum diametro de 5 a 6 minutos) a saber:

Passagem do perihelio a 24 de Janeiro de 1819 . . 23ʰ8′	Tempo médio contado da Lua.
Distancia perihelia	0.352593
Longitude do Nodo ascendente .	329° 4′36″
Longitude do perihelio sobre a órbita	144°15′22
Inclinação da órbita	14 47 42
Movimento heliocentrico	Directo.

Este Cometa suppoz-se ser o mesmo que appareceo em 1805, (como adiante se exporá,) e

(*) Os que não são versados na Sciencia cumpre saibão que os Astronomos contão communmente o dia de 24 horas seguidamente de 1 a 24 desde hum meio dia ao outro; por conseguinte as 17 horas e 37 minutos, por exemplo, acima escritas, são as 5 horas e 37 minutos da manhã pelo modo vulgar.

Mr. *Enke*, de Seeberg, computou os seguintes elementos para huma órbita elliptica:

Passagem do perihelio a 27 de Janeiro de 1819, ás 3^h 13′

Longitude do perihelio	156°14′ 8″
Longitude do Nodo ascendente .	334 18 8
Distancia perihelia	9.52579
Metade do eixo maior	2.343

O maior eixo desta ellipse he algum tanto menor que o da órbita do planeta *Vesta*, e corresponde a huma revolução de obra de 3 annos e meio, ou antes 3¼ segundo os melhores calculos.

Tres dias depois de haver descoberto o precedente Cometa, descobrio o mesmo Astronomo *Pons*, de Marselha, a 29 de Novembro outro, cujos elementos parabolicos da sua órbita são os seguintes:

Passagem do perihelio, a 5 de Dezembro ao meio dia em París.

Distancia perihelia	0.85643
Longitude do Nodo ascendente .	89°55′14″
Longitude do perihelio sobre a órbita	101 46 58
Inclinação da órbita	63 10 30
Movimento heliocentrico . . .	Retrógrado.

Cometas descobertos em 1819.

O primeiro Cometa, descoberto neste anno foi a 12 de Junho, pelo mencionado Mr. *Pons* de Marselha m signo de Leão; era mui pequeno, e invisivel sem telescopio; não tinha signal de cauda, e o seu nucleo era muito imperceptivel. As observações de Mr. *Pons* forão as seguintes:

	Tempo médio em Marselha.	Ascensão R.	Declinação N.
Junho	12. 11^h 13′11″	152^h 11′6	25°22′9
	23. 10 31 30	156 5.3	23 27.1
	29. 9 43 12	158 22.2	21 30.6

Os seguintes elementos de huma órbita parabolica forão calculados por Mr. *Gambard* junior:

Passagem do perihelio a 26 de Junho ás 10 h. 6′ tempo médio de Paris.
Distancia perihelia 0.88117
Longitude do perihelio . . . . . 255°51′
Dita do Nodo 107 46
Inclinação da órbita 8 26
Movimento heliocentrico . . . . . Directo.

Mr. *Gambard* concluio que a 24 de Julho andaria a distancia do Cometa á Terra só pela vigesima parte da distancia do Sol.

No principio de Julho appareceo outro Cometa, visto quasi ao mesmo tempo em toda a Europa, mesmo sem auxilio de telescopio. Este grande Cometa appareceo na parte septentrional do Horisonte no 1.° de Julho ás 11 horas da noite em Edimburgo, coiza de 15° ao Oesnoroeste, e com altura de pouco mais de 8°. Não obstante a sua proximidade ao Sol, achando-se obra de 19° sómente distante daquelle luminar, apresentava com tudo hum nucleo muito grande e brilhante. A sua cauda, que era tão transparente, que deixava vêr por entre si ainda as mais pequenas estrellas, dirigia-se para o Zenith, e não se estendia mais de dois ou tres gráos do seu corpo. A direcção do seu movimento era quasi toda ao Norte, e pela rapida diminuição da sua grandeza e brilho, se via bem que se hia afastando da Terra com grande

velocidade. O celebre Astronomo Real Inglez *Pond* observou o Cometa com toda a exactidão, e obteve os seguintes resultados:

1819	Tempo médio em Greenwich.	Ascensão R. do Cometa	Declinação Norte.
Julho 3.	$12^h\ 6'55''.3$	$6^h\ 51'35''.6$	43°41'13
7.	11 53 2. 0	7 8 9. 5	48 17 41
11.	12 6 7. 4	7 22 20. 2	50 31 22

Destes dados computou o habil Astronomo *Carlos Rumker* os elementos da sua órbita com summa exactidão. Continuou Mr. *Pond* a observar o Cometa a 18, 22, 23, 24, 25 e 26 de Julho; e tendo communicado os resultados a Mr. *Rumker*, deduzio este delles os seguintes elementos:

Passagem do perihelio, a 28 de Junho de 1819 — 485132.

Longitude do Nodo	9_s 3°53'40"
Longitude do perihelio da órbita	9 20 47 59
Inclinação da órbita	80 7 41
Logarithmo da distancia perihelia	9.5592732
Distancia perihelia	0362476
Movimento	Directo.

O mesmo Mr. *Rumker* calculou em huma tabella, que se pode ver no Jornal Filosofico d'Edimburgo, as observações de Mr. *Pond* comparadas com os resultados calculados dos elementos precedentes, e achou indicios de ser elliptica a órbita do Cometa.

Mr. *Santini*, Director do Observatorio de Padua, computou os seguintes elementos, deduzidos de observações feitas em circunstancias desfavoraveis.

Passagem do perihelio a 26 de Junho de 1819 — 79835.

Longitude do Nodo	9ˢ 3°23′ 2″
Longitude do perihelio	9 11 1 4
Inclinação da órbita	81 37 15
Logarithmo da distancia perihelia	9.489446
Distancia perihelia	0.30863
Logarithmo do movimento diurno	0.725959 Directo.

Mr. *Nicolai*, Director de Observatorio de Manheim, obteve os seguintes elementos:

Passagem do perihelio, a 28 de Junho de 1819, tempo médio em Manheim.

Longitude do Nodo	9ˢ 3°45′0″
Longitude do perihelio	9 19 6 0
Inclinação da órbita	80 27 0
Logarithmo da distancia perihelia	035178

Mr. *Bouvard*, Director do Real Observatorio de París, publicou os seguintes elementos nos *Annaes de Quimica e Fysica*:

Passagem do perihelio, a 3 de Agosto de 1819, ás 2 horas.

Longitude do Nodo	9ˢ 8° 39′
Longitude do perihelio	0 3 15
Inclinação da órbita	4 5 15
Distancia perihelia	0.53459

Se considerarmos quanto entre si concordão os elementos computados por *Nicolai*, *Santini*, e *Rumker*, e quanto differem delles os de Mr. *Bouvard*, não poderemos deixar de concluir que houve algum erro mui serio nas observações, ou

mais provavelmente nos calculos do Astronomo Francez.

Ultimamente, a 28 de Novembro de 1819, perto das 5 horas da manhã, descobrio Mr. *Bonplain* em Marselha, de cujo Observatorio he hoje Director, hum novo Cometa na Constellação de *Virgo*, com apparencia de huma estrella nebulosa, de luz mui frouxa, (que só se podia ver com telescopio,) e sem cauda que se percebesse: he o terceiro descoberto em 1819. Daremos as observações que se publicarem deste novo corpo nos Jornaes Scientificos mais acreditados.

Sobre hum notavel Cometa, que tem apparecido 5 vezes em 33 annos.

De todos estes Cometas o que merece maior attenção he o que appareceo a 26 de Novembro de 1818 na Constellação do *Pégaso*, descoberto por Mr. Pons em Marselha, em razão de mostrarem as observações feitas, que elle cinco vezes tem voltado ao nosso systema dentro de 33 annos, a saber, em 1786, 1795, 1801, 1805 e $18\frac{18}{19}$. Como o Cometa de 1682 he o unico exemplo indubitavel de terem estes corpos tornado a visitar o nosso systema, tem custado muito aos Astronomos assignalar alguns attributos moveis a estes estranhos corpos, que o vulgo teme em sua apparição como precursores de guerras e outros males, e que os mesmos Astronomos considerão como capazes de produzir os mais fataes effeitos na sua passagem entre as órbitas planetarias. Em taes circunstancias, o descobrimento de hum Cometa que tem tornado *cinco* vezes, que nunca se acha além da órbita de Jupiter, e que póde por tanto ser considerado como formando parte do nos-

so systema, he hum acontecimento peculiarmente interessante aos Astronomos. O seu curto periodo de pouco menos de 3¼ annos, e a sua distancia média do Sol, que não he muito maior que duas vezes a da Terra, o ligão de hum modo particular com a parte do systema em que nos achamos; e quando consideramos que formando os seus gyros triennaes atravessa a órbita da Terra mais de seis vezes no decurso de hum seculo, não podemos deixar de considerar grandemente augmentada a probabilidade de huma collisão.

Como este Cometa tinha hum periodo de pouco mais de 3¼ annos, conjecturárão naturalmente os Astronomos que elle se devia repetidas vezes observar; e em breve achárão que tinha consideravel similhança com os Cometas vistos em 1786, 1795, 1801, e 1805, sendo Mr. *Olbers*, de Bremen, o que lembrou ser este Cometa descoberto por *Pons* a 26 de Novembro de 1818 o mesmo que o de 1795. O Doutor *Maskelyne* já o tinha observado a 20, 21, e 24 de Novembro, antes de Mr. *Pons*, e o comparava a tres pequenas estrellas da 7.ª e 8.ª grandeza, cujas posições se não conhecem.

Os seguintes elementos da sua órbita conforme se calculárão pelas observações feitas em 1795, 1805, e 1818 para 1819, tem tão singular coincidencia, que nos põem fóra de toda a duvida de que he hum só e mesmo Cometa o observado nos ditos annos.

Cometa de 1795.

Passagem do perihelio, a 21 de Dezembro — 43881, Tempo médio em Gotha.

Longitude do perihelio	156°49′32″
Dita do Nodo	335 13 5
Inclinação da órbita	13 45 43
Angulo de excentricidade . . .	58 08 43
Logarithmo de metade do eixo maior	0.3449907
Metade do eixo maior	2.2145

Cometa de 1805.

Passagem do perihelio a 21 de Novembro, — 5044, Tempo médio em París.

Longitude do Perihelio	156°47′19″
Dita do Nodo	334 20 5
Inclinação da órbita	13 33 30
Logarithmo da distancia perihelia	9.5320168
Metade do eixo maior	2.213
Excentricidade	0.8462
Periodo	1202.5 dias.

Cometa de $18\frac{18}{49}$.

Passagem do perihelio a 27 de Janeiro. — 28977. Tempo médio em Gotha.

Longitude do perihelio	156°59′15″
Longitude do Nodo	334 35 0
Inclinação da órbita	13 37 0
Angulo de excentricidade . . .	58 2 58
Logarithmo de metade do eixo maior	0.34500
Metade do eixo maior	2.2131
Periodo	1202.54 dias.

Ainda que este Cometa se avizinha mais a Mercurio do que nenhum dos outros Planetas, e ha de por conseguinte ser perturbado pela sua acção*, ha com tudo razão para julgar, que terão frequentes occasiões os Astronomos de vigiarem a apparição e movimentos deste interessante habitador do nosso Systema Planetario, e de poderem deste modo aclarar mais as noções desta classe de corpos que tão pouco se tem podido até agora estudar e conhecer.

Aproveitámos para a illustração que aqui damos deste assumpto o mais essencial que se acha nos mais modernos e melhores jornaes estrangeiros. Se este artigo he pouco agradavel ao maior numero dos leitores, não será certamente indifferente aos que se dão a estudos Astronomicos, os quaes posto possão ter parte destas noticias por hum ou outro Jornal, folgaráõ de achar unido em hum só artigo o que se acha melhor em diversos, e particularmente no excellente Jornal que em Edimburgo publicão os sabios Brewster e Jameson. — E como hum Jornal Scientifico e Litterario he hum deposito dos descobrimentos feitos pelo tempo da sua publicação, he indispensavel publique artigos que, se bem menos amenos sejão, tem por outra parte maior interesse pelo que concorrem ao augmento da massa dos conhecimentos scientificos, cuja applicação a diversos ramos redunda em beneficio das Sciencias em geral.

QUIMICA.

Sobre o calor especifico dos Corpos, por Mrs. Petit *e* Dulong.

Mrs. Petit e Dulong entrárão ultimamente em huma serie de experiencias sobre o calor, as quaes por sua importancia e extensão merecem o maior apreço. O seu modo de determinarem o calor especifico de diversos corpos foi acertando os tempos que requerem differentes corpos em esfriarem n'huma temperatura certa. Reduzirão a pó fino pequenas porções dos corpos em que fizerão as experiencias, e encerrarão aquelle pó em hum pequeno cylindro de prata, com hum themometro; poserão o cylindro no meio de hum vaso mui delgado, tinto de preto por dentro, e coberto por fóra de neve: estava mui rarefeito o ar dentro deste vaso, e observava-se o esfriamento do corpo nelle mettido só em temperaturas de 5 a 10 gráos acima do do ar que lhe ficava em roda; apontava-se a altura do mercurio no thermometro por meio de hum vidro com a maior exactidão.

A seguinte tabella contém alguns dos resultados destas experiencias, mostrando a primeira columna o calor especifico em decimaes, sendo o da agua tomado por unidade; a segunda columna mostra os pezos relativos dos atomos dos corpos, sendo o pezo do atomo do oxigenio igual a 1. A terceira columna, e parte das reflexões dos authores irão expostas depois da tabella.

Calor especifico.		Pezo relativo dos Atomos.	Producto do pezo e capacidade de cada Atomo.
Bismuth .	0,0288	13.3	0.3830
Chumbo .	0,0294	12.95	0.3794
Ouro . .	0,0298	12.43	0.3704
Platina .	0,0314	11.16	0.3740
Estanho .	0,0514	7.35	0.3779
Prata . .	0,0557	6.75	0.3759
Zinco . .	0,0927	4.03	0.3736
Tellurio .	0,0912	4.03	0.3675
Cobre . .	0,0949	3.957	0.3755
Nickel .	0,1035	3.69	0.3819
Ferro . .	0,1100	3.392	0.3731
Cobalto .	0,1498	2.46	0.3685
Enxofre .	0,1880	2.011	0.3780

" He facil por meio dos dados da precedente tabella calcular a proporção que ha entre as capacidades dos differentes átomos. Para este fim se póde reparar que, deduzindo dos calores especificos dados pela observação o calor especifico das proprias particulas, basta dividir os primeiros pelos numeros de particulas conteúdas em iguaes pezos das substancias comparadas. Ora, he evidente que o numero de particulas em iguaes pezos de materia he reciprocamente proporcional ás densidades dos átomos, e por conseguinte o resultado que se procura se obtem multiplicando cada huma das capacidades deduzidas da experiencia pelo pezo do atomo correspondente. Estes são os differentes productos que se achão na terceira columna da tabella.

" A simples inspecção destes numeros mos-

tra huma aproximação tão notavel pela sua singeleza, que indica immediatamente a existencia de huma lei susceptivel de ser generalisada e estendida ás substancias elementares. Com effeito, estes productos, que exprimem as capacidades de átomos de differentes generos, aproxima-se de tão perto á igualdade entre si, que he impossivel que as differenças que se podem notar se não derivem de erros, seja na medição das suas capacidades, seja nas analyses quimicas, particularmente se se observar que, em certos casos, os erros nascidos destas duas fontes podem ser do mesmo genero, e multiplicarem-se por conseguinte nos resultados. O numero e diversidade das substancias em que operamos não permittem se considere como fortuita a relação que temos exposto, e julgamo-nos por tanto authorisados para concluirmos a existencia da seguinte lei: = Os átomos de todas as substancias simplices tem exactamente a mesma capacidade para o calor. =

" Considerando a incerteza que ainda ha na fixação do pezo especifico dos átomos ou particulas dos corpos, he facil comprehender que a lei que temos annunciado mudaria a sua expressão se se adoptasse huma supposição diversa da que temos admittido da densidade das particulas; porém esta lei abrangerá, em todos os casos, a expressão de huma simples proporção entre os pezos e os calores especificos dos átomos elementares, e ha se de convir que tendo de escolher entre hypotheses igualmente plausiveis, obramos acertados em decidirmos a favor da que dá a mais simples relação entre os elementos que comparamos. Qualquer que seja a opinião adoptada desta relação, pode daqui em diante servir de verificar ou comprovar os resultados das analyses quimicas, e of-

ferecerá em certos casos os mais acurados meios de ajustar as proporções das combinações particulares.

" A lei estabelecida parece ser independente das formas dos corpos, huma vez que se considerem debaixo das mesmas circunstancias, como se pode inferir das experiencias que fizerão Mrs. *La Roche* e *Berard* sobre o calor especifico dos gazes. Os seus numeros relativos ao oxygenio e azote differem mui pouco do que devem ser, pára concordarem com a lei acima; e o numero relativo ao hydrogenio, que parece pequeno, he tão sujeito a varias correcções, que a differença de modo nenhum he sobejamente grande para se considerar como erro. "

Passão depois Mrs. *Petit* e *Dulong* a mostrar a importancia de estender a lei acima mencionada aos calores especificos dos corpos compostos; mas notão que as difficuldades aqui são ainda maiores que d'antes. O modo da operação he por conseguinte o mesmo, e igualmente facil para as substancias compostas e para as simplices; mas a incerteza na determinação do pezo especifico dos átomos compostos he maior que a dos átomos simplices, e havião de produzir maior intervallo. Aquelles Filosofos não dão exemplos do calor especifico dos corpos compostos, mas observão o seguinte: " As observações que temos feito tendem a estabelecer esta notavel lei, a saber, que sempre existe huma mui simples relação entre a capacidade dos átomos compostos, e a dos átomos elementares.

" Tambem podemos deduzir das nossas investigações outra consequencia muito importante para a theoria geral da acção quimica; e vem a ser, que as maiores ou menores quantidades de

calor desenvolvidas no momento da combinação dos corpos, não tem relação com a capacidade dos elementos; e que no maior numero dos casos esta perda de calor não he seguida de diminuição alguma da capacidade dos compostos que resultão. Assim, por exemplo, a combinação do oxygenio com o hydrogenio, ou do enxofre com o chumbo, que causão tão grande grão de calor, não produzem maior alteração nas capacidades da agua e do enxofre, do que a combinação do oxygenio com o cobre, chumbo, e prata, ou do enxofre com o carvão, produzem nas capacidades dos oxidos destes metaes, ou no sulfureto de carbonio."

Depois, tendo noticiado as explanações hypotheticas da producção do calor por combinação, e a sua insufficiencia, quando se compara com as deducções acima, observão Mrs. *Petit* e *Dulong*, sobre os estados electricos dos corpos, e sobre a theoria que suppõe a luz e o calor postos em liberdade na combustão, serem produzidos pela electricidade de dois corpos em estados oppostos que concorrem juntos; e notão, que a ignição do carvão pela bateria de *Volta*, e a ignição por combustão, apresentão huma aproximação de identidade, fundada nas mais fortes analogias, e que merece ser seguida em todas as suas consequencias.

Experiencias recentes de Mr. Thenard sobre a Agua Oxygenada.

Na assembléa do Instituto de França de 29 de Março de 1819 annunciou Mr. Thenard, celebre Quimico, que tinha obtido agua, que continha em pezo o dobro da sua quantidade usual de oxygenio,

isto he, 100 partes de agua podem absorver 88.29 de oxygenio. Esta agua oxygenada possue notaveis propriedades. He descorada, e não tem cheiro algum em circunstancias ordinarias, mas em hum vacuo tem hum cheiro particular. O seu gosto he adstringente: obra sobre a pelle como hum synapismo: a sua gravidade especifica he 1.45. Quando se deixa cahir huma gota della sobre huma camada de oxido de prata, posto no fundo de hum copo, produz detonação. O oxygenio da agua, e o do oxido se desprendem; desenvolve-se grande quantidade de calor, e produz-se luz tão sensivel, que se póde ver onde não for muito intensa a escuridão. Os mesmos fenomenos acontecem com a prata, platina, oiro, osmio, iridio, rhodio, peroxido de cobalto, etc.

Producção de luz pela Expansão do Oxygenio.

Mr. *Biot*, celebre Fysico de París, fez o anno passado huma mui curiosa e importante experiencia, a qual consistio em quebrar por meio de hum apparelho proprio huma bolla de vidro cheia de gaz oxygenio, e posta no recipiente de huma maquina pneumatica, em que fez o mais perfeito vacuo que pôde. O seu effeito foi, que produzio huma brilhante luz em huma casa ás escuras.

FYSICA.

Sobre as propriedades electricas dos metaes, e sobre as forças electricas positivas e negativas, pretendidamente absolutas, de varios corpos. — Por Mr. Tatum. — *(Artigo dos Annaes Geraes das Sciencias Fysicas, de Bruxellas.)*

PARA provar que os metaes possuem todas as propriedades electricas de que são providos os corpos vitreos e resinosos, basta esfregallos entre si, o que fará desenvolver as suas propriedades positivas e negativas no mesmo gráo de intensidade que nestes corpos.

Exemplo 1.º Tomai hum disco de zinco, de coiza de duas pollegadas de diametro, e com seu cabo de vidro. Esfregai levemente este disco sobre seda, e apresentai-o a hum electrómetro: dará signaes mui visiveis de electricidade positiva.

Exemplo 2.º Substituí ao disco de zinco hum disco de prata, e esfregai-o sobre seda, ou ainda melhor em huma pelle de gato, porque com esta se obtem faiscas que se podem ouvir crepitar e ver; apresentai-o ao electrómetro: ha de indicar a electricidade negativa.

Vê-se por estes resultados que dos corpos metalicos se obtem excitamentos tanto positivos como negativos, e isto pelos mesmos meios que se empregão para os obter das substancias vitreas

e resinosas: que a electricidade, quer positiva, quer negativa, não pertence a huma classe particular dos corpos, mas depende da attracção maior ou menor que sobre a electricidade exerce o corpo que se esfrega.

Exemplo 3.º Esfregai o disco de zinco em huma pelle de gato, em lugar de seda: a electricidade será negativa.

Exemplo 4.º Esfregando seda preta sobre seda branca, esta será electrisada positivamente, e aquella negativamente.

Exemplo 5.º Se se esfrega seda branca na pelle de gato, dará signaes de electricidade negativa.

Exemplo 6.º Esfregando seda amarella em seda branca, esta adquire a electricidade positiva, e a outra a negativa.

Exemplo 7.º Repetí a esfregação da seda amarella mas em seda preta; a primeira será positivamente electrisada.

Destas experiencias se deve concluir, que os mesmos corpos podem á vontade fazer-se positivos ou negativos em electricidade, e que os corpos metalicos, como os corpos vitreos e resinosos são susceptiveis, pelos mesmos meios de excitamento, de receber os mesmos estados electricos; por conseguinte a distincção dos corpos em electricos e anelectricos, ou em positivos e negativos, repousa em factos enganadores, e que são desmentidos pela experiencia.

Sobre a illuminação pela luz electrica. Por Mr. Meinecke, *Professor em Halle, na Saxonia (Artigo do mesmo Jornal.)*

Quem poderia ainda ha bem poucos annos acreditar que a lampada de gaz inflammavel havia de servir hoje para allumiar as Cidades? Entretanto, ella está servindo, e com bom exito, neste mister. Ora, e não poderá ser substituida huma luz mais perfeita e menos dispendiosa áquella que o gaz produz? Eu respondo pela affirmativa, e penso que será esta a luz electrica.

Tendo eu de fazer humas experiencias sobre a luz electrica, quiz demonstrar aos meus ouvintes que assim como a commoção electrica póde ser repetida quasi infinitamente, póde tambem a faisca electrica brilhar hum numero incalculavel de vezes, com tanto que esteja seco o ar, que sejão bons os conductores e estejão bem insulados, e que a distancia d'explosão seja proporcionada á força da faisca; desejava ao mesmo tempo saber até que ponto se estenderia a multiplicação da faisca, e que partido se poderia tirar da sua luz para hum projecto d'illuminação que se substituisse ao que se effeitua com o gaz. Neste intuito, peguei com cera a huma das paredes do meu gabinete, além de seis grandes quadros magicos, obra de cem ballas de chumbo; e de mais a mais lhe suspendi obra de dez aunas ou varas de cordão de seda, rodeado de folhas d'estanho. Estes conductores assim insulados distavão quando muito huma pollegada huns dos outros, e todo este apparelho tinha communicação por cadêas de metal; de modo que a faisca, que partia da maquina, era obrigada a perto de mil explosões. A maquina,

que eu fiz gyrar com rapidez a fim de ter huma faisca contínua, era boa, mas pequena, porque não tinha o vidro mais de dois pés de diametro: isto não obstou que eu, assim como todos os circunstantes, não ficasse admirado da luz que foi produzida: dir-se-hia que allumiava a casa hum brilhante luar. Quando eu depois puz a extremidade da segunda cadêa em communicação com huma campainha privada do ar, e na qual devia brilhar a faisca entre dois botões distantes tres pollegadas, a luz se tornou tão viva que no meio da sala se podia distinctamente ler letra miuda. A intensidade da luz pareceo crescer com a duração da experiencia.

Tive pois aqui huma luz tão viva como agradavel, sem soccorro de nenhum combustivel: era huma verdadeira luz etherea. Foi allumiada huma vasta sala por huma successão de faiscas, as quaes de nenhum modo pareceo enfraquecer o transito que tinhão a correr. Podera indubitavelmente repetir ainda varias vezes a explosão das mesmas faiscas, e de modo que aclarasse hum ou dois outros quartos, e talvez todo o edificio, se fora possivel secar bastantemente o ar, por meio de lume, e assegurar assim o ficar bem insulado o apparelho.

Até este ponto não provava o resultado outra coiza senão que se podia obter de huma mui fraca electricidade huma forte illuminação; porém este processo tinha contra si que nos lugares fechados espalha a electricidade hum cheiro insupportavel, e vicia o ar a ponto de o fazer improprio para a respiração; além de que he raro que o ar se conserve longo tempo assaz seco para não vir a ser elle mesmo conductor da electricidade, e interromper assim a successiva explosão

das faiscas. Por varias repetições da mesma experiencia me vim a convencer que, não só ao ar livre, mas tambem nas casas aquecidas, se não poderia, por causa deste ultimo obstaculo, obter mais que huma fraca luz, e muitas vezes interrompida. Entretando, fazendo brilhar as faiscas entre os botões de metal encerrados em tubos ou bollas de vidro hermeticamente fechados, devem ellas, ao ar livre, e em qualquer estado da atmosfera, continuar as suas explosões com a mesma vivacidade que nas circunstancias mais favoraveis dos quartos fechados; porém, salvo multiplicando consideravelmente os tubos ou os globos de vidro, o que viria a ser mais dispendioso, não se obteria mais que huma claridade como a de hum frouxo luar, e não se poderia fazer applicação alguma em ponto grande deste meio de illuminação. Deve-se por tanto recorrer a meios accessorios derivados da Fysica e da Quimica.

Ha certos gazes nos quaes adquire a electricidade maior intensidade de luz do que no ar atmosferico. São estes, segundo as minhas experiencias, principalmente os gazes hydrogenios, quer puro, quer sulfurado, ou carbonado, e o gaz nitroso; mas os tres ultimos, como os decompõe o fluido electrico, não podem ser empregados; não resta por tanto mais que o gaz hydrogenio puro; e a sua substituição, nos tubos ou globos, ao ar atmosferico, não he, como se sabe, nem difficil, nem dispendiosa, tanto mais que este gaz não deve ser renovado.

No gaz hydrogenio augmenta a faisca electrica o dobro em intensidade de luz, sem nada perder em desenvolvimento de chamma nem em distancia d'explosão. De mais, se se rarefaz o gaz hydrogenio, o que se póde fazer aquecendo os tu-

bos ou os globos antes de nelles introduzir o gaz, e demorando o fechallos para dar tempo a este de se dilatar, então não só augmenta a distancia da explosão, mas cresce consideravelmente a viveza da luz.

A possibilidade de hum estabelecimento de illuminação electrica em tubos cheios de gaz hydrogenio rarefeito, deve, segundo o que fica dito, entrar sem custo na comprehensão de todo aquelle que não for destituido de discernimento e de conhecimentos technicos. Neste meio não haveria perigo algum de incendio, porque o gaz hydrogenio por si só não póde queimar, e a electricidade, brilhando em tubos que a insulavão, não poderia communicar a menor inflammação. As despezas do primario estabelecimento serião menores que as da illuminação por meio de gaz, e as de manutenção reduzião-se a pouca coiza. As difficuldades, que são inseparaveis de todas as emprezas novas, principalmente se estas são em ponto grande, serião talvez o maior obstaculo á adopção do modo de illuminação que eu proponho; mas a experiencia tem provado que hum pouco de habito, em qualquer genero de trabalho que seja, em breve as tem aplanado, por maiores que ao principio parecessem.

N. B. O author deste artigo parece não ter bem ponderado todas as difficuldades que se oppõem a este projecto de illuminação, principalmente sendo esta em ponto grande: com tudo, he curioso o artigo pelas experiencias de electricidade que refere.

AGRICULTURA.

Breve exposição dos principios que constituem a bondade e riqueza da Agricultura de hum paiz.

PODIAMOS fazer hum extenso preambulo para chegar aos resultados que a experiencia e a reflexão dos mais distinctos Agrónomos praticos e theoricos tem mostrado infalliveis; mas a concisa clareza, sobre tudo neste assumpto, he agradavel e util aos que lem mais para instrucção que para recreio. Portugal pela excellencia do seu clima e do seu terreno pode ser hum dos mais ricos e florecentes Estados da Europa na Agricultura. Poderia para isto concorrer sobre tudo hum bom Codigo rural, e no do Grande Leopoldo Grã-Duque de Toscana se acharia sem duvida o melhor modêlo que se pode seguir, tanto mais que posto em pratica haverá quarenta annos tem mostrado a experiencia as suas preciosas vantagens. Funda-se aquelle Codigo em quatro pontos simplices, dos quaes dimanárão em breve os melhores effeitos. Eis-aqui os pontos fundamentaes da Legislação da Agricultura da Toscana: 1.° Igual repartição nos impostos na totalidade dos predios rusticos á proporção dos seus productos; 2.° Inviolavel respeito das propriedades ruraes e suas pertenças; 3.° Cultivar cada hum o seu terreno livremente como melhor lhe convier e quizer, e poder escolher o genero de cultura que bem lhe parecer; 4.° Ser finalmente livre a todo o proprietario vender o producto de sua agricultura, quer no interior, quer para fora, como melhor convier aos seus interes-

ses. — Em Portugal temos excellentes Leis publicadas pelos nossos Soberanos, que, em se reduzindo a huma Lei geral bem concebida, e que se ponha em exacta execução, nos darão a gozar os incalculaveis beneficios que aos Estados e Povos faz huma boa Agricultura; e bem se pode dizer que entre nós só o primeiro dos quatro pontos acima expostos demanda alguma energia e mais ponderada resolução.

Huma das coizas que, depois do estabelecimento de huma Lei geral d'Agricultura, conviria muito estabelecer, he huma Junta em cada Provincia, na Cidade ou Villa mais central, (estando a principal em Lisboa), que, á imitação das de Hespanha, fosse composta dos Lavradores que juntassem mais conhecimentos praticos e theoricos, e possuissem bastantes terras proprias, para fazerem as experiencias conhecidas por mais uteis nos outros paizes, juntando-se-lhes alguns dos Parrocos mais instruidos, e dos Magistrados aquelle ou aquelles que de seu moto proprio quizessem concorrer para o trabalho da Junta, salvo o Magistrado principal da Terra onde esta se fizesse, que devêra ser o seu presidente nato; sem com tudo nenhum dos socios haver ordenado ou emolumento.

Por este methodo se procuraria espalhar pelas Provincias tudo aquillo que contribue manifestamente para a prosperidade da Agricultura, a qual se póde considerar estabelecida em havendo as seguintos circunstancias:

1.ª Quantidade de terras cultivadas á proporção da extensão do terreno.

2.ª Perfeição daquellas culturas que, custando menos e sendo menos dispendiosas, produzem maior lucro que o que dá igual cultura nos povos vizinhos em igual extensão de terreno. O de

Portugal, pela maior parte, he de natureza, que pode levar grande vantagem aos outros, havendo iguaes meios e desvélos.

3.ª Que produza o paiz a porção de alimentos vegetaes e animaes, pelo menos, quanta seja precisa aos seus habitadores.

4.ª Concorrem para o fim proposto o numero, generos, especies, variedades, e qualidade dos vegetaes que fazem a base da Agricultura, para variar tudo isto segundo preciso for, e empregar ao mesmo tempo maior porção de qualidades de terreno.

5.ª He essencialissimo o avultado numero de rebanhos para tirar delles, além de outras muitas vantagens, a de bons e abundantes estrumes; devendo haver particular cuidado em melhorar as raças.

6.ª Depende tambem a boa Agricultura da certeza e bondade dos principios fysicos ou politicos que lhe servem de base, e aos methodos e processos que emprega.

7.ª Deve-se tambem attender muito á quantidade e perfeição dos instrumentos, ferramentas, e mais trem de lavoura. Nesta parte ha entre nós muito que melhorar; porém o Lavrador pobre não tem meios de se informar destes melhoramentos, nem de os comprar; o Proprietario de terras abastado, ou as arrenda porque não habita nellas, ou porque se não quer metter em despezas vai com a rotina, isto he aquelle que lê alguma coiza (que são mui poucos), pois o que não lê, não pode ter noticia senão oral e por conseguinte muito incompleta; e geralmente considerão estes homens impraticavel tudo o que a sua pratica desconhece. Ha poucas excepções nisto em Portugal; mas este defeito se iria perdendo com o estabele-

cimento das Juntas de Agricultura bem organizadas.

8.ª He huma circunstancia bem attendivel a acertada escolha dos estrumes, sua repartição, e applicação proporcional á qualidade do terreno, e dos generos que se querem cultivar.

9.ª Hum bom methodo de afolhamento, alternação, ou successão de culturas diversas no mesmo terreno, para o ter sempre em hum estado de producção, augmenta grandemente os productos; e jámais o Lavrador intelligente deixará estar as suas terras de pouzio.

10.ª Finalmente, a actividade, vigor, e intelligencia dos homens empregados na Agricultura, são por si sós equivalentes a outros muitos requisitos; devendo-se acrescentar a isto o desvélo dos Proprietarios ricos em verem com frequencia as suas herdades, e o abandono da pratica sinistra, (e huma das mais estragadoras da Agricultura), de fazer arrendamentos de terras, Commendas, ou quaesquer outras propriedades rusticas, por poucos annos, (quasi geralmente entre nós por dois, ou tres), sendo perceptivel, até ao discurso de huma criança, que hum Rendeiro que teme em breve ser expulso por outro que dá mais (ás vezes por vistas bem remotas do mero interesse da renda que arremata) não cuida senão de disfrutar as terras no estado em que as acha, sem lhe importar fazer melhoramentos que elle, ou não espera gozar, ou se o quer e espera, já sabe que o agradecimento do seu trabalho e despeza he ficar com as terras por maior renda.

Das Provincias de Portugal a do Minho, e a da Estremadura nos arredores de Lisboa são as que apresentão huma cultura mais bem dirigida; porém as outras estão muito atrazadas: he

certo que as d'Alemtejo e Tras-os-Montes tem contra si, huma o ser falta de aguas correntes e nativas, e a outra o ser muito montanhosa; mas a Suissa he mais montanhosa e mais fria, sem com tudo deixarem seus industriosos habitadores de a cultivarem de sobejo para a sua subsistencia; e ha paizes mais faltos d'agua que o Alemtejo, e que proporcionalmente produzem muito mais do que este hoje em dia produz; dizemos hoje em dia, porque nada ha mais constantemente sabido que o ter esta Provincia em outros tempos sido hum abundantissimo manancial particularmente de grão, e ainda hoje mostra em muitas partes sobejas provas do que podia vir a ser de novo se se extirpassem as causas bem conhecidas da sua decadencia na Agricultura. O Algarve, posto que hum paiz tão pequeno que apenas terá a terça parte de gente que tem Lisboa, em se lhe dando a mão para melhorar a sua cultura, he capaz de produzir talvez o dobro do que dá. E a extensa Provincia da Beira, que forma o centro do Reino, e que encerra em si a Athenas Lusitana, tambem está mui longe de fornecer á Agricultura de Portugal hum contingente proporcionado á sua grandeza e aos seus recursos naturaes.

Em se juntando porém as circunstancias rapidamente aqui apontadas, que prosperidade não virá a gozar este delicioso paiz? Sua felicidade neste ponto será completa em se vendo por toda a parte a massa geral da nação bem nutrida, bem vestida, (e não em grande parte descalça, e coberta de farrapos,) com habitações commodas, e apresentando aquelle ar de alegria natural a hum povo que disfructa pacifico os abundantes frutos de huma florecente Agricultura, com a qual caminhão com desafogo as Artes, o Commercio, e as Sciencias.

LITTERATURA.

O Escritor Letterato considerado entre os outros generos de Escritores. (Peça lida na sessão da Academia Franceza da 1.ª Terça feira de Junho de 1818.)

Nas épocas de hum vasto desenvolvimento de todos os conhecimentos, de huma facil instrucção em todas as classes, cada Sciencia, cada Profissão tem seus Escritores; e toda a pessoa que tem alma e juizo se pode apoderar, com bom exito, de qualquer assumpto que particularmente a commova: mas no meio deste concurso se forma huma classe, que se distingue por especial estudo do grande talento de reunir seus pensamentos, e suas impressões, para os offerecer aos outros, com tudo quanto a arte pode accrescentar ao engenho. Chamo eu estes homens os Escritores Litteratos. Porque signal os conheceremos? Que effeitos lhes são peculiares?

O Sabio, o Erudito, o Artista cultivão conhecimentos a que a multidão não pode nem quer chegar; não tem juizes, discipulos, admiradores, e censores senão entre aquelles que particularmente se applicão ao mesmo estudo. O Litterato dirige-se á intelligencia, á sensibilidade de todos os que sabem contemplar a Natureza, observar o curso da sociedade, e recolher-se em si mesmos. Pa-

ra communicar com o seu engenho, para receber as instrucções, e impressões delle, basta entender a lingua que recebeo seus pensamentos, e ler a folha em que o mecanismo da escrita os soube consignar. Não tem huma doutrina ou huma linguagem á parte; falla a hum tempo ao sabio e ao ignorante; sujeita-os á palavra, e a sujeita a elles. Delle he que *La Bruyère* disse com tanta energia: *Il est trivial comme borne des rues; chacun peut le toucher et le manier.* (He tão trivial como marco das ruas (ou como as esquinas); todos podem tocar-lhe e passar-lhe a mão por cima.)

Entretanto com este vasto dominio, o Filosofo e o Litterato ainda vão appropriar a si huma parte das outras Sciencias. Cada huma tem sua massa de idéas geraes pela qual se acha em relação com as noções vulgares, pelas quaes he accessivel ao simples bom sizo. O Escritor Litterato acha o emprego do merito que o distingue; elle he que sabe desprender essas miras preeminentes, e revestillas de seus proprios atavios. O Sabio, o Erudito, o Artista são obrigados a ceder-lhe esta riqueza, se não forem elles proprios assaz litteratos para a apresentarem com as bellezas do estylo que ella pede.

Homens de todos os estados, de todas as jerarquias, só com a educação litterata, podem tambem transmittir ao seu seculo e á posteridade o que fizerão, o que virão, o que pensárão e sentírão, (e os primeiros Escritores de cada Nação, de cada lingua, não podérão fazer mais); todos estes homens vem pois tambem participar dos trabalhos, dos bons successos, e da gloria litteraria.

Com estes Escritores, de duas ordens tão diversas, he que deve ser comparado o Litterato.

Não tem obrigação de lhes ser sempre superior, mas sim de offerecer seus attributos particulares.

O Escritor em huma Sciencia particular, que toda a sua vida se applica a ella com todas as forças do seu espirito, deve desenvolver nella vistas, combinações, e criações, a que não procura elevar-se o Escritor litterato, que cuida mais em fazer furtos do que dadivas á Sciencia. — Mas naquella porção, que elle se appropria, tem mais simplicidade, porque essencialmente se apega ao que pode offerecer á intelligencia commum; tem mais verdade, porque se afasta mais facilmente do espirito de systema, que muitas vezes atraza as Sciencias e extravia os Sabios; tem mais interesse, porque procura com preferencia o que vai á alma, ou pertence á imaginação; huma utilidade reservada a si só, porque, dando a cada estudo a amenidade que lhe convem, elle diffunde mais tanto o gosto como as noções primarias. Deste modo he que *Fontenelle*, sem ser hum profundo sabio, escreveo sobre todas as Sciencias para aquelles mesmo que nenhuma sabem.

Esses authores, que não tem escrito senão segundo o seu modo, ou sobre si proprios, tirão naturalmente da affeição que os domina, do impulso que os move, de todo esse cabedal proprio, em que o seu genio se irrita estreitando-se, hum calor, e hum modo, que muitas vezes parece nascido com elles, para com elles acabar. Assim, cantará *Safo* a sua paixão, pintará *Heloisa* a sua, derramará *Sevigné* nas suas cartas a sua filha e ás pessoas de sua amizade toda a sua alma, e delineará todo o seu seculo; e assim o Cardeal de *Retz*, sempre cheio das revoluções e das intrigas d'Estado, continuará a fazer disso a vida de seu retiro, e a vingança do repouso obscuro a que

se vê condemnado; e meditará a theoria dellas na narração das desordens que elle produzíra.

Fará igualmente *Virgilio* o quadro de huma amante abandonada; *Pope* se assenhoreará da paixão da propria Heloisa; *Voltaire*, sem mesmo ter pensado em tal, terá tambem consignado sua propria historia e parte da do seu seculo na massa das suas cartas, onde a avidez de tudo o que he delle, não quererá deixar escapar coiza alguma; *Rousseau*, na sua misantropica loucura, quererá oppôr-lhes as suas memorias, e não se julgará refugiado senão na posteridade.

Tudo isto serão duas partes de obras do mesmo genero, e que por tanto nada terão commum. Nellas se notará, não unicamente a differença dos caracteres, das situações, dos talentos; nellas se perceberá sobre tudo o que os devia separar: em huns, todo o genio da inspiração; em outros, toda a arte no engenho.

He isto porque o Escritor cultivado he verdadeiramente hum ente á parte; não he o homem de huma Sciencia só, de huma só paixão, de hum só genero; faz contribuir todas as Sciencias a hum tempo; adopta successivamente todas as maneiras de pensar e de sentir: assim, he proprio para varias coizas, e não para huma só.

Heloisa, com toda a sua sabedoria, não poderia traçar outra aventura amorosa senão a sua; *Sevigné*, com aquelle admiravel talento de arrebatar pela expressão, e por assim dizer, de repellão, todas as gradações das idéas *que lhe trespassavão o coração*, quiz hum dia fabricar huma maxima á maneira das de *La Rochefoucauld*, como ella dizia, e não tinha feito mais que huma frase sem pensamento e sem côr. *Gondi* escreveo outra conjuração além da sua; descobre-se alli o he-

roe da *Fronde*, mas não o escritor da *Fronde*. (*)

Pelo contrario, *Pope* escreve a Epistola a *Arbuthnot* com penna igual áquella com que escreveo a de *Heloisa*; *Voltaire* multiplica-se em todos os seus generos, e sobresahe até nos mais remotos; e *Rousseau* he grande Escritor, mas só completo em suas Memorias.

O Litterato he o discipulo da Natureza: quanto ella offerece bello, bom, e grandioso, reflecte, combina-se, e fecunda-se em sua alma; parece que vive só para receber e communicar aquellas bellas commoções, de que a Natureza he principio, meio, e objecto.

Tambem he o discipulo da Arte: tudo o que aprende, tudo o que sabe, he para elle hum manancial inexhaurivel de investigações, de observações, de principios, de emoções reflexas; decompõe tudo quanto se fez antes, tudo quanto se faz em torno delle. Dir-se-hia que tem duas almas; sente, e combina ao mesmo tempo; não reflecte senão para ainda melhor sentir; o enthusiasmo, que escalda seus pensamentos, he tambem a luz que os allumia. Elle se estuda mais que tudo a si mesmo como sua principal riqueza, e se domina como contínuo instrumento seu: sabe commover-se, assocegar-se; dirigir, desviar suas idéas; retellas, expedillas; puxar a si do homem tudo o que póde servir ao escritor; e tirar assim proveito das suas idades, dos seus diversos acontecimentos, de suas alegrias, e de suas penalidades. — He huns pou-

---

(*) He justo tambem observar que a *Conjuração de Fiesque* he huma obra da mocidade. He escrita com mais cuidado. As Memorias só tem éstro, e carecem de correcção.

cos de homens, huns poucos de talentos fundidos em hum: homem da vida commum, nella bebe aquellas impressões de huma indole feliz, aquelles encontros do simples bom sizo, caracteres mais sensiveis da verdade; aquellas graças familiares e singellas, encanto da propria belleza. Homem de hum mundo ideal, tudo se apura, se aformosea, se engrandece em sua meditação: Filosofo, aprehende as causas em que os outros nem sequer devisão os effeitos; elle liga, por imperceptiveis relações, até coizas que se repellião. Orador, desde que se penetra do seu assumpto, a convicção se imprime em seus pensamentos, e mana de seus discursos a persuasão. Poeta, suas idéas tornão-se impressões, imagens, harmonias; elle não medita, he inspirado; elle não vê, contempla; elle não expõe, pinta; elle não refere, canta.

Tres caracteres me parece distinguem o Escritor Litterato. — Primeiramente, huma ordem de pensamentos tirados de huma analyse mais justa e mais sabia dos assumptos; huma ordem de pensamentos ligados entre si por hum tecido mais destro, e mais susceptiveis de huma expressão mais luminosa, mais viva, mais chegada áquella naturalidade exquisita, que he a perfeição da arte. — Depois disto, aquella arte, ora de reunir, ora de inverter as partes do mesmo objecto; de as illustrar, de as fortificar por huma disposição appropriada a hum determinado fim; aquella arte de compor huma obra onde tudo pertença á eterna razão, á bella natureza; oraculos supremos, que não respondem senão áquelle que por meio de bons estudos se tem feito digno de os interrogar. Ultimamente, o dom de tudo combinar, de tudo exprimir com mais effeito, com mais exactidão e congruencia, simplicidade e energia; o grande

dom do estylo, o extracto, e o complemento das aquisições do espirito, e o mais feliz dos seus prodigios.

Outros escritores pela energia de huma paixão, pela aptidão de certos espiritos para huma coiza só, por huma felicidade do assumpto ou do momento, tratarão melhor certa idéa, lançaráõ melhor hum bello traço, forneceráõ hum pedaço extraordinario que destacará mais; mas nenhum poderá, tão bem como o que reune ao talento a arte litteraria, ordenar e dar completa toda huma obra. Eis o que a este he proprio, e em que elle se assignala todo. — Pela reunião destes méritos he que elle obtem dois diversos exitos felices e eminentes: he lido com prazer, senão mais vivo, ao menos mais constante. He isto porque lhe pertence ser ainda mais natural do que aquelle que só escreve por inspiração da natureza; e mais original do que aquelle que tudo extrahe de si mesmo. Eu me explico. — A natureza, no escritor sem arte, deve ser mais impetuosa; ella he mais variada naquelle que póde enriquecer-se por meio de sensações mais comparadas, de impressões mais reflectidas. Eu vejo em *Ossian* (tal qual eu mo affiguro) o Poeta do Norte, e em *Homero*, o do Meiodia. Tem elles sobre tudo por caracter distinctivo a differença dos estados de sociedade em que cantárão. O genio do primeiro, pobre pela esteril aspereza do seu clima, limitado pela uniformidade das idéas e dos costumes do seu povo, só podia imprimir a sua propria sublimidade em sentimentos, e em quadros que continuamente se repetem. O outro póde só por si crear todas as riquezas da Poesia. — O Escritor que não se póde enriquecer das aquisições de hum seculo polido, e apurar-se pelas luzes do gosto, he necessa-

riamente dominado por hum instincto mais podeso. Tudo nelle traça a aspereza selvagem, as grandezas colossaes, os arrogantes e encantadores brincos da Natureza: julgais atravessar esses Alpes, onde tantos objectos vos arrebatão entre tantos outros que vos espantão; onde as maravilhas se offuscão por sua accumulação; onde as bellezas jámais tem, nem a ordem que graduaria o seu effeito, nem a medida que as proporcionaria á successiva attenção da vossa vista; onde nada separa o que vos agrada do que vos atemoriza; onde huma potencia audaz, e que só sabe depender de seus altivos caprichos, parece insultar os principios de huma composição acabada, aquellas distribuições sabias, aquellas fórmas elegantes, aquelles contrastes felices, aquellas variadas côres, de que todavia a mesma Natureza nos offerece em outras partes vivas imagens, e cujo imperio se funda em huma congruencia mais ajustada aos nossos orgãos. Tal he o monstruoso e sublime *Shahespeare.* — Porém o Escritor que pode unir o gosto ao genio, obedecendo á inspiração dos objectos, tem com que faça reacção sobre elles com aquelle cabedal de idéas generalisadas, de sentimentos distinctos, de concepções mixtas, que nelle tem produzido o estudo e a reflexão; e imprime nos objectos aquella nova vida, de que elle está feito manancial.

Assim pois, que he o que vos acontece a vós mesmo, leitor? Ha momentos em que folgais, em que vos he util remontar a esses genios de huma natureza bruta e sublime; e lhes ides demandar impressões desregradas, e por isso mesmo mais fortes: porém mais frequentemente tendes precisão de embeber vossa alma em fruições que a aperfeiçôem; então rejeitais aquellas belle-

zas ainda grosseiras nas quaes se compra sempre o prazer com algum trabalho, e em que a admiração e a reprovação, provocadas a hum tempo, se perturbão e se desmanchão huma pela outra. A vossa ingrata inconstancia as não anathematisa, como esses discipulos corrompidos da civilisação, que não sabem que a civilisação unicamente se melhora com o contínuo beber na perpetua Natureza; ou como aquelles escravos de hum gosto facticio, que já não podem entregar-se aos canticos do genio, se não são notados pelas regras da arte. Reservais com tudo o vosso assiduo culto para os espiritos mais bem dotados de outro melhor tempo; e huma preferencia sabia e feliz vos reconduz a *Virgilio* e a *Racine*.

Hum Escritor, que he inventor nas Sciencias, ou nas Artes, tira eminente gloria dos grandes descobrimentos, das bellas creações que se lhe devem. Que nome se poderia em toda a humanidade pôr acima do de *Newton*? Mas notai que esta gloria não está unicamente ligada ao livro que contém o descobrimento ou a invenção; menos que o mesmo livro não tenha o sempre vivo mérito de hum bello estylo. Sem este mérito, o livro deixará de ser lido, se a invenção ou o descobrimento vierem a ser mais bem desenvolvidos em outra parte. (*)

Pelo contrario, huma bella obra de Filosofia ou de Literatura, rica em todas as idéas accessorias, em todos os quadros, em todos os movimentos da alma, que nella se achão distribuidos com gosto, conserva sempre o seu encanto, e sobrevive ao proprio assumpto. Nada ha hoje mais

---

(*) Esta observação já tinha sido feita por *Buffon*, no seu primoroso discurso á Academia.

fastidioso e aborrecido que a disputa theologica que deo origem ás *Cartas Provinciaes*. E quem não lê e torna a lêr a obra pela sua prodigiosa execução?

Muitos meritos sem duvida podem e devem ser postos a par do merito litterario. Entretanto, se reflectirmos que de todos os dons que podem adornar a alma do homem, o talento do Filosofo, do Poeta, do Orador, do eminente Escritor, he o menos liberalizado pela Natureza; que nenhum tem a adquirir mais difficil perfeição; que elle tem huma influencia mais contínua sobre o espirito geral; que he do seu destino augmentar de contínuo o sentimento do bello, do justo, e do honesto; que cultivando a verdade e a virtude, dá os mais nobres prazeres; que servindo a sociedade, he hum dos seus mais amaveis ornamentos; que, de todas as glorias de huma Nação, a sua he a que se esparge por toda a parte com mais poderoso attractivo; que o que he no seu seculo não deixará de o ser em todos os outros: se bem concebermos tudo o que assignala o mérito litterario, não nos espantaremos dessa admiração mais conhecida que elle obteve, á proporção das idades mais ou menos distinctas por seu discernimento; folgaremos ao menos de expiarmos para com a memoria destes mimosos da Natureza, aquelles revezes mais longos, mais dolorosos, que parecem ligados á sua carreira; approvallos-hemos, e lhes agradeceremos terem-se julgado com direito de se retirarem dos empregos communs da vida social para se darem todos á dominação do seu genio; e reconheceremos que fòra da justiça e do interesse da sociedade respeitar nelles aquella destinação de si mesmos, e favorecella, concedendo-lhes huma vida izenta de cuidado, e rodeada dos cultos de huma sensibilidade agradecida.

ARTES, OU TECHNOLOGIA.

Memoria sobre a fabricação e usos do vinagre de lenha ou de madeira. — Por Mr. Van Mons. *Publicada em Setembro de* 1819.

CADA vez que huma substancia vegetal soffre hum calor capaz de destruir a sua organisação, algumas partes mais ou menos consideraveis dos seus principios se combinão em relações de que resulta o ácido acético (ou vinagre); outras partes destes mesmos principios se reunem para formarem successivamente hum oleo com excesso de carbonio, de hydrogenio carbonado, de oxydo de carbonio, e de acido carbonico; e além disso se obtem muito carbonio e agua.

As mudanças que a substancia organisada deve soffrer por similhante effeito não são mui complicadas; o vinagre resulta da união de menos agua a mais carbonio organisado; o que he huma operação mui simples e só exige huma repartição desigual entre dois dos constituintes proximos da substancia, a saber: o carbonio, e a agua. O oxido de carbonio resulta de que este combustivel retem duas proporções d'agua, e abandona duas proporções d'hydrogenio. Por outra parte, este mesmo combustivel, retendo o dobro d'agua, e largando o dobro d'hydrogenio, dá lugar á formação do ácido carbonico. O oleo empyreumatico he pro-

duzido por huma combinação de muito carbonio com hum pouco de hydrogenio; e para a producção do hydrogenio carbonado faz-se huma operação inversa. A soltura do carbonio e da agua resulta da resolução do corpo organisado em seus constituintes immediatos.

O ácido acético absoluto tem por componentes proximos duas proporções de carbonio, e tres proporções d'agua, ou 24 d'hum, e 25,5 da outra, e quasi pezos iguaes; tem por tanto huma meia proporção d'agua de mais do que o carbonio estrictamente organisado, e póde resultar da addição de meia proporção d'agua a huma proporção deste carbonio. He justamente o que acontece na sua formação tanto espontanea como provocada, a qual he mui frequente, e se opera por meios mui diversos.

O ácido acético (vinagre) que se extrahe da madeira ou lenha passa á distillação com muito oleo empyreumatico, ao qual está tão intimamente unido, que só pelos meios quimicos se consegue huma inteira separação dos dois productos.

Mr. *Prechtln* de *Vienna*, propoz como meio de tirar o oleo ao vinagre, e de pôr este livre, o emprego do ácido sulfurico, nas proporções de hum octagésimo ou de hum centésimo; aconselha se distille assim o vinagre empyreumatico, e assegura que, por huma ou duas repetições, se póde elevar ao estado de pureza desejavel para a maior parte dos usos a que se applica. O residuo, quando a distillação se não aperta muito, he huma verdadeira dissolução, convertida em sulfato d'oleo, de acetato do mesmo corpo que tinha sido; mas tem-se preferido tirar o ácido ao oleo, e tem-se isto feito no liquor rectificado, com auxilio da cal. O acetato de cal tem sido decomposto por sulfato

de soda, e este, tirado em seu oleo, parte pela filtração e parte pelo fogo, e depois ainda depurado pelo carvão, e a final decomposto pelo acido sulfurico; o vinagre tem sido separado do sal deste ácido por terceira distillação, e por fim o ácido desta distillação tem-se depurado por meio do carvão.

O processo da carbonização da madeira em vasos fechados, d'onde resulta o vinagre empyreumatico, he dos mais simplices: ferve-se a madeira ou lenha bem secca em caldeiras de ferro, em fórma de lambiques; e ao combustivel empregado para esta operação, ajunta-se o hydrogenio carbonado que se solta durante a carbonisação da madeira. Cada caldeira póde conter de 200 a 250 kilogrammas (436 a 545 arrateis Portuguezes) de madeira, e opera-se com tres caldeiras a hum tempo reunidas no mesmo forno, que he feito de tijollo. As caldeiras fechão-se com tapadoiras de ferro, que tem no meio hum collo para communicar com o recipiente. Por cima destas primeiras tapadoiras ha segundas; em distancia de tres pollegadas, sobresahem outro tanto ás paredes das caldeiras. Estas segundas tapadoiras, que fazem corpo com as caldeiras, servem ao mesmo tempo de cúpula á mesma fornalha. Esta recebe as caldeiras em toda a sua elevação com hum intervallo de duas pollegadas. A chamma do gaz circula neste intervallo e no que separa as primeiras tapadoiras das segundas, e distribue assim uniformemente o calor em todas as partes do apparelho.

Os productos não tem precisão de serem condensados com refrigerantes, e mesmo se não recebem, á vista da condensação, em agua, cujo excedente no ácido já de si he demasiado incommodo; do mesmo modo, não ha vantagem alguma

em recebellos em vinagre de precedentes operações, porque nada he menos difficil de coerção que o vapor do vinagre. Servem-se de tres toneis enfileirados em communicação e bem lutados, nos quaes se recolhe o liquido, que vai successivamente sendo mais fraco, mas tambem successivamente mais puro; a condensação he completa, e o gaz circula alli á sua vontade para passar á destinação que se lhe quer dar.

A madeira mais pezada e mais seca dá menos vinagre, mas este em recompensa he mais forte; obtem-se além disso mais carvão, e acaba-se em menos tempo a distillação. Depois de ter passado hum anno depois do corte da madeira, feito em estação favoravel, acha-se ella no melhor estado para se distillar. O producto em carvão, pela distillação da madeira, he quasi dobrado daquelle que se tira da mesma na sua combustão em fornos ordinarios; este carvão se accende com a mesma facilidade que o de braza, e arde mais vivamente que o carvão de turfa, sobre o qual tem demais a vantagem de não derramar tanto vapor; e pessoas que delle fazem uso habitual, pretendem que arde com maior intensidade, o que depende, como na braza do carvão de pedra, de que sendo o oxygenio condensado por combustivel mais energico, deve occasionar maior desenvolvimento de calor; este calor, em condensação igual de oxygenio, ainda sería muito mais intenso, se podesse formar-se exclusivamente oxido de carbonio; mas nesse caso consumir-se-hia dobrado carbonio, e sem embargo de se ter hum fogo mais vivo, ter-se-hia realmente menos fogo. De mais, este effeito não póde obter-se, pois que a combustão viva he favoravel á formação do ácido carbonico, e desfavoravel á do oxido de carbonio.

A decomposição do carbonio organisado que constitue a madeira, como em parte se nutre do seu proprio calor, não exige fervura forte: basta huma impulsão primaria para que o processo caminhe em certo modo por si mesmo. E que coiza com effeito poderia nesta operação exigir muito calor? Por huma parte pouco carbonio organisado se retira com muita agua, e fórma ácido acético diluido: aqui meramente ha descombustão, em razão de que a agua menos sobre-combinada de combustivel, deve em seu lugar assumir calorico; depois disto, na formação do hydrogenio carbonado e do oleo empyreumatico, ha desprendimento de calorico em razão da sobre-combinação do hydrogenio; e na liberdade do carbonio, a separação da agua, a pezar de este liquido ser resumido pelo ácido, deve occasionar huma absorpção de calor.

Sabendo que o oleo graxo retem facilmente o oleo empyreumatico de que estão impregnados hum gaz ou hum liquido, experimentámos a sua efficacia no vinagre de madeira; mas não conseguimos o que queriamos: restringio-se a acção ao oleo interposto, e não se estendeo ao oleo combinado; he pois esta acção puramente mecanica. Tambem tratámos o vinagre por meio do carvão animal izento do fósfato de cal, e o agitámos com hum centésimo do seu pezo de ácido sulfurico, de que depois o livramos por via da greda. Este methodo sahio menos máo, porém a operação tem o inconveniente de se dever repetir; só resta por tanto neutralizar o ácido acético por meio do subcarbonato artificial de soda, que se vende barato, e tem muita capacidade de combinação, ou por meio da greda ou da cal, decompondo depois o acetato de cal por via do sulfato de soda. O sal

soluvel que se obtem com huma e outra base, e que a pezar da filtração pelo carvão, ainda está fortemente impregnado d'oleo, reduz-se pela evaporação em massa cristalina, que depois se faz outra vez dissolver; esta nova solução depois de ter sido, como a precedente, filtrada pelo carvão, he pela segunda vez reduzida pela evaporação a huma massa seca, que se submette á acção do calor, quer em hum forno, quer em caldeiras chatas, ou tachos. Este calor deve ser entretido de modo que não altere o acetato, e que entretanto o prive de todo o oleo empyreumatico, parte pela decomposição, parte pela volatilisação.

Dissolve-se terceira vez o sal; torna-se a passar por carvão, e leva-se ao estado de secura pela evaporação; depois decompõe-se nos apparelhos distillatorios por meio do ácido sulfurico; passa então mui concentrado, e se a operação foi bem feita, fica perfeitamente izento de empyreuma; resta, como producto fixo, sulfato de soda, o qual, nas operações subsequentes, ainda pode servir para a decomposição do acetato de cal.

O proporcionar exactamente o ácido sulfurico em razão do sulfato de soda que ha a decompor, he huma circunstancia á qual se deve dar toda a attenção, principalmente quando se opera sem addição d'agua. Se se empregasse demasiado ácido, decompor-se-hia huma porção de vinagre antes de passar á distillação, e produziria hum novo empyreuma. Se a quantidade não for sufficiente experimenta o sal indecomposto a mesma decomposição no seu ácido, e produzir-se-hia igualmente empyreuma. Deve-se pois, ou conhecer de antemão as relações, ou procurallas com ensaios em ponto pequeno em sal dissolvido: os saes de baryta, e os do ácido oxálico ministrão meios tão faceis como seguros para esta investigação.

Pareceo-nos, segundo huma experiencia, que o oleo empyreumatico, separado do ácido, dava na sua rectificação menos oleo ligeiro e mais residuo pezado não só que o oleo que nada sobre o ácido, mas até que aquelle que se precipita; esperavamos o contrario deste facto, segundo a época da distillação a que o vinagre passa.

Quando se tem operado com cal, póde-se decompor o acetato desta base por meio do ácido sulfurico livre em lugar de sulfato de soda. Em ambos os casos he o mesmo o producto que assenta; mas como então se deve operar sobre o acetato dissolvido, e com ácido sulfurico diluido, tira-se hum vinagre mais fraco. De ordinario, antes se deixa sal de sobejo do que se ajunta demasiado ácido; mas o melhor he approveitar o ponto de saturação; separa-se do liquido o sedimento por meio do filtro, e submette-se á distillação, recolhendo á parte o que primeiro passa.

Temos observado que a saturação do vinagre empyreumatico, por huma mistura de greda e de cal desfeita, dá hum sal mais branco, e ainda mais branco do que por meio da greda e da cal cada huma de per si, e quasi tão puro que póde ser dispensado da segunda cristallisação.

O vinagre he rectificado antes de ser saturado; divide-se, quando se opera com mais de hum recipiente, em parte mais pezada e ainda corada, a qual se condensa no primeiro recipiente ou tonel, e em parte mais leve e quasi sem cor, a qual passa ao segundo recipiente. Estes dois productos não apresentão ao gosto huma differença perceptivel de força; póde isto depender de que o ácido em hum he moderado pelo oleo, do mesmo modo que no outro he enfraquecido pela agua. Commummente misturão-se as duas partes, corada e quasi

sem cor, para os saturar; talvez fosse vantajoso saturallas separadamente. Quanto ao mais, huma e outra dão, pela addição da greda ou da cal, hum liquido fortemente córado, que se deve primeiro coar por hum panno, e depois pelo carvão; servem-se de carvão vegetal, que a fabrica fornece, com preferencia ao carvão animal, que fòra preciso comprar ou fabricar, e que não poderia servir para a descóração e para a defecação de hum ácido sem anteriormente ter sido privado do fosfato de cal que contem.

Quando se faz a saturação com cal, he preciso ter o cuidado de fazella assentar primeiro, e evitar se lhe deite em demasia, ao que poderia induzir o vêlla aclarar e descorar o liquido, mas he que redissolvendo o oleo se fórma hum sabão cuja presença no liquido he muito incommoda, e que, pela addição do sulfato de sabão de cal se torna em sabão de soda. Quando a formação deste sabão tem lugar, o que se conhece não só por se aclarar e descorar o liquido, mas tambem por hum gosto caustico e amargo mui perceptivel, deve-se absolutamente precipitar o seu oleo com hum pouco de ácido sulfurico primeiro que se passe a depurar pelo filtro de carvão. Evitar-se-hia esta formação de sabão se inteiramente se podesse saturar o ácido acético por meio da greda; mas isto não he possivel, porque sobrevem hum ponto em que o ácido neutralizado ao mesmo tempo pela greda e pelo oleo, parece estar saturado só pela greda; e então forma tal travação que não se pode decompor senão pela cal, pois já a greda não exerce nella a minima acção: assim que, qualquer se enganaria se julgasse da verdadeira saturação de tal ácido pela indicação dos reactivos. Este juizo só se pode formar por ensaios em ponto pequeno,

feitos com liquido e cal, a qual deve recusar dissolver-se nelle, e mais depressa o descorará do que lhe dará cor, quando a saturação do ácido, pela separação total do oleo, se conseguir.

A solução do acetato de cal he passada por hum filtro de carvão que, em huma precedente operação, tem servido á passagem da segunda solução do acetato de soda; os fabricantes julgão que a addição do sulfato de soda he sufficiente quando elles vem huma mudança de cor que elles pretendem deve passar a alaranjada rosa desvanecida; farião melhor se adoptassem a indicação de que o liquido cessa de se perturbar por meio de sal novo, do qual nada se arrisca em lhe deitar alguma coiza de mais.

O acetato de soda decantado, e depois reunido ao liquido esprimido da borra, que consiste principalmente em sulfato de cal, he tambem filtrado e passado pelo carvão; faz-se depois evaporar e cristallizar. Acha-se ser mais expedito evaporar em seco, mas a cristallisação concorre muito para a depuração para deixar de se aproveitar. Estes cristaes, previamente secados, levão-se ao forno de calcinação, onde são calcinados em tachos de ferro chatos até delles não sahir vapor algum, e que huma porção da massa, sendo dissolvida em agua, se divida em solução sem côr e residuo negro; esta operação deve ser dirigida com muito cuidado: então toda a massa calcinada deve ser ainda dissolvida em agua, filtrada, e passada por carvão, e depois evaporada e cristallisada.

Como o sulfato de soda embranquece pela sua efflorescencia ao ar, poder-se-hia crer que perde algum resto de cor; com tudo elle se priva alli do cheiro que possa ter conservado depois da calcinação; mettido este sal em pó na cucurbita,

que na fabrica de Mrs. *Dupret* e *Bonnier* he de prata, deita-se-lhe em cima o ácido sulfurico diluido com obra de outro tanto do seu pezo de agua, e tapa-se immediatamente o vaso de tubo; depois disso agita-se bem o apparelho, põe-se no seu lugar, e combina-se com o recipiente. Tomão-se de ordinario 5 partes de ácido e 4 partes de agúa para 8 partes de sal. Alguns ajuntão agua ao sal antes que ao ácido; daqui resulta que os vapores ácidos, que logo se elevão, difficultosamente se podem obrigar, e que vem a ser inevitavel a formação de mais ou menos ácido sulfuroso. Já fallamos da importancia de bem tomar as justas proporções de ácido e de sal para esta operação.

O ácido recolhido não he inteiramente livre de cheiro, e ainda que de si mesmo o não tivera, o tomaria na sua passagem pela distillação; assim, quando o ácido despojado de empyreuma se distilla de novo, torna a adquirir o cheiro que tinha perdido. Para lhe tirar todo o cheiro empyreumatico deve por tanto agitar-se com pó de carvão em hum barril fechado; esta operação não só lhe tira o empyreuma, mas desenvolve mais o seu ácido tanto no gosto como no cheiro.

O vinagre de madeira aperfeiçoa-se com o tempo, reforça se, faz-se mais ácido, e perde o cheiro, mas recobra huma leve cor, e observa-se que quanto mais lentamente se procede nas diversas operações, tanto mais facil se faz a defecação.

Todas as vasilhas de madeira que servem á fabricação (e não se pode a bem dizer empregar outras nella), devem ser carbonisadas por dentro, se não se quer que por muito tempo communiquem côr ao ácido; as vasilhas de barro ou de metal são quasi immediatamente corroídas e estragadas.

Ainda não se pôde tirar partido vantajoso do oleo que em tanta abundancia se produz na fabricação do vinagre de madeira. Convertello em negro puro e simples, sería reduzillo a mui pouca coiza. Tem-se tentado offerecello em fórma de alcatrão ao commercio, mas não o querem por preço algum. Os barqueiros dizem que deita demasiado para negro, e mui pouco a alambreado; além do que ha huma differença notavel entre a therebentina terrificada e derretida, e o oleo da madeira queimado e distillado. Poder-se-hia talvez vender em lugar de pez negro, duro e semiduro, se fosse condensado ao fogo, mas o seu cheiro particular obstaria a que alguem se enganasse com elle. O uso, se não o mais vantajoso, ao menos o que lhe obteria mais prompta sahida, fora convertello em gaz de illuminação; sería preciso para isso misturallo com oleo de colza; obter-se-hia então muito negro (pós negros, ou pós de çapatos), e o gaz do oleo da colza suppriria o que falta ao oleo de madeira em viveza de luz.

Existe na Suissa huma fabrica de distillação de vinagre de madeira, cujos productos servem principalmente para alimentar, no mesmo estabelecimento, huma fabrica de acetato e de subcarbonato de chumbo (sal de Saturno, e alvaiade): alli, depois de terem rectificado o vinagre em pó de carvão, saturão-no de greda, para depois decomporem o acetato de cal que dahi resulta, por meio do sulfato de ferro, e obterem ao mesmo tempo acetato deste metal, e sulfato de cal; o novo acetato he depois tambem decomposto pelo sulfur calcareo, d'onde resulta sulfur de ferro, e de novo, acetato de cal. Este ultimo acetato filtrado e concentrado ainda he decomposto, mas, desta vez, por sulfato de soda, e o acetato deste

alcali, levemente sobre-saturado de soda, e purificado por seu tratamento com carvão e por cristallisações successivas até que seja branco, he em ultimo lugar decomposto pelo ácido sulfurico. Separa-se do sulfato de soda pela cristallisação deste sal, e por meio da distillação. O vinagre obtido deste modo não he forte, mas não precisa que o seja para o uso a que se destina.

Primeiro que se chegasse a tirar ao vinagre de madeira o seu cheiro e gosto empyreumaticos, combinava-se a sua fabricação com a do acetato de ferro. Este sal, como he sabido, he de hum uso mui extenso nas fabricas de chitas, onde se lhe dá o nome de mordente de ferro; serve para produzir varias côres. Para se obter, fazia-se acetato de chumbo, e decompunha-se este sal pelo sulfato de ferro. O resultado era acetato de ferro, soluvel em agua, e sulfato de chumbo, insoluvel. Depois disso contentárão-se com decompor o acetato empyreumatico de chumbo por meio de ferro simplesmente; agora, faz-se reagir o vinagre directamente sobre o metal, e os mesmos impressores de chitas fazem esta operação, a qual apresenta o inconveniente de que o oleo separado do vinagre que se trava, se pega ao ferro que fica livre, e não só o subtrahe á acção do ácido, mas não pode tirar-se-lhe senão por via de combustão; (*) evita-se este inconveniente por meio da previa saturação do vinagre em acetato de chumbo, cujo oxido não combinado faz menos corpo com o

---

(*) Nas fabricas de vinagre de madeira em que este acetato se prepara em ponto grande, faz-se concorrer com vantagem este oleo, que incrusta ou cobre o ferro, como combustivel proprio para augmentar a intensidade do calor.

oleo não precipitado. Adoptando este ultimo methodo deve-se tomar cuidado em saturar o chumbo de vinagre, e não o vinagre de chumbo; ainda se praticaria mais economicamente se se fizesse uso de cinza ou sub-oxido de chumbo; o processo consistiria em fazer ferver desta cinza em vinagre de madeira até que já não podesse receber mais; misturar-se-hia o residuo, que consistiria em grande parte em chumbo já reduzido e em oleo de madeira, com outra cinza de chumbo, e com serradura de madeira, em proporções que a pratica logo ensinaria; calcinar-se-hia esta mistura em cadinhos de ferro furados em baixo para sahir o derretido chumbo reduzido, e que se porião em fornalhas construidas para poderem conduzir o fumo ao fogão.

Durante algum tempo preparou-se o acetato empyreumatico de ferro enfiando em páos aparas grossas de ferro, e fixando horizontalmente estes páos no primeiro dos toneis da condensação. Chegando juntos os vapores da agua e do vinagre, e pondo-se em contacto com o ferro, huns se oxidulavão, e outros se dissolvião. Daqui resultava hum augmento de gaz e huma precipitação de muito oleo; mas reproduzia-se o inconveniente do deposito e incrustação do oleo sobre o ferro, e sem que a dissolução do metal obtivesse disso o menor beneficio. Abandonou-se por tanto esse methodo para se usar unicamente da maceração do ferro em frio com o vinagre de madeira, e tal como era praticada com o vinagre de fermentação.

Sería bom empregar nesta maceração ferro reduzido em oxídulo pelo seu tratamento com agua á maneira de *De Roover*. A massa ferrea devia conservar-se humida, e incorporar-se-hia no vinagre sem previamente a secar. A dissolução sería

immediata, e o producto sería acetato de oxidulo, que fôra facil de fazer oxidulo-oxido pondo-o em larga superficie em contacto com o ar. O trabalho sería mais longo que com o vinagre de fermentação, por causa do oleo empyreumatico que, defendendo-o o sal do contacto do ar, e talvez decompondo-o no segundo oxygenio do seu oxido, o conservaria ou o levaria muito tempo ao estado de acetato oxidulado; este estado pode, finalmente, deixar de ser prejudicial ao objecto do seu emprego, pois qne os fabricantes dão ao vinagre de madeira, para a preparação do acetato, huma preferencia mui decisiva sobre o vinagre da fermentação, e já em outro tempo se preferia, para a preparação do mesmo sal, o emprego do sulfur de ferro em lugar do ferro simples: nascia hydrogenio sulfurado, cuja presença no liquido devia, como a do oleo empyreumatico, igualmente oppôr-se á oxidação oxidula do sal. Os fabricantes não exigem que o vinagre seja rectificado: elles o recusarião mesmo se tivesse mui pouca côr; isto prova a importancia que elles dão ao empyreuma. Tambem parece pouco duvidoso que o oleo negro não concorra para produzir certas gradações de côres; elle he certissimamente proprio para as fixar, pois que já o vinagre por si mesmo, e em virtude de algum ferro que tira aos apparelhos, tinge o panno de escuro melado; a apparente fraqueza do sabor ácido do vinagre de madeira não he hum obstaculo ao seu emprego, porque os mesmos tintureiros sabem pela experiencia que este defeito do sabor só he devido á presença do oleo, e que o ácido nem por isso possue menos todas as suas qualidades de saturação.

Devem-se as primeiras noções sobre as propriedades anti-septicas do vinagre de madeira a

Mr. *Meinecke*, que as publicou em huma obra particular. Mr. *A. M. Monge* fez depois conhecer em França estas mesmas propriedades nas suas diversas applicações, e fez vêr que o vinagre de madeira não só previne a putrefacção das substancias animaes, mas a suspende e a faz retroceder. Mr. *Jorg*, de *Leipsick*, preservou da putrefacção cadaveres, regando-os com vinagre empyreumatico. Varias comidas mui corruptas, sobre as quaes se passou com hum pincel o mesmo vinagre, perdêrão no mesmo instante todos os vestigios de corrupção, e nisto mesmo se não mostrou menos efficaz que o vinagre o oleo de madeira: huma pouca de carne já mui adiantada em podridão foi untada com este oleo, e a pezar do grande calôr que reinava na atmosfera, a carne se fez tão seca e tão dura como poderia ficar se tivera sido posta ao fumeiro. Mr. *Jorg* tem emprehendido preparar mumias de diversos animaes, e não entra em duvida sobre o futuro bom exito da sua operação.

Huma pouca de carne de vacca fresca foi exposta, primeiro ao vapor de hum pouco de muriato de ammonico volatilisado em huma chapa de ferro quente, e depois á do oleo de madeira, volatilisado na mesma chapa, mas muito menos quente, e em porções mui pequenas por cada vez. Esta carne estava quanto era preciso tomada do sal, e o seu gosto era do mais delicado; mas faltava-lhe a cozedura e a côr. A delicadeza do seu gosto d'empyreuma dependia sem duvida de que volatilisando-se segunda vez, o oleo se tinha volatilisado.

Na Westfalia são os presuntos muitas vezes defumados sem serem salgados. A misera condição do camponez naquelle paiz o obriga a accender lume em lugares que não tem chaminé: approvei-

ta o fumo do seu fogo, que as mais das vezes alimenta com lenha verde e folhas apanhadas, em curar o presunto, cuja cozedura fria, como he sabido, a bem dizer he ou de mais ou de menos.

As cuzinheiras para conservarem no verão a carne a passão pelo que ellas chamão a *chamma suffocada* (estufado); suppõem ellas que o cheiro do fumo afasta os bichos, e pertendem que o chamusco na chamma viva não faz o mesmo effeito, a pezar do cheiro de xifre que lança. Não he pois o carbonio de que a carne se rodea ao fogo simples quem a preserva de corrupção.

Os soldados em campanha curão a sua ração de carne, isto he, passão-na pela chamma e ao mesmo tempo pelo fumo: esta carne conserva-se assim mais ou menos tempo.

A carne passada por vinagre de madeira, ou por qualquer outro, e depois por eleo evaporado, toma em mui pouco tempo muito bom fumeiro. A' combinação tornada mais facil do oleo com o ácido he que este prompto effeito he devido; e nesta combinação, o vinagre corrige o cheiro do oleo, assim como o oleo modera o ácido do vinagre. O arenque de fumo e, o salmão defumado da Hollanda, tem hum reflexo de côr de ouro, que resulta da justa proporção entre estas duas materias.

Quando se distilla a hum calor em boa conta o oleo empyreumatico de madeira, passa hum oleo assaz fluido, e hum pouco menos córado, e fica huma materia mais concreta e mais negra; se estes dois productos se reunirem, percebe-se logo que já não fazem corpo como d'antes; são mais facilmente separaveis, e o ar, sem auxilio do fogo, ou ao menos com muito pouco fogo, basta para os insular; distillando segunda vez o oleo,

ainda se faz mais limpido e mais volatil, e se então se faz nelle dissolver quanto seja preciso da materia residua até se saturar, obtem-se hum verniz, debaixo do qual, applicando-o com hum pincel, e volatilisando o oleo por meio de algum calor, se conservão as carnes frescas por bum tempo indefinito. Pode-se tambem fazer dissolver o residuo em espirito de vinho, e applicallo assim á carne; mas em este verniz estando seco, gréta, e assim não cobre bem. Os proprietarios da fabrica de vinagre de madeira de Bruxellas fizerão muitos ensaios para chegarem a huma pratica certa de defumação, proporcionada por minutos, applicavel ás carnes frescas e salgadas; mas tiverão a franqueza de confessar que até agora não havia o novo processo dado resultados assaz satisfactorios para que aconselhassem o seu uso, e que esperavão melhor exito de novas tentativas que hião emprehender. Em summa, estes resultados, ainda que de grande interesse, não são os mais importantes que offerece a fabricação do vinagre de madeira, sobre a qual julgámos dever conciliar por hum momento attenção.

Nota. A fabricação do vinagre de madeira principiou em Inglaterra ha poucos annos, e no de 1807 he que principiou Mr. *Mollerat* em França o primeiro estabelecimento em ponto grande para esta fabricação, que produz grandes vantagens, pois que por este processo de decompor a madeira em fornos de tijollo, ou em grandes cylindros de folha de ferro, etc., se obtem diversos productos mais ou menos interessantes, e que entre nós devião merecer attenção a algum Quimico

de profissão; taes são o excellente carvão, o oleo, o ácido acético (ou vinagre), o gaz hydrogenio carbonado, gaz oxido de carbonio, e ácido carbonico. Além desta noticia dada por Mr. *Van Mons*, e que talvez fòra para desejar a fizesse com mais alguma ordem, se bem que se vê escreveo para os conhecedores da arte, achão-se em diversas obras modernas de Quimica expostas as circunstancias necessarias para este processo; e na Quimica Medica de Mr. *Orfila*, t. 2.°, pag. 416 se póde vêr o processo praticado na fabrica de *Choisi-sur-Seine*, (por *P. L. Dupuyken*,) huma das mais notaveis de França neste genero.

MISCELLANEA.

Receita de hum Verniz para dar em madeira, que resiste á agua a ferver; por Mr. Bompoiz, *de Genebra.*

TOME-SE Oleo de linhaça libra e meia; Succino (Ambar amarello) huma libra; Lithargyrio em pó, Alvaiade em pó, e Minio (Zarcão) 5 onças de cada hum destes tres ingredientes.

Faz-se ferver o oleo de linhaça em huma vasilha de cobre não estanhada, e suspende-se alli o lithargyrio e o minio em hum saquinho que não deve tocar no fundo do vaso. — Continua-se a fervura até que o oleo tome huma côr escura fechada, e então se tira o saquinho, e se lhe deita dentro hum dente d'alho, o que se repete sete ou oito vezes, continuando sempre a fervura. — Primeiro que se junte o succino ao oleo mistura-se com duas onças d'oleo de linhaça, e faz-se derreter em hum fogo bem conservado. Quando a massa está fluida, deita-se no oleo, e faz-se ferver a mistura mexendo constantemente por dois ou tres minutos. Côa-se depois esta mistura para a guardar em vasilhas bem tapadas.

Quando querem servir-se do verniz, começão pulindo bem a madeira, e da-se-lhe huma untura de ferrugem da chaminé desfeita em espirito de therebentina. Deixa-se secar esta demão, e em

estando seca applica-se-lhe huma demão do verniz, dada em toda a parte bem por igual com huma esponjazinha fina. Repete-se quatro vezes esta operação, tendo sempre bem cuidado em que esteja bem seca a demão precedente. Depois da ultima demão de verniz, faz-se secar a madeira em hum forno para depois o pulir.

Verniz que impede em grande parte a combustão.

A seguinte composição experimentou-se em Alemanha haverá quatro ou cinco annos, e mostrou ser hum meio capaz de obstar em grande grão á acção da chamma em qualquer materia, prevenindo a sua carbonisação, e por conseguinte a sua combustão.

Faz-se desfazer huma pouca de colla de peixe em agua quente ou fria, e prepara-se ao mesmo tempo igual quantidade de pedra hume; misturando depois estas duas soluções, molha-se cuidadosamente com esta mistura o que se quer expôr ao fogo, e para mais segurança, molha-se duas vezes. Deitando-se-lhe hum pouco de vinagre, ainda fica mais incombustivel o que se tiver com isto molhado, e custará muito a inflammar-se fazendo grande resistencia ao fogo. — Deste modo, asseguræo que até se podem expôr á chamma vasilhas de páo, e fazer nellas ferver o que se queira; porque este verniz não se oppõe a que passe dentro o calôr, mas só e seguramente á carbonisação.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

LISBOA.

N.° II. Fevereiro de 1820.

NOTICIA

DE

VARIOS TRABALHOS SCIENTIFICOS.

ASTRONOMIA.

Sobre a Figura da Terra. Por Mr. de Laplace. *(Memoria lida na Meza de Longitudes, em París, na sessão de* 26 *de Maio de* 1819 ; *extrahida dos Annaes de Quimica e de Fysica, vol. XI., p.* 31.*)*

As numerosas experiencias sobre o pendulo tem mostrado que o augmento da gravitação segue huma lei mui regular, e que esta he mui aproximadamente proporcional ao quadrado do seno da latitude. Sendo esta força o resultado das attracções de todas as particulas da Terra, estas observa-

ções, comparadas com a theoria das attracções das esferoides, ministra o unico meio que temos de penetrar na interior constituição da Terra; e dellas se segue que este Planeta he formado de camadas, cuja densidade augmenta da superficie para o centro, e que estão regularmente dispostas em torno deste ponto. No fim do volume do *Cenhecimento dos Tempos* para 1821 publiquei a seguinte theoría, a qual demonstrei no segundo volume das Novas Memorias da Academia das Sciencias.

" Se tomarmos por unidade o comprimento do pendulo de segundos no Equador, e se ao comprimento deste pendulo, observado em qualquer ponto da superficie da esferoide terrestre, ajuntarmos metade da altura deste ponto acima do nivel do Oceano, dividida pelo semi-eixo do Pólo, altura que a observação do barómetro fornece, o augmento deste comprimento assim correcto, será, na hypothese de huma constante densidade abaixo de huma profundeza moderada, igual ao producto do quadrado do seno da latitude por cinco quartos da razão da força centrifuga para a da gravitação no Equador, ou por 43 decimas-millionésimas. "

Este theorema he geralmente verdadeiro, seja qual for a densidade do mar, e o modo como elle cobre parte da terra.

As experiencias com o pendulo feitas em ambos os hemisferios concordão em dar ao quadrado do seno da latitude hum coefficiente maior, quasi igual a 54 decimas-millionesimas. Prova-se pois por estas experiencias, que a terra não he homogenea no seu interior, e que a densidade das suas camadas augmenta da superficie para o centro.

Mas ainda que heterogenea em sentido mathematico, fòra homogenea a terra em sentido quimico, se o augmento da densidade destas camadas se devesse meramente ao augmento da pressão que soffrem á proporção que se avizinhão mais ao centro. Podemos com effeito conceber que o immenso pezo das camadas superiores podem consideravelmente augmentar a sua densidade, ainda supponde que não sejão fluidas; porque sabemos que os corpos solidos são comprimidos pelo seu proprio pezo. Conhecida a lei das densidades resultantes desta compressão, não podemos determinar até que ponto pode ser assim augmentada a densidade das camadas da terra. A pressão e o calor que nós podemos produzir são sempre mui pequenos quando se comparão aos que existem na superficie e no interior do Sol e das estrellas: he-nos mesmo impossivel ter huma idéa aproximada dos effeitos destas forças unidas nestes grandes corpos. Tudo conduz á noção de que existírão em grande gráo na terra ao principio, e que os fenomenos que produzírão, modificados pela successiva diminuição, formão o estado actual da superficie do nosso globo; estado que he só hum elemento da curva cuja abscisa constituirá o tempo, e cujas ordenadas representaráõ as mudanças que esta superficie incessantemente soffre. Estamos longe de conhecer a natureza desta curva. Não podemos por tanto deduzir com certeza a origem do que observamos na terra; e se para satisfazer a imaginação, sempre descontente da sua ignorancia da causa dos fenomenos que nos interessão, arriscamos algumas conjecturas, está da parte do homem assizado expollas com a maior precaução.

A densidade de qualquer gaz he proporcio

nal á sua compressão, quando a temperatura se conserva no mesmo grão. Esta lei, achada exacta nos limites da densidade dos gazes que nós podemos examinar, não pode applicar-se, como bem se conhece, a liquidos e solidos, cuja densidade he mui grande em comparação da dos gazes, quando a pressão he pequena ou nenhuma. He natural pensar que estes corpos quanto mais comprimidos são maior resistencia fazem á compressão; de sorte que a razão da differença da pressão para a da densidade, em vez de ser constante como nos gazes, augmenta com a densidade. A mais simples funcção que pode representar esta razão, he a primeira potencia da densidade multiplicada por huma quantidade constante. Eu a tenho adoptado porque tem a vantagem de representar do modo mais simples o que nós sabemos relativamente á compressão dos liquidos e solidos, e facilmente se applica ao calculo nas investigações á cerca da figura da Terra. Os Mathematicos não tem até agora tomado em consideração o effeito que resulta da compressão das camadas. O Doutor Young dirigio ha pouco a sua attenção a este assumpto pela engenhosa observação de que nós podemos explicar deste modo o augmento de densidade dos estratos ou camadas da esferoide terrestre. Espero que a proxima analyse (que apparecerá no volume do Conhecimento dos Tempos para 1822) hade ser attendida com algum interesse, da qual resulta que he possivel por este modo explicar todos os fenomenos conhecidos que dependem da lei da densidade destas camadas. Estes fenomenos são: as variações dos grãos do meridiano, e da gravitação; a precessão dos equinocios; a nutação do eixo da terra; as desigualdades que o *achatamento* ou depressão da Terra produz no movimento da

Lua; finalmente, a razão da densidade média da terra para a da agua; razão que Cavendish fixou por meio de huma bellissima collecção de experiencias em $5\frac{1}{2}$. Partindo da precedente lei da compressão dos liquidos e solidos, achei que, se nós supposermos a terra formada de huma substancia homogenea, no sentido quimico da palavra, cuja densidade seja $2\frac{1}{4}$ para a da agua commum, e comprimida por huma columna vertical da sua propria substancia igual á millionesima parte do eixo polar, se a sua densidade augmenta 5.5345 millionesimas da sua densidade primitiva, damos a explicação de todos estes fenomenos. A existencia de simillhante substancia he mui admissivel, e provavelmente existem similhantes substancias na superficie da terra.

Se o globo fosse inteiramente formado d'agua, e se nos supposermos, segundo as experiencias de Cantão, que a densidade da agua na temperatura de 10° (50° de Fahr.) e comprimida por huma columna de agua de 10 metros de altura augmenta 44 millionesimas, o achatamento da terra será $\frac{1}{160}$; o coefficiente do quadrado do seno da latitude na expressão do comprimento do pendulo dos segundos será 59 decimas millionesimas, e a densidade média da terra será nove vezes a da agua. Todos estes resultados se apartão das observações, muito além dos limites dos erros de que são susceptiveis.

Eu supponho a temperatura uniforme em toda a extensão da esferoide terrestre; mas pode ser que o calôr seja maior para o centro; e assim succederá na supposição de que a terra, possuindo originalmente grande gráo de calôr, foi gradualmente esfriando. A nossa ignorancia da constituição interior deste Planeta não nos permitte calcular a lei deste esfriamento, e a diminuição

que delle resulta na temperatura média dos climas; mas podemos estabelecer com certeza que esta diminuição tem sido insensivel ha dois mil annos.

Supponhamos em hum espaço cuja temperatura seja constante, huma esfera dotada de hum movimento de rotação; depois disto supponhamos que passado longo tempo diminue a temperatura do espaço hum gráo; ha de a esfera a final tomar este novo gráo de temperatura; a sua massa não será alterada; porém as suas dimensões hão de diminuir huma quantidade que eu supponho huma centesima millesima parte, como he com pouca differença a diminuição do vidro. Em virtude do principio das áreas, a somma das áreas que cada molécula da esfera descreve ao redor do eixo de rotação, será em hum tempo dado a mesma que d'antes. He facil concluir disto, que a velocidade angular de rotação augmentará huma quinquagesima millionesima parte. Suppondo por tanto que o tempo da rotação seja hum dia, ou cem mil segundos decimaes, diminuir-se-hão dois segundos pela diminuição de hum gráo da temperatura do espaço. Se estendermos esta consequencia á terra, e se considerarmos que o comprimento do dia não tem variado desde *Hipparco* a centesima parte de hum segundo, como eu mostrei por meio de huma comparação de observações com a theoria da equação secular da Lua, havemos de concluir que desde esse tempo he insensivel a variação do calôr interno do globo. He com effeito certo que a dilatação, o calor especifico, a maior ou menor permeabilidade, ou passagem, que permitte ao calôr, e a densidade das differentes camadas da esferoide terrestre, tudo coizas desconhecidas, podem causar sensivel differença entre os resultados

relativos á terra e os da esfera que acabamos de considerar, segundo a qual huma diminuição da centesima parte de hum segundo na duração do dia corresponde a huma diminuição de dois centesimos de hum gráo na temperatura. Mas esta differença, correspondente á diminuição de hum centesimo de hum segundo no espaço de hum dia, jámais pode elevar a perda do calôr terrestre dos dois centesimos de hum gráo, a hum decimo. Nós vemos mesmo que a diminuição de hum centesimo de hum gráo perto da superficie suppõe huma diminuição maior na temperatura das camadas inferiores; porque sabemos que a final a temperatura de todas as camadas diminue na mesma pregressão geometrica; de modo que a diminuição de hum gráo perto da superficie corresponde ás maiores diminuições nas camadas mais proximas ao centro: por tanto as dimensões da terra e a sua força de interesse diminùe mais do que no caso da esfera que figurámos. Disto se segue que, se no decurso do tempo observamos alguma mudança na altura média do thermómetro posto no fundo das casas subterraneas do Observatorio, não devemos attribuilla a variação alguma na temperatura média da terra, mas á mudança no clima de París, cuja temperatura pode variar por muitas causas accidentaes. He notavel que o descobrimento da verdadeira causa da equação secular da Lua nos dá a saber ao mesmo tempo a invariabilidade do comprimento do dia, e a temperatura média da terra des de a época das mais antigas observações.

Este ultimo fenomeno nos induz a pensar que a terra tem chegado ao permanente estado de temperatura que corresponde ou compete á sua posição no espaço, e relativamente ao Sol.

Por analyse descobrimos que qualquer que seja o calòr especifico, a permeabilidade ao calôr *(isto he, a faculdade de dar passagem ao calôr)*, e a densidade das camadas da esferoide terrestre, o augmento de calôr em mui pequeno fundo, comparado com o raio desta esferoide, he igual ao producto desse fundo pela elevação da temperatura da superficie da terra acima do estado de que acabei de fallar, e por hum factor independente das dimensões da terra, o qual depende só das qualidades da sua primeira camada relativamente ao calôr. Do que nós sabemos destas qualidades vemos que, se esta elevação subisse a varios gráos, o augmento do calôr fôra mui sensivel nas profundidades em que temos penetrado, e onde com tudo não fizemos observações que nos habilitassem a descobrillo.

Nota de Mr. Arago, *Editor dos Annaes de Quimica, etc.*

Julgamos que os nossos leitores não desgostarão de achar aqui algumas particularidades relativas ao methodo pelo qual Mr. *Laplace* estabeleceo a invariabilidade ou constancia da duração do dia.

Hum dia solar médio he igual ao tempo que a terra emprega em fazer huma completa revolução sobre si mesma, augmentado pelo movimento médio apparente do Sol no mesmo intervallo. A theoria tem provado que o movimento médio apparente do Sol, assim como o de todos os Planetas, he constante. O comprimento do dia solar pode por tanto variar unicamente por huma mudança na velocidade da rotação da terra.

Nós chamamos *mez lunar* o intervallo de

tempo que a Lua emprega em voltar á mesma posição relativamente ao Sol; á sua conjuncção por exemplo. Este intervallo he evidentemente independente da velocidade da rotação da terra. Ainda mesmo que o nosso globo cessasse de girar sobre o seu eixo, nenhuma alteração experimentaria o movimento de translação da Lua. Daqui se deduz hum methodo bem simples de descobrir se tem mudado a duração do dia solar.

Supponde que determinamos agora por observações directas a duração do mez lunar; isto he, quantos dias e fracções de dia gasta a Lua em voltar á sua conjuncção com o Sol. He claro que repetindo esta observação em outra época, haviamos de achar differente resultado, se o comprimento do dia não fòra constante, ainda a pezar de não ter mudado a velocidade da Lua nesse intervallo. O mez, por exemplo, pareceria maior se a duração do dia diminuisse; e mais pequeno, pelo contrario, se o dia viesse a ser maior. A constancia do mez lunar será por tanto huma parte da constante duração do dia.

Todas as observações concorrem para provar que desde o tempo do Caldeos até agora tem ido gradualmente diminuindo a duração do mez lunar. Daqui se segue, pelo que fica dito, ou que a velocidade da Lua se tem accelerado, ou que o dia solar tem crescido. Porém Mr. *Laplace* descobrio pela theoria que no movimento da Lua ha huma desigualdade conhecida pelo nome de *equação secular*, que depende da variação da excentricidade da orbita terrestre, e cujo valor em cada seculo se pode deduzir da mudança da excentricidade. Por meio desta equação damos completa relação do augmento de velocidade de que tratamos: não ha por tanto razão alguma para suppôr que o

comprimento do dia se não tenha conservado sempre o mesmo.

Admittamos por hum momento, com Mr. *Laplace*, que esta duração excede agora a centesima parte de hum segundo decimal a do tempo de *Hipparco*. A extensão de hum seculo actualmente, ou de 36525 dias solares, ha de por tanto ser maior do que era ha 2000 annos (bem se sabe que *Hipparco* vivia obra de 120 annos antes da nossa Era) 365.25″ decimaes. Neste espaço de tempo descreve a Lua hum arco de 534.6″ decimaes. Esta quantidade por tanto exprimirá a differença entre os arcos decorridos pela Lua em hum seculo no tempo presente e no tempo de *Hipparco*; mas assim como estes arcos, determinados por observações e correctos pela equação secular, não differem tanto, devemos concluir disto, que neste longo intervallo não tem a duração do dia variado a centesima parte de hum segundo decimal.

HISTORIA NATURAL.

Resumo analytico de huma interessante Memoria sobre a degeneração, considerada no homem, nos animaes, e nos vegetaes, escrita por Mr. Virey.

A' MEDIDA que os factos se accumulão nas Sciencias de observação, no entendimento do observador filosofo se fórmão grupos insulados de premissas e idéas que pertencem a outras tantas verdades, mais ou menos susceptiveis de desenvolvimento e de confirmação, segundo a maior ou menor relação que tem entre si os factos em que se estribão. Então reanima o genio com sua benefica chamma estes informes fragmentos; fórma-se insensivelmente de suas diversas partes hum todo ou hum conjuncto perfeitamente unido e graduado; a imaginação e a eloquencia lhe prestão seu colorido seductor, e a Sciencia apparece aos olhos assombrados dos homens com todos os encantos da novidade, e com todo o poder da razão. Não de outro modo levantárão *Buffon*, *Lacepede*, *Alibert*, e *La Place* esses monumentos eternos, acredores de todo o reconhecimento dos seculos.

O nome de *Virey* pode sem receio pôr-se a par daquelles nomes immortaes. Seus primeiros trabalhos scientificos se estremárão pelo arrojo de seus projectos, pela variedade dos seus conheci-

mentos, e pela poesia de seu estylo, talvez menos proprio dos objectos que tratava. Sua imaginação, entibiada já pela idade, tem moderado os fogosos impetos da mocidade, e só tem conservado aquelle suave calôr da elocução, aquellas imagens risonhas e expressivas, aquella variedade d'estylo que augmenta o interesse das mais graves theorías, e as recommenda a todos os homens sensiveis á harmonia e á eloquencia.

O author estabelece o principio de que todos os seres vivos recebêrão do Creador formas proprias e especificas. Degenerar he separar-se deste typo primitivo; por conseguinte degeneração na linguagem dos Naturalistas he precisamente o contrario do que a mesma voz significa no idioma vulgar.

Com effeito, " se o Jardineiro (diz o author) aperfeiçôa os fructos de huma arvore ou produz flores dobradas e refeitas, se a domesticidade e o ensino favorecem o maior desenvolvimento fysico e moral do cão e do cavallo, nós outros damos o nome de melhoramento ao que na ordem natural se separa da verdadeira origem, e ao que he em realidade huma monstruosidade ou huma degeneração. Huma flor dobrada he aquella cujos estames, sobejamente nutridos, se tem convertido em pétalos; privada por esta metamorfose dos seus orgãos masculinos, não pode fecundar-se, e se esteriliza. Do mesmo modo huma galinha demasiado gorda, não põe ovos: todas as suas faculdades vitaes, viciadas pela superabundancia de mantimento, se occupão em augmentar a gordura, e abandonão as importantes funcções da reproducção. Se o homem sensual gosta de aves cevadas, de fructos succulentos, de legumes delicados; se se recreia com a vista de flores dobradas e mons-

truosas, he certo que estes prazeres fazem mais agradavel a sua vida; mas tambem he certo que essas producções tem sahido do estado da natureza, e não podem reproduzir-se por si mesmas; trazendo signal da escravidão, são seres facticios, que testificão a influencia do homem; em summa, tem degenerado no que toca á constituição original. Se se deixão a si mesmas, obrigadas em breve a pòrem-se naquelle equilibrio primitivo que as faz gozar da plenitude da vida, estas raças tornaráõ a ser selvagens, mas fecundas."

Esta perfeição com tudo que dão o alimento e a cultura está mui longe de merecer este nome, ainda no sentido da maior energia que certas qualidades adquirem. He certo que a alface da horta he mais saborosa que a brava, planta aspera, dura, e que se não come; porém o author oppõe a estas comparações outras que não são menos exactas. No estado domestico perde o cão a finura de seu faro, a flexibilidade de seus musculos, e o seu valor e intrepidez primitivos. Pode comparar-se acaso a ovelha timida e delicada com o muflão, ou carneiro montez, que resiste a todas as intemperies? Ouçamos a *Virey* neste magnifico parallelo: " A natureza dá ás fórmas belleza e grandiosidade; o estado domestico as degrada e as vicia. Por isso muitos quadrupedes, satisfeitos com a sua existencia selvatica, suavisada pelo sentimento, por assim dizer, da independencia, escolhem as hervas aromaticas, e bebem nos ribeiros de agua pura que nascem dos montes de gêlo. O atrevimento, a segurança, a ligeireza de seu passo, a extensão da sua vista e do seu ouvido, a rapidez da sua carreira lhes ministrão quantos recursos necessitão para se esquivarem á escravidão: entre elles não ha degeneração nem debilidade."

As causas da degeneração das especies animaes e vegetaes podem referir-se ás seguintes: ao clima, ao alimento, ao genero de vida, á mutilação, á enfermidade hereditaria, e á aberração das raças pelas gerações bastardas. Os effeitos da degeneração se deixão perceber no talhe, nas proporções e fórmas, na contextura, na côr, no sabor, no cheiro, nos tegumentos, cabellos, pennas, e espinhas. Esta distribuição he a mesma que segue o author no corpo da Obra. Não nos sendo possivel seguillo na analyse completa do seu trabalho, limitar-nos-hemos a copiar algumas das passagens mais notaveis.

" O frio muito intenso, e o calôr seco e mui forte, oppõem-se ao completo desenvolvimento dos seres animados; o calôr suave e humido notavelmente o favorece. Veja-se na vizinhança do Polo, no Spitzberg, na Groenlandia, no Kamtschaka, na Laponia, a terra coberta de musgos, de hervas mesquinhas, de mato curtinho, de plantas miseraveis, extraordinariamente comprimidas pelo frio que gela as pontas de suas ramas por pouco que se estendão. As arvores se convertem em arbustos, e estes em espinhos, que se ennovelão, enredando seus raminhos como para buscarem abrigo. Assim, os homens destes paizes polares, os Laponios, os Samoiedas, os Ostíacos, os Esquimaos, são pequenos e encolhidos, e a sua pelle crestada ou curtida pelo rigor da estação. Na Siberia, nos Alpes, nos picos das montanhas das Cordilheiras e dos Andes, que ainda que situadas debaixo dos tropicos estão cobertas de gêlos eternos, são as plantas musgosas, definhadas, e pelludas. Sua folhagem he debil e recortada como a das umbeliferas; suas flores pálidas, brancas, confranzidas, e apenas desenvoltas. Os poucos ani-

maes que alli vivem são das mais pequenas especies: toupeiras, ratazanas, e marmotas que se mettem debaixo da terra, e jazem a maior parte do anno entorpecidas. Em situações hum pouco inferiores vivem o lhama, o gamo, a algalia, o muflão, animaes secos e ageis, e mui nervosos. A natureza varía inteiramente na planicie. As mesmas hervas rasteiras e debeis no monte, se alargão e engrandecem, abrem suas folhas e seus pétalos, e se enchem de abundantes succos. Quanto mais se comprimem com o frio, mais se dilatão em hum terreno temperado e vegetal. "

" Nas margens dos rios e dos pantanos das planicies ferteis e quentes da Asia, em que o Ganges e o Indo serpenteião, nas ribeiras continuamente inundadas do Zaire, do Niger, e do Senegal, se propagão e crescem os elefantes, os rinocerontes, os hippopotamos, as immensas serpentes chamadas giboias, e todos os colossos do Reino animal. Naquellas aguas se propagão livremente as grandes fócas, os elefantes marinhos, os cetaceos, as enormes baleias, os esqualos, e os tubarões. Nos terrenos mais humidos da Africa e da Asia nasce o *Baobab (Adansonia)*, arvore cujas dimensões são espantosas, cujo tecido he molle e lanoso; a figueira dos pagodes, cujos pezadissimos ramos se inclinão para a terra, se fincão nella, vegetão de novo, e fórmão deste modo intermінaveis bosques. Alli as mais pequenas plantas gramineas se dilatão no seio de hum lodo rico e fecundo; as canas de bambú sobrepujão as azinheiras das nossas serras, e as pontas das palmeiras sobem a duzentos pés de altura. "

Fallando dos influxos do clima, o author lhes attribue duas degenerações mui distinctas no Reino animal. A *leucosis*, ou degeneração branca, pro-

ducto do frio e da diminuição da acção vital: a ella se devem as cãs da velhice, e mesmos a prematuras; a côr e todos os mais fenomenos que se notão nos albinos ou pretos-brancos, e as malhas brancas de muitas especies de animaes domesticados. A *melanosis*, ou degeneração negra, he a que produz o cabello fino e encarapinhado dos negros, o pello aspero do carneiro Africano, e a carbonisação, digamo-lo assim, de todo o que vive no clima abrazado da Guiné e da Ethiopia. " Não vemos, diz elle, até mesmo nas nossas regiões temperadas, homens baixos, secos, com cabellos pretos e crespos, cobertos de cabello aspero e comprido como huns ursos? Quasi sempre estes homens são impetuosos, iracundos, impacientes, e apaixonados. A puberdade se adianta nelles, e consomem rapidamente a vida. "

" He mais commum (entre os animaes) que os individuos negros sejão machos do que femeas, ao contrario do que succede nos brancos: a sua carne he mais solida, seu sabor he mais forte, e tem mais facilidade em se converterem em venenosos. As serpentes que tem o veneno mais exaltado, são as mais escuras da sua especie, pela ìntima razão de que a melanosis, que depende de hum excesso de calòr e de secura, reconcentra e ennegrece todos os humores, approximando e reunindo suas qualidades mais activas. Nasce deste principio a collocação superior, nos animaes, das côres mais escuras, como na espinha dorsal, entretanto que as partes humidas, e que não recebem tanto em cheio a luz do Sol são de ordinario pálidas e brancas, como a barriga e entrepernas. A risca negra do jumento ao longo do seu espinhaço, prova o seu vigor natural e primitivo. Não sabemos que influencia pode ter a enervação

do estado domestico no faisão prateado, que tem o ventre negro, e as costas brancas, ao contrario de todos os outros animaes. "

" Entre as causas da melanosis contemos o influxo da bilis no homem e nos animaes. O calôr augmenta a acção, e faz dominar na economia a secreção do figado. Não são pois sómente o calôr e a luz as causas que ennegrecem a superficie do corpo: o mesmo effeito causa interiormente a secreção abundante da materia negra, biliosa, que tinge todos os humores, o sangue, a carne, a substancia do cerebro, como temos visto em varias dissecções, e como tem visto muitos anatomicos célebres. Costuma haver ictericias tão graduadas, que perdem a còr amarella, e tomão a còr preta, ou o pardo escuro. Tambem costumão formar-se secreções de sangue nas primeiras vias; e a transsudação de sangue venoso que se lança por meio do vomito na *melena*, ou vomito negro, he de ordinario mortal. "

No artigo sobre a degeneração por falta de alimento ou por compressão, achamos a observação seguinte, que nos parece tão nova e engenhosa, como destramente explicada. " Quem havia de crer que a falta de sexo nas trabalhadoras abelhas, nas formigas sem azas, e nas termitas (ou termes) neutras, não provêm de outra coiza senão de que seus orgãos sexuaes abortárão por falta de hum alimento conveniente na primeira idade? Este facto já está perfeitamente confirmado nas abelhas, posto que nas colmêas as trabalhadoras produzem abelhas mestras ou machos, segundo querem, prodigando bom alimento, e depositando em huma casinha larga as mesmas larvas ou guzanos, que não produzirião senão individuos neutros, se tivessem permanecido em huma casinha apertada,

e se não tivessem tomado outro alimento que o commum. Hum favo que contém no centro huma ou duas cellas grandes para a mestra, outras grandes para os machos, e muitas pequenas para as abelhas sem sexo, pode comparar-se á placenta de huma flor composta, chamada singenesia na linguagem botanica. Alli se observão diversos circulos de flores, das quaes humas são masculinas outras femininas, e outras hermafroditas. Estas, que são as unicas completas, produzem grãos fecundos: todas as mais abortão. Parece mui provavel que a compressão das partes em huma reunião de flores tão apertadas entre si, he a causa que se oppõe ao completo desenvolvimento das partes sexuaes de todas ellas. Daqui nasce que as flores do centro são as que mais commummente abortão. As que nascem em cacho como a hortensia, apresentão na sua linha exterior flores, cujos pétalos se estendem e prolongão livremente, ao passo que as do meio, opprimidas e affogadas, ficão pequenas e infecundas. "

Concluiremos estas citações com huma tanto mais notavel, quanto o author se mostra nella Filosofo profundo que liga os fenomenos naturaes com as benéficas miras da Providencia, e com a sublime doutrina das causas finaes. — " Parece que a Natureza obra espontaneamente algumas variações de actividade e poder, em certos e certos orgãos dos animaes e das plantas, a fim de os adaptar ao genero de vida que lhes destina: trabalha em sua formação como em hum barro flexivel, que amassa como quer, e em que distribue diversos gráos de força. Por exemplo, o avestruz he hum passaro volumoso que não se pode elevar aos ares, que não faz uso das suas azas, e que corre tão velozmente como o melhor cavallo Ara-

be: por isso a Providencia lhe deo em lugar de azas membros incompletos cobertos de poucas pennas; porém alongou-lhe e fortificou-lhe extraordinariamente as pernas. Os passaros aquaticos, excellentes nadadores, tem humas azas inuteis, mas seus pés são infatigaveis no nadar. A toupeira não necessita de vista para viver na toca que ella mesma sabe para si cavar: seus olhos não são mais que huns debeis rudimentos; mas em paga disso o seu delicadissimo ouvido lhe annuncia os mais remotos perigos. Quem considerar o longuissimo pescoço do cysne, que alcança até o fundo dos tanques, as compridas pernas da cegonha, instrumentos utilissimos para atravessar os mais humidos pantanos, as fórmas infinitamente variadas dos insectos, convenientes ás plantas em que vivem, reconhecerá, que quando a Natureza estreita ou prolonga algumas partes, leva vistas profundissimas, e que se diminue a amplidão e a energia de huma funcção he para augmentar a de outra mais necessaria na economia."

FILOSOFIA MORAL.

Reflexões sobre as preconisadas palavras Idéas Liberaes. — *Que quer isto dizer?*

Eu mostraria desconhecer o Mundo se deixasse de tratar esta materia, e de a tratar com aquella clareza e perspicuidade que costumo dar a tudo o que posso chamar discurso meu. Oiço fallar a cada momento em Idéas Liberaes, parece hum daquelles bordões que tornão, e retornão a cada passo em certas conversações sustentadas por certos homens. Isto he coiza nova; para os incautos he indifferente, para os individuos acostumados a reflectir em tudo o que vêem, e em tudo o que ouvem, he hum termo de mysterio, e que quer dizer muita coiza. A expressão não pode ser mais simples — *Idéas Liberaes.* — Então que tem Idéas Liberaes? São Idéas Liberaes. He a capa da maior maldade, que a malicia humana tem excogitado, he o germen de toda a ruina, que o bando immenso dos facciosos intentão causar á humana sociedade. Desde o momento em que a seita Filosofico-politica fez andar á roda todas as cabeças com as grandes e altisonantes palavras de igualdade, de liberdade, de direitos do homem, e direitos do Cidadão, sem parar até este momento, huma occulta, porém universal fermentação, agita, e indispõe todos os Povos civilisados deste,

e do outro Hemisferio. A mesma acéfala Democracia não está quieta, e menos satisfeita. Certos genios exaltados com a mania innovadora lutão em silencio contra a Monarquia, e são tão orgulhosos que querem attrahir a si tudo o que se chama soberania imperativa: parece que estes Senhores querem que os Monarcas sejão seus humildes vassallos. Acabárão-se na Europa as guerras da Religião, que agitárão por tão longo fio de annos o Baixo Imperio, e se renovárão com maior furor no 15.º seculo. Rebentárão agora as Querellas politicas, e derramárão torrentes de chammas mais devastadoras. De que se queixão estes genios inquietos? Que universal conspiração he esta? Que Idéas Liberaes são as suas? Quem os opprime? Que lhes fazem os Soberanos? Longe de exigirem dos vassallos huma céga obediencia, não querem mais que huma submissão, ou sugeição respeitosa. Vejo, Senhores das idéas liberaes, que todo o homem na sociedade actual tem a liberdade de se dar áquella profissão, que mais lhe apraz, de abraçar aquelle genero de industria a que mais o leva, e o dirige seu natual instincto. Considero as Leis, e com bem attenção, porque he este o objecto mais digno da Filosofia verdadeira, e vejo que não permittem que o Cidadão seja inquietado em sua pessoa, e em suas propriedades. Se estas Leis lhe parecem pezadas, quem o prohibe de se subtrahir a seu jugo por huma emigração voluntaria? Deixé-nos; se não está aqui bem, não damne os outros com sua impaciencia, e intolerancia. Ha tributos, e impostos? Sím, e com razão os ha, porque he preciso que haja donde venhão as coizas que são precisas; mas estes impostos que são os adminiculos da totalidade do Estado, sempre são em proporção dos haveres; a quem

não tem não se pede; e recahem sobre a magnificencia, e até sobre o luxo do mesmo luxo. Muito bem; procure cercear essa ostentação escandalosa de tantos Predios urbanos, de tantas Quintas, que tanto se estendem, e tanto se dilatão, que parece que não querem deixar hum palmo de terra em que paste hum carneiro; restrinja esta profusão visivel de riquezas, aligeirará tambem o pezo dos impostos, que elle chama insupportavel. Se algum destes inquietos não offende outro individuo da sociedade, tambem o não poderão impunemente offender, ou na honra, ou na existencia; está por elle a protecção, ou o soccorro da Lei contra seu aggressor, e até contra o Ministro que lhe negar equidade, e justiça. Se o seu elemento he a inacção e o seu Numen a perguiça, se com isto não for pezado á sociedade, ninguem o vai arrancar dos braços da sua querida indolencia. Ha homem de sizo, nesta ordem de coizas que todos vemos, e todos experimentamos, que se possa com razão queixar do Estado ou do Governo, ou da recta intenção das Leis? Então para que são estas idéas liberaes? Para sacudirem o jugo da ordem pública, para viverem á sua vontade, que ninguem contrafaz. Estes Prégadores da Liberdade, são os maiores inimigos da Liberdade, e se expõem a perdella violando á cinte o verdadeiro contrato social.

Idéas Liberaes. Que quer isto dizer? A liberdade da prensa com que nos aturdem desde a Groenlandia até ao Faro de Messina. Estes incontentaveis Demonios, e perturbadores do genero humano, gritão, que a ventura do homem está annexa á publicidade de suas producções politicas, ou litterarias. Sem dúvida tudo isto he muito bom, e até he necessario, que todas as grandes verda-

des saião do fundo do poço de Demócrito, e vejão a luz. He preciso que o genio creador não seja peado, nem sinta embargos em sua marcha, que sejão livres seus vôos, e que se conheção, e publiquem todas as injustiças dos homens, e que seja permittido á innocencia manifestar-se, e descobrir-se. Tudo isto he muito bom; mas tambem he muito melhor que todas as coizas tenhão seus limites, e que esta liberdade tenha hum freio. Que sería do Estado, e mais das Leis, se objectos tão sagrados se podessem atacar, e degradar impunemente? Se a honra he hum bem verdadeiramente apreciavel até para o Cidadão mais obscuro; se he este hum dos predicados que elle deve transmittir á sua posteridade; digão-me os das idéas liberaes como se pode authorisar hum Libellista imprudente, *sem eira, nem beira, nem ramo de figueira*, sem officio, e sem outra subsistencia mais do que o soldo dos Panegiricos feitos a Judeos, e Usurarios, ou a quem quer que seja que possue os cabedaes extorquidos ao Estado, que queira derramar o veneno da calumnia, por exemplo, sobre hum Pai de familias, sobre hum Magistrado, em huma palavra sobre hum Cidadão irreprehensivel? Este, dizem os das Idéas Liberaes, poderá ser vingado pelos Tribunaes ou por hum acto de Policia; — mas o seu cobarde difamador se esconderá nas trévas, e se cobrirá com a capa do anonymo; e se não houvera a liberdade da prensa, não se commettêra hum delicto, nem se fizera hum mal que não tem remedio. E he pouco traduzir aos Tribunaes hum calumniador, solicitar contra elle a Justiça, e a vingança, a risco de alimentar a malignidade publica, que sempre olha com indifferença para a justificação, e condemna com igual injustiça a queixa e mais o silencio.

Gentes da Europa toda, não vos deixeis seduzir e illudir com a Dialectica destes Missionarios da Liberdade, ardentes, e incançaveis zeladores da felicidade publica; não querem que nos exercitos haja o rigor da disciplina militar, desejão semear a insubordinação e a revolta, como factos presentes nos fazem conhecer, para que a authoridade ligitima não tenha nem força nem poder; atacão a Magistratura, porque não convêm a seus projectos que as Leis tenhão orgãos; querem com suas liberaes idéas arrombar as cadêas com o pretexto de arrancar de suas enxovias alguns captivos, que elles considerão, ou reputão innocentes, mas sua intenção he multiplicar as tropas auxiliares; he facil a união de hum facinoroso a outro facinoroso. Trazem na cara a máscara da falsa humanidade, mas apenas se assenhoreão do poder, fazem correr em ondas o sangue das mulheres, e dos innocentes meninos; basta que pertenção pela mais remota afinidade a huma condição, ou estirpe que elles abominão. Armaráõ contra a fortuna dos ricos huma Horda de vagabundos, e vadios, dizendo ao povo que he para o arrancar dos horrores da indigencia; porém he para elles se opulentarem ainda mais. Com o pretexto de declarar guerra ao Fanatismo, e superstição, suffocaráõ todos os germes da Moral, fallarvos-hão de Filosofia, cujas luzes elles mesmos sepultão, e apagão. Affectaráõ certo gosto das Boas Artes, para vos reduzirem ao estado de officiaes mecanicos, e vos tratarem depois não só com orgulho, mas com manifesto desprezo: fallarvos-hão da abundancia, e desgostando, e desanimando os proprietarios, farão que todos os recursos da industria se extinguão debaixo do pezo da sua tyrannia: e quando em a terra que habitais não houver mais que rui-

na, e miseria armarvos-hão, e vos transformaráõ em devastadores. Sereis o terror dos outros povos, que se reuniráõ para vos exterminar; emfim desenganados de quimeras, e illusões, vossa paciencia se transformará em furor, deitareis a terra o Idolo a quem tanto sacrificastes, e olhareis com horror para as idéas liberaes, de huma inexequivel igualdade, e liberdade; e depois de muitos estragos, sereis obrigados a entrar espontaneamente nos caminhos da ordem, e da discreta e necessaria sugeição. Olhareis cheios de assombro, e de vergonha para certas classes, que as Idéas Liberaes fizerão quando vos prégavão liberdade, e igualdade; vereis que forão creadas mais distincções honorificas, mais dominações soberbas, e pasmareis de ver que tinheis dado o tratamento de Excellencia a huma cáfila de facciosos sahidos da ultima relé do povo, e o de Alteza Serenissima a Estalajadeiros que sahírão da obscuridade pelos caminhos do crime, e da impudencia, marchando de collo levantado com escandalosa insolencia cercados, e seguidos de hum tropel de Poetas, de comilões, ou parasitos. Eis-aqui o que fizerão os Demagogos da Revolução em França, e depois que as idéas liberaes levárão do Throno para o cadafalço hum Monarca bom, benigno, e justo descendente de huma longa serie de Reis, lhe sentárão no manchado Throno hum aventureiro estranho, que os deslumbrou com o prestigio de hum valor emprestado, e que apenas vio nos hombros o manto Imperial lhes fez pezar na cabeça hum sceptro de ferro, e os opprimio com a tyrannia, e a sevicia de hum Tigre, os esmagou com huns pés de bronze, dourado com o preço de suor, e sangue de milhões de victimas. Tal foi o fim deploravel do cégo zèlo daquelles insensatos Dema-

o

gogos arquitectores das idéas liberaes, que chamando-se amigos do genero humano, forão para elle hum flagello mais devastador, que a peste, que as inundações, que os terremotos.

Não imagine ninguem, que eu, para contêr os homens nos limites da prudencia, carrego de encarecidas sombras o Quadro que lhes apresento á vista. Não exagero, tenho ouvido mais de huma vez, que coiza sejão as idéas liberaes dos novadores, e nunca me julguei tão destituido de sizo, ou do conhecimento dos homens, que podesse, ou quizesse ter parte em seus projectos, cujas funestas consequencias eu previa, e eu prevejo. A tenebrosa seita me julgou, e considerou sempre como hum Ente pusillanime, e talvez que eu tenha escapado aos ultimos golpes de seu resentimento, pela piedade que lhe inspirava hum homem tão hebetado, de vistas tão curtas, e de tanta simplicidade como eu; porque em fim, dizem os Senhores das Idéas Liberaes, a profunda, e alta intelligencia, o saber, a comprehensão, e a execução dos meios de fazer prosperar a raça humana, são coizas privativamente suas com exclusão de todos os filhos de Eva. Só elles sábem, e todos os homens a eito são ignorantes.

Em que consista a Liberdade Civil, e quaes sejão seus limites.

Nunca se fallou tanto em liberdade, e nunca se fizerão retinir tanto os angulos da Terra com os écos desta palavra — *Liberdade* — como depois que em França rebentou o Volcão revolucionario. Huma tempestade, ou diluvio de escri-

tos filosoficos nos accusão de nos não havermos levantado até á sublime altura das idéas liberaes. Em todos estes escritos que se encaminhão a illustrar os homens ainda não achei huma definição, que me desse huma cabal idéa desta palavra — *Liberdade.* — Liberdade, dizem estes Filosofos a flux, he o poder de fazer tudo aquillo, que não prejudica os outros. E quantas coizas ha, que posto não prejudiquem os outros devem ser vedadas pelas Leis? Se se antolhasse, ou antojasse a qualquer homem expòr-se nú em huma praça á vista da multidão, isto não faria mal a ninguem. O que voluntariamente se quer desfazer da propria existencia, tambem não prejudicaria a ninguem, e talvez fosse huma carga de menos para a sociedade: mas as Leis devem prohibir isto; e esta difinição que nos dão os Filosofos, adoptada sem exame, he falsa e he viciosa. A inteira, e absoluta liberdade não pode existir na ordem social; porque esta naturalmente nos obriga a deveres mais, ou menos restrictos. Apenas entramos na vida, até que della sahimos, vivemos, e existimos sugeitos a huma authoridade superior, seja qual for, e he isto preciso para nossa conservação, e felicidade. Hum menino sem experiencia, cercado de perigos, he muito ditoso se achar huma mão indulgente, ou severa, que contrarie seus appetites, e caprichos, e suspenda sua imprudencia antes que a razão aclare seu entendimento. Se chega á adolescencia, como sahiria das trévas da ignorancia, se huma authoridade bemfazeja o não sujeitasse ao trabalho do espirito, ou o não fizesse dar ás Artes mecanicas? De todas as profissões, a das armas he a que exige menos estudo, menos intelligencia nos ultimos gráos inferiores da milicia; e por isto acaso deixa de precisar de lições, e exercicios prelimi-

nares? Qualquer aprendiz, qualquer estudante deve ter hum mestre, que regule o emprego de seu tempo, e de suas faculdades. Em qualquer sociedade bem regulada, o Vadiismo he hum vicio, e a ninguem he permittido dizer; eu não sou nada, e nada quero ser. Desde que os Francezes se imbuirão do louco projecto de chegarem ao mais alto grão de liberdade, para mais longe se apartárão della. Nesta época, quero dizer, no tempo da pratica das idéas liberaes, não podião sahir de seu proprio domicilio sem o consentimento de hum Ministro, que a seu sabor lhes concedia, ou lhes negava a faculdade de viajar. Então se vio o mancebo forçado a assentar praça, e a seguir o Estandarte que se chamava da Liberdade. Então se vio o homem de idade madura constrangido a sacrificar seus prazeres, seus habitos, e seu socego a funcções civicas com que muito a seu pezar o honravão, com pena muitas vezes de prizão, e de desterro; e como temia com razão perder sua fortuna, se se expatriasse, arrastrava as cadêas de huma dominação tyrannica, que o opprimia. Se era rico não se lhe permittia nem alimentar a seu arbitrio os necessitados, prescrevião-se-lhe os individuos que se julgavão dignos de sua liberalidade; não tinha direito de cultivar suas terras, nem podia conservar aquelle trem que convinha á sua jerarquia, á sua representação, e á sua fortuna. Mandavão-lhe que, para não humilhar os pobres, era preciso que elle apparecesse; não podia, se era nobre, permanecer na antiga habitação de seus maiores; se a não abandonava, as chammas que a consumião, o consumirião tambem a elle, se não fugisse. Quanto mais os Francezes progredião no Regime da Liberdade, mais se multiplicavão em França as prizões, e posso

dizer que a França inteira era huma vasta cadêa de que não se podia sahir sem incorrer na pena de morte. Quantos Francezes com estas idéas liberaes choravão por aquelle tempo chamado o da servidão! Na supposta tyrannia de Luiz XVI., dizião elles, fallavamos, e obravamos segundo a inspiração de nossos pensamentos, e desejos. Os mais licenciosos escritos, os mais arriscados systemas, as proposições mais temerarias, erão tolerados por huma indulgente Censura; todos os cultos se toleravão, o Deista, e o mesmo Atheo se mostravão á cara descoberta; com tanto que não profanassem os Templos nem perturbassem as funcções da Religião, deixavão-se ir caminhando a seu deploravel fim. As meretrizes, pomposas, e brilhantes com as prodigalidades da opulencia, com impudente cara fazião ostentação do salario da sua infamia, sem serem reprimidas em sua insultante audacia. Quando hum poder usurpado succedeo á Anarquia, não deixando á França mais que a palavra sem sentido = Republica =, seus habitantes mudárão de cadêas, mas as que recebêrão não forão menos pezadas: recrutamentos forçados, prizões arbitrarias, exclusão afrontosa, responsabilidade céga, contribuições illimitadas, começárão a esmagar hum povo que vilipendiava todos os outros com o titulo de escravos. Confessemos pois que a palavra Liberdade he vazia de sentido, ainda no Governo mais justo, e mais bem ordenado, porque he inconciliavel com a ordem publica. O que se pode fazer para ventura dos povos he não apertar muito, ou apertar com prudencia seus laços; e que he impossivel, sem expôr a sociedade humana aos ultimos precipicios, conceder-lhe huma absoluta independencia.

Homens, desenganai-vos, ouvi hum homem

que medita mais as coizas que os das idéas liberaes. Que vantagens se não tirão do sacrificio que se faz á sociedade de huma porção daquella liberdade natural, porque só a estupidez, e a ignorancia podem chorar? Tratemos de Filosofia, e não de Paradoxos; compare-se o homem em sociedade, e vivendo debaixo do patrocinio de Leis justas com o homem selvagem, a cujo estado os das idéas liberaes querião reduzir todos os Povos da Europa. Vejão; não tem por agazalho mais que huma cabana, nem por vestidos mais do que as pelles das Féras; para se alimentar não tem mais que o producto de sua caça e trabalhosa pesca, não tem outras armas mais do que as fréchas. Tem por inimigos os animaes ferozes, os reptiz, e os insectos, por objecto de suas affeições huma mulher sem idéas, desfigurada pela intemperie do ar, e pelo cançaço de longos caminhos. Passa o dia em trabalhos, a noite em inquietações. Este he o homem selvagem, cuja liberdade absoluta invejavão os Filosofos da Revolução, aquelles mesmos que se não podião arrancar das Cortes, nem da sociedade dos Grandes. Observemos agora o homem civilisado. De que prazeres não he devedor ao estado social! Se se não sepultou desde a infancia em huma ignorancia absoluta, por pouco que se eleve acima do bruto, goza com complacencia o que possue, e o que foi creado pela industria dos outros. O rico o associa á sua opulencia pelo salario que lhe paga por seu trabalho. Em quanto respeitar as propriedades alheias, nada tem que temer da severidade da lei que o protege. Se a Patria o chama para sua defensa, paga-lhe, sustenta-o, cura-o em suas enfermidades, e não o desampara em sua velhice. Em quanto houver campos que cultivar, estradas que construir,

ou reparar, rebanhos que guardar, casas que fazer, lenha que rachar, não lhe faltará emprego em que ache o pão de seu sustento. Andem ante seus olhos as Leis divinas e humanas, escute seus mandamentos, chegará em paz a huma extrema velhice; mas guarde-se da quimera de huma liberdade inteira, e absoluta; de todas as illusões, esta he a mais perigosa para o povo. Costumado, como sempre digo, a olhar de perto para as coizas, e com alguma attenção, vejo á luz da melhor Filosofia, vejo que os limites da liberdade, nas classes inferiores do povo, devião ser mais restrictos. Desejo muito que huma sabia, e não assustadora e violenta Policia, suprisse algumas vezes a authoridade paternal. Desejava que tambem fosse a Policia hum Tribunal da Censura publica, onde se podesse citar o homem official, que consome em hum dia, e em huma taberna o salario de huma semana; o marido que abusa da sua força para exercer contra sua mulher, e seus filhos hum poder brutal, e tyrannico, que os condemna á mendicidade por huma crápula habitual, ou por huma ociosidade ainda mais criminosa. Com fortes reprehensões da Policia, se vedarião crimes que os Tribunaes depois são obrigados a castigar com a ultima severidade. Sempre lastimei a desgraça daquellas authoridades que sabem melhor punir, que emendar; parecem-me aquelles Esculapios, ou Galenos (Medicos) que mandão cortar membros gangrenados, quando sería muito mais facil conservallos, atalhando os progressos do mal. Existem na sociedade individuos para os quaes não ha maioridade; são incapazes de prever as consequencias do vicio, e dos excessos mais perniciosos caminhão cégamente por todas as veredas ao estado de indigencia, e de opprobrio. Nesta classe de

individuos sempre encontra agentes o espirito revolucionario. São como hum paúl lodacento, que inficiona o ar que por elle passa, e leva mui longe a contagião, e os estragos. Feliz o Governo, que sabe prevenir este flagello com sabias instituições, flagello mais temivel mil vezes que o contagio que a nossos olhos tem devastado algumas Provincias de Castella.

Aturdem-me a cabeça com o exemplo de Inglaterra; aqui se fingem os homens huma liberdade que não tem limites. He boa a sua Constituição, mas por ventura não se guarda com a Egide de huma Lei que a faz observar? Então que liberdade? De se quebrarem os queixos ás punhadas, e huma vez que não empunhem armas offensivas poderem-se impunemente agatanhar com as unhas, e com os dentes! Eu lhes tiraria sem ser muito intolerante esta liberdade, eu não deixaria o Povo embebedar-se com impudencia, porque tudo o que degrada o homem deve ser vedado. Dê-se a liberdade de fazer bem, mas não se dê a liberdade de fazer mal. He justa acaso a liberdade de arrancar com violencia os suffragios na época das Eleições? He acaso justa a liberdade de degradar a mais bella metade do genero humano, de a transformar em besta de carga, e expôlla á venda em o mercado publico? Deixemos aos Inglezes aquella Constituição de que tanto se ufanão: todas as obras que sahem das mãos dos homens estão ainda mui longe da sua perfeição.

Tenho dito quanto basta para mostrar, que em todas as sociedades bem construidas, a liberdade não pode existir sem limites. Se o commercio forçar as barreiras á boa fé, todas as especulaçõer mercantiz não terão por base mais do que

a fraude, e a malicia, e descarregará os mais funestos golpes no interesse publico, e no particular. A industria não poderá gozar exclusivamente de suas invenções, vêr-se-ha suffocada; a violencia não terá respeito ás propriedades. Os Medicos empiricos fabricaráõ, e distribuirão impunemente seus venenos. O Soldado, depois de se haver alistado voluntariamente, desertará de suas bandeiras á vista do mais pequeno risco. Os Magistrados a quem sem freio, e sem temor perseguir a calumnia, não se atreveráõ a fazer escutar os clamores da Lei. Todos, em lugar de gozarem da independencia, e segurança que se lhes havia promettido, não terão mais que incertezas e temores em sua vida publica, e privada, nem para elles terá fundamento a mesma existencia politica. Aprendamos pois a fazer a huma ordem de coizas indispensavel o sacrificio, que esta mesma ordem exige do homem Cidadão. Supportemos, sem murmurar, o jugo que a Lei nos impõe, porque não he tão pezado que faça o homem infeliz. Deixa-nos a faculdade de seguirmos os caminhos da virtude, de tomarmos por nossa guia huma razão illustrada, de adquirir a estima publica pelo bom uso que fizermos de nossos talentos, e intelligencia, pelo sabio emprego, e prudente distribuição das riquezas, que se nos transmittírão, ou que nós mesmos adquirimos. Se á nossa misera, e desgraçada condição mortal, estão annexos males inevitaveis, tenhamos a varonil coragem de os supportar. A Natureza que os creou, pôr-lhe-ha hum termo, além do qual a Religião collocou as nossas esperanças.

Como a indigencia seja coiza indispensavel na sociedade.

Ouço as contínuas queixas dos homens; não ha coiza mais ordinaria, e mais frequente que ouvir murmurar os ricos da importunidade dos pobres. Eu, que olho mais para os campos que para as pompas, Theatros Nacionaes, e Assembléas, sem serem as Constituintes, tambem me não acommodo muito; quando vejo (e com que pressa!) huma brigada de mendigos e mendigas, correndo de huma porta para outra porta, e de huma escada para outra escada com dois bem expressivos sinaes no seu rosto, e, ás vezes, bem talhados membros, o da robustez, e o da porcaria. Não he esta a indigencia de que eu fallo, fallo d'outra. Que sería dos opulentos que eu conheço, se elles se não vissem senão cercados, e rodeados de individuos que vivem com toda a commodidade, e independencia? Que necessidade tem esta gente do ouro daquelle moderno Crasso, que nós vimos ha dois dias deixar, por exemplo, as calças breadas de Grumete de hum navio, e passar ao estado de atravessar tanto as ruas com suas carruagens, que nos não deixa passar? Da classe indigente tirão todos estes homens grandes as commodidades do luxo, o fasto de sua representação, e todas as attenciosas assiduidades de seus servidores. Os pobres poderião passar sem os ricos, e os ricos não podem passar sem os pobres. Que importavão a Diogenes os thesouros de Darìo, e todo o poder, todas as vastas conquistas de Alexandre? O mesmo que me importão a mim as rendas dos Grandes de Hespanha, ou a magnificencia Papal da Corte de Roma. Nada do que me offerecessem,

eu lhes aceitaria, nem me arrancavão huma inclinação de cabeça forçada por todos os seus thesouros. Contemplemos Diogenes, ainda que haja mais de hum Filosofo como elle, ou melhor que elle. Se o mais rico Cidadão de Athenas lhe mandasse que lhe fizesse huma casaca (suppondo que os Gregos a usassem), que lhe rebocasse huma parede; que lhe responderia Diogenes? Cobre-te com hum capote azul como este meu, ou com a pelle de hum Lobo que matasses em huma montaria; e se teus membros tiritão de frio, ou se afrontão de calma, contenta-te como huma tina, e estarás abrigado do Sol, e mais da chuva. Sustenta-te de legumes sem tempero, ou de amoras de silva, que ninguem te disputa por esses valados. Se tens sede vai á fonte, nem peças hum pucaro de agua á porta de hum Botequim; não te embaraces com o lugar da tua sepultura; depois de morto, tão boa cova será para ti huma Pyramide do Egypto como o bandulho de hum Tigre: olha que não tens necessidade de Canova para te affeiçoar, polir, e cinzelar os marmores. Nenhuma Lei me condemna a servir a teus caprichos, e em quanto eu não necessitar de teu dinheiro, ou na forma, ou em metal, conta, meu encomendador de casacas, que eu hei de ser teu igual.

A coiza mais vantajosa que pode ter hum rico, he que existão homens na sociedade, que queirão outra coiza mais do que aquillo, que a Natureza dá ao trabalho, ou que concede liberalmente á ociosidade. Supponhamos que todos os indigentes, tão abatidos como eu os vejo, pelo orgulho dos ricos, indignados da dureza com que os tratão, e da insensibilidade que mostrão á miseria estranha, acordavão hum dia com juizo, e todos collectivamente tomavão a unanime resolução

de se separar, e de levar comsigo as ferramentas de seu trabalho, e que hião habitar hum vasto deserto roteando terras incultas; que desamparo sería o destes Potentados opulentos que se não dignão de dar uso ás pernas se não para passearem por vastos jardins, e lamedas, que julgão que as mãos lhe cahirião em deshonra se pegassem n'huma enchada ou no sacho de hum jornaleiro, e até no escopro d'hum Escultor? Os habitos, as paixões, as necessidades facticias, multiplicão os individuos pobres, e os fazem escravos dos ricos muito tempo depois que huma Lei destruio e abolio a escravatura. A pobreza, ou a precisão he huma coiza relativa, e quasi sempre vem a ser o resultado das necessidades que nós mesmos nos creamos, e inventamos; nós lhes damos ser e existencia, que em si não tem. Hum homem se julga pobre com dez mil cruzados de renda, outro homem se considerará muito opulento tendo metade desta renda, ou a quarta parte. Este erro he util para a sociedade, porque elle obriga o homem a ganhar o que julga necessario á sua existencia, e á sua ventura. Quantos homens deixarião de se lançar no partido das Artes mecanicas, das Sciencias abstractas, no estudo das Leis, da Cirurgia, da Medicina, se houvessem limitado sua ambição a cultivarem o campo, que herdárão de seus pais, e tirarem a sua subsistencia dos fructos que multiplicassem, e dos rebanhos que criassem. Quantos homens de Letras terei eu conhecido, quantos Grammaticos, Pintores, Legistas, entisicar, e consumir-se para existirem em hum terreno esteril para escaparem ás mais imperiosas necessidades da vida, e adquirirem, não digo a celebridade, mas a unica vantagem de empregarem bem seus conhecimentos, e talentos? O mais estupido official

mecanico he para elles hum objecto de inveja. A sociedade he devedora ao temor da espantosa miseria dos esforços que elles fizerão para sahir da obscuridade: esta miseria tão temida os fez afrontar todas as repugnancias, e enojos da Anatomia; ella obriga a fixar toda a attenção nas difficuldades que offerece hum Problema que se deve resolver, ella excita o genio, e o impelle á pequenina conquista do triste Louro Academico. Esta penuria foi a que desenvolveo o Estro de Horacio para fazer versos, que tanto pão lhe merecêrão quando era vivo, e tanta fama lhe conservão ainda depois de morto.

As Antecamaras dos grandes da terra, que vierão ao Mundo unidos, e pegados a huma placenta mais alta, não serião povoadas de tantos Lacaios, ou Gentishomens, Escudeiros, e servidores feros, e orgulhosos, como eu os tenho visto com o embrexado de mil côres da sua libré, se a libré da indigencia lhes não tivera parecido mais vergonhosa, e se tivessem contentado com o uniforme que seu pai trazia quando guardava cabras, ou empava vinhas. Esta indigencia he quem conserva equilibrado hum Pedreiro no espigão do telhado de humas aguas-furtadas; esta indigencia conserva a paciencia heroica de hum jornaleiro (coiza para que sempre olho com assombro, e compaixão) hum dia inteiro a serrar pedras, e o serrador curvado a dividir em pranchas longos, e durissimos madeiros do Brazil. Se a sobriedade se tornasse repentinamente a virtude destes Mercenarios tão indispensaveis aos moradores das Cidades, quem de nós os poderia substituir, e suprir em tão penosos trabalhos?

Que consequencia, talvez me digão, intento eu tirar destes principios? Que longe de despre-

zarmos a indigencia e a pobreza, devemos considerar sua existencia como muito proveitosa á sociedade. Opprimilla, desanimalla, he commetter o erro que commetteria o proprietario de huma grande fazenda, que espancasse com sua dureza os incançaveis trabalhadores que com assiduas fadigas procurão fertilizar seus campos. Estes homens tão uteis pertencem por hum direito da Natureza á familia deste Proprietario. A sabedoria de huma boa Legislação economica consiste em discernir os que concorrem para a regularidade de seu movimento por sua industria, seu talento, sua coragem, e seu trabalho, dos que perturbão sua acção por seus vicios, ou lhe servem de pezo por sua voluntaria inacção. Aos primeiros se deve o soccorro, e assistencia em suas enfermidades, e velhice. Servírão o Estado com todos os meios que possuião, e se os perdêrão, não perdêrão com elles o direito a hum asylo de beneficencia, tem o mesmo direito que tem o Soldado que envelheceo no exercicio das armas, e na defensa da Patria. Devia lançar-se huma finta sobre todos os Proprietarios opulentos, e até sobre os seus desfructadores Rendeiros, para soccorro destes miseraveis a quem devem sua commodidade, e até sua mesma riqueza; por certo não haveria huma Lei mais fundada sobre os principios da Natureza, e da equidade. Os Hospicios destinados pelas Provincias para acolher estes infelizes, devião ser bem differentes daquellas casas que ha por alguns Reinos para recolhimento da mendicidade ociosa, quero dizer, para estes pobres de profissão, que com hum corpo robusto, e huns farrapos enfermos gyrão até pelas mais desconhecidas aldêas a roubar a recompensa do suor dos que trabalhão. Esta classe de vadios me impacienta; o Estado não lhe

deve alimentos, ainda que a Filosofia diga que se lhe devem porque são homens, e que he melhor sustentallos nestes depositos, que expollos á vista da sociedade como chagas vergonhosas, e asquerosas.

Quanto mais numerosa se torna a classe dos que não podem subsistir senão pelo seu trabalho mais cresce a precisão de se manterem, de se conservarem, e de se animarem as Fabricas nas vizinhanças das grandes cidades; e o roteamento das terras para os habitantes das Aldêas, e dos campos. Se todos os que possuem grandes terras a que chamamos Predios rusticos, não tivessem a mania de parecer Cortezãos, se elles em lugar de virem desempedrar as calçadas da Capital com estrepitosas carruagens concentrassem, ou limitassem seu luxo, e sua ambição dentro em suas propriedades campestres, a industria que acha sua morada nas Cidades passaria insensivelmente até aos Casaes, e miseraveis Aldêas, e estas apresentarião aos olhos do homem verdadeiro Filosofo o espectaculo da commodidade e da abundancia; e não representaria a scena da penuria, e talvez que da desesperação.

He pequeno, geograficamente considerado, o Reino de Portugal? Seja assim, mas façamo-lo pela cultura de seus ferteis campos tão grande, tão vasto, tão opulento em recursos agrarios como elle era na época dos primeiros descobrimentos do ultramar. Alimpe-se, monde-se o Reino de vadios, de vagabundos, de tantos ladrões de profissão, que o infestão pelas Provincias, tornando intransitaveis as estradas publicas. Não servem os indigentes, que trabalhão, de pezo ao Estado, servem-lhe de conveniencia. Pergunte-se na Capital a milhares, e milhares de individuos

que se não conhecem: Que fazem aqui? Oh pergunta salutifera! Quem te ouvíra! A segurança publica tambem pende do individual conhecimento dos individuos que formão a sociedade. Que faz aqui, e de que se sustenta aqui? Estes dois quisitos, e a sua cathegórica resposta, talvez livrasse a Capital de mil incommodos, e convertesse o vadiismo em trabalho, a ociosidade em industria, e daria aos campos fertilissimos de Portugal o que elles estão sempre pedindo — Braços. —

ESTADISTICA.

Breve Quadro Estadistico da Europa.

No *Jornal das Viagens* do mez de Agosto se inserio o seguinte artigo, que mostra hum resumido quadro estadistico da Europa; não se pode dizer que seja exacto em todos os pontos; mas quem o poderia fazer com perfeita exactidão? O artigo rendas, por exemplo, anda em muitos paizes envolto em sombras. Por conseguinte esta parte do quadro só póde julgar-se veridica em alguns Estados que publicão annualmente a sua receita e despeza. As outras partes tem mais ou menos verosimilhança; entretanto o todo sempre he digno de attenção, e instructivo. Eis-aqui o dito breve quadro:

A Europa tem de superficie 153:529 milhas geograficas quadradas Alemãs (de 15 ao gráo) (*) ou huma 16.ª parte unicamente da superficie continental da terra. A sua população he avaliada em 180½ milhões de individuos, o que dá, huns paizes por outros, 1177 habitantes por milha geografica quadrada. Deve-se todavia notar que esta população está mui desigualmente repartida; porque

(*) Ou 221:081, 76 leguas quadradas Portuguezas de 18 ao gráo.

se, nos Paizes-Baixos, por exemplo, se contão 4550 habitantes por milha quadrada, na Russia só se contão 447, na Suecia 362, e na Norwega unicamente 118.

A Európa contém 17 nações (isto he, originalmente taes): 1.º Nações que fallão idiomas derivados da lingua Latina (61 milhões, que são os habitantes de Portugal, Hespanha, França e Italia com a Sicilia, Corsega, e mais ilhas do Mediterraneo); 2.º Povos Teutonicos (54 milhões; i. e. os Povos que fallão a lingua Alemã e seus dialectos), Slavos, ou Esclavonios (46 milhões; i. e. os que fallão a lingua Esclavonia e suas derivadas); 4.º Caledonios (3:720:000; i. e. povos da Escocia); 5.º Tataros (3:500:000; i. e. a pequena porção de Tataros, ou Tartaros que habitão na Europa); 6.º Magyars ou Hungaros (3:250:000); 7.º Gregos (2:100:000); 8.º Finnios ou Finlandezes (1:800:000); 9.º Cimmerios (1:610:000); 10.º Vascongados ou Vasconços (630:000); 11.º Arnautas (300:000); 12.º Maltezes (80:000); 13.º Circassianos (8:000); 14.º Samoyedas (2:100); 15.º Judeos (2:060:000); 16.º Siganos (340:000); 17.º Armenios (150:000).

Os Catholicos Romanos andão por 100 milhões; os Protestantes de diversas Communhões, 42 milhões; Gregos Scismaticos, 32 milhões; Mennonitas, 240:000; Methodistas, 150:000; Unitarios, 50:000; Quakers, 40:000; Herrnutheros, 40:000; Mahometanos 2:630:000; e Judeos, 2:060:000.

Classificando cada Estado segundo a sua superficie, população, e rendas *ordinarias*, e a parte com que cada individuo contribue, huns por outros, para a despeza publica, vê-se que deverião respectivamente occupar a ordem seguinte:

Superficie. 1.º a Russia, 2.º a Suecia, 3.º a Austria, 4.º a França, 5.º a Turquia, 6.º a Hespanha, 7.º a Grã-Bretanha, 8.º a Prussia, 9.º a Alemanha, 10.º a Dinamarca, 11.º as Duas Sicilias, 12.º Portugal, 13.º a Sardenha, 14.º os Paizes-Baixos, 15.º a Suissa, 16.º os Estados Ecclesiasticos, 17.º a Toscana, etc.

População. 1.º a Russia, 2.º a França, 3.º a Austria, 4.º a Grã-Bretanha, 5.º a Alemanha, 6.º a Hespanha, 7.º a Prussia, 8.º a Turquia, 9.º as Duas Sicilias, 10.º os Paizes-Baixos, 11.º a Sardenha, 12.º Portugal, 13.º a Suecia, 14.º os Estados Ecclesiasticos, 15.º a Suissa, 16.º a Dinamarca, 17.º a Toscana, etc.

Rendas. 1.º a Grã-Bretanha, 2.º a França, 3.º a Russia, 4.º a Austria, 5.º a Alemanha, 6.º os Paizes-Baixos, 7.º a Prussia, 8.º a Hespanha, 9.º a Turquia, 10.º Portugal, 11.º as Duas Sicilias, 12.º a Sardenha, 13.º à Suecia, 14.º a Dinamarca, 15.º os Estados Ecclesiasticos, 16.º a Toscana, 17.º a Suissa, etc.

Porção com que contribue cada individuo para as despezas publicas. Este ultimo calculo he o mais curioso; porque mostra o que cada individuo paga annualmente, huns por outros, em cada paiz; a saber: em Inglaterra vem a pagar cada pessoa 52 francos e 17 centímos ou centésimos de franco (8347 réis cada anno); nos Paizes-Baixos 28 fr. 5c. (4520 réis); em França 19 fr. 71c. (3137 rs.); em Alemanha 16 fr. 6c. (2570 rs); na Russia 15 fr. 88c. (2540 rs.); na Dinamarca 14 fr. 60c. (2336 rs.); em Portugal 13 fr. 58c. (2173 réis; aqui ha engano, òu por falta de conhecimento das rendas, ou por demaziado augmento na população; porém considerando esta em 3 milhões, deve-se calcular 15 francos, pelo

menos, ou 2400 rs. a cada individuo); na Prussia 13 fr. 13c. (2102 rs.); em Hespanha 12 fr. 60c. (2016 rs.; tambem he mui diminuto o calculo); na Sardenha 12 fr. 5c. (1928 rs.); na Austria 11 fr. 68c. (1978 rs.); nos Estados Ecclesiasticos 9 fr. 49c. (1520 rs.); na Suecia 9 fr. 31c. (1490 rs.); na Toscana 9 fr. 12c. (1470 rs.); na Turquia 9. fr. 4c. (1446 rs.); nas Duas Sicilias 7. fr. 97c. (1277 rs.); e na Suissa 5 fr. 47c. (876 rs.) etc. Esta ultima quota he a mais pequena de todos os Estados da Europa.

Em outro artigo do mesmo Jornal se vê que ha em Inglaterra e no paiz de Galles 308$ Catholicos, 50$ dos quaes existem em Londres, e que na Irlanda sobem os Catholicos a cima de tres milhões; que se contão 900 Igrejas Catholicas em Inglaterra, e que ha sete membros Catholicos na Camara dos Pares. — D'onde se colhe que huma quinta parte dos subditos Britannicos na Europa são Catholicos.

Observaremos sobre a divisão e denominação dos Povos que habitão a Europa, que, se bem possa considerar-se exacta a que acima dá o author do artigo, deduzida das linguas mãis, he com tudo mais perceptivel a seguinte enumeração com que *Frederico Schoel* principia o seu *Quadro dos Povos que habitão a Europa*, e por isso aqui a pomos pelas suas palavras, traduzidas em Portuguez:

" Trinta e quatro povos habitão a Europa. Indo do Occidente para o Oriente e Norte, e depois voltando dalli ao Sul, nós os achamos na ordem seguinte: os *Portuguezes*, os *Hespanhoes*, os *Vasconços* ou *Vascongados*, os *Francezes*, os *Baixos-Bretões*, os *Inglezes*, os *Gallos* ou *Gallezes*, os *Escocezes*, os *Irlandezes*, os *Hollandezes* e *Flamengos*, os *Alemães*, os *Dinamarquezes*, os *Islandezes*,

os *Norweguezes*, os *Suecos*, os *Laponios*, os *Finnios* ou *Finlandezes*, os *Esthonios*, os *Livonios*, os *Russos*, os *Luthuanios*, os *Polacos*, os *Lusacios*, os *Bohemios*, os *Valacos*, os *Turcos*, os *Gregos*, os *Albanezes*, os *Hungaros*, os *Servios*, os *Croatos*, os *Wandalos*, os *Grisões*, e os *Italianos*, sem contar tres povos que, se bem que espalhados em parte da Europa, lhe são estranhos, a saber: os *Judeos*, os *Armenios*, e os *Siganos*.

" Olhando como a mesma nação todos os povos cuja lingua indica huma origem commum, podem estas trinta e quatro nações reduzir-se a doze classes, ou grandes familias, que são os *Vascongados*, os *Celtas*, os *Cimbros*, os *Germanos*, (tanto *Teutonios* como *Escandinavos*); os povos cuja lingua vem do *Latim*; os *Esclavonios*, os *Gregos*, os *Turcos*, os *Lithuanios*, *Lettões*, ou *Latuos*, os *Finlandezes*, os *Hungaros*, *e os Albanezes.* "

LITTERATURA.

Notavel historia.

He grande a malicia, e o artificio dos homens! sabem dar com sagacidade hum ar de força sobrenatural áquelles objectos, que são fructos de suas ardilosas combinações. O povo he victima de seus enganos, porque o vulgo de ordinario he pouco reflexivo, e considera como hum prodigio sobrenatural o que não he mais que hum resultado do engano, da mentira, e do arteficio. A seguinte historia desenganará a muitos, e lhes fará vèr qual seja a origem dos erros populares e das crenças successivas, que passão de geração em geração sem exame, e sem testemunhos.

Hum official Austriaco, chamado o Barão de W..., que servio na ultima guerra contra os Turcos no Regimento de Hússares de Czekler, e que assistio alguns annos em Berlim, gostava de contar nas companhias muitos casos que lhe havião acontecido no decurso de suas campanhas. Na Primavera do anno de 1788, dizia elle, parti de Alidos-Var, Cidade da Transylvania, para conduzir recrutas ao meu Regimento que se achava acampado nas vizinhanças de Orsowa. Em huma Aldêa vizinha ao acampamento morava huma *Bohemiana (Sigana)*, que tinha o mister de Vivandeira. Os novos soldados (gente por extremo supersticiosa)

lhe pedião muitas vezes que lhe lêsse a *baena dicha*: zombava eu delles, e rindo de sua rustica simplicidade offereci tambem hum dia á adivinhadora a palma da mão direita, para escutar, como os soldados, os decretos da minha sorte. — *Vinte do mez de Agosto*, gritou ella, tomando hum ar muito significativo; e sem accrescentar mais huma syllaba, tornou a gritar: — *Vinte do mez de Agosto*! Pedi-lhe alguma explicação deste oraculo, porém não fez mais que repetir as mesmas palavras: — *Vinte do mez de Agosto*: devia eu puxar do sabre, e cortar-lhe a cabeça; porém rindo-me do caso me retirei, e já em distancia ainda lhe ouvi dizer: — *Vinte do mez de Agosto.* Todos se persuadiráõ, qne esta data me devia ficar profundamente gravada na memoria.

Chegámos ao Exercito, para participarmos com elle dos trabalhos, e dos perigos. Sabia-se muito bem que nesta guerra os Turcos não querião fazer prisioneiros. Os Generaes tinhão promettido, e davão hum ducado por cada cabeça Alemã que os soldados lhe apresentassem. Nem os Janizaros, nem os Sipais perdião occasião de o ganhar. Este commercio era fatal, e sobre tudo aos nossos Postos avançados. Não havia huma só noite em que os Turcos não viessem com forças superiores ao negocio das cabeças; esta manobra Turca era feita com tanto segredo, e promptidão, que raras vezes deixavão de fazer hum lucrativo mercado, e quando muitas vezes amanhecia, viase huma parte do campo guardada por troncos decapitados. O Principe de Coburgo, passou ordem que todas as noites se lançassem fóra grossos Piquetes de cavallaria, além da linha das Vedetas para as defender. Compunhão-se estes Piquetes de cem a duzentos homens; porém os Generaes Tur-

cos, irritados de vêr falhar o commercio, mandavão destacamentos ainda mais fortes contra os nossos Piquetes, o que lhes deo hum consideravel lucro. O serviço dos Piquetes se tornou de tal natureza, que os Officiaes nomeados não se esquecião de fazer suas disposições testamentarias.

Tinhamos entrado já por Agosto, e ainda que houve muitos combates parciaes, não fizerão mudar as respectivas posições dos Exercitos. Oito dias antes do dia vinte vi apparecer no campo a minha *Bohemiana*, a quem tinha comprado muitas vezes as necessarias provisões. Entrou hum dia na minha barraca, e me disse, que lhe deixasse hum legado em meu testamento no caso que eu morresse no dia que ella me havia prognosticado, obrigando-se, se falhasse o seu prognostico, a darme hum quarto de vinho de Tokai. Este vinho não só era precioso, porém mui raro em todo o exercito; cuidei na verdade que a mulher tinha enlouquecido de todo. Na posição em que eu estava, huma morte proxima não excedia os limites da verosimilhança; mas eu não encontrava razão sufficiente para esperar esta morte infallivel no dia vinte de Agosto. Concordei nas condições do negocio, e depositei dois cavallos, e cincoenta ducados contra o barril de vinho de Tokai, e o Auditor do Regimento, rindo muito, quiz fazer a escritura do contracto com todas as formalidades de Direito.

Chegou em fim o dia 20 Agosto, e não havia nem disposições, nem sinaes de combate; he verdade que segundo a distribuição *(o detalhe)* pertencia ao meu Regimento dar naquella noite o costumado Piquete, porém dois Officiaes meus camaradas me devião preceder. Chegou a noite, e como os Hússares se preparassem para partir,

chega o Cirurgião do Regimento, e diz ao Commandante, que o Official nomeado para o Piquete cahíra perigosamente enfermo. Vá o que se segue, disse o Commandante; vestio-se á pressa, e mandando entrar na fórma os soldados, o cavallo em que montou, a pezar de ser manso, e experimentado, fez tantas curvetas, deo tão desconformes saltos, que lhe fez perder a sella, e cahindo, quebrou huma perna. Chegou-se então a minha vez, parti; e confesso, que me senti com huma disposição de animo muito differente do ordinario.

Hia commandando oitenta homens, a que se unírão mais cento e vinte de outro Regimento, que compunhão hum corpo de duzentos soldados. O nosso posto era a mil passos além da ala direita ou linha do flanco direito do exercito, e nos apoiavamos em hum paúl coberto de canas muito altas; não tinhamos sentinellas avançadas, porém ninguem se apeou; a ordem mandava que tivessemos o sabre desembainhado, e a carabina armada até apontar o dia. Tudo esteve tranquillo até á huma hora e tres quartos da noite, então ouvimos hum grande estrondo, e depois grandes gritos de = *allahá*! = e em hum minuto todos os cavallos da primeira linha forão deitados a terra, ou pelo fogo, ou pelo arremeço de setecentos a oitocentos Turcos; não tiverão menos mortos da sua parte, ou pela impetuosidade da sua mesma carga, ou pelo fogo das nossas carabinas; os Turcos conhecião o terreno, e em hum instante fomos envolvidos, e destroçados. Feria-se de ponta, e de fendente; fazia-se fogo, e muitas vezes ao acaso; recebi oito feridas, ou golpes de sabre, tanto dos Turcos como dos meus mesmos soldados; o meu cavallo cahio ferido mortalmente; fiquei com a perna direita debaixo, e encravado na arêa en-

sanguentada. Ao clarão dos tiros de pistola eu descobria toda esta carniçaria. Levantei os olhos, è vi que os nossos se defendião com a coragem da desesperação; porém os Turcos bebados de opio fazião huma horrivel matança. Poucos minutos passárão, e já não existia hum só Austriaco de pé. Os vencedores se apossárão dos cavallos que ainda podião servir, roubárão os mortos, e os feridos, começárão depois a cortar cabeças e a mettellas em sacos, que para isso trazião de proposito. Não era muito para invejar a minha sorte. No corpo de Czekler quasi todos sabemos a lingua Turca. Eu os ouvia animarem-se mutuamente a acabar com a empreza antes que chegasse soccorro, e a não deixar perder hum só ducado, affirmando que os Austriacos erão duzentos, e conheci que estavão bem informados. Em quanto passavão por cima de mim, e pernas, braços, e mallas voavão sobre a minha cabeça, o meu cavallo recebeo huma forte pancada que o obrigou a fazer hum movimento convulsivo; pude desembaraçar a perna, e tive a lembrança (se podesse) de me esconder entre os canaviaes do paúl. Muitos soldados dos nossos tinhão tentado o mesmo, mas erão apanhados pelos Turcos; porém tendo-se calado mais o fogo, a obscuridade me deo algumas esperanças, não tinha mais que vinte passos a dar; mas tambem tinha o medo de cahir; saltei com tudo por cima de homens e de cavallos, deitei a terra mais de hum Turco, estendião os braços, deitavão-se a mim com golpes de sabre; porém quiz a minha ventura, ou a minha agilidade, que chegasse ao paúl. Atasquei-me até ao joelho, porém assim mesmo fui dando mais alguns passos até ao canavial, e parei já de cançado, e desfallecido, e de lá ouvi hum Turco que gritava:

— *Hum infiel se escapou, he preciso buscallo!* — Outros respondêrão: — *Isso he impossivel no paúl.* — Não sei se o intentárão, porque o sangue que eu tinha perdido, me fez cahir em tal fraqueza, que fiquei muitas horas sem sentidos; quando tornei a mim, já o Sol hia mui alto. Estava mettido no lodo até á cintura: arripiavão-se-me os cabellos, quando me lembrava dos perigos da noite; e o dia vinte de Agosto foi a minha primeira idéa, ou primeira reflexão. Contei as feridas, erão oito, porém nenhuma perigosa, erão golpes de sabre nos braços, no peito, e nas costas. Como as noites de Estio são muito frescas neste paiz tinha levado vestida huma pelissa muito grossa, que me servio de embotar alguma coiza os golpes. Com tudo isto sentia-me muito fraco, appliquei o ouvido, e percebi que os Turcos se havião retirado. Ouvia os urros, e os gemidos dos cavallos feridos no campo da batalha; em quanto aos homens, os Turcos tinhão posto isso em muito boa ordem, porque nem hum só existia. Procurei sahir do lugar em que estava, e o consegui depois do trabalho de huma hora; o rasto que tinha deixado quando entrei no paúl me guiou. Ainda que huma guerra contra os Turcos embote toda a sensibilidade, com tudo, senti em mim hum movimento de temor, posto que me visse só, quando deitei a cabeça fora das espessas canas: marchei, e vi o campo da horrivel carniçaria; e que espanto foi o meu quando me senti de repente tomado pelos braços! Vi hum Arnauta, de altura de seis pés, que sem duvida tinha tornado atrás a vêr se achava alguma coiza mais que roubar. Nunca huma esperança se vio tão cruelmente frustrada! Disse-lhe em lingua Turca: — Toma o meu rolojo, o meu dinheiro, o meu uniforme, e não me mates. —

Tudo isso me pertence, respondeo elle, e além disso, tambem me pertence a tua cabeça. Dizendo isto desatou os cordões da minha barretina de Hússar, e depois tirou-me a gravata; eu estava desarmado, e não me podia defender; á menor acção que fizesse me enterrava no peito hum largo punhal; abracei-o pela cintura supplicando-lhe me não matasse em quanto elle se occupava em me descobrir o pescoço. Tem piedade de mim, lhe dizia eu, a minha familia he rica, faze-me prisioneiro, e receberás por mim hum grande resgate. Isso traz comsigo muitas demoras, deixa-te estar quieto para te poder cortar o pescoço, e já hia tirando o alfinete da minha camiza, para poder cortar mais á sua vontade. Com tudo eu não deixava de o ter abraçado pela cintura; não se oppunha a isto, porque se fiava em suas forças, e em suas armas, e talvez que por huns restos de compaixão que não podião contrabalançar a esperança de hum ducado. Quando me estava tirando o alfinete de peito, senti huma coiza dura na sua cinta, e era hum martello de ferro. Ainda me dizia: — Deixa-te estar quieto; — e estas erão por certo as ultimas palavras que eu tinha de ouvir na minha vida, se o horror de huma tal morte me não inspirasse a lembrança de lhe tirar o martello; não deo por isto, e já pegava com huma mão em minha cabeça, e tinha o sabre na outra; então com hum movimento, e violento impulso me desprendi da cinta, e sem perder hum instante lhe descarreguei com todas as minhas forças huma grande pancada na cara; o martello era mui pezado, e o golpe não falhou; o Arnauta tremeo, e vacillou atordoado, e deixou cáhir o sabre: não he preciso dizer que o tomei, e lho metti muitas vezes no corpo. Corri para as guardas avançadas,

cujas armas via brilhar ao longe feridas do Sol. Fugião diante de mim, como da vista de hum Espectro. No mesmo dia fui atacado de huma febre ardente, e me levárão para o Hospital. No fim de seis semanas sarei da febre, e das feridas, e tornei para o exercito: apenas cheguei me trouxe a Bohemiana o barril de vinho de Tokai; e soube por outros, que no tempo da minha ausencia se havião verificado diversos prognosticos que ella tinha feito, e que lhe tinhão vindo á mão diversos legados e deixas, o que he na verdade coiza estranha, e admiravel. Com tudo, chegárão dois transfugas do inimigo; erão dois Christãos da Servia, empregados nas bagagens do exercito Turco, e que desertavão para evitar hum castigo que tinhão merecido. Apenas vírão a Profetiza a reconhecêrão, e declarárão que ella hia muitas vezes de noite ao campo dos Turcos, e lhe dava parte dos nossos movimentos. Isto nos espantou muito; porque esta mulher nos havia feito grandes serviços, e nos admiravamos da sagacidade com que desempenhava as commissões mais perigosas: porém os transfugas persistírão em seu testemunho, accrescentando, que tinhão sido presentes muitas vezes, quando esta mulher descrevia aos Turcos as nossas posições, e os animava a tentar ataques que com effeito tinhão acontecido. Huma cifra Turca lhe servia de passaporte. Achou-se-lhe este documento convincente, e foi condemnada á morte dos Espiões. Antes da execução eu a interroguei de novo sobre o prognostico que me tinha feito; confessou que por meio de sua dobre espionagem, que lhe rendia muito, sabia muitas vezes o que devia acontecer de huma, e de outra parte, que os que a consultavão sobre a sua sina lhe confiavão muitas coizas, e que as outras as devia ao

acaso. Quanto ao que particularmente me dizia respeito, ella me havia escolhido para dar hum exemplo capaz de confirmar o seu crédito, fixando com tanta antecipação, e ao acaso, o meu termo fatal. Vendo chegar este prazo, tinha excitado o inimigo a tentar na noite de 20 de Agosto contra os postos do meu Regimento hum ataque. As relações que tinha com os Officiaes lhe mostrárão que havia dois que devião ir adiante de mim, que ao primeiro tinha dado hum vinho composto que o fez de repente adoecer; em quanto ao outro, tinha buscado no momento da partida occasião de se chegar a elle depois de ter montado, em ar de lhe fazer algum serviço, e que com muito disfarce conseguio metter em huma das ventas do cavallo hum pedaço de panno a arder, que o obrigou a dar os saltos que o desmontárão.

Caso verdadeiramente notavel, e que deve ensinar o povo a não dar supersticiosamente crédito a embusteiros, porque tudo o que he sobrenatural depende unicamente de Deos, como Senhor e Arbitro da Natureza, cujas Leis prescreveo, e que he só quem conhece os futuros contingentes.

CRITICA MORAL.

Retrato que tem muitos Originaes.

Huma boa e verdadeira comedia he a transplantação das scenas da vida civil para as taboas de hum theatro, de maneira que o ouvinte alli veja em figura o que no Mundo se observa em realidade, vendo na acção, e nos actores os retratos, ou copias dos originaes que vê na sociedade; e tanto mais perfeita he a comedia, quanto mais exacta, e conforme he a similhança entre o visto, e o representado. Se esta applicação he facil ao vulgo, se elle não sente mais que o trabalho da reminiscencia, quando confronta, o Poeta tem conseguido o seu fim, e o seu difficil mister está cabalmente desempenhado. Os costumes refórmão-se quando sobre elles se lança com decencia o fel do ridiculo; e que coiza mais util que representar ao vivo, e ao natural certas figuras de que tanto abunda o presente Mundo, e que de tanto pezo lhe servem, que parece que elle mesmo está pedindo que de si as desterrem! Não haverá individuo no vulgo que não reconheça no retrato que vai vêr muitos originaes que tem visto; observando neste papel representado o que observa vivo por essas ruas.

Que grande coiza he ser rico! Que grande coiza he ser Morgado opulento! Que grande

coiza he ser hum joven Negociante filho de hum Negociante ancião, que haja deixado a este joven filho grandes, e atulhadas burras, e grossos cabedaes, ou em gyro no commercio, ou enterrados em fazendas mais pingues e dilatadas que Condados, e Marquezados! Que grande coiza he ter grande dinheiro! Eu por desgraça não o tenho! Tambem não se me dá muito disso. Conheço hum amigo que o tem; mas não lho invejo, nem lho peço. Mas a vida regalada, e divertida que elle leva, sem saber que coiza he huma penna, hum tinteiro, huma luz, e huma longa noite, me dá lugar a grandes, e sérias reflexões! Elle he ainda muito rapaz, e tendo eu já (com bem o diga) mais de cincoenta e quatro annos, me inveja a robustez, a agilidade, a integridade, e a força das acções animaes; escrevo sem óculos, nem interponho entre os olhos, e a luz a bandeira do candieiro, dou passeios de mais de legua; o que se faz na Botica ainda me não entrou pela boca, nem entrará, conservando o lume no olho; doenças ainda não vierão; repléções, indigestões, cruezas, são para mim palavras Armenias, nem pelo nome as conheço; nem a mudança do tempo acha em mim cálos de que faça hum Reportorio. Tudo isto me inveja o meu amigo, só porque de vez em quando com tão pouca idade he atacado de huma boa dóse de gota; mas tem dinheiro; porém creio que só eu existo no Mundo que a não queira pelo cabedal que elle possue. Tem huma casa mui bella, e soberbamente adereçada de riquissimos moveis de gosto Grego, ou Inglez, seja o que for; a casa he no melhor sitio da Cidade, e nos suburbios grandes Quintas; tem creados, carruagens, meza opípara, commensaes festivos, assignatura de camarote no Theatro Nacional, e no Italiano; tem

companhias, e partidas a escolher por todos os dias da semana; Damas de extremada formosura, graça e *honestidade*, que disputão o seu coração, e talvez que o seu dinheiro! Ser querido das Senhoras!! Oh! que ventura, e que passo tão azado para o Hospital!! Cada dia lhe sahe hum casamento; porque em fim este Adonis he solteiro, e ha pais de familias tão tontos que se persuadão que este Orate queira tomar estado! Levanta-se regularmente ao meio dia todas as manhãs, e depois de tomar na cama ou chocolate, ou café com leite, ou camarões com ovos e vinho do Porto á Ingleza, e depois de meia hora mais de conferencia espirituosa com alguma visita, ou de escutar a leitura de alguma Novella *(das edificantes)* v. g. a Justina, a Thereza Filosofa, o Compadre Matheus, segue-se o toucador, veste-se então com toda a proluxidade, e cosmeticismo de huma Láis Parisiense; sahe no carrinho atropelando a gente pelo meio do Rocio, (como se este á roda não tivesse calçadas, para nos livrarem a nós os peões, de contínuos sustos). Abre caminho por toda a parte, e depois de ter corrido noventa e nove ruas sem fazer nada mais do que olhar rapida, e estupidamente para tudo, recolhe-se ás quatro da tarde, come muito, bebe muito, ajuntão-se na sua meza garrafas que nunca se poderião vêr pela sua posição geografica, se não houvesse muitos similhantes a este meu amigo: o Rheno, e o Cabo da Boa Esperança alli estão juntos; Chypre, e a Madeira são alli camaradas; o Tokai, e o Pico alli se fazem conhecidos, e alli se misturão. As chufas, e muitas vezes as blasfemias dos *convivas* (grandes engenhos!) se cruzão de parte a parte: o estrepito da orgia amotina a vizinhança. Que *planos* de Politica alli se tração! De tarde não

passea, se he de inverno, porque não tem tempo; se he de verão, apea-se á porta do Passeio (e que amigos não estão sempre a esta porta!) e ouvida a chronica escandalosa das entrantes, espera a hora do Theatro, e vai a ambos; que para isso em ambos tem camarote effectivo, pago com o seu dinheiro; nunca vio as *Peças*, ainda que sejão as do moderno Roscio Amerino, e do mesmissimo Moliere, senão pelo rabo, ou pela cabeça; porque em hum theatro vê o principio, no outro theatro vê o fim, e ás avessas. Vê ás vezes a dança, se he de inventor acreditado; se ha *deglutição* de espadas, tambem a vê. As suas vistas nunca se dirigem ao Proscenio, ao Palco, ás taboas; ou se fitão nos camarotes fronteiros, ou olha transversal, como huma gallinha, para os das ilhargas; isto he da etiqueta dos peralvilhos, e annuncia aos espectadores da platéa a plenitude da sciencia theatral, que o homem por longo uso tem adquirido; já sabe o que aquillo he; não olha para lá. Interrompe muitas noites o espectaculo se tem partida de jogo, em casas muitas vezes mais perigosas que o solitario Pinhal da Azambuja; alli se rouba á luz de vélas de sebo da Russia com huma tranquillidade serafica. Em fim, dá huma hora da noite, ás vezes duas, e o meu bom homem se recolhe a cear dez pratos quentes, e cinco pratos frios, bebe como costuma, deita-se, não passando revista ao que fez aquelle dia, mas ao que deve fazer no seguinte, que com rarissimas excepções vem a ser o mesmo, comer, beber, passear em pés d'outro, jogar, namorar, dormir, divertir-se, finalmente gozar da vida, que para elle he não fazer nada. Este Sibarita no meio de seus prazeres, efeminado, e molle, tem a condição de hum Tigre para com seus domesticos, he

hum flagello da triste familia, muda todos os momentos de creados, tem aborrimentos que o tornão intoleravel a si, e insupportavel aos outros, tem distracções, ou velhacarias ao jogo, que se não fosse hum poltrão, e hum cobarde, teria morrido ás estocadas em mil desafios. A pezar de suas pingues rendas, tem já suas questões com alguns rebatedores a quem o vulgo *(mal informado)* costuma chamar usurarios. Confessa, ou declara a seus amigos em confidencia que o Azougue lhe não tem feito nada bem; tem certa aridez na cutis, e certos signaes da ultima decrepitude nas feições do rosto; as suras são magras, e as tibias edematosas, a prominencia, ou protuberancia nos artelhos he permanente ainda depois de passado o accesso da gota, em huma palavra, não tem saude, e promette mui pouca duração, he amigo dos Medicos, conserva hum de partido, que com elle janta os mais dos dias, e come e bebe tanto como elle, ou mais do que elle. Não he huma raridade neste seculo, he huma prova da *pureza* de sua moral; este opulento mandrião dá a vêr em si, entre as grandes curiosidades do Gabinete — Mundo — hum perfeito velho de vinte cinco annos. He, além do referido acima, hum grande Filosofo, não teme a morte, diz elle, se não pelas saudades, que delle hão de ter algumas Senhoras da sua amizade, e pelo desalento em que hão de ficar as companhias com a sua falta. Quer esconder comsigo no tumulo a sua posteridade; mas isto nelle não he Filosofia, eu conheço, e o povo comigo, que he outra coiza, são resultados de alguns achaques, que lhe acarretárão hum impedimento fysico, e dirimente do matrimonio. Graceja sobre isto, e sabendo que eu sou curioso de algum versinho de arte menor, me pedio outro dia

diante do seu Medico lhe fizesse hum Epitafio para a sua sepultura; o Medico não gostou delle, mas como eu gosto de servir os amigos fiz o seguinte:

Aqui jaz hum Opulento
Em marmorea sepultura;
Que, se escapou da doença,
Não pôde escapar da cura.

Nem brevemente do Cura, accrescentou elle; mas se viver pouco, ao menos ficaráõ cá dizendo que vivi á minha vontade. — E com effeito isto he que he vida, porque eu... gozo perfeita saude, isso he verdade, e tão adiantado em annos que conto quatro sobre meio seculo, ainda tenho a agilidade, e robustez da juventude; vivo são como hum pero; o varão tenaz, e justo da Ode de Quinto Horacio Flacco não veria com mais indifferença do que eu cahir-lhe o Ceo feito em hastilhas em cima da cabeça; mas para viver nesta região serena, e acima do alcance de todas as paixões, preciso de pão; e pão... ó pão, que trabalho custas, quando he preciso caminhar pelas veredas desta coiza chamada honra, e independencia! Então não he melhor ter muito dinheiro, que renunciar o descanço, o prazer, e as *doçuras* da ociosidade? Mas a gota? Mas a morte? Mas os Medicos peiores que a morte? Meu amigo Morgado, e opulento,

Mens sana in corpore sano,

diz o ralhador Juvenal, e digo eu, sem lhe invejar as suas riquezas, e muito menos a sua gota.

Carta remettida.

" Senhor Redactor:

" Pelos artigos que compõe o I.º N.º do seu Jornal vejo que v. m. se esquece do mais necessario, do mais util, e do mais proveitoso no presente tempo, que vem a ser aquelles discursos de huma moral pratica, que reprehende com doçura os vicios, e ensina com facilidade as virtudes. As Leis não tem vigor, se os costumes se não reformão, e huma das fontes proximas da estragação dõs costumes he a mania, ou o furor epidemico da leitura das Novellas; não será indigno de hum lugar no seu Jornal o que lhe vou referir.

" Achava-me outro dia em huma loja de livros ao Chiado, casas que ha annos a esta parte estão ás moscas; entrou hum sugeito desta Provincia da Estremadura com huma carta aberta na mão, e com a carta hum catálogo, ou rol de livros que se procuravão. Leo o livreiro em voz alta, e intelligivel este rol, era o Inventario das Novellas mais insulsas, mais tediosas, mais somniferas com que a França nos tem regalado ha tempos a esta parte, sem exceptuar o Senhor *Cleveland*, e a Senhora *Clara*. Cheira-me isto, lhe disse eu, a formar a Bibliotheca de algum Peralvilho, ou namorador! Não Senhor, respondeo elle; isto he encomenda de hum sugeito da Provincia, que tem quatro filhas, ou quatro sobrinhas, a educar em huma Clausura (casa de Freiras), e deseja que se occupem n'alguma coiza com que possão sustentar huma conversação festiva, e animada, ou quando são procuradas alli, ou quando voltarem para este valle de lagrimas que se chama o

Mundo; quer que tomem, ao menos especulativamente alguma tintura do tom do Mundo, e que conheção todos os cantos, e recantos do coração humano, *que aprendão com propriedade a Lingua Portugueza nas traducções*, e que a final se habituem radicalmente á virtude que ensinão estes livros, e bem aconselhado por sugeitos habeis, e bons conhecedores, fez esta eleição, lisongeando-se de concorrer assim para a perfeita educação das quatro Donzellas. — Eu não me fartava, Senhor Redactor, de fazer cruzes ao escutar similhante destempero, ou disparate; mas o astuto Livreiro me tranquillisou, dizendo: de pouco se espanta, e assusta v. m.; se eu pudéra trocar todo este diluvio de livros que v. m. vê por hum bom surtimento destas Novellas, e de outras que taes, talvez tivesse já huma boa Quinta nos suburbios desta Capital. Por cada hum dos livros, que de mezes a mezes vendo nos diversos ramos de Sciencias, e Artes, vendo doze duzias de Novellas Francezas, e vertidas em *bom* Portuguez; e isto não he só para Educandas de Convento, mas para as Educadoras, e Educadores das Educandas, para Senhoras de alta, de meã, e de infima jerarquia, para Becas, para Cucullas, para Capuchões, para Bandas, para Cocáres, para Borlas Doutoraes, para Donatos, em fim para os affeiçoados, cujo numero excede as forças, e os recursos do algarismo. Eis-aqui, lhe respondi eu, hum pouco cabisbaixo, porque ha tanta frivolidade, e tão pouco suco, e miôlo em nossos discursos, tratos, e costumes; eis-aqui porque os limites da corrupção não tem limites. Eis-aqui o que tem feito as Damas do seculo, e as que estão fóra do seculo, tão *sentimentaes*, tão elegantes, facundas, eloquentes, e espirituaes, que para con-

tarem os estragos de huma constipação que atacou huma cadelinha felpuda da sua estimação, chorão, e fazem chorar os ouvintes: eis-aqui porque as suas cartas doces, e ternas abundão em tantos tropos, e figuras de Rhetorica. Contra isto, Senhor Redactor, se quizer fazer hum serviço á Moral publica, empregue a sua bellicosa eloquencia. Ao menos veja se pode tirar de todas as Novellas hum Jardim obrigado, no qual ha sempre, e infallivelmente, huma porta pequena, por detrás d'hum espaldar, por onde os amantes se escapão, quando vão casar contra vontade de seus pais. — Sou, etc."

BELLAS ARTES.

Noticia do Panorama de Jerusalem que se acha exposto ao publico em París.

De todas as applicações que se tem dado modernamente dos conhecimentos scientificos á pratica das Artes, nenhuma tem sido tão notavel pela sua originalidade e por seus effeitos como a invenção do *Panorama*, ou representação pinturesca de hum vasto terreno em que o genio do artista e o calculo do homem scientifico se reunem para produzir no espectador a mais completa, e a mais incomprehensivel illusão.

As principaes causas da verdade da representação do Panorama, são a disposição da luz do Sol conduzida e moderada por meios que o espectador ignora, do modo que a sua repartição seja igual em todos os pontos do quadro; e a forma circular deste, que não permíte ao espectador nenhum ponto de comparação com algum outro objecto que não seja o mesmo quadro.

Para comprehender-se o que acabamos de expôr, convem dar huma ligeira descripção das principaes disposições dos Panoramas. Depois de subir por huma escada comprida allumiada escassamente com luz artificial (e não sem justo motivo), chega o espectador a huma torre circular em que ha duas galerias concentricas e elevadas huma so-

bre a outra. Damos-lhe o nome de torre por causa do effeito optico; mas em realidade não he mais que huma plataforma, cuja elevação sobre o nivel da sala he absolutamente impossivel calcular. Esta torre ou duplicada galeria está coberta por hum tecto circular sustentado por huma só columna central. Collocado o espectador em qualquer ponto de ambas as galerias, a qualquer parte que se volte, não vê mais que as diversas partes do paiz representado, exactissimamente do mesmo modo que se podem vêr, por exemplo, a campina e os arredores de Sevilha desde o mais alto da *Giralda* (ou Grimpa da torre da Sé de Sevilha) ou a Bahia de Cadiz e todos os seus contornos desde a Torre de Tavira. A parte inferior da representação fica occulta ao espectador por meio de huma grande aba ou cornija saliente desde a parte mais baixa da galeria inferior, de modo que se tomárão escrupulosamente todas as precauções a fim de que desappareça todo o artificio, e todo o vestigio da mão do homem.

O Panorama exposto actualmente á curiosidade dos habitantes de París, representa a Cidade de *Jerusalem*, vista da torre de hum Convento Grego que está no meio della. O author viveo muitos mezes nos sitios que pintou, e segundo o testemunho dos dois illustres viajantes *Chateaubriand* e *Forbin Janson*, nada falta á exactidão da verdade; tanto, que ambos reconhecêrão as casas que habitárão durante a sua estada naquella Cidade.

Posto na galeria o espectador, vê huma immensa extensão de terreno; o Ceo com a sua còr, diafanidade, e modificações; a Cidade, edificada nas quatro collinas de Sion, Acra, Moria, e Gion; os muros, os jardins, as casas, os templos, os

arrabaldes, tudo em seu verdadeiro ponto de vista, e com tanto realce e tão sabia distribuição de sombras, que ainda mesmo os versados nesta classe d'espectaculos tem julgado que em certos pontos ha com effeito algum relevo sobre a superficie pintada; e não he assim.

No meio desta infinidade de objectos, o primeiro que chama a attenção he a Igreja do Santo Sepulcro. Consta de tres Igrejas distinctas; a do Sepulcro, a do Calvario, e a da Invenção da Cruz. A parte superior desta mole, que he a que o Panorama apresenta, indica muito bem a mencionada distribuição. A magestosa singeleza das cupulas forma hum espectaculo novo aos olhos do Europeo. Detrás deste edificio e de duas Mesquitas immediatas, se estende hum grande tracto de terreno árido e montanhoso. Descobre-se no meio a parte septentrional do Lago *Alfaltite*, ou Mar morto, que onde se perde o rio *Jordão*, e onde perecêrão as Cidades de *Sodoma* e *Gomorra.* O author representou com summa destreza o carregume da atmosfera que circunda este Lago, cujas aguas mortiferas e bituminosas, despedem exhalações que destroem toda a especie de vegetação.

Em certa distancia do Templo e das Mesquitas se devisão as ruinas da Casa de *Pilatos*, aonde o Salvador foi conduzido, açoitado, e apresentado ao povo com a inscripção: *Ecce homo*; (Eisaqui o homem).

A fortaleza conhecida com o nome de Castello de *David* apresenta ao espectador huma grande massa: não só pela sua proximidade ao sitio, d'onde se vê a representação, mas porque com effeito he hum dos mais vastos edificios da moderna *Jerusalem.* Aqui he onde o author envidou o resto da sua destreza no manejo das sombras e

da perspectiva. He tal a illusão que produz, que o homem mais versado em optica e em artes, de modo nenhum pode calcular, nem mesmo aproximadamente, a distancia em que está collocado o pano, ou muro, pintado. Não se acha fundamento em que se possa estribar esta supposição: não ha remedio senão ceder ao imperio do Artista, e confessar a superioridade do seu telento. (*)

Sem embargo disto, commetteo huma falta que destroe hum pouco a illusão sem augmentar a belleza da obra. Collocou varias pessoas em diversas attitudes, e a sua immobilidade he incompativel com a natureza tão exactamente imitada.

Debaixo da sala do Panorama dispoz o author duas peças ou casas, adereçadas, distribuidas, edificadas, e illuminadas do mesmo modo que o estão as duas que comprehende a Capella do *Santo Sepulcro.* Até a impressão do tempo na côr da pedra e no tecido das armações foi escrupulosamente imitada. Ainda que este sitio não he santificado com rito algum ecclesiastico, a grandeza dos mysterios que recorda sobresalta o espirito, e penetra o coração.

(*) Quando as tropas alliadas occupárão París no anno de 1814, muitos soldados Russianos e Cosacos que forão vêr os Panoramas, (os que então havia, pois o de Jerusalem he mais moderno,) crêrão que estavão realmente vendo cidades, ceo, e campo. O homem mais instruido cahiria talvez no mesmo engano se não soubesse de antemão que vai vêr huma representação artificial.

MISCELLANEA.

Relação de alguns Inventos novos.

1. Mr. *José Von Badder* inventou hum methodo de fazer huma estrada de ferro sobre hum bem combinado principio, pela qual, assentada em lugar perfeitamente horisontal, pode hum menino com huma só mão puxar hum carro carregado com 1:600 arrateis, ou 12½ quintaes de pezo. Tres carros prezos hum ao outro, e carregados com 4:000 arrateis ou 31 quintaes e 1 arroba, forão puxados por hum homem de 60 annos de idade. Tendo o caminho huma quasi imperceptivel inclinação de 6¼ pollegadas em 100 pés, andão os carros por si mesmos sem nenhum impulso exterior. Pelas experiencias feitas pelo meado do anno passado (de 1819) com este invento se provou que o effeito mecanico destas novas estradas em forma de grade, excede o das estradas Inglezas no seu mais perfeito estado duas vezes e hum terço; que não custão metade do que as estradas communs; e que hum cavallo pode puxar mais em similhante estrada de grade do que 22 na estrada mais bem calçada. (Veja-se a Nota abaixo.)

2. Mr. *A. M. Viellan* apresentou o anno passado ao Governo Francez hum plano para huma nova organisação de telégrafos; pela qual se diz ser possivel enviar diariamente 3:000 despachos a to-

da a parte do reino, e receber as respostas. Propunha-se Mr. *Viellan* fazer isto de modo que tambem os Negociantes podessem gozar do beneficio deste rápido meio de communicação.

3. Mr. *Levillain*, Engenheiro de maquinas estabelecido em *Ruão*, obteve privilegio pela invenção de huma nova maquina, a que deo o nome de *Hydra Hydraulica*; por este invento pode fazer cascatas de agua em qualquer parte, e he provavel que este engenho se adopte em lugar dos engenhos de vapôr applicados a pressão forte, o que já em França se experimentou, se bem que por ora não sahírão tão favoraveis como se esperava.

4. O célebre Professor de Mecanica *Locatelli*, em *Padua*, fez no lago *Tesino* experiencia de hum Barco por elle inventado, o qual não pode afundar-se, e navega sem vélas, nem remos, nem vapôr, tanto por hum rio abaixo, como por hum rio acima.

5. Excitou há poucos mezes o maior interesse na Escocia hum novo carrinho summamente elegante de quatro rodas, puxado por hum só cavallo com a maior facilidade, pela delicada e engenhosa forma e travação das suas molas e eixos, e com a singularidade de correr oito milhas por ora por caminho mesmo pouco suave com tal commodidade para a pessoa que vai dentro, que até pode escrever: a sua facilidade na carreira procede da forma particular da lança, por ser de hum modo elastico, fazendo que em lugar dos contínuos salavancos que se sentem nas outras carruagens seja o movimento hum contínuo e agradavel balanço para cima e para baixo, e de maneira que nenhum choque ou encontro põe fora do seu lugar a pessoa que vai no carrinho; e vai tão segura, que ainda que caia o cavallo, ou fuja, em

hum momento se pode livrar He mais leve ainda que hum carrinho dos que chamão *cabriolé*.

6. Inventou-se ha pouco em Londres huma luz portatil, por meio de gaz. O methodo he pôr em hum globo de vidro hum tubo, que termine em bico como para torcida, ou mecheiro, e se feche com huma torneira, e comprimir por meio de huma bomba o gaz de illuminação até o reduzir a 20, ou 30 gráos do seu volume. Hum globo de hum pé de diametro pode conter o gaz sufficiente para alluniar 12 horas, com huma luz igual em intensidade a seis vélas. Em *Londres* ha toda a facilidade de fazer provimento do gaz, pois se vende já prompto para poder servir, e parte da Cidade he por elle illuminada.

7. Mr. *Adie* inventou hum instrumento da especie do Barómetro, a que deo o nome de *Sympiesómetro*, destinado a indicar as mais tenues mudanças no pezo da atmosfera que se possão suppòr provenientes da acção do Sol e da Lua. Depende o seu principio de medir a pressão da atmosfera pelo seu effeito de comprimir huma columna de ar commum. Emprega-se para isto hum fluido elastico ou gaz, differente do ar, (sendo o melhor o gaz hydrogenio), e qualquer liquido, excepto azougue, que não receba transtorno pelo gaz com que confina, nem pelo ar a cujo contacto está em parte exposto. Este liquido, conforme o uso, he hum oleo unctuoso, v. g. oleo de amendoas colorado com a raiz de arrabiques, especie de planta *vulgò* lingua de vacca. Encerra-se tudo isto em hum tubo com dois bulbos ou cabacinhas, e adapta-se a hum thermómetro commum.

Nota ácerca do invento N. 1., sobre fazer calçadas de ferro fundido.

Vai por tres annos que se experimentou em Londres applicar o ferro fundido ao calçado das ruas, e se conferio hum privilegio por este invento; o qual consiste em substituir ao calçado ordinario, ou de pedra huns como tijollos quadrados de ferro fundido, unidos entre si por malhetes, e fazem-se asperos para os cavallos caminharem sem escorregarem. Fez-se a experiencia perto da Ponte de *Black-friars*, ou dos *Monges-negros*. Calculou-se que huma estrada de ferro bem feita pode durar vinte annos sem precisar concerto, por maiores que sejão os carretos por ella, ao passo que as estradas communs precisão de concerto, e ás vezes feitas todas de novo no fim de 4 ou 5 annos. Parece que naquelle tempo se projectou calçar assim algumas ruas de Londres, o que daria ás numerosas forjas de Inglaterra grande gasto de ferro do paiz, e muita economia nas despezas das calçadas. Mas he certo que este novo methodo não poderia ser util, antes muito prejudicial, para a gente de pé; e nos paizes onde o ferro custa caro de nenhum modo podia servir este calçado.

Das pontes de arame grosso de ferro, ou verguinha de ferro, que ha annos se fazem em Inglaterra mui ligeiras e commodas, que servem para passar torrentes, ou rios fundos e estreitos, parece mais vantajoso o uso. As que se fazem em Inglaterra só admittem poucas pessoas de cada vez; mas nos Estados-Unidos tratárão de fazer o mesmo, e haverá dois annos publicou hum Jornal Americano, de Filadelfia, a noticia de huma bem notavel, que se lançou sobre hum rio de 400 pés

de largura, perto da mesma Cidade de Filadelfia, cujas particularidades são as seguintes: — Compõe-se a ponte de seis varões de ferro de $\frac{3}{8}$ de pollegada (ou $4\frac{1}{2}$ linhas) de diametro, tres de cada lado. Estes varões, a pezar de bem tezos, descrevem huma curva partindo das mansardas da officina em que estão as fieiras, e terminando em huma grande arvore na margem opposta, na qual dão tres voltas. As vigotas em que assenta o soalho tem dois pés de comprido, tres pollegadas de largo, e huma de grosso. Estão suspensas em hum plano horisontal aos varões de ferro por estribos, tambem de verguinha n.º 6, em cada extremidade da ponta, e no meio por verguinha mais grossa. As taboas, de largura de 18 pollegadas, são pregadas nas vigotas, e pára se não aluirem e despregarem estão unidas humas ás outras por gatos de ferro. Cada lado da ponte he huma taboa de 6 pollegadas de largura a que estão igualmente prezas as vigotas; tres varões de ferro estendidos de cada lado, ao longo dos estribos, servem de parapeitos. Eleva-se a ponte 16 pés acima da agua, e tem 100 pés de comprido; a distancia entre os dois pontos de suspensão he de 408 pés. O pezo total do ferro he de 1314 arrateis; a madeira empregada em toda a ponte peza 3308 arrateis; o que junto a 8 arrateis de prégos, faz ao todo 4630 arrateis de pezo. Está calculado que quatro homens podem fazer huma ponte similhante em 15 dias de tempo bom. Parece que esta não custou mais de 300 patacas, ou 240$000 réis. Na passagem de alguns dos nossos rios estreitos e fundos poderião ser uteis pontes desta natureza.

Fim do N. II.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

LISBOA.

N.º III. Março de 1820.

FILOSOFIA MORAL.

Os seculos illustrados, são os mais virtuosos? Problema filosofico.

A razão, e a necessidade ensinão aos homens os rudimentos das Artes, e das Sciencias. As Artes forão os primeiros vinculos da sociedade; as Sciencias desterrárão a barbaridade. A's Sciencias, e Artes somos devedores das mais puras delicias da vida; porém as fontes destas mesmas delicias, nem sempre corrêrão com igual abundancia. Considerão-se como vazios nos Annaes da Historia aquelles seculos tenebrosos, nos quaes, como desmaiada, a Natureza parece que abandonára os homens á sua mesma ignorancia. Toda a nossa attenção deve recahir sobre aquelles formosos seculos, em que rompeo dentre as sombras o bom gosto, e se remontou com rapido vôo, tornando-se

em hum novo Astro para illustrar com seus raios, e influencias todas as Nações mais privilegiadas. Taes forão os seculos de Pericles, de Augusto, de Leão X, e de Luiz XIV, seculos ditosos; que reunírão, e fixárão a perfeição em todos os generos; porém, quanto mais ditosos serião, se as inclinações do coração houvessem correspondido ás luzes do engenho? He meu intento na resolução deste Problema èxaminar a influencia dos progressos do engenho em os costumes. Os homens mais illustrados são os mais virtuosos? O caminho dos factos he sem comparação o mais seguro. De nada valem os lugares communs ha tanto tempo esgotados, sobre a utilidade, abusos, vantagens, e vaidade, ou inutilidade das sciencias. Esta vasta materia exigia hum longo tratado; porém eu procurarei restringir os maiores argumentos aos limites da mais escrupulosa brevidade, sem ostentar riquezas de erudição, magnificencia de lugares metafysicos, e pompa inutil de figuras. Apontarei sómente o essencial dos factos, poupando citações, e sacrificando miudezas á evidencia da exposição. Bosquejarei os effeitos das Sciencias sobre os costumes geraes dos seculos em que as mesmas Sciencias mais florecêrão.

Costumes da Grecia antes de Pericles.

Por muito tempo se governárão os Gregos por axiomas, e preceitos de Moral, cuja simplicidade nos dá a conhecer e patentêa a simplicidade de seus costumes. Homero, Theognis, Hesiodo, Focílides, forão seus primeiros Legisladores. Huma virtude sincera, e sem ostentação foi nas pri-

meiras idades da Grecia a regra constante de todos os deveres, e obrigações da vida civil. A estes povos virtuosos sem estudo se atrevêrão a propôr systemas alguns meros Cidadãos, tanto para regra de seus costumes, como para bases de seu governo politico; e por hum effeito prodigioso, e sem exemplo, fez então a simples persuasão o que depois foi obra reservada ao crédito das riquezas, á força das armas, e á authoridade da Religião. A' voz de Lycurgo, o povo mais feroz da Grecia abraça a mais austera disciplina. Solon soube fixar com Leis a inconstancia dos Athenienses. Todos os Gregos sacrificão huma parte da sua liberdade (unico cabedal de que erão zelosos) aos meios que se lhes propõem para os tornar melhores.

O respeito aos pais, e aos anciãos, a hospitalidade para com os estrangeiros, a igualdade social entre os Cidadãos, a modestia, a simplicidade, o desinteresse, erão já como virtudes proprias da Grecia. O objecto das novas Leis foi ligar estas virtudes, e dirigillas a hum mesmo fim. A estas virtudes, e a estas Leis deveo a Grecia os exemplos de heroismo universal, exemplos raros que merecêrão a admiração de todos os seculos.

Toda a força da Grecia parece que consistia nos costumes, e na simplicidade, companheira ordinaria da ditosa ignorancia. Quanto mais Athenas se cultivava, mais rapidamente caminhava ao seu precipicio. Se não foi tão rapida a quéda de Lacedomonia, deveo esta ventura ao rigor das suas Leis. Em fim, as ultimas virtudes da Grecia florerêrão na Beocia, cuja rudeza perservou os costumes do contagio universal.

Costumes do seculo de Pericles.

As Sciencias, e as Artes se aperfeiçoárão na Grecia, ao passo que os costumes se hião estragando. Aquellas ganhavão o terreno que estes hião perdendo, e em fim, huma quasi repentina revolução levantou as Sciencias sobre as ruinas dos costumes. Fixemos nossa attenção sobre Athenas unicamente. A Sciencia Dramatica foi a primeira que se cultivou, e aperfeiçoou entre aquelle povo, vivo, ligeiro, inconstante, satyrico, motejador, ancioso de mudanças, e novidades, e unicamente constante em sua furiosa paixão pelos espectaculos. As obras de Theatro forão para os Athenienses o primeiro ensaio daquella exactidão de engenho, e viveza de sentimentos, daquella summa delicadeza com que em hum ponto abraçárão, e julgárão decisivamente de todas as Artes e Sciencias. Não sem temor vio nascer Solon, e apontar esta delicadeza de gosto, prevendo, relativamente aos costumes, suas damnosas consequencias. Temía o espirito caprichoso, a falsidade, e o fingimento, que he o movel primeiro de toda a acção theatral. Temia que Athenas, familiarisada com o fogo das paixões, e com a representação de illustres delictos, se não familiarisasse logo com o mesmo delicto; e o successo justificou o seu temor. Melpómene, e Thalia levarão as Musas a Athenas, onde se estabelecêrão para desterrar de seu seio a rigida virtude. A Filosofia, o engenho, o donaire, o deleite, occupárão o lugar dos costumes, da candura, e da antiga simplicidade: em fim, segundo refere Platão, as maravilhas do seculo de Pericles arruinárão os costumes de Athenas.

Se duvidarmos do funesto influxo das Scien-

cias nos costumes dos Athenienses, abra-se a Historia. Comparemos Pericles com Solon, Alcibiades com Aristides, e Nicias com Milciades. Os segundos são huns homens, que não pelejão, que não obrão, que não respirão se não para o bem, para a gloria de sua Patria, e para a felicidade de seus concidadãos: os primeiros são huns homens frivolos, vãos, presumidos, cheios de si, unicamente occupados em sua gloria particular, solicitos de applausos, sacrificando tudo á ambição de adquirir hum nome. Com este parallelo julguemos agora dos costumes de Athenas pelos costumes de seus primeiros Cidadãos, e busquemos em Athenas futil, e illustrada, os costumes de Athenas virtuosa. A Filosofia, tornada popular, era hum dique muito fraco contra a corrupção. Os raciocinios dos Filosofos, seus erros sobre a Divindade, sobre a essencia do bem, sobre os deveres, destruírão, ou fizerão problematico o que até então tinha passado por certo. Os Direitos da Religião, da Natureza, e da Decencia forão submettidos ao tribunal da Razão, e pezados nas balanças das paixões. Tudo se transformou em méros nomes, que apenas podião illudir a ignorancia, ou a irreflexão. E que podião esperar os costumes de huma Filosofia communicada pelos canaes mais infames? De huma Filosofia sentada nos domicilios do vicio ao lado da prostituição? Taes erão as escolas das Aspasias, das Leoncias, e das Lais: escolas eternamente célebres pela fama dos discipulos que produzírão; mas que escolas para os costumes! Vejamos os fructos destas doutrinas nos costumes de hum Cimon, que conserva publicamente sua irmã em lugar de sua mulher, e nos de hum Pericles, que estende até a sua mesma Nora o direito que lhe dava a dissolução publica em todas as

mulheres; nos de hum grande Magistrado, que se se contêm em seu mesmo Tribunal á vista de hum formoso mancebo, he á força de gritos, e reprehensões de seus mesmos companheiros: nos de hum Alcibiades, discipulo amado das Musas, e da Filosofia; em fim, em todas as abominações, que nos conservou Athenêo como monumentos da miseravel influencia das Sciencias nos costumes da Grecia.

O' A'ttica, dizia Eurípides no theatro de Athenas, as Musas fixárão em ti sua divina harmonia, tu és a amada região dos Numes, e os Zéfyros que refrescão as ribeiras do Cefiso, são o alento, e sopro da mãi dos Amores, e das Graças; em fim Cytheréa, coroando-te com suas flores, te deixou o Amor, e os Genios que presidem ás Artes. Na vizinhança de Athenas, Lacedemonia e Thebas, privadas dos favores de Venus, mais alguma coiza conservárão a pureza dos costumes antigos; a austeridade das Leis de Esparta, e a aspereza do clima da Beocia não erão da jurisdição das Musas, cujo imperio não se estende a homens que unicamente aspirão a obrar com rectidão. Sigamos as Sciencias a Roma, e examinemos suas influencias nos costumes dos Senhores do Universo: — *Romanos rerum Dominos.* —

Costumes dos Romanos antes de Augusto.

Todas as Nações, todos os homens, todos os seculos se parecem nas virtudes, e nos vicios, que nascem do coração; porém ha homens, e tem havido povos inteiros, nos quaes parece que a humanidade a si mesma se excedêra, para darem aos futuros seculos hum exemplo da mais rara, e mais sublime virtude. Quem haverá todavia, que

cheio da preoccupação das primeiras escolas, não faça ainda hum grande conceito destas vozes: — O Senado, e o Pôvo Romano? Mas o Filosofo da servidão das preoccupações julga de outra maneira, e com mais distincção da virtude Romana. Não descobre no Senado de Roma mais do que huma companhia de homens, que fazem consistir a honra, e a justiça sómente no que he vantajoso á sua Patria, homens que considerão honesto, e justo quanto contribúa ao augmento de seu estado, homens em fim, que formárão para si hum Idolo do Nome Romano, a quem sacrificão as razões mais efficazes, e poderosas da Natureza. Os costumes privados dos Romanos, não erão mais suaves que os publicos. Pôr a juros seu Capital, empregallo com usura, cobrar os interesses no dia assignalado, atropelar as fazendas dos miseraveis devedores, trabalhar sempre por augmentar os proprios fundos, taes erão as occupações dos Romanos addictos unicamente aos negocios domesticos, sem enlace, sem communicação, sem outra companhia mais que a de seus clientes, e escravos; finalmente, até á destruição de Carthago, a aspereza de hum caracter rustico, duro, sylvestre, e feroz, foi o principio, e o movel da virtude dos Romanos, que por muito tempo não conhecêrão debaixo deste formoso nome mais do que a força, a arrogancia, e o valor. Se esta virtude, se estes costumes não são para nós outros de apreço, ao menos nos devem causar admiração, pois com elles conseguírão levantar a tamanha altura a gloria do nome Romano. A conservação, e a grandeza da Republica estavão como unidas, e ligadas á virtude feroz dos Brutos, Decios, Camillos, Scevolas, e Catões. Virtude feroz que se atreveo a conceber o projecto da conquista do Universo, e que soube

vencer todos os obstaculos que podião impedir, ou retardar sua execução. As victorias, e as derrotas, as ventagens, e os revezes, tudo foi igual para aquelles animos inflexiveis, e infatigaveis. Os successos mais gloriosos nascião dos mais desgraçados. Destruírão Roma os vencedores Gallos, mas ficárão sepultados em suas mesmas ruinas. Perde Roma nos Fabios sua unica defensa contra os esforços dos Veios, e dos Volscos; mas esta perda atraza sómente quatro annos a quéda de Ancio, e á derrota de Luceria se segue a conquista de todo o paiz dos Samnitas. Pyrrho, vencedor em Heraclia, publíca com a sua victoria a debilidade de seus projectos contra os Romanos; em fim as derrotas do Tessino, do Trébia, e do Lago Trasimeno, e de Cannas, não impedem á incontrastavel Roma, que caminha sempre firme á conquista do Universo. Mas quando, vencida Carthago, començárão os Romanos a conhecer, e a gostar das Sciencias, e das Artes, e mais que tudo da polida urbanidade, Catão, aquelle illustre Coryfeo, e Censor da virtude Romana, as considerou como ferrugem que hia roer as mólas da constituição da Republica, prognosticou a sua ruina, e vio de antemão preparados os grilhões, para os que até então só tinhão sabido vencer, e commandar; presagiou, que os altivos filhos de Romulo, fazendo-se homens, deixarião de ser Romanos; e para hum homem tão persuadido como elle estava de que o poder de Roma estribava na dureza dos costumes publicos, e na aspereza do caracter Romano, polir estes costumes era o mesmo que debilitallos, e corrigir este caracter era não só enfraquecello, porém destruillo.

Costumes de Roma no tempo de Augusto.

Com effeito, illustrada Roma, mudou de genio. A' idolatria do nome Romano se seguio a admiração das maravilhas da Grecia. A urbanidade abrandou o feroz espirito Republicano: os passos que os Romanos davão para sahir da barbaridade, erão para cahir na servidão. O estabelecimento do Imperio das Sciencias em Roma foi a época do Imperio dos Cesares. E forão acaso melhores os Romanos na dominação dos Cesares? Ficarião seus costumes mais puros depois de suavisados? Em huma palavra, o Cortezão de Augusto, e de Tiberio, foi mais virtuoso que o Concidadão dos Brutos, Camillos, Fabios, e Paulos Emilios? Repassemos pela memoria os costumes dos Romanos, e ficaremos convencidos que as Sciencias levantárão o Throno dos Cesares sobre a ruina dos costumes.

As Sciencias, e as Artes erão em Roma o patrimonio de todos os que depois da ruina de Carthago ousárão conspirar contra a liberdade publica. A corrupção dos costumes formou huma cadêa de conspirações menos terriveis á Republica, pelo poder, e authoridade de seus cabeças, que por seus talentos, e eloquencia. Que uso fez Sempronia dos primores que adquirio com o estudo da lingua Grega, da eloquencia, e da Filosofia dos Gregos, e dos Romanos? Infamou seu illustre nome fazendo-se a alma de huma conspiração, formada no seio da prostituição, e mantida com as mais infames desenvolturas. Deixando de parte os corações indignos do nome Romano, julguemos dos costumes dos ultimos tempos da Republica, por hum dos seus ultimos defensores,

quero dizer, Cicero, e julguemos destes costumes não por suas palavras, mas por suas obras. Em vão Cicero, com hum engenho cultivado com as mais exquisitas noticias, com as luzes mais claras, com pleno conhecimento do que se encaminhava ao bem do Estado, com pura, e recta intenção, se lizongeava de poder esquivar a Republica de seu imminente precipicio. Algumas vezes esforçado na apparencia, mas timido, e pusillanime na realidade, ninguem se pareceo menos que elle com os grandes que elle queria imitar. Peleijar ás escondidas, minar em silencio, aproveitar-se das intelligencias nos partidos contrarios; consolar-se nas presentes desgraças com futuras, e incertas felicidades, esperar tudo de algum enredo mal forjado, tirar do nada, elevar, fortificar huma authoridade recente, e ser o primeiro que desviou sua oppressão, forão os recursos, ou para melhor dizer, as fadigas em que se perdeo o Orador Romano, perdendo a Republica. Foi hum Negociador perpetuo, mas sempre irresoluto, sempre vacillante, sempre enganado, a ponto de deixar no throno o mesmo que tinha escolhido como instrumento unico da sua ruina. Taes erão os costumes publicos dos Romanos depois de limados pelas Sciencias. Aquella virtude aspera, silvestre, feroz, e inflexivel, que formava os costumes, e o caracter dos antigos Romanos, se trocou em huma timidez, em huma desidia, em hum desalento tal, que julgou huma carga pezada a mesma liberdade. Plutarco, retratando hum antigo Romano, se lamenta que seus costumes se houvessem suavisado com o trato das Musas, cujos afagos, e benignidade sabem abrandar a natureza mais indomita, e agreste. Mas quando Plutarco fazia esta reflexão se tinha esquecido de que em suas proprias obras tinha dito que

a virtude sobresahe mais, quanto mais apartada estiver do seculo em que florecêrão as Artes, e as Sciencias; e se não, entre seus varões illustres comparem-se os Publicolas, os Camillos, os Fabios, os Emilios, aos Crassos, aos Luculos, aos Ciceros, e aos Antonios, e veja-se que differença de costumes, de intenções, de caracter, de ordem de vida! Em lugar daquella natureza varonil, e vigorosa, que admiravamos nos primeiros, se descobre nos segundos huma virtude artificial, composta, estudada, cujo espirito he o interesse particular, e o amor proprio. Roma, Senhora do Mundo pela virtude de huns, veio a ser, pela frouxidão dos outros, o ludibrio, e o despojo da ambição de seus Cidadãos. Roma em fim vê a Bruto como o ultimo dos Romanos; Julio Cesar deo hum bosquejo da sua servidão, Augusto destruio para sempre a sua liberdade.

Mas na verdade parece impossivel, que não ficasse entre alguns particulares alguma reliquia preciosa da antiga rectidão, e simplicidade dos seculos precedentes! Mas quanta virtude falsa, quanta dobrez não cobria o exterior de huma civilidade tornada geral pela cultura dos engenhos! O estabelecimento do monstruoso despotismo dos Cesares Romanos he a maior prova da fatal influencia da cultura das Artes Gregas nos costumes privados dos mesmos Romanos. Em vão os havia lizongeado Horacio com esperanças fundadas na educação de seus novos Principes, em huma Corte, que era como o centro das Sciencias, das Artes, e dos talentos. Julia, aquella famosa Julia, portento das Musas e das Graças; Julia, que era o Arbitro do engenho, e do gosto, por seus vicios (em os Annaes da Republica sem exemplo) foi a afironta de seu pai, e do novo Governo. Que fru-

cto se tirou da educação dada a Tiberio á vista dos Virgilios, dos Varios, e dos Valgios? Parece que as mesmas Sciencias fazem huma differença entre os Imperadores bem pouco honrosa para ellas. Tito, Vespasiano, e Trajano, que não levárão ao Throno cultura alguma de engenho pelas letras, forão as delicias do genero humano. Os Tiberios, Caligulas, Neros, Domicianos, e Commodos, guiados pelas Musas ao Governo, forão a affronta, e o opprobrio da humanidade.

Costumes do Seculo de Leão X.

As Musas não tornárão a vêr em Roma o seculo de Augusto. Rara vez protegidas, quasi sempre desprezadas, e perseguidas algumas vezes pelos Imperadores, tornando-se populares, e por fim aviltadas forão o ludibrio do capricho, e da moda. Parece que Constantino as restituio a seu paiz natal, quando transferio a séde do Imperio para Bysancio. Mas em vão se esperou vêr renascer alli aquelle genio creador, que brilhára na antiga Grecia. A corrupção inveterada, e a contínua servidão, só havião deixado aos Gregos hum genio vão, frivolo, limitado, futil, e quimerico; genio que se imprimio logo em a nova Roma. Ainda que os Romanos-Gregos não fizessem progresso algum assignalado nas Artes, e Sciencias, ao menos são elles os que nos conservárão aquelle procioso thesouro. Sua vaidade gostosamente lizongeada com a memoria dos antigos modelos de perfeição Grega, manteve, e conservou aquella luz moribunda do gosto, que; fugindo das ruinas de Constantinopla, veio no seculo 15.º dissipar as sombras da Europa. A Italia logrou os primeiros refle-

xos daquella luz quasi apagada. Os Calcondillos, Chrisoláras, Lascaris, e Musuros trouxerão apenas o conhecimento da lingua Grega. O amor da novidade attrahio ouvintes a estes Grammaticos: as simplices lições que davão, e as bellezas que definião sem as conhecer, excitárão os engenhos. Tirárão-se do pó os monumentos da antiguidade, forão conhecidos, examinados, applaudidos, e admirados. Da admiração se passou á imitação, a imitação produzio, e regulou o gosto: em fim, depois destes ligeiros ensaios, a Italia produzio genios, e maravilhas em todos os generos. E qual foi a influencia desta brilhante revolução nos costumes dos Italianos? Se consultarmos os Annaes do seculo que foi a sua testemunha; se lançarmos os olhos para a Historia dos Soberanos, que forão, ou seus promotores, ou seus espectadores, seremos obrigados a convir em huma de duas coizas, ou que as Sciencias só trouxerão hum remedio mui débil para huma corrupção incuravel, ou que, com huma malignidade, que trazem após si as Sciencias, fizerão do seculo que mais tem merecido a nossa admiração, o seculo menos digno de ser estimado.

Deixando a Italia, examinemos este restabelecimento das Sciencias na Europa, relativamente á famosa revolução, que de hum só golpe mudou a Religião, os costumes, e quasi toda a face da mesma Europa, vêr-nos-hemos obrigados a exclamar com aquelle antigo Czar de Moscovia, partidario da ignorancia, dizendo: que se seus povos se tivessem conservado na simplicidade da antiga ignorancia, e seus animos puros se não houvessem contaminado com a peste das letras Gregas, e Latinas, nunca com tanta ruina da antiga Religião, e exterminio de tantos Estados e Principes,

se terião transformado as simplices Ovelhas em viciosissimas Rapozas.

Costumes do Seculo de Luiz XIV.

Apenas as Sciencias se deixárão vêr em França nos Reinados de Francisco I e Henrique II, logo se conheceo huma notavel alteração, e mudança nos costumes. Permitta-se louvar esta mudança aos Francezes, que quizessem antes ter sido Vassallos, Ministros, e Privados de Henrique segundo, que Povo, Conselheiros, e amigos de Luiz XII. As turbulencias, e os tumultos dos Reinados dos ultimos *Valois*, e do primeiro dos Bourbons, não afogárão o germen ou a semente das Sciencias. A erudição, sem outro objecto mais que a mesma erudição, reinava então exclusivamente no Parnaso Francez. Os Estevãos, os Lambinos, os Pithous succedêrão aos disvelos dos Calcondillos, Lascaris, e Manucios; suas doutas vigilias derão luz ás riquezas trazidas do Parnaso Grego, e Latino. Todos os thesouros da antiguidade se derramárão pela França; mas os engenhos acanhados, oppressos, e encolhidos pela injuria dos tempos, não os podião disfructar, apenas lhes davão huma inutil, e nescia admiração. Erão então os Francezes similhantes áquelles selvagens, que não sabem empregar as moedas da Europa, mais que em braceletes, e collares; os antecessores do seculo 16.° conhecião o preço das obras perfeitas da Grecia, e de Roma, sem conhecer o seu uso. Estavão sugeitos ás pizadas de Homero, de Demosthenes, de Virgilio, e de Cicero, seguião servilmente estes grandes homens, sem se atreverem a imitallos. Ainda não havia apparecido em França Genio algum, que se atrevesse a ser ori-

ginal. Em fim, extincto o fogo das guerras civis, e restabelecido o socego do Estado, os beneficios do Cardeal de Richelieu souberão inclinar os engenhos ás Sciencias, e despertar a emulação. O grande Colbert succedeo ás idéas, e vastos projectos de Richelieu, só occupado da gloria, e da immortalidade do Reinado de seu Amo: considerou as Artes, e as Sciencias como o meio mais solido de conseguir a gloria da França. Vio-se logo á sua voz renascerem genios superiores, e homens unicos em todos os genios. A corte de Luiz XIV reunio tudo quanto os seculos de Pericles, de Augusto, e de Leão X tinhão admirado como bom, grande, maravilhoso, e sublime. Emfim, se a perfeição dos costumes caminhasse a par da perfeição das Sciencias, e Artes, nunca a França teria visto costumes mais puros que os do Reinado de Luiz XIV.

Sem recorrer ás anecdotas secretas da Corte daquelle grande Principe, abrão-se os monumentos publicos, consultem-se as memorias daquelle tempo, e com estas luzes, examine-se se os seculos mais cultòs são os mais virtuosos. Aos que se quizerem eximir deste exame, se lhes pode apresentar a pintura dos costumes do ultimo seculo, pintura admiravel traçada por hum grande Pintor. Esta pintura não he obra do capricho, desenhada por algum Misantrópo, inimigo de tudo quanto o rodea, he obra de hum Filosofo amavel, tão profundo no conhecimento dos seculos passados, como instruido na historia de seu seculo; he obra do Padre Rapin, Juiz competente, e irrecusavel nesta materia: esta pintura he parte de huma das suas obras, e dedicada ao Chanceller Le Tellier; eu a transcreverei no fim destas reflexões. Alli se vê, que a ambição, o luxo, a vaidade, a

molleza, a dissimulação, a traição, a maldade, e as abominações até então ignoradas, se estabelecêrão sobre as ruinas da modestia, da generosidade, da singelleza, da rectidão, da nobre candura, que tinhão sido sempre virtudes peculiares nos passados seculos em França.

Considerações sobre a Inglaterra, e Portugal.

O restabelecimento de Carlos II se pode considerar como a época do estabelecimento das Sciencias, e Artes em Inglaterra. Sempre foi fecunda em homens doutos, e em Genios da primeira magnitude; porém seu mérito ignorado no povo, e na Corte, estava como encerrado nas Universidades de Cambridge, e Oxford. Carlos II estabeleceo em Whitehall as Musas, que o havião consolado nas maiores afflicções, e trabalhos da sua adversa fortuna. Os talentos, o Gosto, a Galantaria seguírão as Musas até Whitehall, e derão á Inglaterra o novo espectaculo de huma Corte engenhosa, delicada, polida, e cultivada. Rochester, Bukingham, Roscomon, Saint-Evermont, e o Cavalheiro de Grammont, (estes dois ultimos erão Francezes), homens dignos da antiga Athenas, erão a alma, as delicias, e os oraculos daquella brilhante Corte. No centro dos prazeres, do deleite, e de huma activa ociosidade, reedificou Carlos II a Cidade de Londres, igualando sua magnificencia á sua extensão e grandeza. Lançou os alicerces á Igreja de S. Paulo, segundo a planta, que a devia fazer a segunda Basilica da Europa. Estabeleceo a Sociedade Real, fez florecer as Sciencias, animou os talentos, aperfeiçoou as Artes uteis, fez

naturaes de Inglaterra, as agradaveis, o gosto, e o amor do bello.

Os que conhecem as Memorias do Cavalheiro de Grammont poderáõ julgar do effeito deste estabelecimento das Artes e Sciencias nos costumes da Corte de Inglaterra. Pelo que diz relação ás da Nação em geral, todos os papeis, todos os escritos, todas as obras dictadas por mais de hum seculo pelo Patriotismo Inglez, estão cheias de queixas, e suspiros contra a depravação, e perda dos Inglezes. Menos agramente accusão a memoria de Carlos II pela cessão de Dunkerke, do que pelo commercio, que o seu exemplo estabeleceo entre a Cidade de Londres, e a rua de Santo Honorato de París; commercio, que, segundo os zelosos Reformadores, levantou o gosto do luxo, das modas, e dos objectos frivolos, sobre as ruinas da modestia, e da solidez, ou da nobre simplicidade dos antigos costumes Inglezes.

Para conhecermos Portugal, bastará pôr os olhos no quadro dos costumes presentes desde que o povo se julga libertado das trévas da antiga ignorancia, e simplicidade, e vêr a jactancia da juventude actual, ufana de seu polimento pela cultura das Artes: e se me disserem que nossos antigos Avós erão doutos, e instruidos, eu lhe responderei, que erão melhores do que nós somos, porque não separavão o estudo das Sciencias do estudo da Religião; e se com a cultura das Artes houvessem ainda entre nós a educação moral, e Religiosa, que antigamente houve, os exemplos da corrupção não serião tão frequentes, e tão lastimosos, porque nós nunca nos servimos do estudo das Sciencias e das Artes para desprezarmos a Religião. São melindrosas estas materias; mas eu não escuto mais do que as lamentações

dos homens probos sobre a decadencia do antigo caracter, e das ingenuas virtudes dos Portuguezes neste seculo, que se diz tão instruido, e tão illustrado.

Todos os seculos cultos sentem, e chorão a perda de seus antigos costumes.

A pintura dos costumes do seculo de Luiz XIV pelo Padre Rapin he hum retrato fiel dos costumes de todos os seculos cultos. Aquelles formosos seculos são tristes éccos dos mesmos gemidos sobre a depravação dos costumes, e dos mesmos prantos da fugida da idade de ouro, que as Sciencias parece arrojão de todos os paizes em que se manifestão. O Egypto, as Cycladas, as Hesperias, a Bética, forão successivamente o asylo daquella ditosa idade, que depois sómente existio na memoria dos homens, e nas risonhas pinturas da Poesia.

Athenas cultivada, Athenas douta, Athenas engenhosa suspirava pela antiga simplicidade de que se via abandonada. Adorava em Homero os costumes das primeiras idades, que tão ao vivo vemos pintadas na Iliada, e na Odysséa. As Eglogas, e as Georgicas de Virgilio, forão as delicias da Corte de Augusto. Os prazeres de huma vida simples, innocente, e laboriosa, tem hum direito que não prescreve nos corações dos homens, ainda no meio da maior corrupção.

Bem sei que os seculos illustrados são mais fecundos em recursos, e em meios, e até em expedientes para purificar os costumes, mas estes recursos indicão mais a enfermidade do que a cura.

Lembrarem-me aquella admiravel politica estabelecida nos seculos de Augusto, de Leão X, e de Luiz XIV, será o mesmo que intentarem provar-me com o antidoto a existencia do veneno. A historia dos remedios he a historia dos males que affligem a humanidade, assim como as Leis são provas das desordens, que as fazem necessarias.

Effeitos das Sciencias, e Artes consideradas nos costumes dos que as cultivão.

Se quizessemos buscar o effeito das Sciencias, e das Artes nos costumes dos que as cultivão, isto he, dos doutos, e dos Genios, que tem honrado os melhores seculos; as suas obras, ou a sua conducta nos acabarião de mostrar, quão perto anda das luzes do engenho a corrupção do coração.

Eu não entro em nenhuma individualidade; nem examinarei como vivêrão entre si os Oraculos dos seculos cultos, e illustrados. Quantas anecdotas lastimosas, quantas verdades amargas não tiraria das trévas este primeiro ponto? E no segundo, nos seculos de que se trata, quantos doutos, quantos Artistas, quantos Autores contariamos que podessem dizer com Erasmo na Epistola a Dorpio: — Vivi na resolução de conservar as letras, sempre puras, sempre innocentes, sem as contaminar com hum unico vocabulo que patenteasse, ou désse a conhecer algum mal, ou defeito alheio?

A ignorancia, que se segue ás Sciencias e Artes, não torna a reproduzir os bons costumes.

As Sciencias passão: sua luz, como a de hum relampago, vive, e morre no mesmo instante. Mas que fatalidade! Em lugar de vermos que a corrupção dos costumes segue a mesma marcha da decadencia das Artes e Sciencias, se perpetúa, e sobrevive, digamo-lo assim, á sua quéda! Que fatalidade! Que os corações não tornem como os engenhos ao estado antigo! Porque razão os Gregos actuaes envoltos ha tantos seculos nas trévas da ignorancia, não tem visto renascer entre si os costumes das primeiras idades da Grecia? Porque razão os Romanos depois da sua degradação não tornárão a merecer a virtude? São estes os Problemas que mais humilhão, ou aviltão a humanidade! As Sciencias, parecem-se com heranças fantasticas, que só deixão aos que nellas entrão, dividas, pleitos, e huma pobreza soberba, e presumpçosa. Herança tanto mais perigosa para os que são chamados a ellas, quanto mais cheias estão dos vicios de seus primeiros possuidores.

Assim passárão á Grecia as Sciencias com a effeminação, e todos os vicios do Egypto, e da Asia. Passárão a Roma com as riquezas, e com os vicios da Grecia. Ditosas serião as Nações cultas da Europa se não tivessem entrado de posse das riquezas de Roma, e da Grecia! Ovidio depois de ter pintado os novos costumes no Imperio de Augusto diz: —

Louvem outros as drógas da antigualha;
Que eu dou-me os parabens de ter nascido
Nesta idade tão apta a meus costumes.

E nestas *sentenças* he onde se devem buscar as causas da propagação dos seculos cultos. Os seculos seguintes são o reinado daquelle Genio conhecido hoje com o nome de superficialidade, e loquacidade, genio vão, futil, inimigo da cultura, da sugeição, e do trabalho, e que não allivia da pena de pensar aos que o possuem:

> Quando ferrugem tal o animo investe,
> Mui debalde esperamos que se possão
> Produzir obras taes, que se conservem
> Dentro em cofres de Cedro, ou de Cypreste,

diz Horacio. Assim como este Genio he inefficaz para levantar, e formar grandes homens em todo o genero, he efficacissimo para desencadear os vicios, e perpetuallos na decadencia, e na ruina das Sciencias. Os que vem depois depois destes seculos bebem com o leite este genio, e estes novos costumes. E que produzem? Huns timidos imitadores dos seculos precedentes, Engenhos fracos, enfermos, e sem vigor; escravos da moda, do capricho, e do máo gosto; adoradores não do formoso, do grande, e do sublime, mas do extravagante, e monstruoso. Tudo nelles he obscuro, e alambicado; homens tão falsos de coração, como de engenho, e parece, que se esforção em remir com os vicios de hum o que lhes falta do outro. Gregos em fim taes como os que nos pinta a Historia no dominio dos successores de Alexandre; ou Romanos taes quaes os pinta em suas Satyras o vehemente Juvenal. São estes os funestos destroços, os sinaes que deixárão as Sciencias, e as Artes em todos os Paizes, que as Musas honrárão suc-

cessivamente com a sua presença, e que illustrárão com os seus beneficios.

Retrato dos costumes do seculo de Luiz XIV, extrahido do Tratado do Padre Rapin *que se intitula:* — A Fé dos ultimos seculos. —

Vio-se nunca tanta desordem na Juventude, tanta ambição nos Grandes, tanto vicio nos pequenos? Virão-se nunca homens tão desenfreados? Nunca houve tanto luxo, e tanta desenvoltura nas mulheres, tanta falsidade no povo, tão pouca fé em todos os estados, em todas as condições. Vio-se jámais menos fidelidade nos matrimonios, menos honra nas companhias, menos vergonha e modestia na sociedade? O luxo das galas, a sumptuosidade dos moveis, a delicadeza das mezas, a superfluidade dos gastos, a licença dos costumes, a curiosidade nas coizas santas, e as outras desordens da vida chegárão a hum extremo inaudito. Que tibieza na piedade! Que tedio na devoção! Que corrupção de espirito nos juizos! Que depravação de coração nos negocios! Que profanação nos altares! Que prostituição no mais santo e no mais augusto que ha no exercicio da Religião! Vemos Pastores nas Igrejas sem capacidade, Sacerdotes sem virtude, Pastores sem zelo, Prégadores sem unção, e sem sciencia, Directores sem firmeza, e devotos sem sinceridade. Reina até na gente honrada huma especie de zelo aspero e duro, que carece daquella caridade branda, e bemfazeja, que he o caracter mais essencial do Chris-

tianismo. Todos os principios da verdadeira piedade estão de tal maneira arruinados, que hoje se prefere no commercio hum distincto malvado que sabe viver, a hum homem de bem, que o ignora. Commetter hum delicto secretamente sem insultar a ninguem, chama-se ter bondade, segundo o Mundo, cujas pervertidas maximas achão approvadores, quando tem por autores pessoas elevadas, e com algumas circunstancias de esplendor. Porque, quem ignora, que nestes ultimos tempos a dissolução passa por desenfado entre as pessoas de qualidade; o furor do jogo por occupação entre pessoas distinctas, o adulterio por galanteria, o trafico dos beneficios por estabelecimento de familia; a lizonja, a mentira, a traição, a maldade, a dissimulação por virtudes da Corte, e que já quasi não se distingue, colloca, ou emprega ninguem senão por meio da corrupção, e do vicio? Não fallo daquelles delictos feios e atrozes que se tem desenfreado nestes ultimos tempos, cuja simples idéa he capaz de inspirar horror; deixo em silencio todas as abominações desconhecidas até agora á candura da nossa Nação, e o uso daquelles venenos que nossos pais ignoravão de todo; porque da contemplação deste quadro, não só se deve apartar o pensamento, mas fugir a imaginação. Em fim, para pintar de huma vez o caracter deste seculo, nunca se tratou mais de moral, e nunca houve peiores costumes; nunca houve mais reformadores, nem menos reforma; nunca houve mais sciencia, nem menos piedade; nunca houve melhores Prégadores, nem menos conversões; nunca houve mais conhecimentos, nem menos emenda de vida; nunca houve mais engenho, nem menos razão entre a gente distincta, nem menos applicação ás coizas solidas, e sérias. Es-

ta he propriamente a imagem, e a pintura dos nossos costumes. Nem eu encontro remedio a tantos males senão enlaçar de tal maneira a Educação Religiosa com a educação Litteraria, que longe de se separarem em ponto algum, fação ambas pela sua indissoluvel união hum mesmo corpo; então a geração futura poderá bem emendar, e fazer esquecer os males da geração presente.

ECONOMIA POLITICA.

Extracto do Livro de Melchior Gioja sobre as Sciencias Economicas, impresso em Milão em 1818.

DEIXANDO para o futuro o juizo total que illustrados, e assizados Escriptores devem fazer da obra deste sabio Italiano, contento-me por hora em extractar aquella parte em que trata do commercio dos Cereaes (dos Grãos). Esta grande questão, foi, e tem sido a pedra de toque dos Economistas politicos, e na época presente he esta materia do mais subido interesse aos olhos do verdadeiro Patriota, que observa as vicissitudes do gyro, e os diversos movimentos das riquezas das Nações.

Seja-me permittido aventurar aqui huma reflexão minha sugerida pelos principios da Estadistica commercial, que ha meio seculo a esta parte apresentão os diversos portos da Europa. Esta parte do Mundo, ou, para fallar com propriedade, as Nações cultas que a habitão, mandão a todos os pontos do Globo os maravilhosos fructos de sua infatigavel industria. Porém, que superioridade dá este commercio, se em cambio tem que mendigar a esses mesmos povos, dos quaes alguns são a escoria da especie humana, o primeiro dos alimentos? E quanto não deve humilhar, e rebater

o orgulho dos Europeos a necessidade em que estão de dar em troca do grão que recebem, não frivolidades brilhantes, e pouco dispendiosas, mas aquelles mesmos metaes que vão arrancar das entranhas da terra nos angulos mais remotos deste nosso Planeta?

Esta ordem de coizas prova huma verdade funesta, e vem a ser, que as idéas uteis, e a applicação das doutrinas á pratica, não fazem tantos progressos como se devia esperar do afinco com que se publicão aquellas doutrinas, e dos descobrimentos, que diariamente as confirmão. O desejo de sacudir hum jugo tão oneroso, junto á convicção das vantagens de outros alimentos, devião ter influido necessariamente na diminuição do consumo do pão, considerado até aqui como hum manjar de luxo em muitos povos do Norte: vemos pelo contrario, que este consumo cresce, e que nos faz tributarios, não só da Sicilia, de Trieste, e de outros portos da Italia, mas dos Estados Unidos da America, de Odessa, e das Ilhas Jonicas, vindo-nos todos os annos de navios de Gregos, e de Turcos, e o que he ainda mais vergonhoso, dessa mesma costa Africana, que não só nos lança em rosto a nossa incuria sobre a mais proveitosa de todas as artes, mas nos infesta os mares com a mais barbara piratagem. Vamos pois á exposição da parte do Livro do Milanez *Gioja* sobre o commercio dos *Grãos*. Como este assumpto, tantas vezes examinado por Escriptores da primeira ordem, se não póde já prestar a idéas novas, o Author se limita unicamente a tratallo com vigorosos raciocinios, com methodica classificação, com verdade, e com a possivel amplitude nos factos que allega. Submettendo ao mais escrupuloso exame os principaes regulamentos sobre o commercio interno, falla do

monopolio dos depositos ou celeiros, da prohibição de vender fora do mercado ou Terreiro publico, dos contratos, em huma palavra, de tudo o que se comprehende nesta parte de Legislação economica; para evitar o empache das idéas systematicas, põe em contribuição a historia de todos os seculos, e com a luz que ella lhe subministra, sem se servir de outros soccorros, resolve as mais intricadas questões, que se lhe offerecem. Mostra a inteira necessidade que ha de deixar livre o gyro interior, provando com exemplos conhecidos, que as prohibições que se põem são prejudiciaes aos consumidores, porque dão motivo a se espalharem boatos falsos de carestia, e prejudicão igualmente aos proprietarios, porque lhes impede a venda dos *grãos*. Todas as vezes que o Governo trata de fixar o preço pondo-o mais baixo que sua natural nivelação, cria huma força que arroja os *grãos* fora do Estado, assim como os fluidos comprimidos no centro se derramão por todos os lados com impeto proporcionado. Os que louvão a momentanea baixa do preço, não contemplão a diminuição no *grão* e nos trabalhos; esta diminuição he huma consequencia necessaria daquella baixa; no *grão*, pela sahida que se lhe dá, e no trabalho, pela falta de capital, que o compense. Por outro lado, as melhores intenções dos Governos não se podem executar senão por mãos secundarias, e estas em pontos de tanta delicadeza estão mui sugeitas á corrupção. Os povos que se queixão do Governo, porque não expede continuamente ordens que diminuão os preços, são similhantes ao enfermo que se enfada com o Medico, porque lhe não receita a cada instante novos medicamentos, até que vem a morrer nas mãos de algum Empirico Curandeiro. Depois disto assignala o

author com muita sagacidade, todos os caminhos por onde se introduz o abuso, e a corrupção na execução dos regulamentos que encadeão o commercio dos *grãos*.

A manifestação da quantidade de *grão* que cada Negociante possue, a pezar da severidade das penas que castigão os infractores, não são, na opinião do Autor, mais que huma serie de enganos, e por consequencia hum remedio immoral, e infructuoso. Com a mesma severidade opina dos Armazens publicos, que estabelecem muitas pessoas mais benévolas que sagazes, pois diz que similhantes estabelecimentos são inuteis e prejudiciaes; inuteis, porque os grãos enceleirados não bastão ordinariamente nas épocas de grande escacez: são prejudiciaes, porque impedem as especulações que farião os Commerciantes, se estes não temessem ficar arruinados concorrendo com aquellas formidaveis reservas ou depositos, que se podem abrir, e de hum instante para o outro inundar os mercados. Estes depositos, abrem além disto hum largo caminho á corrupção dos agentes governativos commissionados, ou encarregados da compra, guarda, e distribuição do *grão*.

Em quanto áos que negoceião unicamente em *grão*, gentes contra as quaes tanto costuma gritar a opinião vulgar, eis-aqui como pensa o mesmo Autor. Querer destruir as mãos intermedias entre o vendedor primitivo e o consumidor, he o mesmo que querer deitar abaixo huma ponte que une as duas oppostas margens de hum rio. O Lavrador não deve abandonar o arado para estar em huma praça com os braços encruzados, ou com as mãos debaixo dos braços esperando compradores. O Estado tambem perderia muito pela diminuição que terião em seus differentes movi-

mentos tantas partidas pequenas de grãos, os quaes estarião mais seguros em alguns Armazens bem acondicionados, como os póde ter o Commerciante, ou como os costuma ter o Lavrador quando he rico.

No commercio interno o Autor distingue quatro combinações governativas. A primeira — *Liberdade nulla*: — e examina quaes sejão os casos em que o Governo se deva inteiramente oppôr á importação, e exportação dos *grãos*. Segunda, a *Liberdade inteira*, em cuja doutrina não concorda, ou convem, com os Economistas que apregoão huma liberdade sem limites, e sem excepção. Terceira, *Liberdade limitada*. Examina a utilidade dos impostos na importação, e exportação, e todas as modificações de que este commercio he susceptivel. Quarta, *Liberdade promovida*; e submette a novo exame as Leis Inglezas, que promettem premios á exportação. Em a analyse destas quatro combinações da parte Legislativa, o Autor, persuadido da importancia de consultar as circunstancias locaes, distingue tres classes de Povos, ou Estados. A primeira, Povos em que abunda constantemente o grão. Decide, que nestes deve ser livre a exportação, e prohibida a importação, ou ao menos submettida a grandes impostos. Diversos factos apontados da Historia de França, de Inglaterra, e de Italia, fazem vêr que nestes casos a livre importação poderia prejudicar á Agricultura (tambem podia o Autor tirar ainda mais factos, e mais concludentes da Historia de Portugal). Segunda, Povos em que escacêa constantemente o grão. Nestes se necessita de huma ampla faculdade, e liberdade de exportar, e de importar; porque he hum axioma de economia politica, que a importação não he constante, on-

de a exportação não he livre. Esta doutrina pode ter graves inconvenientes: se se pratica em hum paiz immediato a outro igualmente escasso de *grãos*, ver-se-ha muitas vezes, que o desejo de ganhar occasionará grandes extracções em hum para socorrer a maior necessidade do outro, e neste caso o primeiro será victima de sua imprudencia. Terceira, Povos em qne ás vezes abunda, e ás vezes escacêa o *grão*. Este Problema, segundo o Autor não se pode resolver como huma regra geral, porque exige a maior prudencia em consultar as circunstancias topograficas, e politicas.

Por este pequeno esboço se verá a clareza com que o Autor procede, clareza devida unicamente á classificação; porque esta não he menos util na Sciencia do Governo, que nas Sciencias naturaes. He sabido o dito daquelle Jurisconsulto Inglez, o qual opinava, que para escrever com acerto de Legislação, era preciso aprender Botanica. Com effeito as Sciencias que classificão, são as que mais se adiantão, e as que confundem, são as que mais retrocedem. Nos seculos barbaros, hum Codigo era huma collecção de Leis, de documentos moraes, de disposições governativas, politicas, e diplomaticas. Em nossos tempos a boa razão exige, que se applique a todos os ramos dos conhecimentos humanos a judiciosa regra de Horacio:

Singula quæque locum teneant.
Ponhão-se sempre em seu lugar as coizas.

Economia Rural.

Não sou dos homens mais assustados, e poucas coizas são capazes de alterar a minha apáthica serenidade, porque, se os males são excessivos acabão logo com quem os padece, se elles são toleraveis, não ha coiza a que se não habitue a Natureza. Apezar destes principios de Filosofia pratica, (que he a verdadeira, nem eu conheço outra), tremi quando me determinei a lançar por escrito algumas idéas minhas sobre economia rural. A que Leitores não enjoará já esta materia? Ha tantas economias politicas; tantos, e tão grandes Tratados de Agricultura; os montes, as montanhas, as serranias de Memorias Academicas sobre o melhoramento dos terrenos, e as Dissertações sobre o esterco, sobem já a tantos milhares de milhões, que parece que he perder tempo e papel, mais caro que pannos superfinos, tratar de similhante materia. Que importará este discurso a mulheres embaladas de contínuo em estofadissimas carruagens, ou sentadas em dourados Gabinetes (*torquet Enthimema*, como diz Juvenal) engolfando-se nas Theorias de Kant, e de Mendelson sobre o Bello ideal? Se o pão estiver caro, dizem ellas, comeremos bollos. Que attenção posso esperar de certos Proprietarios opulentos, e opulentissimos, a quem hum acto de Justiça de huma Commissão de transportes podia reduzir á antiga mendicidade, e que se consolão com o excessivo preço do pão, e com o excessivo preço de tudo, até dos Porcos, e com a esperança de arrendarem por mais as *suas* terras, que são já maiores que o Reino Veneto-Lombardo, e Lombardo-Veneto? Que pouco se inquietão com a primeira necessi-

dade dos pobres certos ricos Capitalistas apparecidos em Portugal, e de huma data muito recente, em quanto elles aturdindo o Mundo com *Letras*, sem serem aquellas que se aprendião em Athenas, inventora das Artes, gozão em paz (porque eu não lhes pregunto = donde lhe veio isto?) dos fructos de seus *honrados* suores, e dos resultados das suas não *cavillosas* especulações? Em quanto a mim, confesso que não tenho a ventura de gozar desta *Filosofica* indifferença. Dirão que isto nasce da minha caustica irritabilidade, e que fallo assim, porque não tenho pão. Pois se o não tiver, nem me hei de queixar, nem lho hei de pedir. Tenho alma para viver solitario no cume de huma montanha, ou n'huma choça inaccessivel aos humanos com algumas provisões de agua, e de arroz; e não tenho alma de existir no centro da populosa Lisboa, onde a cada passo devesse encontrar mulheres semi-cadaveres com os olhos encovados, os beiços lividos, os peitos seccos, trazendo pela mão crianças ou nuas, ou cobertas de trapos, implorando com huma voz trémula, e quasi extincta, a piedade dos que passão; e suspender-me com o encontro de velhos vacillantes implorando cheios de temor a mais pequena esmola. Não poderia viver em sustos de que a cada instante huma tropa de officiaes mecanicos, levados, e apertados da fome, e da desesperação, se amotinasse, e revoltasse; explosão para mim muito mais terrivel, que a dos pataratas Filosofos, por quem as Galés inconsolavelmente chorão, mostrando aos Tribunaes de Justiça os seus aneis de artelho cheios de ferrugem. A' vista disto, que remedio se ha de oppôr a hum flagello com que o rigor do Ceo costuma muitas vezes affligir a especie humana? Pode chegar a resignação a soffrer huma dôr prolonga-

da, mas que homem achará no fundo da sua alma força bastante para supportar com constancia o tormento da fome, e expirar em silencio sem perturbar com hum crime a ordem social? O homem civilisado na Europa contrahio o habito de viver de pão; e os Portuguezes comem talvez mais pão que todos, e eu mais que todos os Portuguezes; e a huma criança quando pede pão, se lhe deve dar hum pão inteiro. Este alimento — pão — se ha tornado de huma necessidade absoluta; se elle falta, segue-se huma morte inevitavel. E de quantas coizas está pendente esta preciosa producção da terra? Quantos accidentes podem frustrar, e roubar ao Lavrador o fructo de seu trabalho? Tempestades, cheas, multidão de insectos, a voracidade de animaes granívoros, o resfriamento, e humidade da Atmosfera que suspendem a maturidade das plantas Cereaes. A' vista destes desastres me vem a tentação de invejar a sorte daquellas Hordas errantes de Tartaros que vivem em barracas, e que podem refugiar-se com seus rebanhos onde quer que encontrão pastagens, seguros de que escapão á fome onde quer que a herva brote, onde quer que as arvores lhes offerêção fructos, e sombras, onde quer que os rios lhes possão matar a sede. Ora pois, já que nossa condição he tão differente da sua, e já que a nossa existencia social se identifica com este comestivel a que nos leva o instincto, nada se despreze para não experimentarmos esta destructiva privação. Occupemo-nos desta verdade, que entre tres milhões de Portuguezes (se este numero ainda existe) mais de dois milhões e meio vivem de pão, que se tres dias lhes falta, não faltará á foice da morte que fazer. Deste flagello da fome nascerá outro, que não falhou nos restos do anno de 1810,

e este flagello chegará ao rico, e opulento, a doença. Não faltão systemas Filosoficos, não faltão doutrinas em Memorias Academicas sobre este importante objecto. Muitas vezes tem querido Filantropos illustrados fazer semear por Filosofia, e não só Annibal se rio dos discursos, e *planos* de ataque, e defensa do mentecapto Formião Filosofo, dizendo que elle tinha visto delirar muitos velhos, porém que parvoices por aquelle feitio, nunca as escutára; tambem eu tenho visto rir das theorias de grão fermentado, e dos estrumes calcareos, os homens da carapucinha azul dos campos da Azambuja, e de Villa Franca; vem a chêa, e a *nabinha*, e lá se vão o Filosofo, e mais as Theorias. O mesmissimo Rosier se lá estivera, morria com fome. A tropa dos Economistas systematico-politicos, de cuja invasão defenda Deos as fronteiras deste Reino, tem feito grossos volumes sobre este Problema = Se se deve dar á Agricultura, ou ao Commercio do grão huma liberdade inteira, ou se he preciso pelo contrario restringilla em certos limites? = Sem duvida, sería de desejar que todos os povos fossem povos de irmãos, e que os Celleiros de hum Estado, que tem o superfluo, fossem os Celleiros de seu vizinho, que não tem o necessario. Mas esta he huma daquellas quiméras do Abbade de S. Pedro, que nunca chegará a ser huma realidade. Não nos illudamos sobre o caracter das Nações. Já he muito pedirlhes que se não ceguem sobre seus mesmos interesses, que consintão em trocas todas as vezes que lhes forem favoraveis, que se não opponhão a huma circulação que lhes leva a casa a abundancia do numerario. Erraráõ todos os calculistas, que assimilharem o commercio do grão ao commercio de outros quaesquer generos, ou produc-

ções da industria. Das transacções do primeiro depende a estabilidade dos Imperios, e suas variações; se acaso são extremas, trazem comsigo as revoltas, e as conspirações contra a Authoridade; produzem explosões que não são menos promptas, e funestas, que as dos Volcões. Só os Governos podem atalhar estes perniciosos effeitos. A energia que então se desenvolve, não he Despotismo, he providencia de hum pai que quer a todo o custo salvar a sua familia, e segurar a subsistencia de todos os seus filhos.

He incontestavel que os fructos da terra são huma propriedade daquelle que lavra a terra, que a semêa, que a fertiliza, e que paga o tributo que a Lei lhe impõe. Se desanimão o Lavrador com vexações arbitrarias, não procurará melhorar seus campos, nem empregar maior numero de Jornaleiros; as colheitas serão menos abundantes, e aquellas rigososas medidas que se julgavão vantajosas á sociedade, diminuindo os productos da cultura, se tornarão prejudiciaes aos habitantes das Cidades. Eis-aqui pois o conselho de quem olha para este Reino com olhos Portuguezes, e que não he da classe daquelles Sybaritas para quem he huma grande e unicamente importante questão, saber quem tomará a empreza do Theatro Nacional, que nunca vírão mais campo, que não entrárão na choupana do cultivador, que olhão mais para os arreios pespontados do Chiado, que para hum arado, e para huma enchada, para quem são indifferentes os recursos de huma Provincia, e suas forças agrarias, e mui importantes as edições de hum Poeta, etc. etc. etc. — Faça-se brilhar aos olhos do Lavrador a luz de huma liberdade legal, para poder dispôr á sua vontade do fructo de seu trabalho; ao mesmo passo que se

lhe deve fazer entender que o Governo não protege a sua arbitraria independencia; mas que honra a sua profissão em quanto se não mostrar estrangeiro á sociedade, de quem por certo he o mais nobre, e mais seguro sustentáculo. Ainda que seja respeitavel, e muito, a sua propriedade, differe com tudo das outras, e por sua natureza não pode abusar della. Com effeito, que hum individuo oppresso do pezo das suas riquezas, pegue nas suas burras todas, e atire com ellas ao fundo do mar, pode ser, ninguem lhe vai á mão, apenas dirão que está rematadamente louco; mas se hum Lavrador lançasse fogo ás médas, e ás eiras, esta acção devia ser considerada, e punida como hum crime, em quanto o enterro das burras do Capitalista se reputaria huma parvoice. Que hum Mercador da rua Augusta, chamados de Lã e Seda, sepulte os seus fundos na sua vasta loja em fardos, e fardos, e fardos de panno Inglez superfino, pode ser, e não ha direito ou força, que o obrigue a vender estes preciosos depositos, que elle quer conservar, e com tão pouca luz, que nem a Traça os descobre para os roer; e nesta hypothese, eu diria, que se lhe fizesse a vontade até se gastarem todas as saragoças do *Redondo*, com que nos vistamos. Porém se hum Lavrador, depois de ter enchido seus Celleiros de tudo o que recolheo hum anno, levado por huma falsa especulação, teimasse em conservar fechado o trigo em quanto o Terreiro estivesse varrido, e com altos brados o povo pedisse pão, — *Panem, et circenses*, devia ser judicialmente obrigado a pôr á venda o alimento que quer subtrahir a seus compatriotas, forçando, sem infringir as regras da equidade, a satisfazer a mais imperiosa de todas as necessidades do homem, e por aquelle preço

que huma Justiça imparcial lhe prescrevesse, punindo-se sem mais ceremonia e processo o Procurador do Conselho, ou meritissimos Vereadores daquella Camara que se convencionassem na taxa com os Tigres monopolistas de tão indispensavel alimento. Com estas idéas he que mostra o Cidadão honrado que he amigo do Rei, e do povo.

Não me espantaria o preço alto do trigo; mas sim a sua insufficiencia. Se o interesse do consumidor se não concilia algumas vezes com a cobiça do vendedor, por fim sempre virão a concordar, porque se hum tem necessidade de comprar, o outro não terá menos necessidade de vender. O Lavrador tem contribuições que pagar, jornaes que satisfazer; e muitas vezes hum Proprietario que lhe leva mais de metade. O Gorgulho lhe estraga hum Celleiro, e a colheita proxima pode por sua fartura desvanecer as suas esperanças: seu proprio interesse lhe diz que se não fie muito no futuro, e que não zombe da paciencia do Consumidor. Em quanto o Governo não descobrir os symptomas da fome, esteja tranquillo; quanto menos se mostrar, mais actividade, e liberdade legal haverá nos mercados. Forme-se hum calculo aproximado do consumo annual, e regule-se por elle toda a exportação, e importação do objecto mais precioso, e mais necessario. A exactidão deste calculo encerra em si todos os bens da sociedade civil, não excede a importação a necessidade, nem venha a importação pela sua descomedida abundancia desconsolar de tal maneira o Lavrador, que de desesperado deixe as terras de alqueive, mande os criados embora, e faça lenha dos arados. Dois grandes damnos se seguem de huma superflua importação de trigo, chamo superflua a que excede todos os limites da

necessidade do anno; o primeiro he arruinar o Lavrador, que não podendo vender se não pelo preço regulado pela abundancia da importação, não contrabalança com elle as despezas da Lavoura; e o segundo, que he o maior, e o peior, he fomentar a indolencia, e ociosidade no povo, objecto o mais attendivel de hum bom Governo. A mais numerosa população de Portugal reside em Lisboa, e nas grandes Cidades: compõe-se de Officiaes, de Jornaleiros, que não vivem senão de seu salario, cuja propriedade he a propria industria, e o emprego das forças fysicas. Ponhão esta gente em ociosidade voluntaria com o preço do pão muito abatido, sendo-lhe preciso trabalhar pouco para comer muito, he logo atacada de hum achaque de frouxidão, em que se arruina. A maior parte desta classe laboriosa tira a sua subsistencia dos caprichos do rico, e estes caprichos crescem em razão da abundancia do numerario, o artista ocioso o não recebe, e assim não se espalha, nem circula, e o artista trabalha, quando lhe he preciso para se sustentar. O luxo, segundo o meu entender, apezar das vãs declamações de certos hypocritas da Democracia, he necessario nos Reinos opulentos, e he tão imperiosa a sua lei, e tão util a alguns respeitos, que faz vêr a luz do dia a Peças de seis mil e quatro centos, e mais, condemnadas a eternas sombras pelas mãos da avareza, e da sordidez, que as ajuntárão. Deixemnas sahir que são cá precisas, e arruinado o Lavrador pela excessiva, e mais que superabundante importação de grão, e cruzados os braços do artista, que com pouco trabalho acha muito pão, tudo vem a cahir depois no estado paralitico; e ha fartura hum mez para haver fome hum anno.

Huma das grandes fontes da riqueza podia

ser em Portugal a fertilidade espantosa de seu terreno, e a variedade e preciosidade das suas producções. O grande interesse de Portugal he explorar bem esta mina. Creião todos que he inexhaurivel; quanto mais se trabalha, mais meios apparecem de supportar seus encargos, de amortizar suas dividas, de fazer crescer seu dinheiro, que refluindo nas Cidades alimenta as artes, e se vai derramar nos campos para lhes dar vida.

MECANICA E ARTES.

Noticia de huma Regua de calcular usada em Inglaterra, e alli denominada Sliding-rule (Regua-corredia), *precedida de huma vista d'olhos sobre a industria Ingleza. Por Mr.* Jomard.

TEM a Industria tomado na Europa tal desenvolvimento, que he tão impossivel suspender os seus progressos como saber aonde ella ha de ir parar. Se tem dado tão agigantados passos nestes tempos calamitosos, a que ápice não subiria, se as nações renunciassem a todas as contendas que não fossem o rivalizarem nos inventos, e a qualquer outra gloria que não fosse a preeminencia ou o primor nas Artes! Mas como o espirito de descobrimento he invariavel na sua marcha, como de tudo a Sciencia se aproveita, temos visto ministrar-lhe recursos a propria guerra; não pôde por tanto a arte de destruir estorvalla na arte de produzir, antes lhe deo forças para mais se remontar. E com effeito, não he no tempo da paz que tiverão nascimento as mais abalizadas invenções; e a França, com particularidade, se póde gloriar de as ter produzido mais importantes ha vinte annos a esta parte, do que em huns poucos de seculos.

Os nossos vizinhos Inglezes não tem menosprezado esta gloria; tem como nós huma multidão de habeis Mecanicos, e além disso legiões de ex-

cellentes operarios. Diz-se que nada ha superior ás suas ferramentas; isto he hum engano: alli ha, o que ainda he mais apreciavel, hum viveiro de Artistas capazes por si proprios de adivinharem, e realizarem trabalhos engenhosos, e que se tem feito tão peritos applicando-se de contínuo a aperfeiçoar os instrumentos, e os meios de que a Mecanica se serve. Daqui tem resultado que a maior parte dos productos das Artes tem hoje em Inglaterra huma especie de uniformidade, e que nenhuns ou poucos ha que sejão inferiores. Entre nós só o rico ou o homem remediado pode chegar ás coizas bem acabadas e elegantes; em Inglaterra goza dellas o mesmo povo, e entretanto alli he menor que em França o valor do dinheiro; porque, geralmente fallando, he alli a despeza toda em dobro da que se faz entre nós: porém muitas obras feitas por mecanismo, attendida a sua perfeição e o valor do dinheiro, são duas e tres vezes mais baratas que no nosso paiz. A razão disto he porque alli se tem conseguido prescindir dos braços do homem para produzir effeitos, até na execução de coizas que parece exigem o trabalho de huma delicada mão.

Poucas semanas se passão em Londres sem que se veja brotar alguma invenção singular: talvez passe a abuso o emprego de maquinas em quasi tudo; mas digão, não he esse luxo formosa coiza? Nas maquinas, nas fabricas, he onde corre huma multidão de capitaes, que em outras partes se gastão de bem diverso modo. Quando os nossos Officios mecanicos e as nossas Fabricas tiverem á sua disposição avultados cabedaes, destros operarios, e bons regulamentos administrativos, havemos de fazer os mesmos progressos que os nossos vizinhos, e talvez os excedamos.

He huma idéa falsa attribuir a inferioridade

que em certas coizas nos exprobão, á falta de incitamento da parte do Governo. As verdadeiras causas de melhoramento são as tres que acabo de dizer; além do que, o Governo faz muito mais aqui a favor das Artes do que em Inglaterra, onde todos os seus estimulos vem dos particulares.

Não he do meu intento enumerar todas as maquinas de que está cheio aquelle paiz. Demais disso, a maior parte dellas são menos maquinas novas do que maquinas aperfeiçoadas, quer no seu mecanismo, quer na sua applicação, quer nos seus productos. Assim acontece com a maquina de vapôr, e com a prensa hydraulica: a primeira está tão espalhada, que se tem tornado hum motor universal. Sua construcção he feita com tal esmero que desde aquellas que tem huma força igual a cento e oitenta cavallos até as que tem menos força que hum só cavallo, todas são feitas com a mesma exactidão, e nenhuma faz incommodo ruido. Esta maquina serve hoje em dia para cunhar moeda, para transportar cargas, para navegar, para imprimir, e para huma multidão de outros usos, de que ninguem a julgaria capaz em outro tempo.

A prensa hydraulica, cujos effeitos sabidos tão assombrosos são, tem sido ultimamente applicada a outros muitos objectos: com ella se arrancão pelas raizes os mais corpolentos troncos d'arvores: com huma força de 100 arrateis pode-se produzir hum effeito igual a setenta e dois mil. — Eu mesmo vi submetter á acção desta prensa grandes pedaços de madeira, os quaes erão no mesmo instante dobrados e esmagados sem o minimo esforço. Tambem as fazem dos mais pequenos tamanhos, e Mr. *Bramah* as tem construido que servem para tirar varias copias de qualquer carta.

E que coiza mais singular que arrancar as arvores com huma especie de bomba, fazer louça sobre a qual se pode andar, chapeos que se podem dobrar e enrolar na algibeira sem perderem seu feitio, tapetes solidos de papel pintado, papeis superfinos de todo o tamanhó que se queira, etc., a não ser talvez çapatos sem costura, e feitos sem çapateiros, barcos que andão sem vélas nem remos, carros que rodão sem bois nem cavallos, e sem guias, candeeiros que allumião sem azeite e sem torcida, pedra dura sem se tirar de pedreira, moinhos de vento sem vélas apparentes, plainas que trabalhão por si sem carpinteiros nem marcineiros, e outras muitas fabricas a bem dizer sem operarios? Isto he o que se vê em Inglaterra, não em projectos, ou em experiencias, mas em fabricas florecentes. Entre tanto ainda ha coiza mais extraordinaria, que he Escolas sem Mestres: e com tudo não ha coiza mais verdadeira. He notorio que existem presentemente milhares de rapazes ensinados sem Mestre propriamente tal, e sem que custe despeza alguma o seu ensino ás suas familias, nem ao Estado: methodo admiravel que em breve se verá em França propagado.

Não quero pois aqui fallar senão de huma unica invenção, a *Regua de calcular*, que tambem he huma especie de maquina levada hoje a grande ponto de perfeição. He hum meio de fazer todas as contas ou calculos sem pegar em penna, lapis, papel, sem taboada, sem contar de cabeça, e sem saber arithmetica. Não he de agora que veio á idéa o calcular por meios mecanicos. Desde o nosso grande *Pascal* até ao presente se tem feito huma multidão de tentativas mais ou menos engenhosas em Alemanha, em França, e em Inglaterra; mas poucos tem conseguido o verdadeiro

fim, que he fazer estes instrumentos populares. As regras de *Scheffelt* não podião servir senão com hum compasso. As mesmas regras de *Gunter* erão principalmente usadas nos calculos astronomicos, e mais applicaveis á Navegação que aos usos communs da vida. *Lambert* empregava duas regras de que tirava o maior partido, mas não era commodo o seu uso. Era preciso fazer a coiza de modo que não occupassem as duas reguas mais lugar do que huma. As ultimas que acaba de fazer em Londres Mr. *Jones*, Engenheiro de instrumentos, parece que nada deixão a desejar em nenhuma destas relações. Ellas podem servir aos sabios, aos ignorantes, aos negociantes, aos operarios, aos medidores de terras, a quasi toda a gente. Posto que não sejão ainda tão communs como hão de vir a ser, quando acabar o Privilegio do Artista, ou estiver quasi acabado, já na Praça do Commercio, e nas Officinas ha muitas: são portateis e exactamente divididas. Por meio dellas se fazem, em hum instante, multiplicações e divisões, até em quebrados: até se fazem regras de tres complexas, por meio de huma só operação, tão breve como simples; extrahem-se as raizes dos numeros, elevão-se estes a todas as potencias; finalmente resolvem-se os triangulos: e tudo isto se faz com huma regua, feita de páo de buxo, chata e estreita, de hum pé de comprido, na qual anda emmalhetada huma reguazinha corredia que tem, como a outra em que encaxa, certas divisões.

Bem se sabe que por meio dos logarithmos todas as multiplicações e divisões ou repartições se reduzem a huma simples addição ou somma. As duas regras são construidas e divididas em conformidade deste principio. Adiantando ou recuando

a regra movel ou corredia, não se faz mais que sommar ou diminuir os numeros gravados em huma e outra, e por conseguinte de executar toda a qualidade de regra de arithmetica.

As applicações que se podem fazer desta regra de calcular são innumeraveis. Não ha multiplicações, divisões, regras de tres, extracções de raizes, elevações de potencias, conversões de numeros huns em outros, que não se possão executar. Tudo o que se chama taboadas e contas feitas se encerra neste instrumento. Pode-se fazer sobre tudo grande uso delle para converter as medidas antigas nas novas, e *vice versa*; as moedas e medidas estrangeiras nas do paiz, e reciprocamente; em huma palavra, podem resolver-se todos os problemas deste genero, e, digamo-lo assim, intuitivamente. Em Londres já os negociantes se servem muito della na Praça; ninguem se admire disto, pois que ella dá meio de fazer promptissimamente, e com sufficiente exactidão operações de Cambio complicadas, e que este genero de negocio depende muitas vezes da presteza do calculo.

Poder-se-hia fazer objecção contra o uso desta regua, que nem todos estão em estado de transformar quaesquer partes aliquotas em decimaes; mas isto he huma coiza que se aprende depressa; e de mais, nenhum systema de medidas lineares, monetarias, ponderaes, ou outras, pode convir melhor á *Regua de calcular* que o systema Francez de pezos e medidas; e eis hum grande motivo para se introduzir entre nós o seu uso. Nada mais facil do que fazer aqui reguas iguaes, e accrescentar-lhes as outras indicações que se achão na Regua de Mr. *Jones*.

O que fica dito respeita unicamente aos cal-

culos numericos, e pertence ao lado da regua que he de uso geral. O lado opposto da regua e o da regreta movel encerrão divisões e numeros que tem outro objecto; á esquerda estão escalas de differentes proporções para uso dos Engenheiros; á direita, estão numeros que servem de achar os pezos de dezeseis substancias taes como metaes, marmore, enxofre, etc., em diversos volumes, e em forma de parallelipipedo, de cylindro, ou de esfera. Para fazer estes ultimos calculos cumpre saber que os numeros vem a ser os denominadores de fracções, que tem por numerador a unidade, e que estes numeros muitas vezes devem multiplicar-se por 10, por 100, por 1000; o que o habito faz achar facilmente. Estes numeros fraccionarios, ou quebrados, exprimem os volumes relativos aos solidos; para ter o pezo absoluto destes, he preciso multiplicar as fracções por 1000. Por exemplo, na casa que corresponde á palavra *Enxofre*, e ao signal que indica hum cylindro de hum pé de altura e huma pollegada de diametro, acha-se o numero 146, que se deve ler 1460, e olhallo como o denominador de certa fracção $\frac{1}{1460}$, a qual multiplicada por mil dá 0,685 milésimas de arratel: este ultimo numero he o pezo em libras de hum cylindro de enxofre da grossura de huma pollegada, e de hum pé de comprimento. Não se podem perceber bem estes calculos sem ter a regua á vista.

Os Sabios de Londres tem reguas muito mais compridas, e que por conseguinte dão resultados mais exactos. Vi em casa do Doutor *Wollaston*, Secretario da Sociedade Real, huma regua por meio da qual elle obtém a raiz de qualquer grão seja qual for, inteira ou fraccionaria de todo e qualquer numero. Esta maneira de fazer os cal-

culos não he talvez para os Sabios preferivel ao uso das taboas; mas a regua simples que deixo descrita he de huma vantagem inextimavel no uso ordinario da vida, e convem perfeitamente a todas as classes. — He pois de appetecer que se torne de uso inteiramente popular, e que o seu preço seja ao alcance de todos. Cumpre entretanto não perder de vista que se não deve sacrificar á barateza a sua perfeita divisão, por falta da qual este instrumento sería absolutamente inutil.

Em Londres a regua de hum pé vale hoje 5 chelins. Creio que se poderia fabricar aqui em França por 4 ou 5 francos; mas penso tambem que sería util fazellas em figura de bengalla de hum metro de comprido: então sería a sua exactidão quatro vezes maior que nas reguas ordinarias Inglezas.

N. B. Estão-se fazendo em *París* Reguas de calcular, segundo as medidas Francezas (decimaes); e sem serem muito maiores, tem duas vezes mais exactidão que a Regua *Ingleza* de hum pé. A Mr. *Lenoir*, habil autor de instrumentos, he que devo este trabalho. Sou devedor de todos os calculos, que a perfeita construcção desta Regua exige, a Mr. *Corabœuf*, Capitão no Real Corpo de Engenheiros Geografos.

NOTICIA

DOS

PROGRESSOS NAS SCIENCIAS E ARTES,

RELATIVOS AOS DOIS ULTIMOS ANNOS.

ASTRONOMIA.

Indagações do Cavalheiro Guilherme Herschel, *a respeito da distancia das Estrellas fixas.*

EM HUM escrito publicado na Parte II das *Transacções Filosoficas*, procura este célebre Astronomo, por computos achados na sabida força dos seus telescopios, e na probabilidade de certo calculo da grandeza das estrellas fixas, chegar a conclusões definitivas sobre o grande problema do arranjamento dos corpos celestes no espaço. Concedido que, humas por outras, as estrellas menos luminosas são as mais distantes, fica nesse caso sendo a sua luz, em certo modo tosco, huma medida da sua distancia, a qual pode comparar-se por huma serie de igualamentos entre as estrellas grandes e pequenas, feitos com telescopios similhantes, mas

de differentes aberturas. Conclue por tanto Mr. Herschel, que huma simples estrella da primeira grandeza deixaria logo de ser vista meramente com os olhos se se afastasse 12 vezes da sua distancia; e deixaria de ser vista com o melhor telescopio até agora construido, se se afastasse 2300 vezes. Com tudo hum instrumento tal ainda continúa a mostrar estrellas na Via Lactea nos ultimos limites da sua visibilidade. Esta maravilhosa estrada de estrellas he por tanto como insondavel tanto aos nossos olhos como aos nossos telescopios.

Mas ainda que a luz das estrellas simples já não possa tocar os nossos olhos, o unido esplendor dos systemas sidéreos pode vir a nós de huma ainda muito maior profundidade no espaço. Quando as estrellas dos grupos se podem ainda vêr pelos telescopios, podem as suas distancias calcular-se pela abertura do angulo que justamente as *resolve*, e deste modo temos 47 grupos de estrellas calculados neste escrito. Estes grupos por outra parte vem a ser huns anneis connexos com *objectos ambiguos* taes, que os nossos telescopios os não podem resolver. Em primeiro lugar está provado por muitas observações, que postos actualmente em apparencias similhantes os grupos resolviveis vistos com telescopios inferiores, e huma vez que se estabeleça a similhança de sua natureza, podemos comparar as suas distancias com as do primeiro genero, pelos mesmos principios que os da mais proxima estrella fixa. Quando se perdem de vista taes objectos parece ter-se chegado aos ultimos limites da vista humana; e somos induzidos a suppôr que isto deve de ter effeito pela trigesima quinta milesima ordem das distancias.

Novo Planetario.

Planetario he huma maquina ou instrumento que serve de representar os diversos movimentos dos corpos celestes, quer por meio de ponteiros e mostradores, quer por meio de circulos e rodas. O primeiro instrumento que appareceo deste genero, digno de attenção, pertenceo a *Carlos Boyle*, Conde de *Orrery*, que passa por seu inventor entre muitos, e lhe deo o nome; ao menos assim se chama ainda hoje entre os Inglezes; mas seu author ou inventor foi *Jorge Graham*, rolojoeiro de Londres, do qual obteve hum fabricante de instrumentos mathematicos hum, que copiou e offereceo ao Conde de Orrery. Assim o diz positivamente *Desaguliers* a pag. 430 do 2.º tomo da sua *Fysica Experimental.* Como esta maquina de *Orrery* era bastante complicada, e dispendiosa, imaginárão outros algumas mais simples; entre ellas teve a preferencia por muitos annos a do Abbade *Nollet*, e no principio do presente seculo se adóptou no uso das Aulas de *França* o novo Planetario de *Leguin*, Artista distincto; mas nenhum Planetario goza tanta estima em França pela sua excellente composição, se devemos dar crédito ao que delle disserão ha dois annos os jornaes Francezes, como o *Mecanismo Uranografico* de Mr. *Rouy*, o qual em 1818 offereceo ao Rei Christianissimo hum em ponto grande, que foi collocado na Bibliotheca Real. O nosso sabio *Theodoro de Almeira*, da Congregação do Oratorio, tambem ideou, com o nome de *Meza Astronomica*, hum engenhoso instrumento em que só com dois cordões e quatro roldanas se mostrão os principaes fenomenos da Astronomia, de que nos deixou a

descripção no seu 3.º tomo das *Cartas Fysico-Mathematicas*; sendo bem para lamentar, que principiando ha mais de setenta annos este douto Padre a introduzir entre nós o gosto das Sciencias fysicas com a sua popular *Recreação Filosofica*, não tenha havido quem o siga nesta nobre carreira compondo, ou ao menos traduzindo, hum bom Compendio de Fysica em Portuguez para instrucção da mocidade; Sciencia que, depois da Arte indispensavel do Desenho, tão util he até em muitos Officios e Artes, que por falta deste conhecimento jazem amarrados a huma pezada e rude rotina entre nós, com mui poucas excepções, e estas mais devidas ao grande talento e aptidão natural dos Portuguezes, que á bem dirigida applicação dos principios de huma solida theoria.

O *Jornal Encyclopedico* he destinado a despertar o amor do estudo, e a encaminhar o genio nacional pela estrada da gloria litteraria, a que nos chama tanto a lembrança do passado tempo em que ella entre nós floreceo, e de que conservamos ainda illustres esteios, como a nobreza de nosso caracter, que não deve consentir fiquemos atrás das outras nações em quanto he illustre e digno d'imitação. Por tanto perdoe-se esta digressão, e passemos a dar noticia do novo Planetario.

Foi este construido por hum Inglez, o Rev. *Jorge Though*, de *Ayton*, de hum modo mui simples e engenhoso. Consiste — 1.º de hum grande globo de vidro, sobre hum pé de bronze, e esplendidamente illuminado com circulos, estrellas douradas, etc., que apresentão huma interessante pintura dos Ceos; e contendo ao mesmo tempo dentro em si todos os Planetas e Satellites, ajustados segundo o tempo verdadeiro, e segundo os ultimos

descobrimentos. Apresenta o Systema Solar em movimento, juntamente com a sua relação com a esfera celeste, como na ordem natural. — 2.º Como os movimentos estão encerrados no globo de vidro, estão com effeito livres de serem perturbados; e a belleza do mecanismo está preservada de se enxovalhar, porque não está exposta ao ar externo. — 3.º Os seus movimentos são dirigidos por tubos delgados, e columnas e braços ôcos, de forma que occultão á vista as rodas e quasi todo o apparelho, deixando só se vejão os corpos celestes movendo-se circularmente em seus respectivos centros. — 4.º As revoluções diurnas e as dos satellites podem fazer-se parar, a fim de apresentar hum gyro mais rapido dos Planetas na Ecliptica em seus verdadeiros periodos proporcionaes, por cujo modo se faz visivel aos olhos até o movimento do Planeta *Urano*, ou *Herschel*. — 5.º Quando não se querem mostrar estes ultimos movimentos, conserva-se a maquina continuamente a andar por meio de hum pequeno pezo de rolojo, e assim continúa o Planetario a ser como humas Efemérides perpetuas, representando á vista as verdadeiras posições dos Planetas, os fenómenos das suas estações, causados pela inclinação e parallelismo de seus eixos, quanto estes se conhecem, as fases da Lua, os eclipses, etc.

HYDRODINAMICA.

Compressão de Agua.

A compressibilidade da agua, que foi ha muito tempo estabelecida como indubitavel por

Mr. *Canton*; e tambem por Mr. *Zimmerman*, foi ultimamente examinada pelo Professor *Oersted*; achou este, contra a opinião de *Zimmerman*, que a compressão da agua he proporcional ás forças compressivas, como *Canton* affirmára sobre a evidencia de varias experiencias; e que a compressão actual he sempre tres vezes maior do que a que achou *Canton*. Em confirmação dos seus proprios resultados, mostrou Mr. *Oersted* que a velocidade do som na agua, dada por Mr. *La Place*, se pode delles calcular. Em 14° de Reaumur, considera elle a agua como igual a 0,00013, ou treze centesimas milesimas do seu volume, pouco mais ou menos.

MAGNETISMO.

Sobre a anomalia na Variação da Agulha de marear.

Na 1.ª parte das *Transacções Filosoficas*, do anno de 1819, se publicou hum interessante opusculo do habil Capitão *Scoresby* sobre este assumpto, cujas principaes observações são as seguintes:

1.ª Todo o ferro a bordo de huma embarcação tem tendencia para ser magnetico, sendo as pontas superiores das barras pólos Austraes, e as inferiores pólos Boreaes neste Hemisferio, e *vice-versa*.

2.ª A influencia combinada de todo o ferro está concentrada em hum foco, cujo principal Pólo do Sul, achando-se para cima no Hemisferio do Norte, está geralmente situado no meio da cuberta superior.

3.ª Este ferro de attracção que parece ser hum Pólo do Sul na depressão ou emersão Norte, attrahe o ponto Norte da bússola, e produz a deviação ou apartamento da agulha.

4.ª Esta deviação varía com a depressão da agulha, posição da bússola, e direcção da prôa do Navio. Augmenta e diminue com a depressão ou emersão, e desapparece no Equador magnetico. He hum maximo quando o Navio navega para Oeste, ou Leste, e he proporcional aos senos dos angulos entre a prôa do Navio e o meridiano magnetico.

5.ª Posta huma bússola em hum ou outro lado da coberta do Navio, directamente opposta ao foco, dá huma indicação correcta em hum caminho Leste ou Oeste, mas está sujeita a maior deviação quando a prôa navega ao Norte ou ao Sul.

QUIMICA.

Acido Hyposulfúrico.

Em 5 de Abril de 1819 foi communicada ao Instituto de França a noticia de hum novo acido pouco antes descoberto por Mrs. *Gay-Lussac* e *Welter*, os quaes lhe derão o nome de *Acido Hyposulfúrico.* Obtiverão-no passando huma corrente de gaz acido sulfuroso por cima de hum peroxido de manganesia em agua; depois filtrando e deitando dentro do liquor certa quantidade de baryta, e fazendo-lhe passar por cima huma corrente de gaz acido carbonico, se a baryta for demasiada: dahi deitando-lhe acido sulfurico he precipitada a baryta, e obtem-se o novo acido, o qual se secca debaixo do recipiente de huma maquina pneumatica, por meio de acido sulfurico. O maior numero dos saes que forma com bases de terra ou metalicas, são soluveis, e crystallizão-se. Os hyposulfatos de baryta e cal são inalteraveis ao ar; e o acido sorbico e o chlorino não decompõem o hyposulfato de baryta. O nova acido compõe-se de duas proporções de enxofre, e cinco de oxygenio.

Novo Alcali vegetal chamado Strychnino.

Nos *Annacs de Quimica e Fysica* de Fevereiro de 1819 se deo noticia deste novo Alkali descoberto por Mrs. *Pelletier* e *Caventou* na *Strychnos ignatia (Fava de Santo Ignacio)* e na *Strychnos nux vomica (Noz vomica)* o qual se pode obter em mui pequenos prismas quadrangulares, terminados por pyramides, e he de insupportavel amargor. Decompõe-se e carbonisa-se em huma temperatura inferior á que destroe a maior parte das substancias vegetaes. Compõe-se de oxygenio, hydrogenio, e carbonio. He quasi insoluvel em agua, pois que 100 grammas de agua na temperatura de 10° só dissolvem 0.015 grãos delle; e 100 grammas de agua a ferver dissolvem 0.04. — He hum facto bem singular que a solução do strychino em agua fria, a pezar de esta ter só $\frac{1}{6000}$ em pezo do alcali, se pode diluir com 100 vezes o seu volume de agua, e ainda conserva sensivel gráo de amargura. O caracter principal deste novo Alcali he, que se une com os acidos em formar saes neutros. Mr. *Magendie* achou que elle exerce especial acção estimulante na medulla espinal. A quarta parte de hum grão produzio effeitos mui decididos em hum cão. — Ao principio derão a este Alcali o nome de *Vauquelino.*

Já fica dito que este Alcali se obtem principalmente da Fava de Santo Ignacio, (além de outras substancias); reduzem-se em pó com huma raspa aquellas sementes, e digerindo-se em ether, se obtem huma espessa substancia oleosa de côr verde desvanecida, que quando fluida he transparente. Tirado o ether, he a massa tratada com alcohol, até se extrahir tudo o que ha soluvel

neste menstruo; esta solução deve-se coar fria, e depois pôr-se a evaporar, e então deixa huma substancia amarga amarella escura, soluvel em agua e em alcohol. Tanto a substancia como o oleo tem mais poderosa acção nos animaes, similhante á da propria Fava de Santo Ignacio, e devida ao *Strychnino* que em si contêm. Para obter o *Strychnino* puro, deve huma forte solução aquosa da materia amarga amarella ser tratada com solução de potassa; deposita-se em baixo hum precipitado, o qual, lavado em agua fria, he branco, crystallino, e summamente amargo. Se não estiver perfeitamente puro, pode purificar-se dissolvendo-se em acido acético ou muriatico, e nova precipitação por meio de potassa ou magnesia; usando-se da ultima, pode o *Strychnino* tirar-se-lhe por alcohol.

Tambem fica dito que se obtem o *Strychnino* da Noz-vomica; isto se consegue infundindo-a em alcohol, e precipitando a solução clara por via do subacetato de chumbo em grande porção; a solução tirada do sedimento limpa-se do chumbo por meio do hydrogenio sulfuretado, e côa-se; depois fervendo-se com huma pouca de magnesia, que extrahe o acido acético, vai ao fundo o *Strychnino*, e depois de bem lexiviado, pode tirar-se-lhe o excesso de magnesia com espirito de vinho, e depois a evaporação o dá em forma pura. Omittimos aqui os outros productos compostos deste novo alcali, taes como o Sulfato, o Muriato, o Fosfato, etc. de *Strychnino*, que se expõem na dita relação feita ao Instituto.

MEDICINA.

Do uso do ouro como remedio.

Mr. *Chrestien*, Medico de Montpellier, tem renovado o uso deste medicamento, tão recommendado pelos Medicos Arabes, e tão desacreditado des de o renascimento das letras. As enfermidades sifiliticas são as principaes doenças a que o Doutor *Chrestien* applica o preciso metal em forma de triple muriato de ouro e soda.

Cinco grandes cadernos em que se notavão muitas observações, frutos de muitos annos de estudo, forão remettidos por este Facultativo á Academia Medica de París, a qual nomeou para a informar do assumpto os tres illustres Professores *Deschamps*, *Thénard*, e *Percy*. Da informação que estes formárão, e cuja base principal he a experiencia, resulta que nas enfermidades escrofulosas, o effeito do ouro applicado em fricções na lingua, foi mui differente em diversos sujeitos. Huns tiverão salivações abundantes, outros diarréas mucosas: vio-se em geral que as ulceras apresentárão melhor aspecto, e as que não se cicatrizárão manifestárão muita disposição para isso. Em outros individuos de menos de 15 annos de idade, atacados das mesmas enfermidades, produzio o remedio maior viveza e alegria, e notavel melhora na côr da pelle; digestões mais activas, maior calôr e vitalidade nas ulceras, e summa facilidade em se cicatrizarem.

Nas enfermidades sifiliticas, quando são frescas e agudas, produz o ouro máos resultados. Então as irrita, promove symptomas inflammatorios, augmenta as dòres, e produz novos accidentes.

Obra de differente modo nos enfermos contaminados de muito tempo, nos quaes o virus degenerado se mostra em formas chronicas. Então, diz a Commissão, he quando o ouro triunfa. Temo-lo visto resolver infartações de todos os generos, destruir em grande parte muitas exostosis consideraveis, curar a carie, cicatrizar as ulceras inveteradas, dissipar oftalmias arraigadas, e erupções renitentes.

As consequencias que a Commissão tira destas observações e de outras muitas que omittimos são as seguintes:

Primeira, que o ouro e suas preparações estão mui longe de ter a inutilidade e inefficacia de que os accução muitos Facultativos modernos: segunda, que os parciaes e os inimigos destes remedios, os tem até agora julgado incompletamente, fiando-se do bom ou do máo exito que em alguns casos tem produzido: terceira, que estas substancias tem propriedades medicas, de cuja existencia se não pode duvidar; que são excitantes em gráo heroico, que obrão com energia na economia e na organisação, que produzem perturbações notaveis, e que promovem evacuações, e depurações copiosas: quarta, finalmente, que hum estudo mais profundo das condições deste remedio, huma observação mais attenta dos seus fenomenos peculiares, huma direcção mais racional da actividade que lhe he inherente, e hum esquecimento total das preoccupações que por huma e outra parte tem contribuido para fazer problematico o seu mérito, restituirão á Arte de curar hum soccorro poderoso, que ainda lhe não tem sido possivel adoptar, porque ainda não está decidida a questão da sua utilidade e das suas applicações.

BIBLIOGRAFIA.

Noticia das Obras publicadas em França no anno de 1818.

NÃO se pode fazer idéa adequada do augmento que tem tido ha hum seculo a esta parte a publicação de livros, principalmente em França, que está hoje, e ha annos, sendo como o Arsenal da Impressão; sería preciso, para formar idéa deste augmento progressivo, ter relações apuradas de todas as obras impressas cada anno, como se tem feito ha annos a esta parte; mas o seguinte resumo das que se imprimírão em 1818 fará conhecer a extensão deste ramo de commercio em França, sendo de notar que talvez metade, principalmente das Obras de merito, se extrahem para os paizes estrangeiros. Eis-aqui pois o curioso resumo:

Sciencias Fysicas e Naturaes. Imprimírão-se 6 Obras de Fysica; 24 de Quimica; 2 de Mineralogia; 14 de Botanica; 7 de Zoologia, ou Historia natural dos animaes; 39 de Agricultura e Economia rural e domestica: total 92. Merecem particular menção neste numero huma nova edição da *Quimica* de *Thenard*, a *traducção do Systema de Quimica de Thompson*, a continuação da *Flora das Antilhas*, a da *Historia dos Animaes sem vertebras* por *Lamarck*, e a *Historia dos Crustaceos, Aracnides e Insectos* por *Latreille.*

Medicina e Sciencias Medicas. Total das Obras publicadas, 129. — A muitas destas Obras deo lugar o novo systema medico de *Labroussais*, cujas reformas e innovações, por atrevidas que pareção, suppõem grande fundo de conhecimentos, e hum discernimento fora do vulgar. — *Alibert* deo á luz o segundo tomo do seu *Compendio theorico e pratico das enfermidades cutaneas.* O Doutor *Gall* continúa as entregas da sua grande Obra sobre a *Anatomia do Cérebro*; e o *Diccionario das Sciencias Medicas* se vai aproximando á sua conclusão.

Sciencias Mathematicas. De Mathematicas puras imprimírão-se 22 Obras; de Astronomia 11; de Marinha e Arte naval 31; de Arte Militar e Estrategia 25; de varios assumptos deste ramo 22; total 111. — *Legendre* concluio os seus famosos *Exercicios de Calculo integral*, e *Delambre* publicou a *Historia da Astronomia na Idade média*; continúa com esta Obra a sua *Historia da Astronomia antiga.*

Mecanica, Industria, Technologia. Imprimírão-se ao todo 20 Obras. Entre ellas tem o principal lugar o *Tratado completo de Mecanica applicado ás Artes*, por Borgnis, que deve constar de 8 volumes em 4.º; e a *Arte de dourar em bronze* por *Darcet.*

Sciencias Religiosas e Moraes. Filologia Sagrada, 13 Obras; Liturgia 28; Theologia e Obras dogmaticas 15; Moral Christã 10; Historia e Disciplina 18; Livros asceticos, de devoções, etc. 127: total 211. — As producções que mais sensação fizerão forão o *Ensaio sobre as liberdades da Igreja Gallicana durante os primeiros seculos*; e o eloquente *Ensaio sobre a indifferença em materia de Religião*, em que o douto Abbade de La Men-

nais energicamente combate e victoriosamente convence a loucura desta indifferença, mostrando-se sabio e zeloso defensor das verdades Christãs. Esta preciosa Obra em poucos mezes apparecerá impressa em Portuguez traduzida por huma Senhora que junta á elevação da sua jerarquia conhecimentos não vulgares, sobre tudo no seu sexo.

Metafysica e Moral. Imprimírão-se 11 Obras de Ideologia e Logica, e 44 de Filosofia Moral; ao todo 55. Entre estas sobresahem as *Lições de Filosofia* por *Laromiguere*, em que apparecem muitas idéas novas, e que podem influir nos progressos da Sciencia.

Legislação. Imprimírão-se 23 Obras de Legislação politica, e 220 de Legislação civil e judiciaria: total 243. Entre estas não ha nenhuma de mérito transcendente.

Educação e Livros elementares, imprimírão-se 71. O Coronel d'Assigny tratou com muito tino o importante assumpto da *Educação dos Principes*; e o infatigavel e zeloso *Julien* publicou a *Informação dada á Sociedade do ensino elementar* sobre a necessidade de bons livros elementares.

De *Economio Politica* publicárão-se 47 Obras; de *Commercio* 54; de *Estadistica*, *Administração*, e utilidade publica 141; sobre Impostos 109: total 352. Vê-se que este ramo, e o ramo Politica são a mania do Seculo, pela multidão de escritos que produzem. — Entre a multidão destes 352 escritos, triviaes pela maxima parte, se differenção duas Obras, a saber, a *Historia* (anonyma) *da Economia publica*, e o Ensaio sobre a *Agricultura*, *Commercio*, *e Fabricas*, por *Costaz.*

Do ramo Politica imprimírão-se 360 Obras. As paixões e o espirito de partido lutão encarniçadamente nesta liça que lhes franqueou hum secu-

lo fecundo em transtornos. Poucas destas Obras offerecem idéas grandiosas: a que merece com tudo distincta attenção he o *Ensaio sobre as instituições sociaes* por *Ballanche*; esta Obra he com effeito huma producção que em todos os tempos gozará da estimação dos sabios.

Historia. Publicárão-se 122 Obras. Mr. *Catteau* escreveo com filosofia a *Historia das Revoluções da Norwega*; Mr. *Lemontey*, no seu *Ensaio sobre o estabelecimento monarquico de Luiz XIV*, analysou huma época das mais interessantes da Historia de França; e Mr. *Sismondi* concluio a sua *Historia das Republicas Italianas da idade média.*

De *Viagens* imprimírão-se 25 Obras, de *Geografia* 13; total 38. — Continúa a publicação da magnifica *Viagem ás Regiões equinoxiaes*, por *Humboldt*, e *Bonpland.* — A pezar do muito que se tem escrito sobre a Turquia, a *Viagem á embocadura do Mar Negro*, pelo General *Andreossi*, dá novas e curiosas informações á cerca daquelle paiz.

Litteratura; primeira secção: imprimírão-se 220 Obras deste ramo, a saber, Grammatica 57; Filolozia 118; Critica e Rhetorica 12; Archeologia e Numismatica 23. — A traducção completa das Obras de Cicero, feita por diversos traductores antigos e modernos, com assizada escolha, he huma das mais distinctas publicações deste ramo. Mr. *Lemercier* concluio o seu *Curso de Litteratura*, que tem recebido unanime applauso.

Litteratura; segunda secção: Eloquencia 35 Obras; Arte Dramatica 136; Poesias diversas 233; Novellas 75; Colleções de Obras completas, Dialogos, Obras soltas, e folhetos criticos 208; Historia Litteraria 25; Bibliografia 136: total 848. — Quasi todas estas Obras offerecem hum interesse

momentaneo, exceptuando os *Sermões do P. Lenfant*, bom Orador do seculo passado; e entre as Obras de Poesia, o *Theatro de Chenier*, cuja Tragedia *Tiberio* tem merecido apreço aos intelligentes.

Bellas Artes. Pintura, Escultura, e Gravura 41 Obras; Musica 7; Arquitectura e artes auxiliares della 14: total 62. — *A Collecção das ruinas de Pompeia* he a unica Obra notavel nesta divisão.

Desta multidão de producções a maior parte pertence ao Commercio, e de nenhum modo á Sciencia nem á Litteratura. Os Livreiros consultão o gosto publico, e facilmente encontrão Litteratos que se prostituem por miseravel lucro a fazer Obras que não são mais que meras compilações e dissertações de obras alheias. Com tudo, ha suas excepções; neste total geral de 2853 Obras publicadas neste anno de 1818 ha pelo menos de 20 a 30 que são dignas de passarem á posteridade; mas que comparação tem este pequeno numero com o total das que sahírão dos prélos? Por tanto, deve-se confessar que, se tem augmentado grandemente o trabalho typografico, não tem sido mui grande o augmento das Obras superiores nos diversos ramos scientificos e litterarios.

CRITICA.

O Alfaiate, e a mulher,
ou
O què prova muito não prova nada.

Havia em Samarcande hum official de Alfaiate muito rapaz ainda, porém de consciencia em feitios, e retalhos; tinha aggregado a si huma rapariga, como elles costumão; era Caseadeira, dava tambem seu ponto, ajudava em obras mais miudas, e sobre tudo ajudava muito o mestre em materias de mentira a respeito do dia em que se devia entregar a obra, e dos sobejos que ficavão, que sempre erão coiza nenhuma. O Alfaiate chamava-se Han, e a Caseadeira Golpenhada. Para tapar as bocas ao Mundo, casou com ella, e calárão-se as más linguas. O marido queria-lhe mais que aos olhos com que via, e os de Golpenhada erão pretos, rasgados, e ramudos. O talhe era o de huma Circassiana, ou Georgiana, dançava como Moroi, ou Vestris, tinha os braços arredondados, e o seio sem defeitos; de tudo isto concluia o Alfaiate, que a mulher que tinha era hum Anjo, e era huma medida bem justa, e huma conclusão bem tirada. Alguns freguezes da loja, pessoas de experiencia, e com conhecimento do Mundo, assentavão que o Alfaiate discorria ainda como rapaz; porque na verdade nem tudo que luz he oiro, e até ao lavar dos cestos he vendima. Mas estes grandes Politicos, Moralistas, e prudentes do seculo, não se lembrão que ha certos

instantes em que o mesmo Sabio Salomão discorreria tambem como o Alfaiate.

N'hum destes momentos, de que ninguem se livra, disse o Alfaiate á mulher: ó minha querida mulher, que sería de mim, se chegasse hum dia, (ainda que eu tivesse muita obra na loja, e que tivesse á disposição da minha tesoira hum capote branco com trinta e sete cabeções, e huma golla;) em que eu te visse morta, estirada no meio dessa casa em cima de hum panno de raz muito velho, e pingado, que o Armador ahi deitasse! Só esta idéa me faz arripiar os cabellos, e me esfria os proprios tutanos dos ossos! Porém eu te juro, por esta formidavel tesoira, que he a minha enchada, e que nunca jámais foi favoravel a freguez nenhum, e a cuja vista exulta toda a classe de lã e seda; que se me acontece tal desgraça, por mais pressa d'obra que eu tenha, hir-me-hei deitar nove dias, e nove noites em cima da tua sepultura, e chorarei em quanto me restarem lagrimas nos olhos. — E eu, disse a mulher do Alfaiate, eu, meu rico marido, se tiver a desgraça de te perder, juro que me hei de enterrar viva comtigo na mesma sepultura. — Eis-aqui o que se chama huma mulher, dizia com os seus, e com os botões dos freguezes o transportado Alfaiate. Em sua alma, dava hum inteiro crédito ás palavras da mulher; como ella o dizia não podia deixar de ser verdade. Passou hum anno depois da solemne estipulação deste Tratado, tinhão-se trocado os plenos poderes, e vivião n'huma santa alliança. Chegou o dia de Entrudo (nesse dia sempre ha desgraças), tinhão carneiro com arroz para a cêa; o aprendiz, de huma molhadura, tinha dado (ás escondidas; por amor do impertinente Alcorão) para algumas canadas delle de Chypre, e succedeo que a bellissi-

na Alfaiata, mais occupada em olhar para o marido, que para o arroz, e mais para o carneiro, sem deixar de comer com muita soffreguidão, como costumão não só as mulheres dos Alfaiates, mas todas as mulheres, engolisse hum osso, que lhe ficou atravessado nas goélas. De todo se engasgou. O Alfaiate afflicto, julgando que a mão era pouco para lhe bater nas costas, pegou na régua e assentou-lhe algumas pranchadas; mas nem para traz nem para diante, baldárão-se todos os extremos do Alfaiate, a mulher arrebentou. O Alfaiate, desesperado, não teve mais remedio que cuidar no funeral, e como tinha de casa agulha, e linha, amortalhou a mulher n'hum lençol velho. Golpenhada estava negra como hum tição, mas assim mesmo estava formosa, e Han não pôde supportar mais este espectaculo: enterrárão-na, e Han desempenhando seu juramento começou de se arrebolar em cima da cova. Ouvião-se-lhe os prantos a tres milhas Italianas de distancia, e estava com effeito resolvido a passar nove dias, e nove noites nesta attitute dolorosa; e a loja fechada. Passou por alli o Fakir, e Profeta Aissá. Os gritos do Alfaiate o arrancárão dos braços da contemplação em que hia absorvido, chegou-se á cova, e perguntou ao consternado mestre quem o obrigava a berrar por aquelle bom gosto? — Ah! Senhor, respondeo o Alfaiate, eu possuia hum thesouro, ei-lo aqui está enterrado nesta cova. Huma mulher! Mas que mulher! Amava-me como nenhuma mulher de Alfaiate amou ainda seu marido!! — Ora já que tu choras tanto por tua mulher, lhe diz Aissá, eu te vou dar o que tu és tão digno de possuir. Aissá tambem era Magico. Deo tres pançadas na cova com o seu bordão, abrio-se a cova, sahe a mulher viva, fresca, branca, e vermelha, e se

lança aos braços e pescoço do estupefacto Alfaiate. Que reunião, que alegria, que abraços! Parece que os dois esposos se querião suffocar com os mais ardentes ósculos da paz. O par amoroso, e singularissimo, depois destas primeiras razões do estylo, quiz dar os agradecimentos ao Profeta, mas o tal Profeta tinha desapparecido. Já mais desafrontado do alvoroço, Han vio que a mulher apenas estava coberta com o frangalho do lençol, e que não estava decente para entrar na Cidade, ainda que já era lusquefusque. Luz dos meus olhos, meu jasmim de Italia, minha pomba de prata, esconde-te aqui detrás destas pedras em quanto eu vou n'hum pulo a casa buscar-te a saia, e o capote, e hum lenço para a cabeça; tu não estás capaz de entrar assim na Cidade, bem sabes qual seja a vigilancia, e o escrupulo dos Guardas-Barreiras, que ou estão a dormir, ou na Taverna. Deixa-te estar, que eu volto em quanto o Diabo esfrega hum olho. Han, que tambem era sargento dos chuços, correo mais leve que outro qualquer sargento. Neste *interim* passou o filho do Sultão precedido de hum grande numero de archotes de cêra, como enterro de coche: aos reverberos destas luzes que dissipavão as sombras da noite, o filho do Sultão descobrio huma mulher que se agachava atrás de huma parede, e que parecia buscava pelas moitas algum vestido para se cobrir. O filho do Sultão parou, e depois de se certificar do que era, foi-se chegando, e em quanto a mulher do Alfaiate escondia parte de seus encantos, descobria a outra. O filho do Sultão não era homem que posesse a mão nos olhos. Quem te poz nesse estado, disse elle á desenterrada? Tanta formosura neste sitio, a esta hora, e por este bom feitio! Senhor, respondeo a mulher do Alfaiate, o *ne-*

gligé em que me vedes não soffre longos discursos. O filho do Sultão conheceo que a mulher tinha razão, atirou-lhe com o seu capote, dizendo-lhe: não quero ouvir senão huma coiza. Tu és casada? Se o não és, anda comigo. Vem apparecer como hum Sol que nasce nos campos de Senaar quando a madrugadora Cotovia dirige ao Ceo o canto matinal para saudar a Natureza; (o filho do Sultão tinha lido o Itinerario de Chateaubriand); espalharás luzes no meu Harem.

N'hum abrir e fechar de olhos, a bella Golpenhada, conheceo, e calculou logo toda a esfera da ventura que se lhe offerecia, e a distancia que della havia até a loja do Alfaiate seu marido; e n'hum abrir e fechar de olhos, esposo, amor, fidelidade, juramentos, finezas, saudades, até a mesma cova, tudo se deitou para traz das costas. Senhor, diz ella, eu sou livre, e a vossa escrava fará tudo quanto the tendes determinado. O filho do Sultão não esperou por mais nada, leva d'ancas no seu mesmo cavallo a Alfaiatinha, e deo em correr de galope para o seu Harem.

Em menos de dois crédos apparece o Alfaiate, carregado com a fatiota da mulher. Mas ah! A mulher já lá não estava! Grita por ella, corre por toda a parte como hum louco. Logo formou o conceito, que devia formar. Algum ladrão ma levou, diz elle; e com effeito nesta medida não se enganava o Alfaiate. Mas sería isto feito por sua vontade della? Isso he o que se não pode acreditar!! Porque a não levei eu nua e crua da mesma sorte que ella estava? Desgraçado de mim! Coitadinha! Em que afflicções estará ella a estas horas! Innocente! E como se terá agatanhado! Ella!... Tinha horror á vida em me não vendo! O seu gosto, se eu morresse, era enterrar-se vi-

va comigo na mesma sepultura! Oh! Perola unica entre todas as mulheres dos Alfaiates! Que digo eu! Na hora em que estamos tem ella enterrado hum punhal em si, só para não sobreviver á minha affronta! — Pobre Han! Na hora em que estamos, te desejaria ella fazer a ti isso que tu dizes! Dormindo a somno solto no leito Imperial com toda a perfeição dos embutidos dos nossos Ensambladores, nem se lembra de ti, nem de aquecer hum ferro para as costuras de mais esguia sobrecasaca! A despeito de tudo isto, não ha beco em Samarcande que o Alfaiate não corra. Esperem os Freguezes, que tem de hir á Feira do Campo Grande; que eu busco minha mulher. Perde o comer, não faz caso dos grandes retalhos estando em vespera de feira da ladra, não préga olho, quanto mais botões! Lembra-se que o Profeta Aissá lhe traga ainda a mulher para casa; porque isso era mais facil, que resuscitalla: encontra finalmente alguns Eunucos do Serralho, que lhe contão o caso, e, o que he peior, a nenhuma resistencia que fizera a mulher aos convites do filho do Sultão.

Han, persuadido, e encasquetado sempre no fundo do seu coração da fidelidade da mulher, não perde tempo, corre ao Palacio das nove torres, passa como hum raio por entre os Eunucos negros, pedindo a mulher a todo o Mundo: acode o filho do Sultão, deita-se-lhe aos pés, e pede-lhe a mulher, que era, diz elle, o unico modêlo de virtude, e honra que havia na terra. O filho do Sultão tinha bom genio, ou, o que he mais certo, já se começava de enjoar da bella Alfaiata, cujos encantos tinhão perdido muito de seus primeiros atractivos. Apenas comprehendeo bem o conteúdo no requerimento do Alfaiate, contou-lhe tudo o que lhe tinha até alli acontecido com a mulher.

Ainda assim não se desenganava Han, ainda se illudia, ainda se persuadia que sua mulher depois de hum ou dois momentos da sua vinda do outro Mundo, não era capaz de fazer asneira nenhuma que lhe estivesse mal. Senhor, diz elle, chamai minha mulher; he minha mulher, e vós sereis testemunha da ancia com que se deita a mim, que sou entre todos seu verdadeiro marido. Muito bem, lhe diz o filho do Rei, eu quero vêr essa scena bem capaz de compungir o meu coração. Apparece a Senhora! Deslumbra-se o Alfaiate com os revérberos da pedraria de que vinha coalhada; fluctuavão-lhe roupas de brocado da Persia, que não tinhão sido feitas na loja do marido: parece-lhe que está sonhando. Golpenhada o conhece muito bem, e ainda que córou alguma coiza, não a desampara aquella *presença de espirito* que he tão natural das pessoas do seu sexo quando são apanhadas em ratadas similhantes. Quem he este homem? lhe perguntou então o filho do Sultão. Conheço-o muito bem, respondeo ella, he o mesmissimo ladrão, que encontrando-me na estrada, me maçou o corpo com arrochadas, roubou-me o dinheiro que eu levava, e me deixou em camiza que foi o estado em que Vossa Alteza me encontrou. — A taes palavras o embaraçado Han abrio hum palmo de boca, gelava-se-lhe o sangue nas vêas, custou-lhe muito a fallar, deitárão-lhe pela cabeça huma grande panella de agua, e as primeiras palavras que disse forão estas: — O' mulher do Diabo, pois eu não sou teu marido? — Todo o Divan conheceo no mesmo instante que o homem estava criminoso. O filho do Sultão o mandou ao Cadí (Ministro do Bairro); deitárão-lhe os anginhos, e levárão-no. Ainda esperou muito na sala; porque o Cadi estava com humas remissas de Voltarete, e não lhe im-

portava com as partes. Sem se informar mais que com o seu Escrivão do Crime, o condemnou á forca, e segundo o costume da justiça de Mouros, mesmo da sala do Cadí foi caminhando para a forca. Quem protegerá este infeliz naquelle apuro? O Carrasco já lhe tinha pedido perdão do beneficio limitado que lhe hia fazer, já o abraçava com os braços antes que o abraçasse com as pernas. O pobre Han, não fazia senão dizer o seu nome, Han! Mas por felicidade Aissá, o Profeta, passou por alli. A sua presença, e o seu carão tinhão hum resplandor angelico. Esse homem está innocente, disse elle; e eu me offereço a provallo. O Carrasco já estava a meia escada puchando por Han, mas parou. Todo o povo, que não he pouco o que vai a estas funcções, ficou estupefacto ouvindo as palavras que sahião de huma boca, que nunca *mentio.* Todo o povo acompanhando Han, e mais o Profeta vem até ao Palacio das nove torres. Abriose a porta de oiro, então appareceo o Sultão mais o filho. Forão buscar a Golpenhada; todos os Bachás, Agás, Visires, e Faquires fizerão praça vasia á roda della, e do Profeta. Oppressa com o pezo de seu crime, e de seus pungentes remorsos, a Alfaiata levanta os olhos, conhece Aissá, e cahe redondamente morta a seus pés.

Fizerão-se então grandes honras a Han, teve huma Pelissa das mãos do Sultão, outra das mãos do filho mais somenos. O corpo da mulher foi levado para a mèsma sepultura onde o Han estimaria muito que elle se conservasse até ao fim do Mundo. O seu amado Esposo por certo não sente no fundo do seu coração o mais pequeno desejo de ir chorar, e jejuar em cima da sua cova nem pelo espaço de nove minutos segundos. As mulheres!!!!......

Fim do N. III.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

LISBOA.

N.º IV. Abril de 1820.

LITTERATURA.

Reflexões sobre qual dos systemas de Orthografia usados na Lingua Portugueza deverá ser decisivamente adoptado nesta Lingua. *(Artigo communicado.)*

Este assumpto parece unicamente devia occupar a attenção dos sabios Academicos de Lisboa primeiro que intentassem publicar o seu Diccionario da Lingua Portugueza, de que se acha impressa apenas a letra A. He provavel não lhes escapasse esta consideração; mas não sei o que os estorvou até agora de nos darem huma Orthografia regular, que servisse de norma ao menos aos escritos que sahem dos prélos; pois na verdade he bem desairoso que ainda em 1820 não se ache fixada a Orthografia de huma lingua que chegou á sua perfeição ha perto de tres seculos, quando

Ff

ainda erão barbaras as outras da Europa, á excepção da Italiana e Hespanhola, que pouco se antecipárão á nossa em seu polimento, ou talvez caminhassem a par della. A' vista desta incuria talvez se persuadiria algum estrangeiro, ou nacional menos instruido neste particular, que nós não possuimos hum systema regular de Orthografia, visto que esta he tão varia em diversos escritos até impressos em os mesmos annos e nas mesmas Officinas. Quem assim julgasse enganar-se-hia completamente. Temos, na realidade, diversos authores que tem tratado da Orthografia Portugueza; mas o que falta he huma authoridade que asselle por verdadeira e unica digna de seguir-se aquella norma que mais se conforma com a boa razão, que deve ser a tocha que nos deve guiar na adopção e pratica de qualquer systema, banindo-se e proscrevendo-se todos os methodos fundados em caprichos de moda, e em frivolas razões, que nunca faltão para apoiar até os mais absurdos systemas, quer nos ramos das Sciencias, quer nos ramos litterarios.

Todos os nossos systemas orthograficos se reduzem a tres, que prescrevem, a saber: o 1.º Que se deve escrever conforme a rigorosa etymologia das palavras, seguindo a orthografia Latina e Grega nas derivadas destas linguas: o 2.º Que se deve absolutamente seguir a mera pronunciação: o 3.º Que cumpre seguir a etymologia das palavras toda a vez que isto se possa fazer sem induzir em erro na leitura e pronunciação dellas as pessoas menos peritas; mas que nos afastemos deste systema toda a vez que isto possa occorrer, e que não haja notaveis equivocos.

Todos estes methodos se tem posto em pratica com mais ou menos perfeição; todos tem de-

fensores, que acarretão mil razões para provarem a preferencia do que seguem: e tem havido tal que, seguindo o menos capaz de sustentar-se, tem levantado mais alto a voz que os outros, não querendo ponderar maduramente as razões com que se destroe fundamentalmente o seu systema. Isto tem acontecido com o segundo dos methodos apontados, a que o talento de hum Luiz Antonio Verney não pôde dar toda a consistencia, a pezar da inclinação natural da nossa nação para tudo o que he moda: tanto elle se afasta da razão!

Em todos os nossos authores de Orthografias, (desde os apontamentos de João de Barros, e da primeira Orthografia que tivemos hum pouco em forma, escrita por Duarte Nunes de Lião, refutada em muitas partes do systema, com justa censura, por João Franco Barreto, que tambem na sua commetteo erros mesmo contra o seu proprio systema, até ao dia de hoje), tem havido em quasi todos os Orthógrafos Portuguezes o prurido de ficarem sendo os oraculos neste assumpto; mas como erão, incoherentes huns, e outros amantes de novidades, hião successivamente sendo abandonados pelos homens doutos que escrevião com reflexão prévia pelo methodo mais análogo e conveniente á nossa Lingua; e tacitamente se foi estabelecendo sem contestações este methodo, qual appareceo, desde o tempo do reinado do Senhor Rei D. José, empregado em todas ou quasi todas as Obras de mais consideração impressas de então para cá, entrando neste numero os Diplomas Regios. Este systema, o mais bem combinado e natural relativamente á nossa Lingua, he o terceiro acima apontado, e o que incontestavelmente merece preferencia para ser seguido no uso geral, sem ser preciso andar a mendigar meios de deseja-

da, mas difficultosa perfeição, pois que esta, não só nisto, mas em outras muitas coizas, não pode ser achada pela fragil e acanhada razão humana. Nenhuma das Nações cultas da Europa tem huma orthografia izenta de defeitos, conhecidos pelos Sabios; mas huma vez adoptada a que os tem menores, ou a que o uso geral, que he neste ponto supremo arbitro, fez seguir constantemente, abandonárão-se os outros systemas, e apenas ficou livre ao particular seguir em seus manuscritos a orthografia que bem quizesse, visto que não pode haver lei que o obrigue a escrever com tal ou tal orthografia; mas em todas as officinas typograficas, e nos Tribunaes, assim como entre todos os que não se quizerão singularisar, se adoptou huma só como a propria daquella lingua.

Os que seguem que a orthografia deve fundar-se meramente na pronuncia, não attendem que deste principio geral se deduzem tantos modos de escrever as palavras da lingua quantas são as Provincias e mesmo as povoações do Reino; e até cada particular sem estudos, escrevendo as palavras trocadas nas syllabas e nos accentos, faria huma ortografia sua, que em muitas palavras ninguem entenderia. A pezar de a Corte estar de posse da primazia da culta locução, (isto he, aquellas pessoas que, tendo estudado a lingua e vivido na Corte, dão o tom nesta materia), não se pode duvidar que nas Provincias ha quem falle correctamente a lingua; ora, tambem não se pode duvidar que, pela regra de escrevermos meramente como pronunciamos, tanto escreveria aqui em Lisboa as palavras *bom vinho* hum sabio como hum ignorante, e que esta se julgaria aqui a boa pronuncia; mas ninguem duvida que na Provincia do Minho estas palavras serião escritas *vom binho*,

não só pelo homem sem estudos, mas até pelo que os tivesse, pois que a lei orthografica dizia a todos: = escrevei como pronunciais. = Embora se lhes argumentaria que não seguião a etymologia *bom* de *bonum*, *vinho* de *vinum*; o mesmo homem de letras do Minho teria razão para responder: Que me fallais vós de etymologia, se me dais a regra de escrever como pronuncio? Ou bem huma, ou bem outra coiza. — E que diremos dos frequentes accentos nas vogaes, agudos e circumflexos, excepto nas mudas, ou de som escuro, para regular a pronunciação? Isto ainda seria maior falta de consideração, e faria huma confusão máxima não só aos estrangeiros que quizessem aprender a nossa lingua, mas a nós mesmos. He preciso observar os diversos modos que ha de pronunciar as vogaes nas mesmas palavras em diversas Provincias; no Alemtejo, por exemplo, não se abre o som do *o* no plural de *ólho*, *ólhos*; a pronunciação desta palavra he com *ó* fechado no singular e no plural, e do mesmo modo em todo o verbo *olhar*. Nas Provincias do Norte quaşi todas as palavras que se escrevem com *ch* soão como se fossem estas letras precedidas de hum *t*: quando se diz, v. g. *achar*, verbo, pronuncia-se alli como se estivesse escrito *atchar*. Ora faça-se depender a orthografia de huma lingua destes e outros defeitos! — Oh! em se estudando a orthografia geral saber-se-ha o modo como as palavras se devem escrever identicas em toda a parte. — E quem ha de dar essa lei? E que numero de palavras não devem nas Provincias estudar de cór os rapazes na escola para saberem como as devem pronunciar? E como não perderáõ da memoria com o tempo esses escolios, até pelo trato commum do povo rude? E que tempo lhes não sería preciso

para escreverem todas as palavras conforme o typo geral? Porque em fim, este typo não pode reduzir-se a regras simplices para todas as povoações do Reino, nem ha quem possa conhecer todos os máos ou varios modos de pronunciar diversas palavras nas differentes terras, para que faça escolios de todas essas pronunciações diversas e as reduza a huma só e regular. E que confusão não devia proceder deste methodo, ainda sendo uniforme e exactamente praticado, em huma multidão de expressões que na leitura apenas muitas vezes se entendem e differenção com a orthografia etymologica por huma letra, por hum accento, ou por huma aspiração com o *h*? Se ainda mesmo existe ás vezes confusão escrevendo-se taes palavras com a Orthografia etymologica, he indubitavel que seria muito maior o embaraço com a orthografia conforme a mera pronuncia. — Observe-se bem este assumpto, e facilmente se conhecerá que a Orthografia etymologica não só he mais conforme á razão, mas he mais facil, porque dando regras geraes para escrever, não se mette no labyrintho de reduzir a huma só a pronuncia das palavras em todo o Reino; deixa a liberdade ao Minhoto, ao Trasmontano, ao Alemtejão, ao Algarvío, etc. de fallarem como estão costumados nas suas Provincias; mas dá-lhes huma norma geral para escreverem todos com uniformidade a fim de todos mutuamente se entenderem na sua escrita. Mas deixemos este methodo, hoje abandonado dos Litteratos, e até dos mesmos qué o seguírão quando Verney com o seu *Methodo de estudar* pretendeo fazer esta revolução orthografica. Embora se traga para exemplo a lingua Hespanhola, e mesmo a Italiana; não pretendo ser extenso, e por isso direi só que não provão estes exemplos coiza algu-

ma, não só porque naquellas linguas não ha esse rigor de escrever absolutamente segundo a pronuncia, mas porque, se neste caso valessem exemplos mais do que a razão, a lingua Franceza, e a mesma Italiana em grande parte, podem servir de apoio aos que defendem a orthografia etymologica.

Não resta pois duvida de que por todos os titulos deve ser adoptada em Portuguez a Orthografia etymologica; o que porém agora cumpre examinar he se deve seguir-se á risca em tudo a etymologia Latina e Grega. Madureira, e outros, tanto antes como depois delle, assim o ensinárão, e pretendêrão persuadir não se devia afastar a nossa Orthografia em coiza alguma de rigor etymologico. He certo que se houvessemos de escolher entre este methodo e o da escrita segundo a mera pronunciação, não havia que hesitar na preferencia do primeiro sem a menor modificação; com tudo, como elle póde ser modificado de modo que preencha com mais geral satisfação o fim de huma boa Orthografia, que he = ser de facil leitura até para os pouco versados em boa instrucção primaria, evitar máos e errados sons, e não depender de grande complicação de regras, facilitanto ao mesmo tempo aos que tem luz do Latim a significação de muitas palavras, e igualmente o methodo de as escrever certas segundo a sua derivação, = eis-aqui porque de huma vez deve ficar assentado que a Orthografia mais propria e razoavel da Lingua Portugueza he a etymologica modificada.

E em que consiste essa modificação? Em bem pouco: em fazer uso do som das letras segundo o genio da nossa lingua, e não segundo os sons que algumas podessem ter originalmente na La-

tina ou Grega; por exemplo, o *ph* com o som de *f* deve abolir-se totalmente. Entre os Gregos o que os Latinos escrevêrão com os dois caracteres *ph* não tinha mais que hum, que era este φ, que se pronuncía *fi*, e equivale ao *f* dos Latinos, os quaes por huma especie de superstição grammatical, querendo dar a entender que as palavras ou syllabas de etymologia Grega e escritas com *ph* indicavão que erão aspiradas na pronunciação Grega, deixárão de empregar nellas o seu *f* em lugar do φ Grego, não reparando que os Gregos não tinhão outra letra para empregarem no lugar do *f* dos Latinos. Conforme a mesma regra o *ch*, ou χ dos Gregos, que os Latinos conservárão soando por *k*, mas que sôa em Grego de diverso modo, com aspiração, e differente do *k*, se deve mudar em Portuguez, visto que a regra contraria obriga a muitos defeitos de pronuncia, não sendo raro ouvir pronunciar *Arxipélago*, *Arxiduque*, *Arxitectura*, *etc.*, quando estas palavras se achão escritas *Archipélago*, *Archiduque*, *Architectura*, e assim outras em que huma rigorosa etymologia, seguindo a orthografia Latina-Grega escreve *ph*, *ch*, com som de *f*, e *qu*, ou *c* forte. Se bem se considerasse este ponto, facilmente se conheceria que, sendo todas essas palavras de origem Grega na sua lingua original escritas com hum só caracter ou letra correspondente ao *ph*, e *ch*, nenhuma razão ha para seguir o methodo que os Latinos buscárão de exprimir essa letra ou esse caracter com dois, e a seu modo, sem termos liberdade de o fazermos ao nosso, pois que até v. g., no que toca ao nosso *ch* por *x*, não havia tal som entre os Latinos, e por conseguinte nenhum motivo de equivocação, como succede entre nós, para saber quando *ch* vale *qu*, ou *c* forte, ou quando vale *x*. Advir-

ta-se porém que o *ch* se pode conservar seguindo-lhe *r* ou *l*, porque não se pode confundir com o *x*. Demais, a nossa lingua tem muitas palavras de origem Arabiga, e mesmo de outras linguas Orientaes: e se não nos devemos afastar em nada da Orthografia com que as palavras se escrevem nas linguas donde as recebemos, será preciso accrescentemos letras, ou adoptemos caracteres estranhos, para não nos afastarmos da orthografia original dessas palavras nas linguas donde as recebemos. Ninguem está por isto; mas por huma consequencia natural tambem não devemos estar pela conservação do *ph* por *f*, e do *ch* por *qu* ou *c* forte, nos nomes que deduzimos do Grego por via do Latim, ou mesmo directamente. Os mais acerrimos defensores desse rigor orthografico estão obrigados a desmentillo na pratica em muitas palavras que, não obstante serem escritas com *ph* em Latim, já o não admittem em Portuguez sob pena de zombaria; taes são v. g. *farol*, *fantasia*, *fantasma*, etc., etc. que segundo em Latim se escrevem *pharus*, *phantasia*, *phantasma*, parece não terem menos jus a escreverem-se com *ph* em Portuguez do que *philosopho*, *physico*, etc. no systema dos orthógrafos rigorosos; mas he o que se não observa. Perguntára eu aos orthógrafos rigorosos, que dizem cumpre escrever com *ph*, e *ch* os vocabulos derivados do Latim e do Grego para conhecermos a sua etymologia, perguntára, digo, quem querem elles que conheça essa etymologia? Os que escrevem, se a conhecem, tambem a ficão conhecendo ainda que escrevão hum *f* por *ph*. Os que lem, ou sabem, ou não sabem a etymologia desses nomes; se a sabem, ficão com o mesmo conhecimento, estejão escritos os termos com *ph*, ou com *f*; se a ignorão, de nada lhes serve sabel-

lo, pois o que devem querer he entender o vocabulo, e lello facilmente. Aqui farei outra observação aos etymologistas rigorosos nesta pergunta: Porque não admittem Vv. mm. os dithongos Latinos nas palavras Portuguezas identicas, como v. g. *Oeconomia*, *Aeneas*, *Aera*, etc. e escrevem em Portuguez *Economia*, *Encas*, *Era*, etc.? Por incoherentes.

Fazem aqui alguns huma replica dizendo: Se não se deve conservar o *ph*, nem o *ch* em taes nomes derivados do Grego, tambem não se devem escrever com *th* os que como taes estão admittidos na nossa lingua, pois o *th* entre os Gregos he tambem figurado em hum só caracter, e demais nós lhe não damos mais som que o de hum *t*, a pezar da aspiração que os Gregos lhe davão. A resposta he mui simples. Todas as vezes que podermos conservar a orthografia Latina sem esta causar embaraço á leitura das pessoas menos instruidas, o devemos fazer; assim acontece com o *th*, que ninguem pode ler senão como *t*; assim acontece com o *y* que entre nós sôa como *i*, a pezar de soar entre os Gregos como *u* Francez. Quem vê dois *ll*, dois *mm*, ou qualquer outra letra dobrada não se pode equivocar na leitura, por mui pouco que tenha aprendido a ler. E que estudo não sería preciso para decorar todos os nomes que no principio ou no meio se houvessem de escrever com *ph*, ou *ch*? Apenas o que chegasse a saber Grego poderia estar desembaraçado para escrever taes nomes sem o uso de hum Diccionario, ou sem decorar longos catalogos de palavras.

Outro objecto de controversia he o uso do *s* por *z* entre duas vogaes; mas neste ponto orthografico está assentado que o *s* deve unicamente usar-se por *z* (entre duas vogaes) nas palavras

derivadas do Latim. Com tudo, tem-se abusado desta regra, admittindo o *s* em varias palavras, como v. g. *cousa*, ou *coisa*, (segundo a moderna pronunciação que prevalece ha annos na Corte, onde nesta e outras palavras a syllaba *ou* das Provincias do Norte e do centro do Reino se tem mudado no som de *oi* que he geral no Alemtejo), quando, não sendo a palavra *cousa* derivada do Latim, claramente se vê que deve escrever-se *couza*, ou *coiza* com *z*; e assim as palavras que não tem identica orthografia em Latim, taes como *auzencia*, *meza*, e outras desta natureza, que não obstante no Latim terem *s*, este he precedido de consoante, e não está na regra do *s* entre duas vogaes.

Tem sido tambem controvertido o uso de dois *ll* nos verbos quando ao infinito se junta o artigo *o*, *a*, *os*, *as*; e ultimamente se tem preferido escrever hum só *l*, attendendo a que o *r* do infinito se muda em *l*, e não se considerando que os antigos, que fugião de accentuar os sons das syllabas, punhão os dois *ll* para fazerem conhecer o som longo ou carregado da vogal, e para distinguirem o infinito do tempo presente. Se escrevermos *ama-lo*, ou *amal-o*, não sabemos que differença haja entre *amas o*, e *amar o*, ou a elle; mas se posermos neste segundo caso dois *ll*, está tirada a duvida. Ora cumpre se considere que antigamente o artigo *o*, *a*, *os*, *as* entre nós se escrevia *lo*, *la*, *los*, *las*, e que não obstante tirar-se com o tempo o *l* por eufonia (se bem que ainda em João de Barros achamos alguns vestigios do antigo uso) com tudo conservou-se assim escrito esse artigo junto ao infinito dos verbos, e essa he a razão porque se escreveo, e se deve continuar a escrever *amallo*, *lello*, *ouvillo*, *pollo*, por *amar-lo*, *ler-lo*, *ouvir-lo*, *pór-lo*, pois o *r* do infinito se

muda em *l*, o qual junto ao *l* do artigo antigo, conservado neste caso com boa razão, faz soar longa a syllaba final do verbo, e dá a conhecer facilmente o seu infinito.

Outra questão se controverte, que he sobre dever-se ou não accentuar o *ão* nos futuros dos verbos: os puritanos querem se não accentúe, pois basta pôr accento na vogal da penultima syllaba dos preteritos para saber que, não o tendo, o verbo falla no futuro. Rigorosamente, isto assim he; mas deve sacrificar-se esse rigor á intelligencia, pela prompta inspecção, do tempo em que falla o verbo, e he menos difficil esquecer na escrita hum accento em huma syllaba final, do que em outra antecedente; por isso he louvavel, e tem merecido mais acceitação o uso de escrever, v. g. *amárão* no preterito, e *amaráõ* no futuro. Embora se questione sobre se o som de *m* no *ão* acompanha immediatamente o *a* ou o *o* para o til se pôr por cima deste ou daquelle: he mais provavel a opinião dos que dizem que o til pertence ao *o* e não ao *a*; mas o uso tem adoptado com preferencia pollo sobre o *a*, com a vantagem de não ser preciso escrever *ãa* nos femininos dos nomes em *ão*, ou dos que de si proprios soão em *ã*, ou *an*, v. g. *marrão*, *marrã*, *lã*, etc., por isso se deve prescindir dessas questões frivolas, e tomar por guia a clareza, e facil comprehensão das palavras.

Deve-se evitar a multidão de accentos na escrita; mas não tanto que a sua falta deixe duvidas: os vocabulos cuja syllaba dominante he na antepenultima, e a que chamamos esdruxulos, devem pela maior parte ter accento nessa syllaba; só desta regra podem izentar-se os termos mais triviaes, que ninguem no paiz ignora como se

pronunciem, como v. g. *seculo*, *titulo*, *fysico*, etc.

Ha tres modos de dar força ás vogaes na escrita: 1.º Dobrar essas mesmas vogaes, ou accentuallas; os nossos antigos dobravão-nas, e os modernos, isto he, depois do seculo de quinhentos, usão de accentos; por exemplo, os antigos escrevião *aaquelles*, por *áquelles*, como hoje escrevemos. 2.º Dobrar as consoantes; este foi o uso dos Latinos, por nós adoptado; era e he regra geral no Latim o ser longa a vogal antes de duas consoantes: no som de muitos vocabulos Portuguezes que conservão as consoantes dobradas he certo se não sente essa força nas vogaes que as precedem; mas a etymologia as conserva em humas, e em outras a composição das palavras com certas particulas: na maior parte dellas com tudo no som se conhece quanto concorre a dar força á vogal a consoante dobrada, pois que huma das consoantes fere a vogal antecedente, e a outra a vogal seguinte, ou o som da vogal dominante seja fechado ou aberto, como *élle*, *élla*. O 3.º modo de dar força á vogal he o uso do *h* em muitos vocabulos; este uso nos vem dos Latinos, que juntavão o *h* a todas as vogaes, (e ás consoantes *c*, *p*, *r*, *t*, desde os tempos de Cicero, pois os antigos Romanos escrevião sem *h* as palavras *puchros*, *Cethegos*, *triumphos*, *Carthaginem*, etc., como diz o mesmo Cicero no cap. 48 do *Orador*); e o juntallo ás vogaes era pera lhes dar força. Os monosyllabos que não são acabados pelas letras *r*, *s*, e principião por vogal, ficão com certa aspiração intuitiva sendo escritos com *h*: escrevendo-se *hum*, *hũa*, *he*, *ha*, *hei*, *hia*, etc., representa-se em certo modo aos olhos que a vogal ferida ou aspirada pelo *h* tem certa força, que a simples intuição

não mostra nas mesmas palavras escritas sem o *h*. No verbo *ir* se conhecerá isto melhor; quando nelle ha a letra *r*, que de sua natureza he aspera, facilmente se percebe a inutilidade do *h*, como em ir, irei, iria, etc.; mas nos tempos em que não ha *r* percebe-se certa falta ou indistincta simplicidade nas vogaes, como em *hia*, *hiamos*, *hião*, etc., sendo escritos *ia*, *iamos*, *ião*, que parece mal podemos pronunciar apoiando no *i*. Assim observaremos em os verbos *cahir*, *sahir*, *prohibir*, etc. Se em Portuguez a aspiração parece nulla, porque a nossa lingua não admitte sons gutturaes, ella existe com tudo, se bem que confundida por sua brandura, nos sons fortes das palavras *hum*, *huma*, ou *hũa* (como pronunciavão os nossos antigos), em *he*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *ser*, e nas outras em que o uso deixou ficar o *h*, apezar de o não terem a etymologia da palavra: pronunciem-se em voz alta essas palavras aspiradas, e assim se perceberá na emissão da voz tal ou qual aspiração. Ultimamente he usado por muitos escrever *um*, *uma*, por *hum*, *huma*; já João Franco Barreto assim o queria; não condemno esta pratica; mas não se pode negar que o *h* dá força a estas syllabas.

Para a moda em tudo ter dominio, até ultimamente nos introduzio, contra a pratica geral, o tirar os pontos aos nomes escritos em abreviatura! Ha huma Orthografia que ensina se escreva *V S* em lugar de *V. S.* (*Vossa Senhoria*), *D*or ou *D*r em lugar de *D.*or ou *D.*r, abreviatura de *Doutor*, etc. etc. Bem se vê que esta moda deve causar muitos equivocos. Cumpre dizer de passagem, que a tal modinha primeiro grassou nos paizes estrangeiros; mas, além de pouco seguida, não se estendeo alli a todas as abreviaturas. Ora, assim

como he mais acertado o methodo de pôr pontos nos breves, tambem pelo contrario se não deve pôr nos numeros escritos em conta Romana, porque não são abreviaturas, são figuras de conta.

Ha modernamente varias palavras que se escrevem não só contra o uso antigo, mas contra a sua derivação; entre estas he notavel o verbo *pretender* e seus derivados, que hoje, e mesmo ha quasi hum seculo, apparece escrito *pertender*, e assim *pertenção*. Não basta o uso de todos os nossos antigos escritores, a derivação Latina immediata de *prætendo*, *prætentio*, a pratica geral das linguas da Europa que tem o mesmo verbo, e que todas as escrevem com a preposição *pre* e não *per*; a pezar de tudo isto, todos a fluz escrevem hoje em Portuguez *pertender*, *pertenção*, e até o erudito *Moraes* no seu Diccionario se fez patrono desta incoherente orthografia! Certamente deixará de seguilla quem reflectir no que fica dito.

Anda mui proximo ao defeito de que fiz menção outro de igual incoherencia, que he escrever *agoa*, *lingoa*, *egoa*, etc., com *o*, quando estão pedindo *u*, e quando no Latim se diz *aqua*, *lingua*, etc. — *Meo*, *teo*, *seo*, em lugar de *meu*, *teu*, *seu*, pode ter mais desculpa, mas sempre escreverá melhor quem seguir este ultimo methodo mais conforme ao som.

Deixando pois varias outras miudezas, que nada devem influir na adopção geral da Orthografia etymologica modificada, diremos em summa, que della se tirarão as vantagens da facil leitura, de menor numero de erros na escrita, e de menos complicação de regras no estudo tão necessario da Orthografia da lingua. Com a simples noção de que *ph* soa como *f*, e *ch* como *k* somente nos nomes peregrinos Gregos-Latinos ou estrangeiros onde ap-

parecem estes caracteres, fica habilitado o estudante para os ler quando occorrerem nesses nomes peregrinos, que sejão totalmente estranhos na nossa lingua, nos quaes devem conservar esses caracteres porque só por incidencia entrão nos escritos Portuguezes, e isto para livrar de confusão, e dar mesmo a entender que são vozes peregrinas, que apenas apparecem por casualidade entre as nossas; taes são os nomes estrangeiros de terras, e de homens, que conservão as letras com que em suas linguas se escrevem.

Porei remate a estas reflexões mostrando, que este systema que tenho recommendado não he systema meu particular, que possa excitar contra si o alheio amor proprio, que muitas vezes se céga a ponto de negar assenso ás coizas mais conformes á razão. Este systema tem sido adoptado e seguido na maior parte das Obras de consideração que tem sahido dos nossos prélos ha mais de hum seculo. O Padre Antonio Vieira já o seguio em parte, a pezar de muitas vezes se acharem exemplos do contrario nas suas obras, exemplos que he provavel procedão dos impressores ou revisores; mas nesse tempo ainda a Orthografia era pouco exacta, geralmente fallando. Devo passar ás Obras que se imprimírão ha 70 annos a esta parte, em que já tinhão apparecido praticadas com mais ou menos exactidão as regras orthograficas. Por tanto, a *Deducção Chronologica*, os *Estatutos da Universidade* (menos o *am* por *ão*), as Obras do P. *Antonio Pereira*, a *Arte da Guerra* traduzida e commentada por *Pedegache*; a edição das *Florestas* de Bernardes feita por *Manescal*, e geralmente as outras deste Impressor habilissimo, a edição da *Lusitania transformada* feita debaixo da direcção do Padre *Foios*, as *Memorias da Academia Real das Scien-*

cias (pela maior parte); as Leis, e mais Diplomas do Ministerio nos dois ultimos Reinados, e outros muitos escritos das melhores pennas que se tem publicado ha 60, ou 70 annos a esta parte, são sobejos fundamentos para provar que esta he a verdadeira Orthografia análoga á nossa lingua, e para se fazer hum simples Diccionario Orthografico regular, que, só dirigido a dar huma norma invariavel de Orthografia Portugueza, e precedido de hum bom Compendio das regras orthograficas necessarias para o facil uso deste methodo, possa andar nas mãos de todos para o uso commum, e servir de regulador da Orthografia em todas as Officinas, Tribunaes, Escolas, e mais estabelecimentos publicos, acabando-se assim por huma vez com esta ridicula inconstancia de nunca se assentar qual seja a Orthografia fixa de huma das mais nobres linguas modernas, e a mais proxima á Latina, de que tem tão grande parte.

P. S. Tinha escrito este artigo ha muito tempo, e já depois de destinado ao prélo, me chegou ás mãos o N.º VI. dos *Annaes das Sciencias e Artes*; a pag. 77 se acha hum canon ou regra que em tudo se conforma com a minha opinião; mas que digo eu minha? Com a opinião que tem a seu favor os votos e a pratica dos Sabios de maior pezo nesta materia. He certo que os mesmos escritores dos *Annaes* escrevem com o rigor orthografico, isto he, com *ph* por *f*, etc., a pezar da regra que propõem no dito canon; mas pode ser que algum dia sigão este nos pontos em que a sua pratica se lhe oppõe. Eis-aqui as suas palavras, que acho mui bem concebidas e dignas de servirem de base ao systema orthografico verdadeiramente Portuguez.

” Visto que a orthografia etymologica tem sido sempre recommendada como a mais natural,

e que o uso dos accentos he em certos casos indispensavel, parece-nos que: *escrever conformemente á etymologia*, modificando-a *naquella parte em que* o uso constante da Nação *o requer*, *e usando de accentos só naquelles casos em que são indispensaveis*, *ou para evitar ambiguidades dos termos*, *ou para marcar o som das vozes*, *quando para isso não bastão as regras geraes da prosodia*, *ou para finalmente conservar os vestigios da mesma etymologia*, sería o *meio termo* entre ambos os systemas o mais razoado e o mais simples. "

Eis-aqui o que eu tinha procurado mostrar nas reflexões que lancei neste papel. *O uso constante da Nação* tem deixado o rigor da Orthografia etymologica no *ph* por *f*, e no *ch* por *qu* ou *k*; chamo *constante* aqui ao uso da maior parte dos Sabios, e não pretendo fazer regra do uso das pessoas sem estudos, ou das que querem ostentar de grandes conhecimentos etymologicos pelo rigor orthografico. *O uso constante da Nação* he escrever hoje *Orthografia*, *Geografia*, *Fantasia*, *Farol*, *Filosofo*, *etc.*, e os authores dos Annaes julgo farião bem seguir neste ponto o que estabelecem no seu *canon*, do qual se afastão escrevendo *Orthographia*, etc. — Parece que só em palavras peregrinas, e não nas já entre nós naturalizadas, deveráõ conservar-se tanto o *ph*, como o *ch* com som de *k*. Tenho dito quanto basta para provar qual seja a Orthografia que devemos seguir; o systema não he meu, he da maior e mais selecta parte dos doutos da Nação, e he o do Ministerio; parece que a ninguem pode ficar desairozo abandonar os outros dois, para a final se conseguir a uniformidade, e cessar este baldão da nossa lingua de não usar de huma unica e geral orthografia.

Carta de Mr. Swainson, *de Liverpool, escrita ao Professor* Jameson, *de Edimburgo, em que lhe dá relação da viagem que fez pelo* Brazil *em* 1817 *e* 1818.

Determinei-me a ir á America Meridional no Outomno de 1816. A illustrada politica que movera varios Soberanos do Continente a enviarem homens scientificos para explorarem os thesouros que o paiz do Brazil offerece á investigação filosofica, no momento em que foi restabelecida a paz geral, me induzio a esperar que o nosso Governo de bom grado havia de receber quaesquer propostas que se lhe fizessem desta natureza; e por isso escrevi a Sir *José Bankes,* que summamente approvou a minha resolução, e, segundo creio, vivamente a recommendou. Os motivos da minha viagem tinhão ao principio sido por gosto e instrucção propria; mas considerando que com bem pouco auxilio, e patrocinio generoso se podião ampliar os meus projectos, e dilatar-se a esfera das minhas observações, propuz que enviaria para o nosso paiz as mais extensas collecções que podesse, em todos os ramos d'Historia Natural, para os nossos Museos e Jardins Botanicos, huma vez que se me désse adequado auxilio pecuniario, ou ao menos o patrocinio nominal de Naturalista do Governo Britannico. Ambas as coizas porém se me recusárão; e assim, como fiquei inteiramente reduzido a mim só e aos meus recursos, encerrárão-se em mais apertados limites, proporcionalmente ao que de outro modo poderião vir a ser, os resultados das minhas investigações e viagens.

Em lugar de seguir o exemplo dos meus collaboradores (isto he, de outros Viajantes) indo

primeiro ao *Rio de Janeiro*, aportei pelos fins de Dezembro de 1816 ao *Recife*, na Provincia de *Pernambuco*, 8 gráos ao Sul de Lisboa. Esta Provincia não tinha sido visitada por nenhum Naturalista moderno, e achei que, tanto na sua Geografia como em Historia Natural, tinha hum aspecto summamente diverso das Provincias meridionaes. Depois de adquirir idéas geraes do clima costumes, etc., preparei-me para fazer huma jornada ao Sertão, mas subitamente ficou inutilizada pela memoravel revolta de 6 de Março de 1817, de que fui testemunha ocular. Este acontecimento circunscreveo as minhas indagações a huma limitada extensão do terreno ao redor da Cidade; mas com tudo isto apresentavão-se tantos objectos novos e admiraveis, que me empreguei amplamente durante todo o tempo em que o paiz esteve em estado de perturbação. Quando se restituio o socego puz todas as minhas collecções e desenhos em ordem, e enviei tudo para Inglaterra. Sahi em Junho de 1817 de Pernambuco com pouco trem, e encaminhei-me (por huma estrada de rodeio da banda do Sertão) ao grande Rio de S. Francisco.

O aspecto e producções das partes interiores do paiz differem muitissimo das da Costa. A agua naquelles áridos campos he sempre escassa, e a excessiva sêca, que tinha havido, mui frequentes vezes nos expoz a grandes privações e mesmo a perigo; algumas vezes foi o nosso unico recurso a agua achada nas fendas e tocas dos rochedos, já corrompida por vegetaes decompostos. — Chegamos finalmente á Aldea ou Villa do *Penedo* no principio de Agosto. — Os objectos de Botanica reunidos nesta jornada forão numerosos e interessantes, particularmente entre as plantas parasytas e criptogamicas, as quaes, assim como os passa-

ros, insectos, etc., erão pela maior parte novas. A secura no Sertão fazia impossivel ir por esta estrada a *S. Salvador*, e por isso embarquei para aquella Cidade em huma canoa, e cheguei alli em 8 dias. Encontrei na Cidade da Bahia os dois Naturalistas Prussianos, Mrs. *Sellow* e *Freyeries*, que tinhão vindo por terra do Rio de Janeiro com o Principe de Neuwied, e tinhão-se demorado na Cidade por estarem adoentados, e para arranjarem as suas collecções. Eu os deixei em breve, e fiz quasi hum completo gyro da bahia, e tornei a partir para o Sertão, onde continuei, ora aqui ora alli, até o seguinte mez de Março, tendo neste espaço feito immensas collecções em todos os ramos de Historia Natural, particularmente na Ornithologia do interior, que differe, tanto em especies como em novidade, das aves que os Viajantes Prussianos juntárão na Costa.

Considerei muito mais essencial, nas observações que fiz naquelle paiz, examinar a Natureza como hum todo, do que simplificalla em suas partes miudas; estudando as suas operações nos naturaes habitos e affinidades de cada particular classe ou tribu de animaes e vegetaes. A formação de systemas e de generos, e a miuda distincção de especies, pertencem ao Naturalista quando está no seu gabinete; mas os habitos e modos de vida que caracterisão cada ser no estado natural, são summamente interessantes, e a sua exacta observação conduz necessariamente a exaltar e dilatar o espirito do homem.

No mez de Abril embarquei para o Rio de Janeiro, mais por via de comparar as regiões meridionaes e equinociaes do *Brazil*, do que de augmentar as minhas collecções em huma parte já assaz explorada. Achei o verão quasi acabado,

mas o calor maior que em Pernambuco, apezar de o Rio de Janeiro estar em 22° 54′, e Pernambuco em 8°. Achavão-se alli Viajantes e Sabios das Cortes d'Austria, França, Russia, e Toscana. Poucos delles porém tinhão passado álem daquella Provincia, e, não sei bem porque, cinco dos Austriacos voltárão para o seu paiz pouco depois da minha chegada. Entre estes Viajantes se achava o Professor *Raddi*, Director do Museo de Florença, que era infatigavel em formar huma bella collecção dos fructos e sementes do paiz. Fiz com elle huma excursão á immensa serra chamada dos Orgãos, que está por leguas coberta de matos quasi impenetraveis, abundando em fetos, melastomas, e de huns insectos que lhe são peculiares. Recebi do Doutor *Langsdorff*, Consul Geral da Russia no *Brazil*, o maior auxilio e a mais affavel attenção; e tendo embarcado com o seu soccorro a minha collecção, com muitas coizas novas, voltei a *Inglaterra* em Agosto de 1818.

O numero de especies em todas classes d'Historia Natural, que eu trouxe, não se pode dizer ao certo; mas o seguinte poderá dar idéa do todo:

De *Passaros* ha 760 amostras, em cujo numero ha muitas especies novas, e outras summamente raras, particularmente no genero *Trochilus*, cuja familia estou agora tratando de arranjar; ha dois ou tres Tucanos novos, hum Caprimulgo singular com o rabo biforcado, etc.

O numero dos Insectos monta a mais de 20:000; por força ha de haver muitos duplicados, mas seguramente se pode dizer que excede muito qualquer collecção de insectos da America Meridional de quantas ha no nosso paiz. A familia *Hesperia* (de *Latreille*) só por si excede 280 especies,

e por hum modo particular de conservação de que usei, está esta parte da collecção em hum estado tão bello como não he vulgar. Fizerão-se tambem desenhos e amplas descripções de quasi 120 especies de *peixes*, os mais delles desconhecidos, e os de tamanho conveniente vierão em espirito. — Tem-se enviado sementes de muitas plantas novas e pouco conhecidas a Kent e outros Jardins Botanicos, onde já florecem. Presenteei o meu amigo W. J. Hooker, Esc., com huma interessante collecção de plantas parasytas, e outra das da Cryptogamia; e estas ultimas já principiárão a apparecer na sua bem trabalhada obra *Musci Exotici.* O meu hervario, contendo obra de 1200 especies, está particularmente bem conservado, tendo as plantas sido seccadas por hum novo methodo, o qual habilita o Botanico nos climas do Tropico a secar perto de 400 plantas em tres dias: he mui rico em especies de gramineas, e de outros generos pouco conhecidos dos Tropicos. — Tenho tambem muitos desenhos das mais pinturescas vistas, e mappas dos differentes caminhos que andei, etc.

POLITICA.

Reflexões sobre as Memorias d'hum habitante de Santa Helena.

As coizas que fazem estampido no Mundo, não devem ser olhadas com indifferença pelo homem pensador, a quem o quadro dos acontecimentos humanos he sempre huma escola patente onde aproveita mais que na lição de todos os livros. Que homem tem feito neste mundo maior estampido que *Bonaparte?* Eu o estudei sempre, e em ultima analyse vim a concluir, talvez me illuda, que foi hum furioso mentecapto. Era tão incapaz de governar huma grande Monarquia como era incapaz de fazer manobrar regularmente hum Batalhão de Infantaria em hum plano dado. Os seus grandes talentos militares se reduzírão ao calculo da mais simples operação arithmetica: — a somma das forças 6 he maior que a somma das forças 4. — Este he o principio da sua grande Tactica, e com este principio se resolvem os grandes Problemas das suas victorias. A isto se reduz tambem o que elle chamava a sua peculiar politica. A sua dexteridade, ou astucia em enganar, não era tão profunda, que não fosse conhecida, nem he possivel, que tantos homens conspicuos nos Gabinetes da Europa deixassem de o entender, quando os vemos aquiescer ás imperiosas leis, ou caprichos

da sua politica, he preciso buscar o motivo unicamente no medo de hum homem que dispunha a seu arbitrio de huma grande Nação convertida em soldados, e cujos recursos erão tantos, que nunca chegárão a ser bastantemente conhecidos, e cabalmente calculados. Converta-se huma grande Nação em soldados, convertão-se estes soldados em salteadores, para os quaes o Direito das Gentes seja huma palavra só que não corresponda a idéa alguma, ver-se-ha na Europa o mesmo quadro que se vio no quarto seculo da Era Christã na invasão dos Barbaros do Norte. Para conhecermos pois este espantoso Ser, bastaria considerar o que elle fez; porém he preciso, que se conheça tambem pelo que elle diz. Os Commentarios de Cesar dão mais a vêr e admirar este grande homem, que tudo quanto delle disserão os Historiadores. Bonaparte tambem quiz ser émulo de Cesar escrevendo seus Commentarios, e assim querem os seus addictos que se reconheção as Memorias de hum habitante de Santa Helena. Com que enfase nos embutírão certos Jornaes de Inglaterra alguns retalhos destas Memorias, ou Commentarios do *Grande Homem (Le petit Caporal)* como lhe chamavão alguns Francezes! Hoje que estes Commentarios apparecêrão, tambem eu li estes Commentarios: todos se persuadirião, que me devião fazer huma grande tentação, e interessar-me por hum homem, que depois de haver deslumbrado a Europa com os fulgores da sua gloria, vive, se ainda vive, da mesma Europa perpetuamente desterrado. Arriscarei pois a minha tal, e qual opinião sobre estes mysteriosos Commentarios com aquella franqueza de que, graças ao Ceo, faço publicamente profissão. Quantos Academicos soberbos com as suas Collecções, com as suas Memorias, quantos Poli-

ticos regeneradores da raça humana, quantos Sabios da primeira magnitude, que ainda nos não derão outro testemunho da sua Sciencia, mais do que a sua palavra, olharáõ para esta empreza com aquelle riso compadecido, e desdenhoso com que costumão olhar para os vérmes, que vem a ser os homens que não são elles, e dirão: — Pois hum Clerigo?... Oh attentado! — Ora vejamos.

As Memorias de hum habitante de Santa Helena não tem o mérito dos Commentarios de Cesar, nem com elles se parecem, e vão mui longe da elegancia, Laconismo, e perspicuidade, que nelles nos transmittio o vencedor das Gallias. Alguns pensamentos tem fortes, algumas expressões energicas; porém mostra-se que o Autor tem a mesma correcção, a mesma regularidade em suas composições litterarias, que teve em seus *planos* de Campanha. Locuções triviaes, comparações vulgares, succedem a expressões nobres, concisas, e ambiciosas. Conhece-se com effeito, que são de hum homem em cujo nome correm. Descobre-se a cada passo aquelle sinete de jactancia que provocava o riso em suas Proclamações, mas que tinhão a arte de afoguear suas devastadoras cohortes. O autor confessa ingenuamente, que hum dos mais gloriosos dias de sua vida fòra aquelle em que o condecorárão com o uniforme de Segundo Tenente de Artilheria. Todos os acontecimentos que se seguírão a esta época memoravel para elle até ao seu casamento com a Viuva de *Beauharnais*, nenhum interesse nos mostrão, porque se não pode considerar como hum feito d'armas a deploravel victoria alcançada contra o batalhão de S. Roque. A parte que teve no sitio de Toulon foi tão fraca, que ficaria para sempre sepultada no esquecimento, se não fosse o casual

preludio de estrondosas victorias. Mereceo-lhe a protecção de Barrás, que o collocou no grande Theatro da Italia, onde, não se sabe o que (talvez fosse o sinal da *Ordem fraterna*, que elle fez ao Tenente Austriaco que o aprisionava) lhe franqueou a estrada para o ultimo fastigio das grandezas humanas. Confiou como hum novo Cesar na sua fortuna, e teve arte de inspirar a mesma confiança a seus soldados, e como estes tinhão vencido, reputárão-se logo invenciveis. Pompeo queria que não houvesse outro que o igualasse, e Cesar queria que não houvesse algum primeiro que elle. Tal foi Bonaparte; tendo ganhado a affeição das Legiões, sacudio o jugo da Convenção, e soube arredar todos os concorrentes, affrontando aquelles insolentes Commissarios, que se atrevião a dirigir suas operações militares, ou pôr obstaculos a suas marchas. Hum Tratado honroso, arrancado pelo seu grande principio, o medo, deo aserenidade á França. Se Bonaparte se condemnasse a hum repouzo honrado, punha termo á sua preponderancia, e reduzia-se á classe obscura dos Cidadãos *Republicanos*; mas eis-aqui o que se não podia combinar, ou conciliar com seu espirito, ou genio de dominação. Deslumbrou o Directorio com a idéa da Conquista do Egypto. He defficil de calcular que revolução ella causaria neste grande paiz sem a desgraçada batalha de Aboukir, que destruindo huma excellente Esquadra lhe desvaneceo as esperanças de receber da Europa aquelles soccorros que erão indispensaveis para manter, e conservar aquella Conquista.

Bonaparte expõe com impudencia o meio atroz de que se servio para violar a capitulação de *Jafa*, confessa com o mesmo descaramento a céga obstinação, ou pertinacia de escalar S. João

d'Acre depois de ter perdido a artilharia de bater. Não cura de se justificar sobre a sua furtiva evasão do Egypto, que elle deixa ao que succedesse, sem tomar medida alguma sobre a conservação desta Conquista. Escapando dos perigos que se podião oppôr á sua reversão a França, com que cara se apresenta este homem a hum Directorio, que justamente se espantava de sua inopinada apparição? Não temeo que o prendessem, que o castigassem como hum infame desertor? Quem o defenderia contra huma ordem emanada do Poder executivo? Aqui se vio qual seja a força das circunstancias. O Poder executivo, estava tão cégo, tão dividido, que nem cuidou em examinar o motivo desta volta imprevista, e se deixou despojar da fraca autoridade que ainda lhe restava. O atrevido desertor se levantou de repente sobre as ruinas do Colosso que acabava de abater, e usurpando o titulo de Primeiro Consul, se franqueou a estrada á Soberania, sem atacar em frente a publica liberdade; e dest'arte depois de haver enganado o Directorio, enganou a Nação inteira. Com tudo, antes de subir ao Throno, e de pôr na cabeça o Diadema Imperial, se pôz a risco de excitar a indignação publica. Sem se embaraçar com a criminação que lhe fazião de haver commettido huma grande falta politica, justificando-se de hum delicto que deshonrava para sempre sua memoria, consente, que a atroz condemnação do Duque de Enghien lhe seja imputada como o maior de todos os attentados. E quem duvidará que era hum grande crime violar o territorio de hum Soberano, para se apossar da pessoa de hum Principe, a quem não ouza arguir mais que de intringas sem consequencia com os inimigos de seu poder, e de o fazer conduzir a huma Fortaleza, onde á

pressa se levanta hum Tribunal, que julga, e condemna o infeliz Principe, sem o ouvir, sem lhe conceder defensa alguma? Eis-aqui o maior delicto, e o maior erro de Bonaparte, derramar esterilmente o sangue de hum inimigo de quem nada tinha que temer, e cujo deploravel destino excitou huma indignação geral contra o seu algoz, em quanto huma graça concedida ao ultimo ramo do Vencedor de *Rocroy* o honraria para sempre, e o poria no catalogo dos Grandes Capitães.

O segundo crime que com direito se lhe pode exprobar he a violencia que quiz fazer, e que com effeito exercitou, ao Tribunal que devia absolver o General *Moreau*, cuja gloriosa correspondencia elle tanto receava; não fallo da morte do General Pichegru, porque em fim Bonaparte insiste, que fôra hum suicidio.

Chegou Bonaparte com seus Commentarios á mais formosa época da sua historia, quero dizer, á sua coroação com Josefina. Aqui faz huns grandes cumprimentos ás amaveis qualidades da sua primeira Esposa: diz que lhe he devedor dos mais bellos annos da sua vida, e podia dizer tambem, e dos mais gloriosos, porque em quanto durou este legitimo consorcio lhe foi fiel a Fortuna; quebrou com elle depois que o pequeno Cesar deo ao Mundo a prova da maior infidelidade. Seu divorcio, diz elle, foi huma imperiosa Lei da Politica, porque em fim tinha perdido a esperança de obter huma posteridade. Mas não era melhor ser fiel a seus juramentos que escandalisar o povo com hum divorcio que não tinha mais imperiosos motivos? Tão legitimo era seu Imperio, que houvesse mister perpetuallo em sua descendencia?

Parece, que o principal objecto de Bonaparte nestas Memorias, he justificar-se aos olhos da

Europa, reduzindo a longa cadeia de seus destemperos, a alguns erros, e inconsideração: mas tomára eu perguntar-lhe se, porque teve a fortuna, ou a audacia de se assentar no Throno de França, era de huma necessidade absoluta que todos os seus irmãos fossem coroados, sem examinar, se erão dignos de governar os povos a quem os dava por Soberanos? Tão cégo era, que não conhecesse a incapacidade de hum Jeronymo, que dizia muitas vezes: — He possivel que eu Jeronymo seja Rei de Westfalia! Meu irmão faz coizas! — Acaso o caracter doce, e pacifico de Luiz podia nelle supprir as qualidades energicas, que erão necessarias para subtrahir a Hollanda á dominação da Inglaterra, e recobrar as Ilhas usurpadas a esta desgraçada Republica? O voluptuoso *José* era capaz de apagar na imaginação exaltada dos Hespanhoes a lembrança de huma Soberania legitima? Em fim o feroz Murat, que apenas tinha alguns visos de coragem, era acaso o Soberano que convinha aos Napolitanos? Não era bastante para lustre destas tão vulgares personagens, dar-lhes a governar algumas Provincias de seu vasto Imperio? Levantando-os á jerarquia Real, nada mais conseguio que pôr em mais clara luz de evidencia a nullidade de seus talentos, e a absoluta carencia de todas as virtudes. A céga temeridade de seu Cunhado lhe acarretou huma ignominiosa morte; e se a obscuridade os cobre, as risadas vão descobrir onde quer que estejão estes Monarcas desthronizados.

Se vou seguindo Bonaparte em sua justificação sobre as continuadas guerras que sempre renovava, sem jámais fixar em sua alma hum projecto, que segurasse simultaneamente o repouzo dos povos, e a gloria da França, vejo que nunca

soube outra coiza mais que multiplicar inimigos, sem curar de allianças seguras, e permanentes. Alimenta a inquietação no gabinete da Austria; faz-se pezado ao pobre Rei de Saxonia, opprimindo seus vassallos com o pezo de seus exercitos; esgota a Hollanda com contínuas requisições de gente, e de dinheiro; procura alienar a Prussia com huma orgulhosa protecção, que não conserva se não com as affrontosas condições de lhe pagar á risca o immenso tributo lançado sobre seus revezes, e fraqueza. A guerra insensata que declara á Hespanha, e a cobarde invasão de Portugal onde não se atreveo a apparecer como inimigo, lhe fez perder thesouros, soldados, e Esquadras de que poderia dispôr como alliado a seu arbitrio. Eis-aqui os fructos que elle tirou da mais insigne traição, e da mais horrenda deslealdade condemnando hum pai ao desterro, e hum filho ao captiveiro, sem que entrasse no calculo de seu Imperio universal, nem o resentimento dos Hespanhoes, nem a reacção dos Portuguezes.

Que direi da guerra da Russia? Queria, diz Bonaparte em suas Memorias, levantar o Throno da Polonia para formar huma barreira inaccessa, entre hum mui vasto Imperio, e o resto da Europa. Para ultimar este *grande* projecto era necessario ir levantar as Aguias nas torres de Moscou. Hum Guerreiro Sabio, como elle queria ser, em seus *planos*, e consequente em suas resoluções, depois de haver espantado os Russos com duas victorias, e de lhes fazer conhecer a superioridade de suas armas, devia divergir sobre a Polonia, dar-lhe hum Rei, apoiar-lhe a soberania com cem mil Francezes, alligeirando assim suas innumeraveis cohortes, e depois entrar triunfante em seus Estados, deixando a seus alliados a impressão de

suas forças, e a idéa de sua moderação. Em fim já que se gloriava tanto com o titulo de Imperador dos Francezes, porque razão não apparece em França senão para lhe arrancar, e extorquir novos meios de se separar della depois de haver posto em consternação todas as familias? Se queria conservar a dominação no Rheno, e na Belgica, porque motivo em lugar de a fazer suave, e supportavel, a fazia odiosa com Legiões, e Legiões de Inquisidores, cujas exacções se hião fazendo de dia em dia mais insupportaveis? Para se justificar plenamente aos olhos da Europa de tanto sangue derramado, longe de se perder em idéas vagas, e se apoiar no falso systema de idéas liberaes, era preciso que explicasse com clareza nestas Memorias qual era o alvo, e qual devia ser o termo de seus combates, e de suas victorias. Combatia acaso este homem para acudir ás Nações estranhas, fazendo-as com a força melhorar de sorte? Nenhuma dellas implorou jámais o seu soccorro, ou pedio ao seu poder huma nova constituição, ou novos Soberanos. Seria (e isto parece o mais presumivel) para abater todos os Thronos diante do seu, e mostrar-se ao Universo o Rei dos Reis, e o Imperador dos Imperadores? Que bem resultava á França de seu desmedido orgulho, e interminavel ambição? Se queria unicamente arrancar á Inglaterra o Sceptro dos Mares era preciso que unisse á sua causa, e interessasse em seus projectos todas as outras Potencias maritimas; convinha que excitasse a emulação em todos os portos da França, que fizesse apparecer huma Esquadra formidavel similhante á que repentinamente appareceo no Reinado de Luiz XVI, e que rivalizasse em força, e em tactica com a da Grã-Bretanha. Com que direito prescrevia elle ao Imperio da

Russia, e ao da Austria, que se privasse de todos os generos exportados das Colonias? Isto apenas o poderia elle exigir da affeição, e submissão de seus vassallos. Era coiza mui prudente e justa, que animasse, que multiplicasse as manufacturas Francezas, que as conduzisse a tal gráo de perfeição, que eclipsassem todas as producções da industria Ingleza, que opposesse obstaculos á importação de todas as mercadorias, e generos, que as artes e hospitaes de França não reclamassem imperiosamente; então teria elle feito pender a balança do commercio a favor da Nação, o numerario se espalharia em todas as Provincias, por todos os canaes, por todos os caminhos, que huma prudente administração tivesse franqueado á Agricultura: porém a sorte dos Lavradores nunca tocou a alma deste soberbo dominador, seus olhos não erão para se fitar nas choupanas, não cuidava mais que em levantar monumentos, e Palacios, dispendendo milhões na residencia de hum filho, que orgulhosamente condecorava com o titulo de Rei de Roma. A humanidade teria abençoado sua memoria, se elle tivesse feito construir em hum terreno consolidado com tão grandes despezas, hum hospital arejado, podendo as aguas do Sena limpar-lhe sem muito trabalho as immundicias.

Quanto mais leio, e releio estas Memorias, mais me convenço, que em lugar de despertarem n'alma de quem as lê o sentimento de compaixão do deploravel destino de seu autor, obrigaráõ a todos a abençoarem aquella mão que o encadêa em hum rochedo no meio do Oceano, e o reduz á impotencia de fazer mal. Não he por frases talvez que emprestadas, e por alguns pensamentos arrojados, que se prova que este mentecapto era digno de seu alto destino. A inconstancia da Fortu-

na o concentrou no dominio da Ilha d'Elba; era preciso que se mostrasse digno de maior Imperio com sabios regulamentos, occupando-se sem descançar em promover a felicidade da pequena familia de quem o fizerão cabeça. Nunca lhe tirarião, nem o despojarião da fraca porção da gloria e do poder com que o deixavão brilhar, se se não occupasse em outra coiza que não fosse fertilizar seu arido, e infecundo terreno, convertendo em oiro aquelle ferro que em grande copia nelle se encontra. Os que o vigiavão o admirarião em quanto elle não reclamasse mais que a execução de hum Tratado solemne que era como a condição unica de sua abdicação: então os Soberanos julgarião como hum dever da sua honra proteger sua fraqueza declarando-se os orgãos da Justiça.

Eis-aqui as Memorias do habitante de Santa Helena; tudo he futil, tudo he especioso, e não provão mais do que as disposições que para a mentira, e para o engano teve sempre o seu autor, que foi o maior dos facinorosos, e o mais solemne dos mentecaptos.

ASTRONOMIA ANTIGA.

Noticia analytica da Obra de Ptolomeo, *intitulada* Composição Mathematica de Claudio Ptolomeo, *vulgarmente conhecida pelo nome de* Almagesto, *traduzida pela primeira vez do Grego em Francez, sobre os Manuscriptos da Bibliotheca do Rei, por Mr.* Halma, *e seguida de Notas de Mr.* Delambre, etc. 2. *vol. em* 4.º; *extrahida de hum Jornal Francez.* (*)

Primeira parte da Analyse.

O TRADUCTOR desta importante Obra (diz o A. desta Analyse) me fez a honra de escrever-me para me pedir désse ao publico huma circunstanciada exposição della. Demaziadamente confia na minha fraca sciencia; antes quero principiar confessando a minha ignorancia, do que deixalla perceber pelos erros em que não deixaria de cahir se procurasse disfarçalla. Para desempenhar dignamente esta empreza cumpria ter eu ao mesmo tempo muita erudição e profunda sciencia: e então

---

(*) Esta analyse, ainda que breve, he tão cheia de conhecimentos, que a pezar de ser este assumpto mui elevado para a maior parte dos leitores, todos a hão de ler com satisfação, e por isso nada se omittio na traducção.

devendo fallar de que Sciencia! Da mais ardua, da mais difficil, daquella que, com todo o seu cortejo, encerra quasi todos os conhecimentos humanos. Ainda o mais consumado Hellenista se não considerára apto para bem julgar esta traducção, se ao mesmo tempo não possuisse todos os ramos da Sciencia Astronomica. Entre todos os povos superiormente civilizados differe a lingua didactica essencialmente da lingua vulgar; ainda mesmo quando emprega os termos peculiares a esta ultima, sempre lhes dá huma accepção inteiramente diversa, e ás vezes contraria. Alguns exemplos provaráõ bem esta verdade. Supponhamos que hum estrangeiro conhece perfeitamente a nossa lingua; mas que totalmente ignora a Astronomia; lê a palavra *Declinação*: que idéa conceberá? Se esta *Declinação* for Austral, não se poderá enganar, porque neste caso a accepção didactica offerece a mesma imagem que o sentido vulgar, visto que então os Astros parece declinão, ou se abaixão; mas quando o Sol ou a Lua estão na sua maior altura sobre o nosso horizonte e se avizinhão cada vez mais á nossa vertical, adivinhará elle que isso he tambem huma *declinação*, e tanto mais forte quanto mais elevado está o Astro? Por *precessão dos equinoccios*, entenderá elle por ventura que, longe de *precederem*, os pontos equinocciaes retrogradão, e que o sentido da palavra precessão aqui se applica só á duração do anno que este fenomeno faz mais curto? Na palavra *perturbação* só verá huma desordem; não entrará em duvida de que, pelo contrario, as perturbações são huma prova da ordem, hum effeito da lei geral, e que se podem sujeitar a hum calculo, na verdade bem difficil. O mesmo succede com a palavra *época*, que, entre os antigos Astronomos, significava hum *lu-*

gar, ao passo que entre nós significa hum *tempo*: poderia ainda apontar outras muitas, taes como *longitude*, *anomalia*, *ascensão*, e outras, que, na linguagem astronomica, tem huma accepção mui differente do sentido usual. Accrescentemos ao Vocabulario didactico os discursos e suas consequencias, as demonstrações e os calculos que, ainda que mui claros, são absolutamente inintelligiveis, mesmo para o erudito, se não for ao mesmo tempo astronomico. Para concluir sobre este ponto, pergunto a todo aquelle que não tem estudado Astronomia, se comprehenderá elle o Conde *Laplace*, quando este illustre Geómetra diz que, sem a grande extincção dos raios Solares na atmosfera terrestre, brilharia a Lua *eclipsada* com mais viva luz do que quando está cheia. Isto he entre tanto tão simples, que o Astronomo assentou não devia dar a razão. Concluamos de tudo isto que para saber apreciar o trabalho e o mérito de Mr. *Halma*, seria precizo possuir tudo o que me falta; e terei feito quanto de mim se pode esperar, se conseguir dar huma idéa summaria da Obra e do seu prefacio.

Este prefacio só por si he huma assaz extensa Obra; a simples exposição de quanto elle encerra exigiria mais artigos do que he possivel admittir em hum Jornal que não he especialmente consagrado ás Sciencias; limitar-me-hei ao que offerece mais intelligencia á maior parte dos leitores. Primeiro que apresente huma especie d'analyse da *Composição mathematica* de *Ptolomeo*, mais conhecida com o nome Arabigo d'*Almagesto*; primeiro que indique os manuscritos sobre que fez a sua traducção; primeiro que exponha os motivos que o obrigárão a regeitar as versões Latinas e inexactissimas do Almagesto, julga Mr. *Halma*

dever justificar a empreza que concebeo, e que tão felizmente concluio. Esta primeira parte do prefacio he a mais importante em razão de destruir huma preoccupação tão injusta como geralmente espalhada. Temeo o traductor que o accusassem de fazer retrogradar a Sciencia publicando hum systema abandonado. Responde elle a esta questão do modo mais completo e mais victorioso; invoca o testemunho dos maiores Astronomos modernos para provar que a Obra de *Ptolomeo* não merece o descredito em que tem cahido. O mesmo *Lalande*, que ao principio era da opinião commum, achou no Astronomo de Alexandria observações tão exactas como as dos modernos.

Nesta especie de apologia mostra Mr. *Halma* dirigir-se unicamente aos Sabios, pois que extrahe as suas provas dos monumentos da Sciencia, porém deve-se tambem attender aos que não são sabios quando se trata de huma Obra destinada, por sua importancia e merecimento, a adornar as mais bellas livrarias. Por tanto tomarei a liberdade de accrescentar ás demonstrações do traductor alguns discursos, que não vem de tão alto, mas que serão mais bem entendidos pelos leitores pouco acostumados á linguagem didactica.

Hum homem de engenho me dizia ha dias: " *Ptolomeo* passa geralmente no mundo por autor de hum systema absurdo, e pensa-se que he inutil ler a sua obra, pois que não contém senão erros. " — Nada he mais difficil de destruir que huma injusta prevenção, e eu não tenho esperança de fazer esta revolução na opinião publica; por tanto he só por dever, e por veneração á verdade, que eu apresento as seguintes considerações:

1.º He impossivel que hum systema concebido e coordenado por hum homem de mérito seja absur-

do em todas as suas partes; o Autor sempre o funda em algumas verdades incontestaveis, e sobre observações justas das quaes pode tirar consequencias sabias. Se o *Almagesto* não contivesse mais que erros, não teria o systema de *Ptolomeo* feito lei durante quatorze seculos em todo o Mundo sabio. . . . .

2.º Ainda mesmo que *Ptolomeo* se enganasse em todos os pontos, o que está longe de ser verdade, o monumento que elle nos ha deixado deveria ainda excitar a curiosidade, e mesmo o interesse, de todos os amantes das Sciencias. Não he indifferente conhecer o estado em que estava a Astronomia entre o Povo mais culto da terra, e que tinha levado quasi todas as Artes até o mais alto ponto de perfeição. O *Almagesto*, ainda quando não apresentasse mais que os primeiros effeitos do espirito humano para descobrir as leis que regem os corpos celestes, sempre mereceria, debaixo desta relação, a attenção dos mesmos sabios.

3.º Está longe que a Astronomia se achasse ainda na infancia quando *Ptolomeo* compoz a sua obra; e os que considerão o systema de *Copernico* como huma descoberta nova, cahem n'hum grande erro, e não tem conhecimento da antiguidade. Mais de setecentos annos antes de *Ptolomeo*, ensinava a Escola Jonica a esfericidade da Terra, a obliquidade da ecliptica, e a causa dos Eclipses, que se tinha conseguido predizer. *Pythágoras* e os seus discipulos conhecêrão o verdadeiro systema do Mundo; ensinavão o movimento dos Planetas ao redor do Sol; e, o que he mais admiravel, estendião esta lei até os Cometas. *Nicetas*, de *Syracusa*, não via na revolução diurna e apparente da esfera celeste senão o movimento real da Terra sobre o seu eixo. *Filolao* não só fazia gyrar a

Terra sobre o seu eixo, mas ainda a transportava ao redor do Sol, e por esta forma explicava a variedade das Estações. *Aristarco*, de *Samos*, ensinava, antes da Era Christã, os dois movimentos da terra, doutrina que foi reproduzida por *Copernico* pelos fins do 15.º seculo. *Platão* he o primeiro homem célebre que fez reviver o systema da immobilidade da terra. *Eudoxio*, *Calippo*, *Aristóteles*, *Archimédes*, *Sosigenes*, *Cicero*, *Vitruvio*, e *Plinio*, adoptárão a opinião de *Platão*; *Ptolomeo* fundou o seu systema neste falso principio: mas hum erro que seduzio os maiores engenhos da Grecia, e de Roma, não nos deve parecer tão desprezivel.

4.º A falsidade de hum systema em huma Sciencia tão complicada e tão difficil como a Astronomia nada prova contra o mérito do seu author. Nós temos renunciado o Peripatetismo, temos rido dos Turbilhões; e entretanto *Aristóteles* e *Descarses* não passão por engenhos mediocres. *Hipparco* cria na immobilidade da Terra, e entretanto Mr. de *Laplace* lhe chama hum grande Astronomo.

5.º Se vivessemos no tempo em que o verdadeiro Systema do Mundo acabava de ser renovado, se vissemos os Sabios dividirem-se entre *Ptolomeo* e *Copernico*, se lessemos todas as objecções que se fizerão á nova doutrina, seriamos menos desdenhosos para com o Astronomo de Alexandria. Não nos esqueçamos que nos ultimos annos do 16.º seculo ainda ensinava *Riccioli* a immobilidade da Terra; e que mesmo no 18.º a Geografia, na verdade mui mediocre, de *Nicolle de Lacroix* he precedida de hum tratadinho d'Astronomia conforme o Systema de *Ptolomeo*. Mas que digo? Os primeiros quatorze capitulos da *Exposição do Systema do Mundo*, pelo Conde *Laplace*, nos appre-

sentão a Esfera Celeste *segundo os movimentos apparentes*, isto he, segundo a opinião de *Ptolomeo*, e só no 15.º entra a tratar dos movimentos reaes; nova prova de que a idéa da immobilidade da Terra he mui natural ao homem, pois que hum grande Astronomo julgou dever accommodar-se ás preoccupações e aos habitos dos seus leitores, primeiro que lhes descobrisse verdades que parecem contrarias á observação E ainda assim, elle estabelece o systema com huma moderação e com huma reserva, que singularmente contrastão com o tom afiado da ignorancia. " Não he infinitamente mais " simples, diz elle, suppôr ao Globo que habita- " mos hum movimento de rotação sobre si mesmo, " do que imaginar em huma massa tão considera- " vel, e tão distante como o Sol, o movimento " summamente rápido que lhe seria necessario " para gyrar em hum dia ao redor da terra? " — Depois de ter demonstrado quanto a rotação do Globo terrestre he mais verosimil, accrescenta com huma simplicidade notavel em hum homem que tem o direito de decidir: " Tudo nos leva pois a " pensar que a Terra tem hum movimento de ro- " tação sobre si mesma, e que a revolução diurna " do Ceo não he mais que huma illusão produzi- " da por este movimento. " — Nestas palavras não ha desprezo para com *Ptolomeo*, ha só huma opinião contraria, fundada sobre o méro raciocinio.

6.º Porém o que mais ha de admirar aos que decidem sem conhecimentos preliminares, he que quasi todos os fenomenos celestes se explicão, e quasi todas as apparencias se achão no Systema de *Ptolomeo*, no de *Tycho-Brahe*, e no de *Copernico*. As pessoas que, na falta de sciencia, tem ao menos litteratura, não podem ignorar que, no

tempo dos Imperadores Romanos, se annunciavão muitas vezes os eclipses ao Povo, para elle se não atemorizar quando elles apparecessem. *Dion* refere que devendo haver hum eclipse do Sol no dia anniversario do em que Claudio nascêra *(ou no dia de annos de Claudio)*, este Imperador deo aviso disto ao Povo, a fim de este o não tomar por máo agouro. Por isto se vê que a volta dos eclipses se calculava na Antiguidade. Como se poderia fazer isso, se o systema de *Copernico* fosse o unico que podesse dar a conhecer os movimentos dos Corpos celestes? He indifferente que se ponha o centro destes movimentos no Sol ou na Terra. *Pode-se mesmo considerar qualquer ponto que se queira, por exemplo o centro da Lua, immovel*, (diz Laplace) *com tanto que se transfira em sentido contrario a todos os Astros o movimento que o anima.* Pode-se pois estudar a Astronomia no Systema de *Ptolomeo*, e quando qualquer estiver instruido sufficientemente, bastará, para ficar de acordo com os Modernos, suppôr á Terra o movimento que se tinha attribuido ao Sol. Que vós gyreis sobre vós mesmo em hum tempo dado, ou que tudo gyre em torno de vós immovel, no mesmo tempo, e em sentido contrario, as apparencias são as mesmas, e as reversões dos fenomenos se calculão igualmente em huma e outra hypothese.

7.º Eis-aqui finalmente os titulos em que se funda a gloria deste homem que affectão muitos desprezar. Só pelo seu *Almagesto* se conhece bem os trabalhos de *Hipparco*; fez elle a importante descoberta do movimento da Lua, chamado *evecção*; confirmou o movimento dos equinoccios, descoberto por *Hipparco*; estabeleceo a immobilidade respectiva das estrellas, e a sua *latitude constante* acima da Ecliptica. Os Epicyclos com que el-

le sobrecarregou a Esfera complicárão sem duvida em demazia o seu systema; porém o grande Astronomo que faz esta observação accrescenta, que *em considerando isto como hum meio de sujeitar ao calculo os movimentos celestes, esta tentativa do espirito humano faz honra á sagacidade de seu autor.* — *Ptolomeo*, finalmente, deo huma medida da Terra tão exacta, que quasi não differe das medidas actuaes. " A reputação de *Ptolomeo*, diz " tambem o Conde *Laplace*, experimentou a mes- " ma sorte que a de *Aristóteles* e a de *Descartes*: " passou-se de huma céga admiração a *hum injus-* " *to desprezo*; pois que, até mesmo nas Sciencias, " não tem as revoluções ainda as mais uteis sido " izentas de paixão e de injustiça. " Tendo o autor da *Mecanica Celeste* em outra parte declarado que o Almagesto, considerado como o deposito das antigas observações, *he hum dos mais preciosos monumentos da antiguidade*, parece-me que basta este voto para assegurar o traductor do bom successo da sua empreza, para dissipar as prevenções da ignorancia, e vingar *Ptolomeo* de hum injusto desprezo.

Segunda parte.

Creio ter sufficientemente demonstrado, na primeira parte, que a empreza de Mr. Halma he tão util como honrosa, e que a sua Obra deve vivamente excitar a curiosidade das pessoas mesmo que, por absolutamente estranhas á Astronomia, nem por isso prezão menos as Sciencias em geral. Liguei-me principalmente a destruir a injusta preoccupação que se ha concebido contra o trabalho de *Ptolomeo* e contra o seu systema, que na verdade assenta sobre hum erro, mas cujas

partes todas podem servir mesmo hoje em dia ao estudo da Astronomia, pois que *he indifferente assignar á esfera celeste qualquer centro que se queira, com tanto que se lhe supponha hum movimento contrario áquelle cujo centro he animado.* Não repito aqui sem designio esta proposição; ella he do numero daquellas verdades que, como dizia *Fontenelle*, se assemelhão a huma cunha que se faz entrar pelo lado mais grosso. Envio o leitor ao prefacio de Mr. *Halma*; he hum livro bem feito, e achar-se-hão demonstrações mais completas, e sobre tudo mais eruditas do que eu posso apresentar. Resta-me fallar do *Almagesto*, do qual se não esperará sem duvida aqui mais que huma mui succinta analyse, se se recordarem da confissão que fiz da minha insufficiencia. Em se sabendo que só os titulos dos diversos capitulos encherião hum artigo mais extenso que este, o leitor se contentará, segundo espero, do pouco que lhe vou offerecer.

O primeiro livro he, a fallar propriamente, o unico que seja formalmente contrario ao Systema de *Copernico*, de *Keppler*, e de *Newton*. — *Ptolomeo* estabelece alli o seu, o qual, ainda que falso, he todavia mais conforme ás apparencias e ao testemunho dos nossos sentidos. Entre os raciocinios que elle faz para demonstrar a immobilidade da Terra, e a revolução diurna de toda a Esfera Celeste em torno do nosso pequeno globo, ha alguns que devião de parecer mui urgentes. Porém os outros, fundados em erros de Fysica, não merecerião hoje huma séria refutação. Ha mesmo hum, que eu não comprehendo: estabelece elle, com muita razão, que as estrellas são globos e não discos; mas accrescenta que a atmosfera em que ellas se achão mergulhadas *se move circular e uniformemente.* Ora, elle não dá huma atmosfera par-

ticular a cada corpo celeste; falla da atmosfera universal, em que estão mergulhados todos os corpos, e que elle chama *ar* (αἴθηρ). Como pois pôde elle suppôr esta immensa atmosfera animada de hum movimento tão rapido ao redor da Terra immovel? Que monção *(ou que ventos geraes)* produziria esta rotação na superficie da Terra? Seja como for, o trabalho que emprega em estabelecer a nossa immobilidade no meio da natureza em movimento, prova que elle conhecia bem o verdadeiro systema do mundo; e deixa mesmo escapar huma confissão bem notavel: " Ha gente, diz el-" le, que pretende que a terra gyra sobre o seu " eixo do Occidente para o Oriente.... Em não " considerando mais que os fenomenos, talvez na-" da impede que, para mais simplicidade, isso as-" sim não seja, etc.... " Ei-la ahi no bom caminho, e entre tanto elle a abandona logo, por considerações fundadas na pretendida impossibilidade de fazer gyrar a atmosfera uniformemente com o globo terrestre.

Que dirão os homens que sem nada terem lido, repetem erros acreditados, e que mettem a ridiculo *as esferas solidas e transparentes a que Ptolomeo liga os corpos celestes*, quando souberem que este Astronomo jámais concebeo tão absurda idéa, e que nem palavra diz sobre isso no seu Almagesto? Penaliza accrescentar, que hum Sabio, por bastantes titulos estimavel, participa a este respeito do erro e da injustiça do vulgo.

No segundo livro, trata o Astronomo das *ascensões* pelas diversas inclinações da esfera obliqua; determina, pela grandeza do maior dia, os arcos do horizonte interceptados entre o Equador e o ponto correspondente da Ecliptica, para todos os gráos de obliquidade da Esfera; forma huma

taboa das ascensões, de dez em dez gráos *dos signos*, desde o Equador até ao Clima de dezesete horas. Este livro he inteiramente de calculo; causa admiração acharem-se erros de Geografia mui consideraveis na fixação dos parallelos: põe, por exemplo, a foz do Borísthenes em mais de 48 gráos de latitude, e, o que mais estranho he, a do Tanais em mais de 54. Não sei além disto o que elle entende por *Pequena-Bretanha*, a qual põe em 58 gráos. Mas no principio deste livro acha-se a refutação de hum erro acreditado mesmo por Geografos. Tem-se dito que os antigos consideravão a Zona tórrida como absolutamente inhabitavel; *Ptolomeo* pensa, pelo contrario, que ella he habitada, mesmo *debaixo do Equador*, e que a *temperatura alli he moderada.* — *Eratósthenes* o tinha já dito 300 annos antes delle.

No terceiro livro investiga a verdadeira extensão do anno: desde o tempo d'Hipparco se tinha conhecido que esta extensão *(ou comprimento)* não he perfeitamente de 365 dias e hum quarto. Os leitores desattentos acharáõ mui singular que fosse precizo trabalhar tanto para determinar este periodo de tempo: porém se a operação fosse facil, não tivera o Papa *Gregorio XIII* precizão de reformar o Calendario, e de cortar dez dias ao anno de 1582.

O quarto, quinto, e sexto livros são consagrados aos diversos movimentos da Lua. Esta parte da Astronomia he huma das mais difficeis. Os observadores, attonitos de descobrirem sem cessar novas desigualdades nestes movimentos, tinhão denominado o nosso satellite *astrum admodùm pervicax*, para exprimirem o tormento que elle lhes causava. Ptolomeo sujeitou todas as noções dos antigos a novas observações: determinou as ano-

malias da Lua; e, como já disse, fez a importante descoberta da *evecção.* O sexto livro sobre tudo he curioso por huma explicação mui exacta dos eclipses. Aqui o leitor ficará bem convencido da possibilidade d'estudar a Astronomia no antigo systema tão bem como no nosso, pois que Ptolomeo fornece não só os meios de predizer os eclipses, mas até fixa o momento preciso em que elles acontecem, as circunstancias que os acompanhão, e *o numero de digitos* que o Astro deve ter eclipsados. Varias passagens destes Capitulos são absolutamente conformes ás noções actuaes, e muitas vezes crê o leitor estar lendo hum tratado moderno d'Astronomia.

He tambem nesta parte da sua obra que o Astronomo de Alexandria procura conhecer a grandeza e a distancia da Lua e do Sol relativamente á Terra. Acha elle, que a distancia media da Lua, nas syzygias, he de 59 rádios terrestres; e a do Sol á Terra, de 1210 destes rádios. Ora, sendo o rádio terrestre de 1432½ leguas (Francezas), ficaria a Lua afastada de nós 48:517½ leguas, e o Sol 1:733:325 leguas. Relativamente á Lua he pouco grave o erro, se considerarmos o tempo em que se fez a observação; porém a respeito do Sol he o erro muito grande, pois que este astro se acha mais de 34 milhões de leguas (Francezas) distante do nosso Globo. Entre tanto, se reflectirmos que os antigos estavão privados do poderoso auxilio do telescopio, mais nos maravilharemos da aproximação destas medidas, do que nos enfastiaremos da sua inexactidão. Além do que, *Ptolomeo* mesmo não tinha grande confiança no seu calculo a respeito do Sol; por quanto confessa, que he impossivel avaliar a distancia de hum astro, cuja *parallaxe* se não conhece: ora a parallaxe do Sol era incognita

aos antigos, e mesmo foi mui tarde estabelecida entre os modernos. Observa-se a mesma differença na avaliação do volume destes astros: *Ptolomeo* diz que o diametro da Terra he triplo do da Lua, com mais duas quintas partes; Mr. de *Laplace* acha que estes diametros são como onze são para tres: d'ahi vem que, segundo o Astronomo antigo, o globo da Lua sería 39 vezes, e, segundo o moderno, 49 vezes menor que o da Terra. Está porém mui longe que o volume do Sol haja sido conhecido de hum modo tão approximado; elle o crê só 6644 vezes mais consideravel que o do nosso globo, ao passo que elle o he mais de 34 milhões de vezes. Fui mais extenso nesta parte do *Almagesto*, porque a distancia e o volume dos corpos celestes he o que principalmente occupa o maior numero dos leitores. Julgão saber o seu bocado de Astronomia quando tem huma idéa destas medidas.

No 7.º e 8.º livro trata *Ptolomeo* das Estrellas; prova que conservão sempre a mesma posição entre si, de sorte que as constellações apresentavão nos tempos mais antigos as mesmas figuras que hoje nos mostrão; demonstra tambem a sua latitude constante acima da Ecliptica, mas suppõe lhes hum movimento em longitude contrario ao movimento diurno de toda a esfera celeste. Em huma das Notas de Mr. Delambre se vê que a precessão dos equinoccios se explica igualmente, quer se faça avançar as Estrellas, quer se fação retrogradar os pontos equinoxiaes. Assim, até mesmo este erro não prejudicaria o estudo da Astronomia.

Os cinco livros seguintes tratão do movimento dos Planetas, dos seus regressos periodicos, do seu movimento em Longitude, contrario ao movi-

mento diurno, de suas retrogradações, de seus desvios em latitude, de suas inclinações, e dos meios de determinar, em todos os casos, a sua distancia do Sol.

Em quasi todos os capitulos desta Obra se achão demonstrações e figuras geometricas, assim como extensas taboas.

Resta-me prevenir duas reflexões desfavoraveis, que não deixaráõ de fazer aquelles dos meus leitores cujos estudos não tiverão por objecto a Astronomia. Tem-se visto que *Ptolomeo* fazia gyrar toda a esfera celeste *d'Oriente a Occidente*, e *quasi* (1) em 24 horas, ao redor da Terra immovel. Diz depois, que as Estrellas tem hum movimento que as transfere segundo a ordem dos signos, *d'Occidente a Oriente*. Estas duas proposições pareceráõ contradictorias, e muita gente não entenderá como pode hum homem razoavel attribuir a hum mesmo corpo dois movimentos em sentido contrario. Entretanto he bem certo que estes dois movimentos contrarios e simultaneos são possiveis. Hum systema de corpos pode obedecer a hum movimento que se dirige para hum ponto do Ceo, ao passo que alguns corpos que fazem parte deste systema se dirigem para o ponto opposto. Os satellites estão neste caso; puxados em torno do Sol pelo planeta, nem por isso deixão de descrever a sua órbita quasi circular em torno deste planeta regulador; ora, em huma e outra metade desta órbita, tem elles hum movimento já directo, já retrógrado relativamente ao Sol; obedecem

(*) Este *quasi* he notavel em razão de estabelecer a differença entre o dia *sideral* e o dia *Astronomico*; com effeito a terra gyra realmente sobre o seu eixo em 23 horas 56 minutos e 4 segundos, e não em 24 horas.

Mm

por tanto a dois movimentos, e mesmo a tres, se, como tudo faz presumir, o mesmo Sol he levado em torno do centro desconhecido. Para dar huma imagem mais sensivel, e mesmo grosseira deste dobrado movimento, podemos figurar-nos hum barco descendo hum rio, e hum homem que caminha da prôa para a pôpa do barco, em sentido contrario á corrente. He evidente que este homem he puxado em huma direcção pela corrente, e que elle se encaminha ao mesmo tempo para outra direcção contraria pelo movimento da marcha. Accrescentemos a isto, que o homem, o barco, e o rio obedecem todos ao movimento diurno da Terra, e ao mesmo tempo ao movimento de translação ao redor do Sol, que tambem não está immovel. Que de movimentos em sentidos diversos!

Eis-aqui a outra objecção que inteiramente pende de discurso. Se he indifferente, dir-se-ha, assignar o centro que quizermos á esfera celeste, e se os fenomenos se explicão e se predizem tanto em hum systema como no outro, não estamos por conseguinte certos que o systema actual seja o da Natureza. Respondo, que he, pelo contrario, esta possibilidade de considerarmos o ponto que quizermos como immovel, que ministra huma das melhores provas, de raciocinio, a favor do movimento da Terra. Supponhamos que hum homem se acha de repente tranportado á superficie da Lua; verá toda a esfera celeste gyrar ao redor de si em 27 dias e quasi oito horas; elle entretanto se lembrará que esta esfera gyrava em 24 horas quando elle estava sobre a Terra. Se poder passar da Lua ao Sol, verá todo o Ceo gyrar em 25 dias e meio: salte do Sol a Jupiter, o fenomeno o admirará muito mais; nove horas e 56 minutos bastaráõ

para a revolução de todos os corpos celestes; e se tornar para a terra, achará outra vez o movimento de 24 horas, como tem observado desde a infancia. Se reflectir depois, que o movimento particular de cada globo lhe tem causado illusão sobre o pretendido movimento da esfera celeste, não he elle conduzido, pela mais forte analogia, a olhar o movimento diurno do Ceo como similhante illusão produzida pelo movimento real da Terra? Descrevendo os outros planetas além disso curvas reentrantes ao redor do Sol, não conduz acaso a mesma analogia a suppôr igual movimento á Terra, que he tambem hum planeta?

Seria ridiculo fallar do estylo de huma traducção em huma Obra puramente didactica; direi pois simplesmente que o do prefacio tem toda a clareza, toda a exactidão e toda a elegancia que o genero soffre; e a pezar da sequidão da materia, e do constrangimento imposto pelo texto, o da traducção dá tão pouco a perceber constrangimento, que muitas vezes parece ler-se huma obra original.

CRITICA.

A mulher prognostica. *Lição de Moral.*

Ja era muito de noite quando se me quebrou a sege na estrada de Napoles para Roma, eu não levava mais companhia que o arrieiro, e era tal o escuro que nada enxergava a dois passos de distancia, e era mais de huma legua dalli á primeira estalagem: assim mesmo, eu, e o arrieiro fomos arrastando a sege até lá para a concertarmos, e atamancarmos como podesse ser. Depois de grandes fadigas chegamos á estalagem, que vinha a ser huma cavalhariça de cavallos de posta, onde não havia mais que hum unico moço. Esta *hospedaria* ficava ao pé das pestilentes Lagoas Pontinas, cujos malignos vapôres no alto Verão obrigavão os moradores da triste aldeóla a se refugiarem nas povoações vizinhas. Com muito trabalho, e com muitas promessas de dinheiro obriguei, ou resolvi o moço das Postas a trabalhar com o arrieiro no concerto provisional da maldita sege. Hum mal encarado, que estava ao pé da manjadoura embrulhado n'huma manta velha, se levantou, e ajudava tambem nos trabalhos do grande concerto: aproveitou-se da occasião, e furtou-me hum lenço d'algibeira; como eu não estava dormindo, senti-o muito bem, peguei-lhe no braço, tirei-lhe o lenço, e elle com a serenidade de hum

Donato Capucho a pedir esmolla, me disse: — V. m. pordoe; e tornou-se a deitar tão tranquillo, como quem se tinha enganado com a algibeira, cuidando que era a sua, e continuou a dormir. Faltavão ferramentas, faltavão cordas, faltava tudo o necessario; mas levado do interesse o moço da Posta montou a cavallo, e foi á povoação vizinha buscar o que era precizo; porém isto trazia comsigo tantos vagares, que com effeito teria de ficar tres dias mettido na cavalheriça se não chegasse opportunamente outra sege; apenas a ouvi parar á porta fui logo correndo á portinhola, e disse para dentro: — Senhores, espero que suas Senhorias não negaráõ seu auxilio a hum estrangeiro que vai para Roma ao Jubileo, e Benção, e se lhe esmigalhou a sege, e aqui se acha tristemente embarrancado. — Essa he boa: (me diz de dentro huma voz de mulher) — Papafigui, Malatesta, Bucharroni, a terra; e já, ajudar este Senhor; e voltando-se para mim me disse: E para que ha de ficar aqui exposto ao calôr, e aos incommodos de huma estribaria? Eu tambem vou para Roma, sente-se aqui ao pé de mim e hum dos meus creados pode ficar com o arrieiro, e concertada que seja a caleça, lá irão ter, e dizendo isto, chegou-se mais para hum canto do coche, e me fez lugar a seu lado; levava duas creadas no assento dianteiro.

Quiz escusar-me. — Nada de ceremonias (disse ella, e com muita impaciencia), eu não gosto de ceremonias, e batendo com a mão na almofada, gritou: — já, sente-se aqui, e vamos depressa, nada de cumprimentos. Com effeito sentei-me a seu lado, e disse ao arrieiro que apenas se amanhasse a sege, fosse ter comigo a Roma. Apenas me sentei, começou ella a fazer-me perguntas.

Donde vem V. m.? Ha muito tempo que está em Italia? Que veio cá fazer? Que estado tem? Que idade he a sua? He casado, ou solteiro? Todas estas perguntas se succedião rapidamente humas ás outras, sem mostrar que dava demaziada attenção ás minhas respostas. Mas o que mais me admirou, foi prevenir ella a minha curiosidade, dizendo-me: — V. m. não me pergunta, que vou eu fazer a Piza? (Como se eu soubesse que ella hia para Piza!) Sabe V. m. o que eu vou fazer a Piza? Vou vêr se acho alli hum homem que queira ser meu marido, e isto não he coiza que se encontre com muita facilidade. — Estas ultimas palavras me inquietárão hum pouco, e despertárão em minha alma bem singulares idéas. Tudo o que rodeava esta *prognostica* mulher dava a conhecer grandeza, opulencia, e huma jerarquia distincta: e nestes termos, que difficuldade podia ella ter em encontrar hum homem que quizesse casar com ella? A noite estava tão escura, que eu não podia devisar-lhe, nem a figura, nem as feições. Cuidei, e com razão, que era huma carcassa, e muito feia. Tanta familiaridade, tantas attenções, tanta bondade me davão muito má idéa de sua delicadeza e prudencia; em huma palavra comecei a temer que a generosa offerta do coche não se houvesse feito para lhe sahir mais barato o aluguel á custa da minha vida, e de alguns vintens que me encontrassem na algibeira. Com este ultimo resultado de meus discursos, me retirei hum pouco mais para o canto do mesmo coche. Enganei-me, porque esta falladora franqueza não tinha outra causa mais que a necessidade de fallar em huma materia que lhe occupava toda a alma. — Isto não he (continuou ella) porque não hajão homens que se julgarião muito felizes em possuir a minha mão,

e o meu coração. Graças a Deos, eu ainda sou rapariga, não sou nem feia, nem tola, nem repugnante, sou muito rica; mas a pezar de tudo isto, não julgo coiza muito facil achar hum homem do feitio que eu o desejo. Já fui casada duas vezes, dois maridos tive; mas não servírão senão para me fazer desgraçada; eis-aqui porque julgo difficil a escolha de hum novo marido, porque em fim eu me decidi a tomar os dois, que já lá vão, com as razões mais solidas. Ora na verdade, he impossivel que v. m. não esteja arrebentando por ouvir a minha historia: pois eu lha conto; porque em fim, fio-me na sua descrição, e como o julgo homem de sizo, e de experiencia, espero que me diga o que devo fazer, para evitar no futuro perigos similhantes áquelles porque já passei. — Tanta confiança me fazia mudo, nem tinha alma para responder ao cumprimento, que acabava de escutar, e ella deo principio á sua historia fallando desta maneira:

Eu fiquei sem mãi de mui pouca idade; meu pai não gostava da educação que se dá ás raparigas nos Conventos, porque quando acabão trazem para o Mundo as mesmas impertinencias que tem as Freiras: criou-me em casa, mas com o mesmo aperto, e reclusão que pode haver na mais austera clausura: levavão-me ao Domingo á Missa, e ao Sol posto deixavão-me ir passear ao quintal, que tinha huns muros mais altos que os da cerca de hum Convento de Capuchas: eis-aqui os divertimentos, que até a idade de quinze annos variárão toda a uniformidade da minha vida. Huma noite, que segundo o costume andava arejando no quintal, ouvi hum voz de homem, que parecia vir de huma azinhaga que corria ao longo do muro do quintal: esta voz cantava seus improvisos

com acompanhamento de guitarra. Na verdade, coiza mais deliciosa não tinha eu ouvido, nem tornarei a ouvir. Ah! meu rico amigo, (continuou ella, voltando-se mais para mim), na vida só huma vez se tem quinze annos, e huma mulher não ouve mais que huma vez na sua vida o elogio de sua belleza, e a primeira declaração do amor! Muito bem, eis-aqui o que esta voz me fazia ouvir.... Eu tinha então quinze annos, julgue v. m. qual seria a impressão, que isto me devia fazer! Desejava na verdade saltar as paredes só para vêr este amavel cantador; mas erão muito altas, muito lizas, e era já muito de noite, tornei a entrar na minha gaiola, fluctuando entre a alegria, e a tristeza. Que imagem me figurava eu na fantasia das perfeições do meu amante! Attribuia-lhe toda a formosura dos Anjos, ardia em desejos de lhe fallar; veio a noite, e tornou a vir a mesma voz que tanto me encantava; os mesmos obstaculos me impedião, eu não podia vêr o meu querido cantador; mas em fim, como as mulheres fazem tudo quanto querem, tanto escarafunchei que fiz hum boraco na parede por onde lhe podia fallar: disse-me que me tinha visto muitas vezes na Igreja, e que havia muito tempo que sepultava comsigo seu amor, e seus tormentos, e que o fim ultimo, e supremo de seus votos, era alcançar a permissão de me divertir algumas vezes com as suas modinhas, e a certeza de que ellas me agradavão com o acompanhamento de guitarra. Pedi-lhe que me dissesse o seu nome, que me desse huma idéa da sua pessoa, e sobre tudo da sua figura, para o poder conhecer na Igreja, quando no proximo Domingo me levassem á Missa. Negou-me huma, e outra coiza, accrescentando: — Se a Senhora me chega a pôr a vista em cima, e conhecer-me dos

bicos dos pés até a cabeça, todos os encantos da minha voz se desvaneceráõ no mesmo instante, e com elles a unica consolação que me resta. He facil de presumir como ficaria picada a minha curiosidade á vista destas recusações. Então que he isso? lhe tornei eu, então vossê he algum bigorrilhas, ou algum pobretão como costumão ser de ordinario todos os Musicos, e todos os Poetas? Essa vergonha he muito mal entendida, e eu sei que estas qualidades são inseparaveis dos filhos de Apollo, e caterva do Parnazo; não duvide dar-se a conhecer corporalmente ainda na auzencia destas circunstancias. A pobreza, o vadiismo, o acanhamento de casaca, pantalonas, e botas, não obscurecem as prendas dessa voz, nem os altos conceitos dessas Quadras, que parecem inspiradas pelo genio de Metastazio, ou de Ossian filho de Fingal. Os talentos não tem nada com huma camiza suja, com huma má gravata, e até mesmo com huma cara que pareça ser feita com os sobejos de outras caras. — Nada disso he, respondeo o meu namorado, o que me embaraça manifestar-me. Sou de hum nascimento illustre, gozo de huma fortuna consideravel.... mas.... em fim, não me obrigue a manifestar-me.... V. S. fugiria espantada com tal descobrimento, e eu perderia para sempre a sua benevolencia. — Tive medo com effeito, e minha imaginação se figurava os mais estranhos fastasmas; a primeira coiza que me lembrou foi se o homem seria algum daquelles que a Cidade de Bérgamo, e seu termo costuma dar para os Theatros da Europa, e que nos seus ultimos confins, na Lusitania meridional, achão mais ordenado n'hum anno do que são na Italia as rendas de todos os Marquezados: depois desta primeira idéa tão aterradora para huma mulher, lembrei-me de

ter ouvido fallar em Magicos, em almas do outro Mundo, em Duendes, e me figurava todos estes seres debaixo da forma humana. Não dissimulei ao meu incognito o medo em que o seu silencio me deixava, e o ameacei de o não vir escutar outra noite. Hia já fugindo, quando a sua voz me deteve dizendo: — Espere V. S. que eu lhe digo tudo. Eu sou hum homem como os outros, mas ha poucos a quem a Natureza tenha feito tão desgraçados!!! .....

Entre os terrores em que estava submersa a minha imaginação, esta explicação me tranquillisou hum pouco. Então não he mais do que isso? (lhe disse eu). Não imagine que me parecerá menos amavel, porque me ha de parecer menos formoso: se eu sinto o meu coração tão voltado para vós, não o deveis ao imperio das vossas modinhas, e da vossa Guitarra? A figura que vos deo a Natureza não entrou para isto em linha de conta. Praza ao Ceo, respondeo elle, que as coizas ficassem aqui! Permitta-me V. S. que a minha figura não vá perturbar a impressão que a minha voz, e os meus improvisos, com variações de Walsa, lhe tem feito, peço-lhe pela sua saude que me não obrigue a manifestar-me. A obstinação do incognito exaltou de todo a minha vaidade; quiz-me mostrar mais forte do que elle me julgava, e exigi positivamente que no Domingo seguinte fosse á Missa á Igreja de S. Carlos, e que na terceira columna da nave á mão direita se mostrasse, e para o distinguir melhor, que fosse de capote branco com trinta e dois cabeções; mas que não apertasse os tirantes das ilhargas; que largasse as escotas de hum, e outro bordo para o contemplar melhor. Na quinta feira tinha eu feito estes arranjos, na sexta já eu desejava que o meu amante

não fosse hum embréxado repugnante, no sabbado assentei comigo que para o continuar a amar, era preciso que elle tivesse ao menos huma figura passageira. Chegou o Domingo, fui para a Igreja mais morta que viva de anciedade. Não tinha animo de levantar os olhos. Em fim resolvi-me. Que sorpreza! Em lugar de hum homem feio, vi hum homem, cuja belleza excedia tudo quanto a imaginação se pode fingir nos Entes celestiaes. Puzlhe os olhos, e tanto me perdi nesta contemplação, que a creada que hia comigo teve grande trabalho em me tirar da Igreja ainda depois de se dizer a Missa da huma hora. Oh! o mais nobre de todos os homens, lhe disse eu nessa mesma noite pelo buraco da parede! A vossa modestia faz realçar todas as relevantes qualidades da vossa pessoa. Eu vos dou o meu coração para sempre. Ficou encantado com esta certeza, e me disse que se chamava o Conde Babozini, dizendo-me que lhe desse licença de me pedir a meu pai. Sem hesitar lhe disse que sim, accrescentando que eu devia ser = *só tua*; o estado a que eu tinha chegado já permitia hum redondo *tu*.

Pedio-me no dia seguinte. Conde Babozini, lhe disse meu pai, conheço vosso nome, e vossa fortuna, e este passo he muito lisongeiro para a minha familia; mas permitti-me que eu não disponha do coração de minha filha sem a consultar. Ainda que os homens costumão dar pouco apreço ás vantagens externas, as raparigas pensão de outra maneira. Ah! (respondeo o Conde Babozini) por este lado não receio eu obstaculos. Assim o desejo, disse meu pai, mordendo os beiços para não se desembéstar com alguma gargalhada indiscreta.

Prognóstica, me disse meu pai entrando no

meu quarto, o Conde Babozini pede a tua mão. Não tenho nada que allegar contra esta alliança, mas talvez que te não agrade muito a figura de S. Ex.ª o Conde Babozini. — O que? lhe tornei eu, pois o Conde Babozini não he o mais formoso dos filhos de Eva? Já o vi, já me disserão que era elle, e nunca vi huma figura mais encantadora. — Inda bem, minha filha, se assim he, nada tenho que objectar, e travando-me do braço me conduzio á salla em que estava S. Ex.ª Figurai vós, Senhor, qual seria o meu espanto, quando descobri huma daquellas caricaturas, que poderia crear a imaginação do mesmo Pintor *Hogarth.* O Pintor *Teniers* nunca assim representou hum bojudo Holandez sentado em cima de huma pipa. D. Quixote, o Poeta Magrissini, nunca apresentárão aos olhos mortaes huma mais triste figura. Não, meu pai, gritei eu, não he este o Conde Babozini, ou o que eu vi era outro. Que he isso? Alto lá, pois não era eu o que estava na Igreja de S. Carlos com hum capote branco com trinta e dois cabeções? Não foi com este uniforme que a menina me mandou apparecer? Com effeito, lhe tornei eu, agora me recordo, que ao pé do homem que eu tomei pelo Conde Babozini havia outro da mesma libré com que elle estava porque esta moda dos capotes brancos com mil cabeções está muito universalizada, e para dizer a verdade, eu julguei que elle se pozera alli para relevar ainda mais por meio de tão notavel contraste, e opposição a belleza do Conde. O meu pretendente deixou então escapar huma praga, e me fez vêr que o Marquez Papalvini era o objecto da minha equivocação, ou engano.

Eu não sei, Senhor, se vós tendes notado que ha em certos nomes hum encanto particular

que nos previne em favor daquelles que o tem. Apenas eu ouvi o nome de Papalvini, lhe experimentei o effeito, e me senti arrebatada para elle com huma inclinação invencivel; vi que estava absolvida das promessas que fizera ao Conde Babozini, visto o engano em que estava a respeito da sua pessoa, e muito mais da sua figura. O pobre Babozini tornou pouco a pouco a si da pasmaceira em que havia cahido; e fez todos os esforços, ou toda a força de véla para recobrar a minha benevolencia. Fallou-me da belleza d'alma, que excede muito a belleza do corpo, certificou-me que a sua ternura sem limites o aformosearia muito a meus olhos, e até lhe daria os encantos que a Natureza lhe tinha negado. — Senhor Conde, lhe disse eu, quando nós discorriamos pelo buraco do muro sobre estas questões Platonicas ainda eu não tinha visto a vossa enormissima corcunda, não sabia que o Conde Babozini era huma perfeita Aranha; e depois disso eu ainda não tinha visto o Marquez Papalvini; talvez que elle tenha huma alma tão bella como a vossa, mas por certo não tem nem o vosso alcatruzado espinhaço, nem as vossas longas, delgadas, e arqueadas pernas, que me parecem duas talhadas de melão viradas huma para a outra. Ainda não tinhão acabado os eccos destas palavras, e já o Conde Babozini tinha desertado da sala.

Meu pai achou tão comica esta scena, que além de rir muito, a confiou em segredo a hum amigo seu; este tambem em segredo a confiou a outro amigo, e com huma rapidez prodigiosa, assim mesmo em segredo natural, se publicou em toda a Cidade, e chegou aos ouvidos do Marquez Papalvini; procurou ver-me, agradei-lhe, pedio-me a meu pai, concedeo-me sem se deixar rogar mui-

to, e eu menos, porque em fim o Marquez Papalvini possuia o meu coração.

Esta união não me fez mais venturosa. Meu esposo era hum daquelles homens que, soberbos, e entonados com suas externas prendas, se persuadem que podem desprezar os outros, e que todos os talentos são nada á vista destas superficies. O Toucador lhe levava a maior parte do tempo, e o que lhe restava, consumia-o no estudo profundo das attitudes, das maneiras, e das *obrigantes* cortezias. O modo de se apresentar com graça nas companhias, era para elle huma applicação tão séria, como pode ser para o Filosofo a contemplação da Natureza. Fazia neste estudo progressos maravilhosos, não havia na Cidade hum Peralvilho que se apresentasse com mais singularidade em huma partida. Com effeito, meu marido era o homem mais amavel do Mundo em huma sociedade de mudos. Porém, se nada havia mais elegante que o seu ar, nada havia tambem mais pobre que a sua cabeça: não sabia fallar mais que de si mesmo, das suas fortunas, e das suas conquistas; contava tudo isto pelo miudo, contava-o sempre, contava-o a todos, a si mesmo o contava; e nunca se lembrou, que enjoava todo o genero humano que o ouvia. Para maior desgraça minha, metteo-se-lhe em cabeça que eu não podia passar sem elle, poz-me em rigoroso assedio com a sua figura, e com a sua louca vaidade. Depressa me cançárão estas duas coizas, comecei pelo conhecer, e vi que era hum ridiculo; com dois passos mais cheguei a ponto de o não poder supportar. Ah! dizia eu comigo, que fraca fazenda possue quem não tem mais que os encantos, ou attractivos externos! Pobre Conde Babozini! Ao menos tinhas huma voz, e huma Guitarra! No

fim de hum anno de consorcio, veio a morte, e levou-me tão fastidioso marido. Então começou o Conde Babozini a dar-me novos descantes, e a expôr-me em bellas quadras glozadas seu amor, e seus tormentos. Tanta constancia me tocou em o fundo d'alma. Fiz-lhe saber que talvez agora não fossem regeitadas as suas antigas propostas, e não se passou muito tempo sem se ultimar a nossa matrimonial união.

Achei-me ainda peior com este, do que me achei com o outro. O primeiro enjoava-me, mas não me atormentava. Estava certo de seu mérito, e da admiração que lhe era devida; mas tinha bom genio, não tinha que se enfadar de lhe mortificarem suas pretenções; tinha orgulho, mas innocente, coiza ordinaria em os homens que possuem vantagens faceis de dar na vista aos outros, e por isso são menos sugeitos áquellas affeições ciozas que tanto perturbão o socego do proximo. O Conde Babozini estava em huma situação de todo differente. Os defeitos de sua figura saltavão aos olhos de todos, e o talento que os devia fazer esquecer, não era para ser conhecido á primeira vista. Vivia em huma contínua inquietação, e receio que a preponderancia de seu merito sobre seus defeitos não fosse reconhecida, e confessada por todos. Temia sempre ser supplantado, e qualquer pequena mortificação lhe era por extremo sensivel. Daqui vinha não ter elle de seu proprio merito mais que huma opinião muito variavel, e muito incerta; humas vezes mendigava elogios, outras vezes recusava as attenções, e contemplações que por elle se tinhão. Seguia-se daqui naturalmente que o ciume, inseparavel de todos os talentos, animado com a propria fraqueza em sustentar os seus, lhe tolhia os elogios de

que andava sempre esfomiado. Bem se vê que nesta situação andava o homem continuamente devorado de misantropia, e de inveja de todos os seus rivaes em talentos de modinhas, e Guitarra, exigindo de todos huma admiração exclusiva, e nunca interrompida. O que lhe tornava estas paixões mais insupportaveis era o silencio, e a dissimulação com que as nutria, e sustentava. Nada lhe extinguia o odio huma vez concebido, e para se vingar, descobria sempre os caminhos mais obscuros, e tortuosos. He facil de entender quanto eu padeceria com hum homem deste genio, e desgraçadamente muito ordinario em homens entestados de seu merito, e talentos. O primeiro defeito que me começou a indispôr foi a fingida modestia com que meu marido fallava da sua figura. Cuidei que me costumasse a isto com facilidade; e com effeito tenho conhecido homens de tristissima figura que a fazião esquecer por seus bons ditos, graças, e agudo engenho; mas estes homens não repizavão a todo o instante a exageração de seus defeitos, e com tudo, esta era a invencivel teima do Conde Babozini. Queixava-se a todas as horas do modo com que o tratára a madrasta Natureza; isto não era só para me excitar compaixão, seu verdadeiro fim era arrancar-me por força continuados elogios, e obrigar-me a dizer-lhe que se enganava, e que ainda que era destituido de extrema belleza, não o era de graça. Hora isto cança, e principalmente entre duas pessoas que se estavão vendo a todos os instantes. Assentei de lhe não responder; porém o meu silencio foi o primeiro titulo de queixas que formou contra mim. Por outro lado sua excessiva vaidade o tornava insupportavel. Desde pela manhã até á noite estava á minha ilharga com a Guitarra,

e com as suas Quadras. Era preciso passar o meu tempo a ouvillo, a admirallo, e a extasiar-me, e até enternecer-me. A pezar de ser apaixonada de Musica, já não podia. No fim de seis semanas estava tão farta de Quadras e Guitarra, que desejava vello rouco por huma eternidade, e a maldita Guitarra enterrada na terra a cem braças de profundidade. Apenas elle percebeo que eu não fazia caso das Quadras, e da Guitarra, começou de me maltratar com hum ciume que me offendia, e enxovalhava. Não me consentia a mais pequena diversão com o meu gato, ou com os meus canarios, dizendo que isto era roubar huma parte daquella attenção que eu lhe devia inteira. Hum dia em que ao ouvir-lhe estas parvoices soltei huma gargalhada, teve a audacia de me maltratar de pancadas, esmigalhando-me a Guitarra em cima da cabeça. Vi-me obrigada a reclamar a protecção de meu pai, o negocio custou a accommodar, tornei para casa; porém depois que elle deo huma fiança idonea de seus futuros procedimentos. O odio mais refinado occupou no meu coração o lugar que nelle tinha dado a algum vislumbre de estima no principio da nossa mal agoirada alliança; e ainda que o temor que aquelle sapo tinha de meus parentes o continha alguma coiza, não perdia occasião de me mortificar. Finalmente no cabo de dois annos a morte me livrou deste segundo flagello. Resolvi-me a não casar mais. Mas que hei de eu fazer? sou de genio sociavel, gosto de me occupar no governo da casa, não posso soffrer a ociosidade. O que me embaraça he a escolha; quem me diz que me não hei de enganar terceira vez? Casei com o homem mais bello do Mundo, enfastioume; casei com hum homem de talentos, e talen-

tos taes, que fazia Quadras, atormentou-me. Ora diga-me, Senhor, com que homem devo eu casar?

Senhora, lhe disse eu, case V. S.ª com hum homem que lhe agrade ainda depois de o ter visto dois dias, e de o ter ouvido dois serões.

ARTES.

Novo methodo, e economico, de separar da prata o cobre. Por Mr. Brandenburg.

Como a separação do cobre da prata, pela via sêca, he vagarosa e difficil, tem varios Quimicos nos ultimos tempos procurado o meio de operar esta separação pela via humida; Mrs. Bucholz e Gay-Lussac se aproximárão mais a este fim, sem com tudo o terem de todo conseguido.

O methodo usado de separar o cobre da prata pela via humida, consiste em dissolver a liga no acido nitrico, e em precipitar a prata com auxilio de outro cobre. Como a prata precipitada retem ainda cobre, trata-se, como aconselha *Gay-Lussac*, com nitrato de prata. Este processo he embaraçado, e não se pode praticar em ponto grande. O que vou expôr foi-me suggerido pelas seguintes observações, que me pertencem.

1.º Quando se deixa evaporar até estar sêca huma dissolução de prata que tem cobre, e se faz derreter em huma colher de ferro o residuo, com excesso de acido ou sem elle, até que fique em fusão tranquilla, inclinando este metal derretido, acha-se que não he atacado o ferro, e que nenhuma porção da prata está separada; além do que, os reagentes não indicão na fundidura dissolvida sinal algum de ferro. O nitrato de prata, livre de cobre, mostra o mesmo effeito.

2.º Pelo contrario, se se deixa ferver alguns minutos na colher de ferro o nitrato de prata e de cobre humido, o sal se decompõe, separa-se a maior parte da prata no estado de reducção, e o liquido restante se precipita abundantemente em azul com os prussiatos alcalinos.

Este ultimo resultado não está bem de acordo com o que *Bergman* obteve da precipitação da prata pelo ferro malleavel. Tinha elle mergulhado huma lamina ou folha deste ferro em huma dissolução nitrica de prata; no cabo de algumas semanas, ainda o ferro estava intacto; ajuntou ácido nitrico, e aquentou a mistura, mas não observon nella logo acção distincta, e só depois que a dissolução ficou alguns dias em repouzo he que na superficie do ferro se formou huma vegetação de prata. Pode ser que a precipitação se formasse logo, se Bergman aquecesse o liquido até ferver.

3.º He sabido que pela fusão contínua, os nitratos, tanto de cobre como de prata, perdem o seu ácido. Resta oxido negro de cobre, e oxido cinzento de prata; mas na mistura dos dois nitratos, o do cobre perde o seu ácido muito primeiro que o da prata. Desta circunstancia he que eu me aproveitei para conseguir o meu methodo de separação do cobre da prata, mais commodo, e mais economico que os até agora praticados. Consiste este methodo em fazer dissolver no ácido nitrico qualquer quantidade de prata que tenha cobre, evaporando-se até estar sêca em hum vaso de vidro. Transporta-se depois o sal a huma colher de ferro, que se põe sobre o fogo brando; conserva-se a mistura em fusão até se não perceber a menor fervura; e depois se escoa sobre huma chapa untada de oleo. Para ficar seguro de que todo o

nitrato de cobre se converteo em oxido negro deste metal, faz-se dissolver em agua huma pequena porção delle, e experimenta-se com amoniaco. Se a solução, que deve ser ao principio clara e limpa, não toma a mais leve tintura de azul pode concluir-se que o nitrato de prata que se obteve, está absolutamente livre de cobre; se este gráo de pureza se não consegue de todo, continua-se a fusão por mais alguns segundos, e faz-se dissolver o producto, que he negro, em agua fria; filtra-se a solução, e passa puro o nitrato de prata; tira-se pela lavagem ao oxido que ficou no coador a pequena porção de nitrato de prata, de que pode estar impregnado, e põe-se a secar: os seus usos são mui frequentes na analyse das substancias organisadas. O nitrato de prata he depois tratado diversamente segundo o uso para que se destina.

Observa-se neste methodo a particularidade de que, durante a lixiviação, o nitrato de prata de modo nenhum se decompõe pelo oxido de cobre, o que deve depender da superioridade d'attracção que hum oxido unico, ou hum oxido primario, tem sobre hum oxido secundario. Quanto ao facto em que repouza o novo methodo, ha muito era conhecido sem ter sido explicado; porque quando a pedra infernal feita com prata que retem algum cobre, tomava, por causa da presença deste metal, huma côr verde, se dizia que não se tinha conservado tempo bastante em fusão; e quando passava a negro por oxido de cobre posto fora de se misturar, dizia-se que o gráo de fusão tinha sido excedido.

A decomposição do nitrato de cobre se ex-

ercita primeiro na porção do ácido que está em relação com o oxygenio do segundo oxido, e como não pode existir nitrato de oxídulo, deve necessariamente a desacidificação operar-se em todo o sal; observa-se igual fenomeno no oxido de mercurio, cujo oxidulo, em certo calor, se divide em oxido e em metal reduzido, e que por huma acção prolongada do calor, em lugar de se suboxidar, totalmente se reduz.

MISCELANEA.

Curiosa conjectura astronomica do celebre Astronomo Bode, *de Berlin, sobre a Chronologia dos Chinezes.*

Os INDAGADORES da antiga Astronomia e Chronologia (diz o dito Astronomo) fallão muitas vezes dos quatro periodos em que os Indios antigos dividião a duração do Mundo. O primeiro período diz-se contivera 1:728:000 annos; o segundo 1:296:000; o terceiro 864:000; e o quarto, que he o actual, dizem elles que ha de ter 432:000 annos. Tem-se tido insano trabalho para attribuir a estes numeros (que os Indios chamão *Yug*) mysteriosas significações astronomicas; e nos modernos tempos se tem tentado fazellos coincidir com os periodos dos pólos magneticos da terra, da precessão dos equinoccios, da Lua, das influencias planetarias, dos accidentes do tempo, etc. Na minha opinião, elles nada mais encerrão que o segundo, o numero de segundos que ha em hum circulo; o 1.°, 3.°, e 4.° os segundos decimaes em dois dias, hum dia, e meio dia: porque

2.°, 360° × 60′ × 60″ = 1:296:000
1.°, 48h. × 60 × 60 = 1:728:000
3.°, 24h. × 60 × 60 = 864:000
4.°, 12h. × 60 × 60 = 432:000

Algum Brâmane antigo e mystico fez provavelmente annos destes segundos; e esta he provavelmente a origem dessas quimericas quatro idades do mundo. Nenhum, que eu saiba, de quantos tem procurado até agora explicallas, se lembrou desta minha idéa.

Nova planta febrífuga.

O Doutor *Lando*, Medico da Instituição de Caridade do primeiro Arredondamento (ou Circuito) de París, dirigio o anno passado ao Ministro do Interior, e aos Medicos seus collegas, huma memoria sobre as virtudes febrífugas das flores da *Centaura Calcytrapa* de Linneo, em Portuguez *Cardo estrellado.* As observações deste Medico, sustentadas pelo bom exito de varios exemplos em que elle as ministrou, provão que as flores desta planta, que he mui vulgar, efficazmente podem supprir a quina em casos de febre intermittente e outras enfermidades. — Estas folhas podem-se empregar em pó, em infusão, em decocção, e em extracto. Para fazer mais activa e contante a sua virtude febrífuga, prefere-se fazer a sua infusão em vinho. Propõe o Doutor *Lando* banir por meio deste remedio indígena aquelles febrífugos exóticos, que sempre são caros, e muitas vezes adulterados; os Hospitaes e os pobres sobre tudo lucrarião em adoptar este remedio. O Doutor teve as primeiras suspeitas da virtude desta planta andando herborizando as montanhas da Liguria em 1802, e des de então diz a tem frequentemente experimentado; especialmente na cura da gente do campo, e das classes indigentes; e que está bem convencido de que são incontestaveis as virtudes febrífugas que lhe attribue.

Fim do N. IV.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

LISBOA.

N.° V. MAIO DE 1820.

FYSICA.

Noticia do terremoto que destruio a Cidade de Caracas *a 26 de Março de* 1812, *extrahida do 4.° vol. da* Narração Pessoal, etc. *do Barão de* Humboldt.

Ha poucos acontecimentos no mundo fysico que sejão proprios para excitar tão profunda e permanente attenção como o terremoto que destruio a Cidade de Caracas, e que fez perecer mais de 20$000 pessoas, quasi no mesmo instante, na Provincia de Venezuéla. Os resultados geraes desta tremenda catástrofe são em geral conhecidos entre nós desde pouco depois da época em que aconteceo; mas as suas particulares circunstancias, tão dolorosas á humanidade, e os fenómenos fysicos que a ácompanhárão, tão importantes nas especulações geologicas, ainda ha pouco tempo ap-

parecêrão descritas com exactidão de observações pelo distincto Viajante Humboldt ; o qual , tendo visitado a Cidade de Caracas antes da sua destruição , procurou a todo o custo juntar e comparar as descripções de varios sujeitos intelligentes que tinhão presenceado os effeitos do terremoto , e ficou deste modo habilitado para formar a fiel pintura desta terrivel convulsão , traçada com aquella eloquencia animada que caracterisa os seus escritos. Os limites deste artigo serão unicamente os que dizem respeito áquella catástrofe , sentindo não podermos por isso apresentar todos os seus raciocinios relativamente á influencia de hum systema de volcões sobre huma vasta extensão do paiz adjacente. Oiçamos o author :

" O dia 26 de Março foi notavelmente quente : o ar estava sereno , e o Ceo sem nuvens. Era Quintafeira Santa, e estava junta nas Igrejas grande parte da população. Nada parecia presagiar as calamidades daquelle dia. O primeiro abalo sentio-se pelas quatro horas e sete minutos da tarde ; foi tão forte que fez soar os sinos das Igrejas ; durou cinco ou seis segundos , durante os quaes esteve a terra em contínuo movimento undulatorio , e parecia levantar-se como hum liquido em fervura. Já se julgava passado o perigo , quando se ouvio hum pavoroso ruido subterraneo , similhante ao ruido do trovão , porém mais alto , e mais continuado que o que nos Tropicos se ouve em tempo de borrascas. Este ruido precedeo hum movimento perpendicular de tres ou quatro segundos , seguido por hum movimento undulatorio algum tanto maior. Os choques erão em direcções oppostas , de Norte a Sul , e de Leste a Oeste. Nada podia resistir ao movimento debaixo para cima, e a undulações que se atravessavão mutuamente :

foi a Cidade de Caracas inteiramente prostrada em terra, e ficárão sepultados nove a dez mil habitantes nas ruinas das casas e das Igrejas. A procissão ainda não tinha sahido; e era a multidão tanta nas Igrejas que perto de tres ou quatro mil pessoas forão esmagadas pela quéda de seus tectos de abóbada. A explosão foi mais forte para a banda do Norte, naquella parte da Cidade mais proxima á serra d'Avila e á Sé. As Igrejas de la Trinidad e Alta Gracia, que tinhão de altura mais de 150 pés, e cujas naves erão sustentadas por columnas de doze pés de diametro, deixárão huma massa de ruinas que apenas excedia a altura de cinco ou seis pés. Foi tão consideravel o despenho das ruinas, que apenas existem vestigios das pilastras ou columnas. O Quartel chamado de S. Carlos, sitio hum pouco ao Norte da Igreja da Trindade, no caminho da Alfandega da Pastora, desapparecêrão quasi totalmente: hum Regimento de tropa de linha, que estava reunido em armas, prompto para se juntar á procissão, ficou, á excepção de poucos homens, sepultado debaixo das ruinas deste grande edificio. Em summa, nove decimas partes da Cidade de Caracas forão inteiramente destruidas. As paredes das casas, que não desabárão, como as da Rua de S. João, perto do Hospital dos Capuchinhos, ficárão rachadas de modo, que se não podia correr o risco de as habitar.

" Calculando em nove ou dez mil o numero dos mortos na Cidade de Caracas, não incluimos aquellas infelizes pessoas, que, perigosamente feridas, morrêrão alguns mezes depois, por falta de alimento e de cuidado. A noite de Quinta-feira Santa apresentava a mais lastimosa scena de magoa e afflicção. A espessa nuvem de poeira, que, levantada das ruinas, obscurecia o Ceo como huma

nevoa, já tinha assentado: não se sentio abalo algum, e nunca houve noite mais socegada e serena. A Lua, quasi cheia, allumiava as redondas torres da Sé, e o aspecto do Ceo formava hum perfeito contraste com o da terra, alastrada de mortos, e de montes de ruinas. Vião-se mãis levando seus filhos nos braços, esperando ainda vellos tornar á vida. Vagueavão pela Cidade familias afflictas em busca de hum irmão, de hum marido, de hum amigo, de cuja sorte não sabião, e que julgavão perdidos entre a multidão do povo, o qual andava em chusma pelas ruas, que já se não podião conhecer se não pelas longas enfiadas de ruinas.

" Todas as calamidades experimentadas nas grandes catástrofes de Lisboa, Messina, Lima, e Riobamba, se renovárão no fatal dia 26 de Março de 1812. Os feridos, enterrados debaixo das ruinas, imploravão com gritos o soccorro dos que passavão, e forão tirados dalli perto de 2$000. Faltavão totalmente enchadas para cavar, e explorar as ruinas; e vio-se obrigada a gente a usar meramente de suas mãos para desentulhar os que ainda vivião. Os feridos, e os doentes que tinhão escapado dos Hospitaes, forão postos nas margens do pequeno rio Guayra, sem terem mais abrigo que as folhas das arvores: camas, panos para pensar os feridos, instrumentos de cirurgia, remedios, e outros objectos da mais urgente necessidade, tudo estava debaixo das ruinas; tudo, até o proprio sustento, faltou nos primeiros dias; a mesma agua veio a ser escassa no interior da Cidade; porque a commoção tinha quebrado as torneiras dos chafarizes, o abatimento da terra tinha estorvado a corrente que os provia; e foi necessario para ter agua, descer ao rio Guayra, que es-

tava consideravelmente cheio; e mesmo para isso havia falta de vasilhas.

" Faltava cumprir hum dever para com os mortos, imposto tanto pela piedade, como pelo temor de infecção. Sendo impossivel enterrar tantos milhares de cadaveres, meios enterrados nas ruinas, nomeárão-se Commissarios para queimar os corpos; e para este fim se erigirão pyras funerarias entre os montões das ruinas: esta ceremonia durou varios dias. Entre tantas calamidades publicas dedicava-se a gente áquelles deveres religiosos que julgava mais proprios para applacar a ira celeste: huns, juntando-se em procissão, cantavão orações de preces; outros, em estado de distracção, confessavão-se nas ruas em alta voz. Repetio-se nesta Cidade o que se observára na Provincia de Quito, depois do fatal terremoto de 1797; contrahio-se huma porção de casamentos entre pessoas, que tinhão por muitos annos desprezado sanccionar a sua união com a benção da Igreja. Achárão muitos meninos pais, que nunca até alli os tinhão reconhecido; promettêrão restituições muitas pessoas que nunca havião sido accusadas de fraude; e varias familias, que tinhão sido inimigas, se tornárão a ligar pelo vinculo da commum calamidade. Se este sentimento parecia socegar as paixões de alguns, e abrir o coração á piedade, produzio em outros effeito contrario, fazendo-os mais asperos e deshumanos.

" Abalos tão violentos como os que no espaço de hum minuto derrubárão a Cidade de Caracas, não podião confinar-se em huma pequena porção do continente. Seus fataes effeitos se estendêrão pelas Provincias de Venezuela, Varinas, e Maracaibo, ao longo da costa; e ainda mais para a banda das serras interiores. La Guayra, Mai-

quetia, Antimano, Baruta, LaVega, S. Filippe, e Merida, ficárão quasi inteiramente destruidas. O numero dos mortos passou de quatro a cinco mil em LaGuayra, e na Cidade de S. Fernando, perto das minas de cobre de Aroa. Parece que a violencia do tremor se dirigio principalmente em huma linha correndo Les-nord-este, e Oes-sud-oeste, des de LaGuayra e Caracas até as altas montanhas de Niquitao e Mérida. Foi sentido no Reino de Nova Granada desde os ramos da alta Serra de Santa Martha até Santa-Fé de Bogotá, e Honda, nas margens do rio Magdalena, 180 leguas distante de Caracas. Em toda a parte foi mais violento nas Cordilheiras de *gneiss* e mica, ou immediatamente ás suas faldas, do que nos campos ou planicies; e esta differença foi particularmente pasmosa na campinas de Varinas e Casanara. Nos valles de Aragua; situados entre a Cidade de Caracas e a de S. Filippe, forão mui fracas as commoções: e LaVictoria, Maracay, e Valencia, apenas soffrêrão alguma coiza, não obstante a sua proximidade á Capital. Em Valecilho, poucas leguas distante de Valencia, abrindo-se a terra, lançou tão grande quantidade de agua, que formou nova torrente. O mesmo fenomeno teve lugar perto de Porto-Cabello. Por outra parte, o Lago de Maracaibo diminuio sensivelmente. Em Coro não se sentio commoção alguma, a pezar de a Cidade estar situada na costa, entre outras terras que padecêrão pelo terremoto.

" Quinze ou dezoito horas depois da grande catástrofe, ficou o terreno tranquillo. A noite, como já temos observado, esteve bella e socegada; e os tremores não se renovárão até depois do dia 27: então vierão acompanhados de hum mui alto e continuado estrondo subterraneo. Os habitantes

de Caracas andavão errantes pelo paiz; mas como as aldeias e fazendas tinhão padecido tanto como a Cidade, não podérão achar abrigo em quanto se não achárão além dos montes de Los Teques, nos valles de Aragua, e nos Planos ou Campinas. Muitas vezes se sentírão mais de quinze oscillações em hum dia. A 5 de Abril houve hum tremor quasi tão violento como o que lançou por terra a Capital: esteve algumas horas o terreno em estado de perpetua undulação. Nos montes derrocárão-se grandes massas de terra; e desprendêrão-se enormes penedos da Sé de Caracas: até mesmo se asseverou e creo que as duas torres da Sé abatêrão cincoenta ou sessenta toezas; mas esta asserção não he fundada em medição alguma.

" Ao passo que se sentião violentas commoções ao mesmo tempo no valle do Missisippi, na Ilha de S. Vicente, e na Provincia de Venezuéla, os habitantes de Caracas, e de Calabozo, situada nos passos e nas margens do Rio Apure, em hum espaço de 4$000 leguas quadradas, forão aterrados no dia 30 de Abril de 1812, por hum ruido subterraneo, que se assimilhava a frequentes descargas de artilheria grossa: principiou este estrondo ás duas horas da manhã, sem ser acompanhado de tremor; e, o que he múi notavel, era tão forte o som na costa como oitenta leguas pela terra dentro. Em toda a parte se creo que este estrondo vinha do ar; e tão longe estavão todos de se persuadirem que era subterraneo, que em Caracas, e em Calabozo, se fizerão preparativos para pôr a praça em estado de defensa contra algum inimigo, que parecia avançava com artilheria pezada. Ao Sr. Palacio, atravessando o Rio Apure perto da confluencia do Rio Nula, disserão os habitantes que o *fogo da artilheria* se tinha

ouvido tão distinctamente na extremidade occidental da Provincia de Varinas, como no posto de LaGuayra ao Norte da cordilheira da Costa.

" O dia em que os habitantes da Terra Firme tiverão o susto do estrondo subterraneo, foi o em que aconteceo a erupção do volcão na Ilha de S. Vicent. Esta montanha, de altura de quasi 500 toezas, não tinha lançado lava alguma desde o anno de 1718. Apenas se via sahir algum fumo do seu cume, quando no mez de Maio de 1811, frequentes abalos annunciárão, que o fogo volcanico ou se accendêra de novo, ou de novo se dirigia para aquella parte das Indias Occidentaes. A primeira erupção não teve effeito senão a 27 de Abril ao meio dia: foi só huma expulsão de cinzas, mas acompanhada de tremendo estrondo. No dia 30 passou a lava a borda da eratéra, e depois de correr quatro horas chegou ao mar. O estampido da explosão = assimilhava-se a alternadas descargas de artilheria grossa e mosquetaria; e, o que he bem digno de reparo, pareceo muito mais alto no mar, em grande distancia da Ilha, do que á vista de terra, e perto do volcão que ardia. =

" A distancia em linha recta do volcão de S. Vicente ao Rio Apure, perto da foz do Nula, he de 210 leguas marinhas. Por conseguinte ouvírão-se as explosões em huma distancia igual á que ha entre o Vesuvio e París. Este fenómeno, ligado com grande numero de factos observados nas Cordilheiras dos Andes, mostra quanto he muito mais extensa a esfera subterranea de actividade, do que nós estamos dispostos a admittir pelas pequenas mudanças effectuadas na superficie do globo. As detonações ouvidas dias inteiros a hum tempo no Novo Mundo 80, 100, e até 200 leguas distantes

da cratéra, não nos chegão pela propagação do som pelo ar, são-nos transmittidas pela terra. A pequena Villa de Honda, nas margens do Magdalena, não está menos de 145 leguas de Cotopaxi; e a pezar disso nas grandes explosões do volcão, em 1744, se ouvio hum estrondo subterraneo em Honda, e se suppoz que erão descargas d'artilheria. Espalhou-se a noticia que a Cidade de Carthagena estava sendo bloqueada pelos Inglezes, e acreditou-se. Ora o volcão de Cotopaxi he hum cóne, mais de 1800 toezas acima da concha de Honda, e eleva-se de hum taboleiro, cuja elevação he mais de 1500 toezas acima do valle do rio Magdalena. Em todas as colossaes montanhas de Quito, das Provincias de Los Pastos, e de Popayan, ha innumeraveis fendas, e valles. Nestas circunstancias não se pode admittir que o estrondo podia ser trsnsmittido pelo ar, ou pela face superior do globo, e que veio do ponto em que se acha situada a montanha cónica e cratéra de Cotopaxi. Parece provavel que a parte mais alta do Reino de Quito e das Cordilheiras vizinhas, longe de ser hum grupo de distinctos volcões, constituem huma unica massa elevada, huma enorme muralha volcanica, que se estende do Sul ao Norte, e cuja crista apresenta huma superficie de mais de seiscentas leguas quadradas. Cotopaxi, Tunguragua, Antisana, e Pichincha, estão situadas na mesma abóbada neste elevado terreno. O fogo sahe humas vezes de huma, outras vezes de outra destas sumidades. As cratéras obstruidas parecem volcões apagados; mas podemos presumir, que, ao passo que Cotopaxi ou Tunguragua tem só huma ou duas erupções no decurso de hum seculo, não he menos continuamente activo o fogo debaixo da Cidade de Quito, debaixo de Pichincha, e de Imbaburú.

" Avançando para a banda do Norte, achamos, entre o volcão de Cotopaxi e a Villa de Honda, outros dois *systemas de montanhas volcanicas*, as de Los Patos e de Popayan. A connexão destes systemas manifestou-se nos Andes de incontestavel modo por hum fenomeno, que já tive occasião de referir. Desde o mez de Novembro de 1796 tinha sahido huma espessa columna de fumo do volcão de Pasto, ao Poente da Cidade deste nome, e perto do Valle do Rio Guaytara. As bocas do volcão são lateraes, e situadas no seu declive occidental; com tudo, tres mezes a fio subio a columna de fumo tanto mais alta que o cume da montanha, que constantemente a virão os habitantes de Pasto. Elles nos referírão a sua admiração, quando, a 4 de Fevereiro de 1797, virão desapparecer o fumo em hum instante, sem sentirem tremor algum. Nesse mesmo momento, sessenta e cinco leguas ao Sul, entre Chimboraço, Tunguragua, e o Altar, (Capac Urcu,) a Villa de Riobamba foi destruida pelo mais terrivel terremoto de que ha tradição na Historia. Será possivel duvidar, á vista desta coincidencia de fenomenos, que os vapores que sahem das pequenas aberturas do volcão de Pasto, influírão na pressão daquelles fluidos elasticos, que abalárão o terreno do Reino de Quito, e destruírão em poucos minutos de trinta a quarenta mil habitantes?

" Para explicar estes grandes effeitos das *reacções volcanicas*, e para provar que o grupo ou systema dos volcões das Ilhas das Indias Occidentaes podem algumas vezes abalar o continente, era necessario citar a Cordilheira dos Andes. O raciocinio geologico só pode sustentar-se na analogia de factos que são recentes, e por conseguinte bem authenticados: e em que outra região do Glo-

bo podiamos nós achar maiores, e ao mesmo tempo mais varios fenomenos volcanicos, do que naquellas duas cadeias de montanhas levantadas pelo fogo? naquella terra, onde a Natureza cobrio com suas maravilhas todos os montes e todos os valles? Se considerarmos huma cratéra ardente só como hum fenomeno destacado, se nos contentarmos com examinar a massa das substancias pétreas que tem lançado, a acção volcanica na face do Globo não parecerá nem mui poderosa, nem muito extensa. Porém a imagem desta acção se engrandece no nosso espirito, quando estudamos as relações que ligão todos os volcões do mesmo grupo; (por exemplo, os de Napoles e Sicilia, das Ilhas Canarias, das dos Açores, e das Caraíbas, do Mexico, de Guatimala, e do taboleiro de Quito;) quando examinamos quer as reacções destes diversos systemas de volcões huns com outros, quer a distancia em que elles, por communicações subterraneas, abalão ao mesmo tempo a Terra."

N. B. Eis-aqui a serie de fenomenos que Mr. *Humboldt* suppõe terem tido a mesma origem:

27 de Setembro de 1796. Erupção nas Ilhas das Indias Occidentaes. Volcão de *Guadalupe.*

... Novembro de 1796. O Volcão de *Pasto* começa a lançar fumo.

14 de Dezembro de 1796. Destruição de *Cumaná.*

4 de Fevereiro de 1797. Destruição de *Riobamba*; (desabou a montanha de Culsa sobre a Cidade, e não deixou pedra sobre pedra.)

30 de Janeiro de 1811. Apparecimento da Ilha *Sabina*, nos *Açores*, a qual cresceo consideravelmente a 15 de Junho do mesmo anno.

... Maio de 1811. Principio dos tremores de

terra na Ilha de *S. Vicente*, que continuárão a repetir-se até Maio de 1812.

16 de Dezembro de 1811. Principio das commoções no valle do *Missisippi* e no *Ohio*, que durárão até 1813.

... Dezembro de 1811. Tremor de terra em *Caracas.*

26 de Março de 1812. Destruição de *Caracas.* Tremores que durárão até 1813.

30 de Abril de 1812. Erupção do Volcão na Ilha de *S. Vicente*; e no mesmo dia ruidos subterraneos em *Caracas*, e nas margens do Apure.

BIOGRAFIA — VIAGENS.

Breve noticia do célebre Viajante Belzoni, *que depois de ter visitado o Egypto acaba de chegar ha pouco de volta a Inglaterra.*

Quando ha coiza de oito annos appareceo aqui em Lisboa hum homem que no theatro da Rua dos Condes representou varias experiencias curiosas de Hydraulica, Fantasmagoria, e forças, não seria facil prever que esse homem viria a ser hum dia famoso por outro tão diverso modo como o porque ao presente o he aquelle mesmo Belzoni que aqui tantas vezes nos divertio, tanto naquelle theatro como no de S. Carlos. Nasceo Belzoni nos Estados Romanos; mas ignoramos em que terra, e quaes forão as particularidades dos annos da sua juventude. O que consta ao certo he que haverá dez annos passou a Edimburgo, Capital da Escocia; e alli deo representações, ora de agilidade de forças, ora de experiencias hydraulicas, de fantasmagoria, de concertos de harmónica, etc. Passou dalli á Irlanda a expôr os mesmos divertimentos pelos quaes ganhava sua vida; da Irlanda foi á Ilha de Man, d'onde veio a Lisboa, tendo então pouco mais de 25 annos. He de estatura bastantemente alta e bem proporcionado, de agradavel presença, e de notavel força de musculos. To-

dos se lembraráõ de o terem visto, além das experiencias de fantasmagoria, e de hydraulica, (havendo quem por esta ultima o denominou o *Aquario*) exercitar suas forças na Oratoria *Sansão*, que se representou em o Theatro de S. Carlos, onde tambem appareceo anteriormente na peça = Valentina e Orson =; em ambas foi mui applaudido por sua força e destreza. — Passou de Lisboa a Madrid, onde representou na presença do Rei e da Corte; e de Hespanha se dirigio á Ilha de Malta. Naquella Ilha encontrou Ismael Gibraltar, Agente do actual Bachá do Egypto, que lhe persuadio faria fortuna se quizesse ir á Cidade do Cairo. Assim o executou, e levando cartas de recommendação de Ismael se apresentou ao Bachá, o qual o empenhou a construir huma maquina para elevar as aguas do Nilo de modo que viessem regar os seus jardins; por cujo trabalho devia receber 800 patacas por mez, e além disso huma consideravel recompensa, no caso de a empreza sahir como se desejava. Poz Belzoni mãos á obra, e no fim de tres mezes estava concluida. Achava-se presente o Bachá para ver a primeira experiencia: tres Arabios e hum Irlandez moço, que Belzoni trouxera de Edimburgo sempre em sua companhia por criado, forão postos em huma roda immensa que, com seu gyro, devia pôr em movimento a maquina: mas assim que esta roda voltou duas ou tres vezes, ficárão atordoados os Arabios, e saltárão da roda a baixo, a qual tendo assim perdido o equilibrio, tornou a desandar rapidamente em sentido contrario; e o criado Irlandez, procurando escapar á perigosa posição em que ficára só, seria morto, se Belzoni não lançára mão da roda, e não suspendêra o seu movimento com sua extraordinaria força: assim mesmo ainda o criado quebrou

huma perna. — Tendo falhado esta tentativa, resolveo Belzoni tentar fortuna fazendo investigações no Egypto Superior; mas no momento em que se dispunha a partir, chegou ao Cairo o celebre Viajante Inglez Salt, Consul Geral d'Inglaterra no Egypto, que por sua habilidade no Desenho acompanhára Lord Valencia ao Levante, ao Egypto, á Abyssinia, e ás Indias Orientaes, e que deo á Inglaterra as mais amplas noticias até então sabidas de muitas daquellas regiões. Este Viajante, á vista da recommendação do Cheike Ibrahim, que tinha visto provas da extraordinaria força de Belzoni, o escolheo como a pessoa mais conveniente para a árdua empreza de trazer de Thebas a enorme cabeça de Memnon, que alli descobrira, feita do marmore chamado granito. Desde este momento renunciou Belzoni viajar por sua conta, e se ajustou com Salt e com o Cheike para huma empreza que muita gente até alli julgara impossivel. Depois de seis mezes de incriveis diligencias conseguio completamente aquella empreza, ajudado sómente por alguns Arabes. Dalli em diante foi Belzoni empregado por Salt em todas as suas investigações de antiguidades no Egypto, e Nubia. Na sua viagem a esta ultima região deo Belzoni huma prova de constante perseverança, e que merece ser contada. Hia elle acompanhado por outro sujeito chamado Beechey; chegárão ao templo de Ipsambul, cujas estatuas colossaes apenas mostravão suas agigantadas cabeças acima das massas de arêa em que está quasi sepultada toda a fachada do templo. Tratou logo Belzoni de fazer trabalhar certo numero de habitantes para desenterrarem este notavel monumento; mas pouco havia que tinhão principiado, quando subitamente parárão, sob pretexto de ser contrario á lei do Alcorão

trabalhar durante o Ramadam (Quaresma dos Turcos), que acabava de começar. Resolvêrão por tanto os dois Viajantes proseguir, ajudados somente do criado Irlandez, a laboriosa operação que tinhão feito principiar: em breve porém descobrírão que o Agá para os afastar da empreza, tinha defendido que se lhe ministrassem viveres. Restava-lhes hum unico saco de milho painço na barca em que tinhão subido o rio; e este fraco recurso veio a ser, com a agua do Nilo, o seu unico sustento por espaço de vinte e hum dias de trabalho mui penoso; até que a final penetrárão no interior do templo de Ipsambul, ou Abisimbul. Este templo fica situado perto da segunda cataracta do Nilo. Ao decimo quarto dia de trabalho descobrírão o frizo da porta, e ao decimo sexto entrárão no templo; mas achárão dentro tal calôr, que se virão obrigados a sahir logo para fora. Tirou Belzoni a planta e secção do Templo, tirou delle quatro estatuas, e outras coizas, entre ellas hum sarcófago de alabastro. — Ultimamente chegou a Londres, segundo annunciárão as noticias daquella Cidade.

Breve noticia das peregrinações do Cavalheiro Frediani.

Enegildo Frediani já era conhecido na Italia por algumas Poesias quando emprehendeo fazer huma viagem ou peregrinação ao Oriente. Partio de Liorne nos fins de Setembro de 1817 para o Egypto e alli andou vendo as mais notaveis antiguidades. Subio pelo Nilo acima, vio Thebas, onde encontrou outro Viajante Inglez, Lord Belmore, o Viajante Inglez Salt (de que acima se fez menção), e o Consul de França Drovetti, então occupados nas excavações. Chegou a Syene com

Lord Belmore nos principios de Dezembro, e a 15 do mesmo mez, tendo entrado pela Nubia dentro, passou o Tropico em Colabsi. Visitárão Premma, Cidade antigamente notavel, que foi conquistada pelo General Romano Sempronio; dalli viajárão a Pselca, onde Candace passou pelo desgosto da perda de seu filho; e a 25 de Dezembro chegárão á segunda cataracta do Nilo. — Retrocedendo dalli descêrão este rio, e em Syout encontrárão o Conde de Forbin, Viajante Francez, que andava então perlustrando a Thebaida. Alli se separárão os dois Viajantes Frediani e Belmore. Frediani se dirigio ás Pyramides onde encontrou Belzoni, que diligenciava entrar na de *Cephren*, ainda intacta, no que Frediani o ajudou, até que depois de seis dias de trabalho deparárão com a entrada daquella grande mole, na qual entrárão; mas nada alli achárão interessante. — Despedio-se Frediani de Belzoni, encaminhou-se a Alexandria, e voltou ao Cairo. Desta Cidade partio pouco depois para a Palestina, e atravessando a Iduméa e os desertos de Ur e de Etham na Arabia Pétrea entrou no paiz dos antigos Filisteos; daqui, atravessando as montanhas das Tribus de Simeão e de Benjamim, chegou a Jerusalem no mesmo instante em que os Gregos fazião a ceremonia em que esperão o fogo sagrado que lhes deve vir do Ceo. Foi occular testemunha de huma grande e tragica rixa que houve entre os Gregos Scismaticos e os Padres da Terra Santa na Capella da *Invenção da Santa Cruz*. — Dirigio-se depois para a banda do Jordão e do Mar-Morto; vio Jericó, passou os outeiros d'Engaddi; foi vêr o valle de Mambre e Hebron. Regressado a Jerusalem, passou a Joppe ou Jaffa, recorreo o resto do paiz dos Filisteos, isto he, as Cidades de Ascalona, Azot, Geth, e

Accaron. Entrou na Samaria, onde foi considerado como Samaritano pelo resto deste povo que habita Sichem, fazendo varios apontamentos á cerca deste pouco numeroso povo; e tendo visitado o grande monte Garizim, o Ebal, o Poço de Jacob, e a Cidade de Samaria, chegou a Galiléa pela grande campina d'Esdrelon. Foi ver o Lago Tiberiades, e fez a analyse quimica das aguas thermaes d'Emmaús. — Tornou depois a atravessar a Galiléa e a Traconítide, encaminhou-se a Nazareth, e foi visitar a Fenicia, começando por Cesaréa de Palestina, donde, proseguindo seu caminho, foi visitar o Monte Carmello, Porfyria, Ptolemaida ou S. João d'Acre, Tyro, Seid ou Sidonia, e Barut. — Desta Cidade se entranhou no Anti-Libano e no Libano, e tendo passado estas montanhas, chegou a Damasco, e daqui a Balbec; e tendo chegádo á Costa da Syria, passou pelas Cidades da Tripoli, Tortosa, Gabala, Laodicéa ou Latakiéh; visitou Seleucia e Antioquia; e desta ultima Cidade se dirigio a Alepo, e dalli ás margens do Eufrates, onde chegou no fim do anno de 1818. He de notar que o Cavalleiro Frediani, tendo viajado mais de cinco mil milhas Italianas, quasi sempre só, e vestido á Européa, nunca até então tinha sido maltratado, antes fòra sempre respeitado, e pontualmente servido por aquelles povos barbaros; e o que mais he, tinha sempre gozado boa saude.

CRITICA.

Os caprichos das mulheres. Lição de Moral.
(Carta remettida.)

SENHOR Redactor do Jornal Encyclopedico, vejo que v. m. destina sempre hum artigo do seu Periodico para alguma lição de moral, coiza bem necessaria, e bem interessante no meio da alluvião das mazellas que infestão a sociedade humana; com isto nos allivia tambem as saudades que nos causa o Desapprovador, que Deos tem, que ainda da cova não deixa de clamar pela sua interrompida existencia. V. m. não deixava de indicar naquelle papel tão barato (e com effeito que erão dois vintens no meio destes homens que derão na fina de se chorar, que não ha dinheiro, e deixão mil e mais contos depois da sua morte?) remedios salutiferos ás doenças moraes que descobria na sociedade, e por isto me resolvo a recorrer á sua conhecida beneficencia, e muito mais quando se trata de mulheres, para lhe expôr a terrivel situação em que me ha constituido a união conjugal. Ai de mim! Cuidava que encontraria nesta união conjugal a felicidade, e a paz, e não encontrei mais que desassocego, e contradicções. Confessolhe pois que enjoado do celibato, busquei huma mulher que me agradecesse o presente que lhe fazia da minha fortuna, e a consideração que o meu

nome, e o meu officio de Official de fazenda (espreitador dos descaminhos) daria á sua existencia; fixei a minha escolha sobre huma Senhora, que segundo me disse hum Frade que entrou neste negocio do casamento, pelas noções praticas, que elles costumão ter, e dar, do interior das familias, era nobre de origem, e de hum puritanismo, que eu quereria mais que tivesse nos costumes, que no sangue, porque algumas vezes que lho fiz esméchar pelas ventas, vi que era encarnado como o dos mais: além disto tinha boa figura, e de huma elegancia tal em Walsa (mas a ultima vez que a dançou foi na vespera de ir para o meu poder) que excitava sussurros por toda a salla da Assembléa Lusitana; a educação era analoga a estes grandes principios; além disto era dotada de hum gosto delicadissimo para tudo o que não fosse cozer, fiar, deitar huns fundilhos n'huns calções, caiar, esfregar, e todos os mais ministerios para que só a Natureza parece ter dado talentos ás Senhoras mulheres. Nos dois primeiros annos do nosso consorcio, dava eu perabens á minha fortuna por ter feito cahir a minha escolha n'huma mulher deste lote. As sociedades que escolhia, os estudos a que se dava, os divertimentos que buscava, me obrigavão a fazer o melhor conceito da boa de minha mulher. Não sei, Senhor Redactor, porque fatalidade se introduzírão nos miollos de minha mulher as fumaças de elevar suas idéas a huma ordem superior: deixou tudo o que erão cuidados domesticos; a despensa, e a cozinha, tão bem providas pelos meus desvelos na arrecadação da Fazenda Real, e seus Direitos, não merecêrão mais a sua economica attenção. Quiz ser sabia, e começou com formalidade hum Curso de Fysica experimental, e de Quimica. Com muita pena mi-

nha, via sahir de huma boca, com effeito engraçada, e fresca, as tristes, as tristissimas palavras de — *Oxygenio, Alcali, Gaz inflammavel, Carbonico*, *Sulfato*, *Soda*, e coizas tão Mouras, que me parecia estar na Universidade de Gottinga, ou outra. — Senhora, Senhora minha, contente-se de ser hum dos encantos da Natureza, e deixe-se de querer profundar seus mysterios; olhe que huma têa de panno de linho, fructo das applicações de hum serão de Inverno, he coiza mais util, e proveitosa n'huma casa que todo o laboratorio de Lavoisier; encha-me as arcas de lençoes, e deixe que o Professor Robertson encha lá do que elle quizer o seu zimborio de tafetá. — Isto era prégar no deserto, minha mulher queria ir pelos ares, e precipitar-se de lá, e inda mal que a não deixei! Eis que estando prompta para ir aos Astros verificar a Lei de *Kepler*, vem huns Missionarios á Corte. Minha mulher levada nas ondas de numerosissimos auditorios, deixou as veredas das Sciencias Naturaes, para pizar sómente aquella que a devia levar ao Ceo. Comecei de lhe devisar no caracter huma tintura sombria, e austera; os mais innocentes gracejos offendião a castidade das suas purissimas orelhas. O amor que me tinha, (ella assim o dizia) mudou-se em receio, e temor da minha vida futura, fallava-me de contínuo da eternidade, e eu creio que se houvesse eternidade com huma mulher, haveria cá em cima o verdadeiro inferno; se tinha alguma innocente distracção com os meus amigos, por exemplo, algum jantar depois de alguma grossa tomadia, em que nós os Officiaes costumamos ostentar hum zelo heroico da Real fazenda, era logo taxada de peccado mortal, não tendo eu, nem os mais companheiros, como costumamos, bebido com excesso. Em vão muitas vezes

com a máscula eloquencia do meu bordão, eu lhe representava, que se nós como espozos tinhamos a communidade dos bens, não tinhamos a communidade das almas; que se contentasse em se occupar da salvação da sua, e que tudo aquillo a que ella chamava os meus peccados não havia de cahir sobre a sua cabeça. Se estivesse pelo que ella queria, devia começar a minha reforma por abandonar o Officio de Official de Fazenda, pois via que muitas vezes por estarem as Sete Casas fechadas, eu recolhia para a minha ou odre sem guia, ou a canastra de maçãs sem despacho, ou a meia duzia de queijos sem bilhete; queria que eu entregasse ás chammas a collecção incompleta do Desapprovador com que me divertia em dias feriados; porque as noites nunca o são, estando privativamente destinadas, e reservadas para o gyro do nosso negocio. Empurrava-me em seu lugar os Desenganos mysticos de Arbiol, os Romances do Padre Chagas, e hum tal Alonso Rodrigues, Castelhano, que até pelo tamanho me arripiava de medo. O Terço sempre se rezou em minha casa, porque não sou apaixonado delle á porta em razão de algumas inconveniencias occorrentes pelo desuso, e caducidade da Lei Sempronia dos aguasvais. — Além disto queria ella huma oração mental tão a deshoras, que passava da meia noite; os pontos erão lidos por ella, e em tal tom, que a familia nunca os ouvia, dormia tudo. Daqui nascião taes labyrintos contra as pobres criadas, estafadissimas com o diurno exercicio janelleiro, que causavão motins, e escandalos na vizinhança, porque o pietismo de minha mulher era tão irritavel, e impaciente, que á menor contradição se esquecia logo da mansidão Evangelica. Eu acudia a estes estrépitos, porque ella muitas vezes passava

de longos sermões ao curto expediente da pancadaria; o páo de huma vassoura fazia nas suas piedosas mãos huma *batuta* mais amiudada que a fuga de Marcos transportada a Baixos, e Tenores com acompanhamento de corda, e vento. Dizia-lhe que se contivesse, porque a caridade encobre, e cobre a multidão dos peccados, dissimula, e perdoa as imperfeições; que as coizas necessarias para hum Christão se salvar não se reduzião só a bem pedir, que tambem era preciso bem obrar; que as suas piedosas esmolas escondidas sem bilhetes, e sem fausto no seio dos pobres, serião mais acceitas que as suas serótinas orações, em que não havia mais que dormir a familia, e impacientar-se ella, e que tantas iras não erão para animos celestiaes. Assim procurava diminuir seus escrupulos, e dar á sua piedade aquella marcha que redundasse em utilidade do proximo. Eu fazia com effeito muita confiança na sua sinceridade, a mulher não me parecia a beata d'Evora; eis-aqui porque me não inquietava muito em a vêr perder manhãs de Maio inteiras entretendo-se com o seu Director. Sempre tinhão que fallar!!! Segundo o costume, como se tudo não estivesse dito de manhã, vinha tambem de tarde, e se não chegava sempre a horas de jantar, ás do café sempre chegava; alli jazia com ar entre austero, e doce, como Goiabada. Muitas vezes me ralhava da minha dissipação no Mundo, pondo-me argumentos que elle julgava irresistiveis; e eu, por isso mesmo que tenho uso do Mundo, e conheço até que ponto costuma chegar o ressentimento destes Senhores; ou quando se desmascárão, ou quando se contradizem victoriosamente, não lhe oppunha mais que objecções ligeiras, ou a incerteza da duvida. Chamou-me Filosofo, e incrédulo, huma vez que me

queixei de minha mulher, que em lugar de vir cedo para casa escumar a panella, ou vigiar sobre as criadas, (estas, dependuradas nas janellas, a deixavão tombar no fogareiro, que não havia pinga de caldo para molhar humas sôpas,) se deixava ficar na Igreja em conferencia espiritual com o Director, que era hum Frade velho, calvo, e torto, mas a imagem da robustez, e o symbolo da saude perfeita.

Tinha-me em fim resignado a não ter mais que huma companheira devota para todos os dias da minha vida, e a banir para sempre de minha casa todas as frioleiras agradaveis da sociedade. O jogo, a dança, a partida, a rifa em dia de annos erão coizas desconhecidas, e nomes estranhos dentro da angustia dos meus Penates. Se á Sexta e ao Sabbado alguns dos meus irmãos de armas em materia de descaminhos de Direitos Reaes se me offerecião para jantarem comigo, logo os prevenia que os guizados serião magros; porque onde entra bacalháo, não pode haver senão magreza; e desgraçado de mim, se ainda no caso de me apparecer algum no estado de doença provinda de maçada, tunda, ou outro accidente inseparavel do campo da honra da nossa respeitavel profissão, eu lhe apresentasse huma galinha ou peça de vitella, que tantas vezes subtrahimos ao *massacre* das Casas de pasto: isto offenderia os escrupulosos olhos da minha espoza. Consolava-me, e dizia comigo mesmo, em quanto minha mulher se humilhar diante dos Santos, não permittirá que os profanos dobrem o joelho diante dos altares da sua formosura. Os inconvenientes do manejo de meus negocios familiares, e o desleixo da minha cozinha, não são tão insupportaveis como certos pezos de cabeça que fazem vergar hum homem que ainda

tenha na cara dez réis de vergonha. Mas quão pouco estavel he a felicidade humana! Não sei que individuo das minhas visitas me trouxe a casa as *Profecias* do Preto do Japão, o Juramento d'ElRei D. Affonso que fez Fr. Bernardo de Brito; não sei quem me levou lá as obras completas (edição stereótypa) do Beato Antonio, e hum resumo dos *vaticinios* do proprio José de Anchieta impresso em París com estampas em 4.°; a glosa interlineal do Bandarra impressa em Londres, em fim todo o Talmud da crença Sebastica, com a explicação literal da casca do ovo, e da gema sem casca. De repente esquece o beaterío a minha mulher, despedio o Director; cessárão para elle os presentes, fechou para nunca mais o Alonso Rodrigues, e Companhia, não conheceo mais passeios que os do alto de Santa Catharina, desprezou os defluxos, e constipações, abalando de casa nas manhãs do mais espesso nevoeiro; contou á risca, pelos Logarithmos de La Caille, os dias de Jeremias, esperou por instantes a pancadaria entre os da obra, e os da calçada, retalhou o nome, e a vida do author do livro *incendiario,* e *revolucionario* intitulado — Os Sebastianistas; — encheo de jantares a barriga de hum homem que trabalhava na Fundição, tido, e havido pelo primeiro Doutor na arte de verificar as datas em materias de *vinda.* Na Semana Santa de 1818 depois de huma larga conferencia que teve com hum grande Theólogo sobre a visão da M.^e^ Leocadia de Monchique, quiz abalar com elle para huma casa escondida alli para os sitios da Penha, onde já tinhão de sobresselente barricas de farinha, costaes de bacalháo, arroz, e bolacha, para se esconderem dos effeitos da sanguinosa entrada, chamada pelos *Profetas* — hum quarto de guerra, — em que o Rafeiro

da Serra — se chante na sua Aldêa; — como cantou, e *profetizou* Pedro de Frias.

Assim hião as coizas, e esta loucura mansa de minha mulher me acarretava alguns bens, porque nem como beata me desfalcava a dispensa com presentes ao Director, (que muito prezunto comia!!) nem como profana me estafava ou com a Modista Franceza Martinha, ou com camarotes na Opera, e da ordem nobre. Toda esta maquina, tão bem cimentada sobre tão *infalliveis* vaticinios, se desfez como a Estatua de Nabuco. Com espanto meu, vi arder n'huma fogueira aquelles preciosos, e venerados Códices das *Profecias*. O volume — Bandarra — resistio mais pelo seu macisso á acção do fogo, ou talvez que as chammas respeitassem aquellas — *sacrosantissimas* — paginas por não serem alli lançadas pelas mãos do Executor da alta Justiça! Minha mulher deixou de ser Sebastianista, sem que esta mudança repentina me parecesse motivada; e tendo nós até alli vivido em santa paz, e na maior harmonia em que se pode considerar huma união conjugal, sobre objectos politicos, repentinamente hum dia de madrugada oiço fallar a minha mulher no Contrato Social, e nas idéas liberaes de Padres conscriptos... Que espanto foi o meu! Saltei pela cama fora, e hindo marrar com o toucador de minha mulher, vi pilhas, e pilhas de coizas chamadas — *Panfletes* —; não sei se me explico bem, são coizas assim por modo de folhetos impressos, huns erão na lingua Franceza, outros na lingua dos filhos do Ebro, e Guadalquibir. Parecia-me transportado a hum Palacio das Fadas; o toucador dava para hum saguão, e eu quiz fazer o mesmo aos librecos que o Cura de D. Quixote fez á Livraria deste Fidalgo, que foi dar com ella pela janella fora nos montu-

ros do curral; porém, como verdadeiro homem casado, resignei-me para evitar estampidos na vizinhança da escada se fizesse o que devia fazer, que era, depois da dispersão dos *Panfletes*, ir contar com hum bom arrocho todas as vértebras do espinhaço de minha mulher, tirando de seu lugar feita em pedaços toda a espinha dorsal. Mas já que eu dava tanto que fallar ao Mundo sobre a integridade, e justiça de algumas operações, e diligencias judiciaes do meu officio, não quiz dar que fallar sobre os meus negocios familiares, e transacções domesticas.

Desde pela manhã até á noite eu não oiço fallar a minha mulher senão em idéas liberaes, não lê senão Economias politicas, tudo he Constitucional na boca da minha excommungada mulher; se a obrigo a varrer a casa para me vingar della, diz, que a ha de varrer constitucionalmente. Não sei na verdade quem a proveo de hum sortimento tal de Tratados politicos; quanto mais obscuros são, mais, e mais profundos lhe parecem. Se lhe digo que são inintelligiveis, e que ainda até agora não pude comprehender o que nos promettão estes Senhores, porque tudo são felicidades que se hão de realizar nas gerações futuras, e que he melhor deixar ir as coizas como vão, e que quem vier atrás que feche a porta, e que se os nossos bisnetos hão de ser constitucionalmente felizes, que lhes faça muito bom proveito, e que nos deixem a nós ir levando em paz o jugo que trouxerão nossos pais; que o costume faz tudo, que o que mais tem durado he o melhor, que bem ricos, e fartos erão nossos Avós mesmo serviz, e illitteratos como erão; que tudo o que he mudança he máo, porque até a das mesmas Estações, sendo huma coiza tão natural, traz comsigo catarros, constipações,

e pulmonias, como dizem huns fulanos filhos de Esculapio; responde a maldita, que todas estas novas, e liberaes theorias, são inspirações d'alta Filosofia, e provas dos progressos que tem feito a civilisação, que só almas pequenas, e acanhadas, que só almas vulgares como eu, ou o Padre do Deapprovador, que he v. m., Senhor Redactor do Encyclopedico, podem deixar de proclamar, e acceder a estes maravilhosos systemas, que principião, assim he, por huma inquietação universal, e por hum geral derramamento ou esperdicio de sangue humano; porém que são muito vantajosos a nossos netos, e que toda a desgraça dos Portuguezes, tão aferrados a seus antigos usos, e antigas Leis, isto he, á sua Constituição primitiva, nasce de não quererem entender que coiza he — Futuro brilhante, canaes abertos, e Camões aos cardumes por essas Provincias; que a Beira, a pezar de sua rusticidade, e o Algarve, a pezar de suas pragas, e alfarrobas, tambem poderião ter o seu Camões. — A estas tão filosoficas razões, eu não tenho que oppôr, Senhor Redactor, se não huma de duas coizas, ou hum páo, ou o silencio: para pegar nesta excommungada mulher constitucional, e chimpar com ella no Recolhimento de Rilhafoles, Cardaes, ou S. Christovão, tenho de a sustentar lá, e isto de hum modo análogo ás minhas circunstancias, representação, e poder; he gastar cêra com ruins defuntos, e deitar-me a perder. Todos os dias crescem as contradições, não pude deixar de correr outro dia tudo a páo quando lhe ouvi chamar a creada do meio, e á da cozinha — Cidadôas serventes — iguaes diante do Imperio da Lei. — Esta mania, se acabou apparentemente n'huma parte, rebenta n'outra; isto he hum contagio peior que a febre amarella, e a prome-

tida ventura consiste unicamente nestas palavras, que parecem de hum verdadeiro Entremez, nada significão, ou quando muito querem dizer que o fermento da inquietação não deixará jámais de levedar a massa da sociedade humana, em quanto todas as Forcas Européas, onde mais bem paradas e melhor seguras ellas estiverem, deixarem de trabalhar.

Eu não sei se a palavra — *Radical* — assustou minha mulher, porque quando se ajunta a outra palavra chamada — cura — faz encolher as costas para dentro, quando não ataca os gorgomilos, tornando rouco o harmonioso *sonido* das campainhas: o certo he que minha mulher renunciou para sempre as Brochuras politicas, economias politicas, e constituições politicas, e deo comsigo repentinamente no Theatro, com hum frenezim tal pelo Nacional, com hum tão profundo conhecimento das Cómicas, e dos Cómicos, que seguindo ora o partido que gemia debaixo, chamado o enterrado, ora o partido de cima, que conservava a preponderancia na opinião, que rebentava em furiosas disputas, controversias, e altercações, que em noite em que ella viesse do Theatro Nacional não havia pregar olho em casa. Huma Peça da sua paixão levou em cima tal pateada, que nem no livro dellas se encontra outra maior, nem foi observada pelo seu author, que chegando com a analyse á Pateada real, não advertio que tambem apparece de tempos a tempos a Pateada Imperial; tomou tal nojo disto, tendo decidido em huma sociedade tres dias antes, que a Peça (era de hum que se crismou Moliere) tinha *entrexo*, *visualidades*, e *caracter*, que nunca mais poz pés em Theatro seja nacional, seja ultranacional; nunca mais foi ao Theatro! Mas em que furor de

Casino, e Ronda deo ella depois disto? Não ha partida onde se não apresente, onde não grite, onde não disserte victoriosamente sobre as utilidades do jogo, não só para matar o tedio da existencia, mas para evitar a murmuração, porque quem está jogando ha de estar todo alli, e calado; ando aturdido em casa, não oiço mais que termos tecnicos na boca de minha mulher — *Remissas* — *Recambó* — *Fez-se* — *Licenças*, e outras mais que eu não entendo.

Tal he, Senhor Redactor, a minha situação, ou para melhor dizer, o meu flagello; queira acodir-me, olhe que he moda a Filantropia, e quanto mais apparatosos são os actos de beneficencia, mais entrão no gosto, ou no *espirito* do seculo; veja se me pode suggerir hum meio de moderar a exaltação, ou fluctuação dos principios de minha mulher, veja se me descobre hum methodo azado para fixar este maligno espirito volatilisado, que veio não só alterar, mas destruir para sempre o socego domestico, e se pode fazer-me supportavel huma união á qual eu confiei imprudentemente os meus destinos.

Resposta.

Não tem v. m. mais que esperar pela morte de sua mulher, e contar com certeza, que nesta faustissima época, ella se fixará em hum só lugar, e unico objecto, a sepultura; v. m. pode, e deve contar com os gráos da sua paciencia, ou impaciencia, e se julgar mui remota ainda a apparição desta época... e a quizer apressar... a gente não traz hum páo na mão para enxotar as moscas?....

O Red.

CRITICA FILOSOFICA.

Varidades Scientificas.

A MAIOR novidade em materia de delirios doutos, he a que vou expòr em breves palavras. Que termo, ou que limite será aquelle em que deva parar a imaginação humana? Não se pode determinar, nem se determinará jámais. Accommodo-me quando vejo certos systemas Astronomicos, certas theorias do movimento dos Astros, da marcha, e da volta dos Cometas, porque em fim a perfeição a que tem chegado os instrumentos que nos aproximão á vista estes corpos, postos a tão enorme distancia da Terra, nos constitue em huma especie de illusão: talvez que seja assim, talvez não seja. Se a marcha, se os periodos, se as ellipses dos Planetas, e dos Cometas, nos não são desconhecidos, que instrumentos se podem inventar, ou de que instrúmentos se podem os homens servir para conhecer, e determinar qual seja o estado, e qual seja o feitio do centro desta terra que nós habitamos? O Jesuita Kircher compoz hum curioso livro, que eu já li, intitulado O *Mundo subterraneo*; mas podemos dizer que não adiantou mais do que adiantárão aquelles que tem tratado estas duas Sciencias — Geologia, — e Craneologia. — Em alguns continuadores, ou explicadores das hypotheses de *Buffon*, tenho eu lido que a Terra he

assim por modo de huma fruta de caroço, e que o caroço desta fructa, ou desta Terra era de cristal. He muito saber! Mas isto não he nada á vista do conhecimento que do interior da Terra teve Mr. *Steinhauser* de *Halle*, pois em 1817 publicou hum livro em que *prova* que o interior da Terra he ôco, e que encerra em si hum pequeno systema solar! Reiteradas observações sobre as variações da Bússola lhe *provão* incontestavelmente que a cento e setenta leguas Allemãs de profundidade ha hum corpo que gyra em torno do centro da Terra na direcção de Oeste para Leste, e que termina a sua revolução no espaço de quatro centos e cincoenta annos. Este corpo he dotado de huma grande força magnetica, e he a causa e o principio das variações da Agulha de marear! Diz mais Mr. *Steinhauser* que os seus calculos forão justificados pela experiencia, porque em 1815 vio elle que a declinação da Agulha era estacionaria, e que nos dois seguintes annos de 1816, e 1817 se dirigia para Leste — o que prova que o centro da Terra he ôco, que em torno deste centro gyra hum corpo cuja revolução he de 450 annos, e que este corpo he dotado de huma grande força, e virtude magnetica. —

Quando medito seriamente sobre o furor de hypotheses, sobre esta mania de inventar systemas, aquelle natural respeito que se tem aos estudos, e ás Sciencias, se converte em hum verdadeiro desprezo. O Scepticismo scientifico he o partido mais seguro para o homem de sizo. Se eu fôra consultado sobre hum systema de Estudos, consolar-me-hia em fazer huma Universidade ideal, como Platão fazia, ou fantasiava ideaes Republicas. Começaria por gravar na fachada da minha ideal Universidade este Oraculo da Escritura Santa:

Non plus sapere, quam opportet sapere.

Não saber mais do que aquillo que importa saber. Tudo o que fosse escusado, tudo o que fosse inutil, tudo o que não fosse de huma indispensavel, e facil applicação no uso da vida, seria anathematisado, e banido do meu *Atheneo.* O fim de todos os estudos he fazer hum bom Cidadão, hum homem de bem, e sobre tudo hum bom Christão; porque se verdadeiramente o for como deve ser, isto he, se entender bem que coiza seja o Christianismo, não poderá deixar de ser hum grande Cidadão, e hum grande homem de bem; e que mais he precizo para levarmos em paz, e quietação estes poucos dias que se chamão vida? Eu começaria o meu Curso de Estudos pelo estudo serio, e sem pedantismo, da lingua Latina, e de outras mais das que se chamão vivas, porque em fim he precizo viver com os homens; depois a Logica sem subtilezas, porque he preciso discorrer com ordem, e annunciarmo-nos com clareza; passaria ao estudo da Historia, porque no quadro do que os homens fizerão vemos o que devemos fazer, ou deixar de fazer. Passaria depois ao estudo da Ethica em que gastaria o duplo do tempo destinado a outro qualquer. Os officios, ou obrigações civiz não se desempenhão bem sem a sciencia dos costumes. Feito assim o homem, passaria ao mais necessario estudo para o homem em sociedade, a Jurisprudencia, com tudo o que he accessorio a esta Sciencia, a mais necessaria no Estado social. Advirta-se que eu não entendo por esta sublime Sciencia a *Chicanaria* da Letradice, as velhacarias dos Rábulas, e os desaforos dos Procuradores. A Sciencia da Legislação he outra coiza: sem ella,

nem ha, nem pode subsistir a sociedade humana. Ora, com bons costumes ensinados na Ethica, e com justos, e luminosos principios de Legislação, não andarião os homens livres da contínua *zanga* ou enjôo de Juntas provisorias, de Conselhos conservadores, de Reformas radicaes? Haja *Hum* que nos governe, diz o Povo, e diz bem. Ponhão hum Senado de Pilotos á roda do Leme de hum Navio; ponhão huma Junta provisoria de Arraes na pôpa de huma Falua, todos vamos para o fundo: mas antes que nos affoguemos, ou nos affoguem, consideremos o *Plano* dos estudos do meu Atheneo. Sciencias praticas. Antes de tudo a Cirurgia, que concerta esta maquina que se chama o corpo humano cá por fora. Hum bom Cirurgião, que se não meta a Medico, vale mais que todas as Escolas de Edimburgo, e Monpellier. A Cirurgia foi primeiro que a Medicina. Macáon, e Esculapio forão Cirurgiões, e a Sciencia de Epidauro foi primeiro sarar feridas, e concertar pernas quebradas, queixos amolgados, e costellas estoiradas. Beberricagens ainda as não havia; isso foi depois. Como este meu Atheneo he Republica de Platão, posso idear o que quizer; por tanto excluo delle a Cadeira de Medicina. — E não ha de haver Medicos? — Sim Senhor, são necessarios; e alguma honrazinha que se lhes faz, diz a Escriptura Santa, não he devida á sua pessoa, mas á necessidade que se tem da sua arte. *Honora Medicum, propter necessitatem.* Então onde se ha de estudar a Medicina? Onde? Praticamente pelos Hospitaes. Chegado que fosse o homem a idade de trinta e cinco annos, sentindo-se com disposições bastantes, talentos sufficientes para curar os seus similhantes, ou ajudallos a morrer, como diz o Padre Antonio Vieira (em hum bom Sermão em que

prova que todos nos comem tudo — *Comeo-o o Medico que o curou, ou ajudou a morrer, etc.*), ir para o Hospital onde se deveria demorar pelo espaço de doze annos sem sahir de lá, salvo se viesse jantar, e cear a sua casa; e alli por huma contínua observação, e leitura dos diarios praticos, que deverião fazer os Medicos velhos, em que se lançasse o estado, a profissão, a idade, a compleição, a molestia do enfermo, seus augmentos, suas declinações, suas crises, os remedios applicados, methodo que seguio o voluminosissimo Medico Frederico Hoffman, aprenderem a curar nas mesmas, ou identicas circunstancias, e como não ha a identidade absoluta, adquirirem a prudencia pratica das variedades, gradações e differenças que ha entre individuo, e individuo, entre molestia, e molestia; porque ainda que pareção objectos identicos, he differente a acção da molestia n'hum corpo robusto, ou n'hum corpo debil, n'hum mancebo, ou n'hum velho. Aos quarenta e sete annos de idade depois de maduros e profundos exames, dar-lhe com muita circunspecção a Carta Patente, que diria: — Vistos estes Autos, e Appensos a folhas e folhas, attestados da residencia de doze annos, certidão de exames, o Collegio de Medicos praticos sito no Hospital de.... dá licença a F. para fazer diligencia de curar os enfermos; e pague o impetrante as custas, etc. — Deste Methodo do meu Atheneo, sobre o estudo Medicina, se seguirião algumas utilidades praticas; em primeiro lugar, hum homem começando a sua carreira Medical aos quarenta e sete annos de idade, já não conserva o furor de se embonecar, já prescinde de hum alfinete de peito mais ou menos symbolico, de huns botões á Talavera; he mais parco em novidades politicas á cabeceira do seu

doente; já para elle todos os andares de casas são andares, não vai só aos primeiros; já não estende a mão tão almiscarada ao pulso da Senhora, já tem outro tom mais Portuguez, que vem a ser huma coiza assim por modo de homem de proposito; já não diz em tom tão enfatico para a Senhora: — A Senhora deve *bichar-se*, e depois banhos de mar —: e com effeito os banhos de mar são utilissimos, tanto para os homens dos botes, como para os Especuladores das Barcas de Toneis! Esta maldita, e surradissima palavra, (ao menos não he Portugueza) — *choque emético* — já se não ouviria tantas vezes, o desbaste, ou vindima na população não seria tão lastimoso, e tão geral. Aos quarenta e sete annos o Medico não será hum bonifrate, será hum Ente serio, e sombrio, porque a palavra — Medicina — exclue, e desterra de si toda a idéa de galhofa, e peralvilhada. A Medicina, a doença, a morte, a sepultura fazem entre si huma especie de Brigada; a sua marcha he grave, os seus ataques são serios, ainda que nada sejão gloriosos os seus triunfos. Aos quarenta e sete annos de idade, a idéa de huma Traquitana envidraçada, e de verniz Chinez, ou Japonez, já não belisca tanto a vaidade; como então se principia, e o estabelecimento não he seguro, nas estipulações dos Tratados solemnes de Partido, já não entra tanto, nem tanto se ratifica a clausula de Pitança em palha, e sevada para cinco parelhas. Lembra mais a clausula do Porquinho alli pelas voltas do Natal, e do casal de Perús pela festividade dos Santos. Em fim áos quarenta e sete annos, e dahi para cima, cura-se mais, e namora-se menos. Dirão que no *plano* dos Estudos do meu Atheneo me demoro excessivamente no artigo — Cadeira de Medicina. — As-

sim deve ser, porque eu julgo que não ha coiza mais importante que a nossa vida, e saude; porque dando-nos Deos vida, e saude, mais por aqui, ou mais por alli sempre se moureja o sustento, e por consequencia a felicidade; e não he coiza de pouco momento ir entregar dois tão preciosos bens nas mãos de tarêlos, como dizia o grande Padre Nascimento, e tarêlos sem estudos praticos, sem experiencia, sem observação, e o que he peior que tudo, sem probidade. Oh! porque v. m. tem idéas antecipadas contra os Medicos! Tambem vv. mm. as terião se olhassem bem para elles. Estou resolvido, se adoecer, ir-me curar á China. Levo, por exemplo, humas sezões no corpo, vou á China, chamo hum Medico de sezões, porque lá todas as doenças tem seu Medico privativo, e digo-lhe: — Quanto me leva v. m. por me deitar estas maleitas fora do corpo? — Tanto. — Não, Senhor, serve-lhe tanto? Se lhe faz conta, metta mãos á obra. Como todos os ajustes são, e devem ser sempre condicionaes, se as maleitas se vão, pago-lhe, e se as maleitas se não vão, he verdade que fico com ellas, mas tambem fico com o meu dinheiro. Pois hei de chamar hum homem para me curar, e pagar-lhe por me matar?

Quod genus hoc hominum, quæve hunc tam barbara morem
Permittit Patria?
Que casta d'homens he, que Patria he esta,
Que permitte tão barbaros costumes?

Virgilio.

Mas o Medico fez a sua diligencia em suas *demoradas* visitas, receitou, fez.... A mim não me importa isso, importa-me o fim. Se eu o chamei

para me curar, em me não curando, não lhe pago. Mas, Senhor, a Medicina he huma Sciencia puramente conjectural, não tem principios demonstrados como as outras Sciencias. — Pois por isso he que eu não gosto della. Não lhe chamem Sciencia: e esta he a razão porque muitos lhe chamão impostura; tanto não faço eu, chamar-lhe-hei *modesta tentativa*, que este deve ser o seu caracter, e o seu nome. Eu não tenho nada com os Medicos, não os aborreço, que isso seria aborrecer os homens, e com hum odio gratuito; e isto he hum crime que a Natureza, e a Religião reprovão. Mas se a Medicina nada he em si; se não he huma arte, ou huma Sciencia positiva; se tudo na Medicina são conjecturas; se não ha hum só achaque no corpo humano cuja causa seja demonstrada, para que ha de esta coiza tão incerta, e tão vaga dar tanta ufania, tanto orgulho a seus cultores, que se julguem huns entes tão distinctos, tão superiores aos outros, tão omniscios, que desprezem os outros filhos de Eva? Pois então porque podem dizer a huma Senhora — " *Biche-se* a Senhora, tome a Senhora banhos do mar, e leve hum *choque emetico*, " qualquer saltimbanco destes he logo hum Mazzarini, ou hum Pero da Alcaçova Carneiro, que se metta a governar o Mundo feito Ministro de Estado, ou Residente de Hamburgo? Eu torno ao meu Atheneo. Depois do estudo da Cirurgia e Medicina, como levo dito, segue-se a mais nobre, e a mais util de todas as Cadeiras depois da Jurisprudencia; porque em primeiro lugar está governar os homens, e depois sustentallos; porque segue-se do bom governo a muita fartura. Estas são as duas bases da felicidade social. A Legislação, a primeira das Sciencias, dá a cada hum o que he seu; e as Leis Agrarias não são tam-

bem Leis? Ora hum homem que debaixo do escudo, e do imperio das Leis, vive seguro da violencia dos outros, deixando lá governar quem Deos poz ao leme da embarcação politica, e civil, hum homem que tem a barriga cheia por fructo de trabalho, e por desterro de ociosidade, que mais quer este homem? Quer que governem muitos? Isso he huma salsada, e hum viveiro de inquietações. Vamos como temos hido. Na verdade se a Natureza me tivesse dado alguma impulsão pelas veredas do Parnaso no genio satyrico *(que certamente não deo)*, eu não me continha, que não fizesse ao menos hum Soneto a hum Procurador do Concelho, feito Legislador em huma Assemblea de Notaveis; mas ao menos agradeção-me a boa vontade. Pois huma coiza que ha, chamada — A Censura —! Ah! Legisladores d'ha trinta annos a esta parte, muito obrigados lhes estais! Em que mãos terião cahido as promessas dos vossos futuros brilhantes!! Cidadãos Filantropos, Cidadãos Cosmopolitas, Cidadãos igualizantes, Cidadãos, e Cidadôas liberaes, e radicoas, aqui estava eu ás vossas ordens! Mas vamos á cadeira de Agricultura. O grande, e religioso Filosofo Genovesi occupou em Napoles a Cadeira de Economia e Commercio; eu ajunto tudo isto no meu Atheneo para não multiplicar necessidades, e entidades, sem necessidade. Esta Agricultura não deveria ser hypothetica, deveria ser pratica, e usual. O velho Alonso de Herrera novamente publicado, e sabiamente commentado, deveria ser o meu unico, ainda que longo compendio. Alli está tudo sem systemas Filosoficos, alli se aprende a ser Agricultor. O Lavrador, e a Lavoura quer dizer entre nós muito, e no meu Atheneo devia-se ensinar o homem a ser Lavrador. E se se chama a hum ho-

mem Doutor em Medicina, porque se não deveria chamar tambem a outro homem Doutor em Agricultura? Por ventura não he mais nobre a arte de sustentar o homem que a arte de o mandar *bichar*, e metter nas Alcaçarias? Pois hum alqueire de trigo he menos illustre, que hum emplastro de basalicão? O primeiro Doutor em Agricultura que houve foi Adão. Deos lhe deitou o capêlo, e lhe poz a borla na cabeça, quando lhe disse, que o punha no Paraiso não só para o guardar, mas para o amanhar, e agricultar. Considerem-se os Estados politicos do modo que os quizerem considerar, busquem o seu engrandecimento da maneira que o quizem buscar; em todas as vicissitudes, a Agricultura será sempre o primeiro, e o ultimo recurso do homem Cidadão. Eu estou persuadido que a pobreza de huma Nação vem mais do desprezo da Agricultura, que da estagnação do Commercio, ou do desleixo da Industria fabril. Que principios se tem julgado necessarios para o estudo da Medicina, que se não possão julgar tambem indispensaveis para o estudo da Agricultura? Todas as Sciencias Naturaes são necessarias a hum bom Agrónomo (será isto seriamente demonstrado em huma dissertação em outro N.º deste Jornal). Sendo pois huma Sciencia tão vantajosa para o homem, e a mais util de todas, occuparia o primeiro lugar no meu Atheneo (desgraçadamente ideal); o curso desta faculdade mestra seria de mais annos que todas as outras.

Como he precizo que os homens se communiquem huns com os outros, e estão os mares no meio, tambem he preciza a Navegação, outra fecunda origem da felicidade dos homens que vivem em corpo de Nação, e se he precizo cultivar bem a terra, tambem he precizo navegar bem os

mares. Huma Cadeira de Pilotagem acabaria, e encheria o numero das faculdades ensinadas no meu Atheneo, com absoluta exclusão de todos os outros conhecimentos de que se não tira huma utilidade sensivel. E a Sciencia da Religião? Não ha, nem pode haver objecto mais santo e mais augusto; e quem se poderia esquecer deste estudo o mais importante para o homem? Porém os principios da Theologia Natural formão huma parte da Ethica, que tem por objecto os officios, ou deveres do homem para com Deos, para com os outros homens, e para comsigo mesmo, e o meu Professor de Ethica deveria primeiro que tudo expôr os principios da Moral Christã, porque sem ella não ha, nem pode haver o perfeito Cidadão, e para exprimir nesta parte os meus sentimentos sem medo, porque o não tenho, da banda Filosofante, digo, que sem o Christianismo não pode haver hum verdadeiro homem de bem no Mundo. Nesta parte tenho satisfeito, constituindo como base da Ethica a moral da Religião. — Pelo que pertence ao Dogma, e á Historia da Igreja, os Senhores Bispos costumão ter Seminarios onde se instituem, e formão dignos Ecclesiasticos; a estes compete pratica, e especulativamente a Sciencia da Religião para a praticarem em si, e para a ensinarem aos outros. Nos Claustros tambem se devem cultivar estes estudos, e eu creio que toda a reforma dos Regulares, em que tanto se falla, e sobre que tanto se grita, se podia ultimar reduzindo-se a duas coizas bem simplices, e de que os mesmos Regulares se não podem escandalisar, e pelas quaes me não devem taxar de hum Reformador severo: — Passear menos, e estudar mais. —

MINERALOGIA.

Caracteres e descripção de algumas novas substancias mineraes. — Por Mr. Drapiez.

I. *Chrichtonita, ou Craitonita: — segundo o systema de Haüy.*

Caracter fysico.

Gravidade especifica: 3, pouco mais ou menos.

Dureza: risca apenas a cal *fluatada*, (ou combinada com acido fluorico), e he facil de reduzir-se em pó.

Fractura: brilhante, em forma de *conchoide.*

Tacto: seco, o pó he hum pouco aspero.

Còr: cinzento de aço, variando até escuro; o pó he quasi da mesma còr, e mancha fortemente o papel.

Transparencia: opaca.

Brilho: vivo, semi-metalico, susceptivel de se alterar.

Electricidade: nenhuma pelo calôr.

Caracter quimico.

Exposta á acção do maçarico, sem addição, a *Craitonita* funde-se, difficultosamente, em hum

vidro ou esmalte esponjoso, negro, de figura metallica (metalloide); com o vidro do borax dá hum esmalte pardo escuro.

Analyse.

Compõe-se de —	Zirconia	46 partes.
	Silicia	33
	Alumina	14
	Oxido de ferro	4
	Oxido de manganezia	1
	Perda	2
		100

Caracter geometrico.

Forma primitiva: o rhomboide muito agudo, difficil de determinar de hum modo exacto, por causa do pequeno volume dos cristaes que mostrão dividir-se em sentido perpendicular ao seu eixo.

Mr. De Bournon reconheceo seis variedades de formas da *Craitonita*, ás quaes Mr. Cordier ajuntou duas: nós as descreveremos segundo estes sabios Mineralogistas.

1. *Craitonita de bases* (em Francez *Craitonite basée*). O rhomboide agudo, cuja inclinação das faces he de obra de 18° e 162°, e cujas summidades são truncadas perpendicularmente ao eixo, e substituidas por huma faceta triangular.

2. *Caitonita de aresta abatida.* (Em Francez *Craitonite emarginée*). A forma precedente cujas arestas tendentes ás summidades sejão substituidas por facetas, o que dará ás bases a forma de hexágono: a incidencia das facetas sobre a face adjacente he de obra de 150° 50′.

3. *Craitonita despontada.* (Em Francez *Craitonite épointée*). A variedade da craitonita de bases, cujos tres angulos das bases serão substituidos por outras tantas facetas: a incidencia destas sobre as bases he de 126°.

4. *Caitonita annular.* (em Francez *Craitonite annulaire*). A variedade da de bases, cujas arestas das bases sejão substituidas por facetas: sua incidencia sobre a base adjacente he de 130°.

4. *Craitonita bis-despontada.* (Em Francez *Craitonite bis-épointée*). A variedade da de bases, cada angulo das quaes seja truncado de viez por duas facetas triangulares escalenas, as quaes se inclinão obra de 120° sobre a superficie adjacente do rhomboide.

6. *Craitonita quadri-despontada.* (Em Francez *Craitonite quadrié-pointée*). A variedade precedente que tiver doze novas facetas triangulares *plagiedras* (ou enviezadas) nascendo a duas e duas, a baixo das que interceptão já os angulos das bases: a incidencia destas novas facetas com a face adjacente do rhomboide he de obra de 150°.

7. *Craitonita comprimida.* Em Francez *Craitonite comprimée*). O rhomboide mui obtuso, de bases, e cujas faces parecem respectivamente inclinadas obra de 150° e 30°. Mr. *Cordier* observou estrias parallelas á grande diagonal, o que annuncia que a forma he produzida por huma diminuição no angulo superior do rhomboide primitivo seja qual for. As bases triangulares adquirem de ordinario muita extensão, e por isso interceptão grande parte da espessura desta variedade, e lhe dão huma apparencia escamosa.

8. *Craitonita composta.* (*Craitonite composée*, em Francez). A variedade precedente, orlada e des-

pontada nas arestas e nos angulos inferiores por grande numero de facetas indeterminaveis.

Este mineral foi descoberto ha pouco mais de trinta annos por Mr. de *Bournon*, o qual foi por muito tempo o unico que o possuía. Tambem foi achado em *S. Christovão*, perto de *Oisans*, no Depertamento do *Isera*; sempre está cristallizado, e em pequenas massas, nas cavidades *geodicas* (terrestres) de alguns rochedos de quartzo e de feld-spatho. O volume dos mais grossos cristaes não excede seis millímetros; são quasi sempre exteriores, e muitas vezes acompanhados de titanio oxidado de anatasio, de ferro oligisto, e de talco *chlorito* (verde). Huma circunstancia feliz nos obteve no seu mesmo lugar, e depois de muitas indagações, huma quantidade sufficiente de craitonita para fazermos a analyse della de que temos dado noticia fallando dos caracteres quimicos desta substancia. Temos podido confirmar por via de hum trabalho algum tanto mais amplo os resultados que tinha obtido Mr. *Wollaston*, por hum exame preparatorio feito sobre alguns pequenos fragmentos, e que tinha convencido aquelle Quimico da existencia, em porção dominante, da zirconia em a Craitonita.

II. *Helvino: — segundo Werner.*

Caracter fysico.

Gravidade especifica: 3.

Dureza: não risca o vidro, e reduz-se facilmente em pó.

Fractura: desigual, debilmente vítrea.

Tacto: o pó passado entre os dedos, não parece sensivelmente seco.

Côr: amarello pallido, tirando ás vezes para pardo; esta còr quasi não varía no pó, o qual suja facilmente o papel.

Transparencia: opaca, frouxamente translúcida nas bordas.

Brilho: vivo, principalmente nas faces mais lizas.

Caracter quimico.

Fusivel ao maçarico, com fervura, em hum esmalte anegrado, que desenvolve mui pouco magnetismo; communica ao vidro de borax huma côr parda arroxada.

Solubilidade: nenhuma pelos ácidos.

Caracter geometrico.

Forma primitiva: o rhomboide.

O pouco volume dos cristaes, que não tem mais que hum até dois millímetros de lado, ainda não tem permittido determinar de hum modo rigoroso a sua figura, que todavia provém do rhomboide agudo. Mr. *Cordier* observou assaz claramente esta forma truncada nas duas summidades por huma faceta perpendicular ao eixo; medio a inclinação respectiva das faces, e achou obra de 112° e 68°; a faceta que substitue as summidades forma com cada face adjacente hum angulo de obra de 105° 50′.

O *Helvino* não se encontrou ainda senão na *Saxonia*, na mina de *Swarzemberg*; os cristaes estão nelle disseminados em huma matriz chloritica, misturada de cal fluatada, e de zinco sulfurado escuro. Mr. Cordier que examinou comparati-

vamente este mineral e a *Crichtonita*, achou bastante identidade em todos os caracteres das duas especies, para propôr a sua reunião, conservando o ultimo nome, que he huma homenagem que rende Mr. de *Bournon* a hum Mineralogista seu amigo, o Doutor *Crichton*.

He para desejar que em breve a Quimica nos affirme a possibilidade desta reunião, demonstrando no *Helvino*, assim como na Craitonita, ser a zirconia a base principal deste mineral.

III. *Albino*: — *segundo Werner.*

Caracter fysico.

Gravidade especifica: 2, 2.

Dureza: risca apenas a cal carbonatada, e reduz-se facilmente em pó.

Fractura: em folhetas.

Tacto: o pó he levemente seco.

Côr: branco deslavado.

Transparencia: opaco.

Brilho: levemente nacarado, sensivel sobre tudo em sentido de divisão.

Electricidade: desenvolve-se facilmente pelo calor.

Caracter quimico.

Fusivel ao maçarico em esmalte cinzento *bulloso*, (ou que levanta bolhas na fervura).

Soluvel no fim de alguns dias, no acido nitrico: a dissolução se opera consecutivamente quando he ajudada pelo calòr.

Caracter geometrico.

Forma primitiva: o prisma recto de base quadrada.

Albino pyramidado: o prisma rectangular terminado por huma pyramide realçada e despontada, cujas faces nascem sobre as arestas do prisma.

O *Albino* foi descoberto no terreno volcanico da Bohemia, em Mariaberg, Circulo de Lentmeritz. Guarnece as cavidades geodicas ou bullosas de huma lava feldspathica chama pholonitica (por *Klingstein*). O tecido lamelloso da sua massa he grano-lamellar, e os granitos superficiaes, que não tem mais de 2 a 3 millimetros, são os que só mostrão forma cristallina. O Mineralogista Portuguez *Monteiro (João Antonio Monteiro)* reconheceo no albino os caracteres geometricos da mesótypa, e como os outros tendem igualmente á identidade das duas substancias, he assaz verosimil que não tarde em admittir-se a sua reunião.

IV. *Pélio: — segundo Werner, e Fuchs.*

Caracter fysico.

Gravidade especifica: 2, 6.

Dureza: risca fortemente o vidro, mui levemente o quartzo; mediocremente fragil.

Fractura: vitrea, hum pouco lamellosa.

Tacto: o pó he aspero nos dedos.

Côr: azul escuro, roxo, e amarello pardo, segundo a direcção dada ao raio visual.

Transparencia: translucida, muitas vezes opaca.

Brilho: mui mediocre.

Refracção: dobrada.

Electricidade: nenhuma.

Caracter quimico.

Fusivel ao maçarico, mas difficilmente, em esmalte esverdinhado; communicando igual còr ao vidro de borax.

Inatacavel pelos ácidos.

Caracter geometrico.

Forma primitiva: o prisma hexaedro regular, cuja relação da altura com o lado da base he de 9 a 10.

Pélio de arestas abatidas. (Em Francez *Pélium émarginé*). A forma primitiva truncada em todas as arestas: as facetas que substituem as arestas das faces formão com estas angulos de 150°. A inclinação das outras facetas sobre as bases he de 133° 50′.

O *Pelio* foi descoberto na Siberia, e na Baviera, em Bodemnais. Está de ordinario em forma de massas lamellares e de cristaes do volume de 2 a 10 millimetros, disseminados, ou apinhados em hum granito ou rocha feld-spathica de hum branco sombrio. As quantidades desta substancia, espalhadas pelas collecções, ainda são mui pouco avultadas, para que se tenha até agora podido tratar da analyse quimica. Mr. Cordier examinou o *Pélio* com a maior attenção; não concebe como Werner, vista a analogia dos caracteres exteriores, pôde formar delle huma especie distincta do

XX

seu *Iolito*; pensa elle que o *Pélio*, bem como a safira d'agua, não são senão o *Dichroito*, cujo conhecimento a Mineralogia lhe deve, e que por esta razão Mr. Lucas denominou *Cordierito.*

V. *Gehlenita, ou Guelenita: — segundo Fuchs.*

Caracter fysico.

Gravidade especifica: 2, 98.

Dureza: risca fortemente o vidro; e he riscada pelo quartzo.

Fractura: desigual, hum pouco conchide.

Tacto: o pó he árido.

Còr: varia do branco esverdinhado ao verde côr de azeitona, passando por cinzento amarellado, verde-cinzento, e griz-escuro.

Transparencia: opaca, algumas vezes translucida nas bordas.

Brilho: embaciado.

Caracter quimico.

Fusivel ao maçarico em hum verde-garrafa escuro, que ao principio tem alguma transparencia, e depois a perde pela acção continua do dardejar da chamma.

Inatacavel pelos ácidos.

Analyse.

	Fuchs.	*Drapiez.*
Silicia	29, 61	31
Alumina	24, 80	35
Cal	35, 30	21
Oxido de ferro	6, 56	6
Substancia particular presumida alcalina	,, ,,	2
Perda pela calcinação	3, 30	3
Perda durante a operação .	,, 43	2
	100	100

Caracter geometrico.

Forma primitiva: o prisma recto de base quadrada, quasi tabular.

*Guelenita primitiva. (*Em Francez *Gehlénite primitive).* Os cristaes são de ordinario cortados em forma de tremonha de moinho.

Guelenita romba. (Gehlénite emoussée.) A forma precedente, cujos angulos das bases são truncados e substituidos por mui pequenas facetas triangulares.

A *Guelenita* foi descoberta no valle de Fassa em o Tyrol, por Mr. Fricholz, de Munich. Os seus cristaes, cujo volume he de 4 a 6 millimetros, estão ou apinhados, ou disseminados em huma calcarea laminar, que, ás vezes, parece os penetra tambem por veiaszinhas, e até que faz parte da sua substancia. Na analyse quimica que fizemos em huma pequena quantidade de *Guelenita* reconhecemos nella a presença de hum principio, que, provavelmente, escapou a Mr. Fuchs:

he huma materia alcalina que presumimos ser potassa; as proporções mui pouco consideraveis em que a achamos, não nos permittírão verificalla bem, e como não temos em nosso poder mais amostras, por isso não podémos repetir a analyse.

Mr. Cordier, que se tem dado a determinar methodicamente a Guelenita, pensa que ella se pode reunir á *Idocrasia.* Por outra parte Mr. Leman, achando-lhe maior analogia com a Andalusita (Feld-spatho apyro, de Hauy; Stranzait, de Furl; Micaphyllita, de Brunner), fez de ambas as especies huma, com o nome de *Jamesonita* (do nome do Professor *Jameson* d'Edimburgo). Ao Chefe da Escola Franceza Mineralogica (Hauy) he que cumpre decidir sobre as duas opiniões: o seu juizo sobre esta substancia, assim como á cerca de outras muitas, se espera com a mais viva impaciencia na publicação da nova edição do seu Tratado de Mineralogia.

Analyse da Euclasia, *pelo Professor* Berzelio, *ou* Berzelius.

" Devo á generosidade de Mr. de Souza (Morgado de Matheus), Embaixador que foi de Portugal em França, huma amostra desta rara pedra, a qual empreguei em huma experiencia analytica. A pedra reduzida a pó foi aquecida com carbonato de soda, em hum cadinho de platina, e sendo depois tratada pelo acido muriatico diluido, deixou hum ligeiro pó branco, que foi separado; o fluido evaporou-se até secar, e tratou-se como

se costuma nas analyses da esmeralda. O pó, insoluvel no acido muriatico, assimilhava-se a oxido de tantalio. Foi aquecido com super-sulfato de soda; huma porção dissolveo-se, mas como o todo da massa salina era soluvel em agua, não podia o pó ser oxido de tantalio. Passou-se huma corrente de gaz hydrogenio sulfuretado pela solução, e levou ao fundo hum precipitado amarelento, que depois de seco e pezado foi inteiramente reduzido pelo maçarico, e deo hum globozinho de estanho. O fluido precipitado pelo gaz, deo, com ammonia, hum precipitado soluvel em carbonato de ammonia: era glucina. Julguei acertado noticiar esta propriedade que tem a glucina de dar, com oxido de estanho, huma combinação que resiste muito tempo á acção dos ácidos, porque na analyse da gadolinita de Kovarfurt me aconteceo o mesmo com huma combinação entre glucina e os oxidos de *manganezia*, e *cerio*. Estas combinações formão-se frequentemente, mesmo pelos processos analyticos, e embaração a operação. Tenho achado com tudo, que se dissolve por meio da acção continuada longo tempo do acido muriatico concentrado. Eu obtive da Euclasia,

Silex	43, 22
Alumina	30, 55
Glucina	21, 78
Oxido de ferro	2, 22
Oxido de estanho	„ 7
	98, 47 —"

(Mr. Berzelio depois disto, comparando a quantidade do oxygenio nas terras, achou-as serem na glucina, alumina, e silex, quasi como 1,

2, e 3; e então, segundo as leis que tem por estabelecidas, entende ser a correcta composição da *Euclasia* do modo seguinte:

Silex	44, 33
Alumina	31, 83
Glucina	23, 84
	100, 00

Representada deste modo, GS+2AS.

LITTERATURA.

Sobre a Bibliomania.

De que serve hum livro velho, e muito mal impresso em caracteres Gothicos? De coiza nenhuma. *Jeronymo Tiraboschi*, hum dos primeiros Litteratos de Italia, que mais leo, que mais resolveo, depois de *Magliabechi* de Florença, e de *Muratori* de Modena, para compôr a Obra immortal da *Historia da Litteratura Italiana*, diz que ninguem antes delle fizera menção de huma edição da *Jerusalem* de *Tasso*, impressa em Leão de França em 1581 sobre o m. s. do author, copiado em seis noites em Turim, no qual faltão muitas oitavas, porque ainda não estava de todo acabada, e que esta era a primeira de todas as edições daquelle Poema immortal; mas tão rara, que apenas podera vêr hum exemplar destes, correndo as mais acreditadas Bibliothecas de Italia, e os gabinetes das maiores raridades Litterarias. Pois eu o comprei por oito vintens a hum Ferrovelho em Lisboa, e não o quiz, dei-o a hum amigo, que o possue, julgo que em alguma redoma. Alguns milhares de Libras esterlinas darião por aquelle estupôr em Inglaterra, e o estimarião mais que a grande edição do mesmo Poema feita em Londres em dois volumes de 4.°, não só mais perfeita que o *Lucano* de *Odendorpio*, e que o *Horacio* que *Bodoni* imprimio em

Parma por ordem de *Carlos IV.* Rei de Hespanha, e intervenção de seu Ministro *Azara*, mas que tudo quanto a poder de dinheiro imprimio *Firmin Didot*, e seus companheiros. Quando entre nós se descobre hum *Cancioneiro* de *Resende*, ou metade de hum *Gil Vicente*, sahem de suas pouzadas muito empoeirados, e muito cobertos de têas de aranhas os Bibliomaniacos, e vão aos centos em procissão, fazer diante do Gil, e do Rezende mais zumbaias, cortezias, e adorações do que o Imperador da China queria dos Lordes, que não estiverão para isso, cortezias na sua sala de docel. Isto, que parece muito, não he nada a respeito do que vai em Inglaterra, quando ha achado, ou aquisição de Bacamarte velho, e do qual existem mil edições novas perfeitissimas. E quem não estimará mais a edição de *Quintiliano* feita em París por *Caperronier*, que a edição de Florença feita por Poggio achador do mesmo *Quintiliano* no buraco de huma torre velha do velho Mosteiro de *S. Gall?* Pois a edição de *Angelo Policiano* feita em Padua em 1736 não he melhor que a primeira que os *Grifos* fizerão em Basilea em 1513? Não, Senhor, não he assim, e os Inglezes não estão por isto. Eu vou dar a vêr ao Mundo hum Quadro da Bibliomania o mais raro que tem apparecido. Vem nos *Annaes Encyclopedicos*, no Quaderno do mez de Julho de 1819 e he pouco mais ou menos do theor, e forma seguinte; a pag. 135.

Chegava-se o dia 17 de Junho. Este dia, memoravel nos Fastos da Bibliomania, he o anniversario daquelle em que o Marquez de *Blandford* fez a gloriosa aquisição do para sempre celebre exemplar de Boccacio pela *modica* somma de 2260 Libras esterlinas, que vem a ser 54:240 Francos. Este Exemplar, o unico no Mundo (que taes erão

os outros que não houve mais fumos delles) foi impresso por Valdarfer em 1471. Esta grande compra (hum ovo por hum real) deo lugar a huma instituição singularissima da qual Mr. *Dibdin*, Ecclesiastico e Escritor Inglez, quiz fazer huma commemoração. Antes de fallar deste banquete Bibliografico, e Litterario, são precisas algumas noções previas sobre a reunião chamada em Inglaterra — *Roxburgh Club* — em cuja bandeira está pintado o celebre exemplar de *Boccacio* de Valdarfer de 1471. No dia 4 de Junho de 1812 hum dos socios tinha convidado em Londres para jantar muitos amigos seus conhecidos pela enfermidade — Bibliomania. A venda, e o preço do exemplar de *Boccacio* de *Roxburgh* servio de materia para a conversação. Mr. *Dibdin* era hum dos membros desta sociedade, levantou-se, (já era do meio do jantar por diante) e propoz aos *convivas* não sómente assistir á venda do Boccacio de *Caxton* (que introduzio a Imprensa em Inglaterra) no dia 17 do mesmo mez; porém celebrar este dia com hum banquete Litterario. Foi aceita a proposição, ajuntárão-se outros muitos Bibliografos, e Lord *Spencer* foi convidado para Presidente da festa. Levantou-se outro membro, Mr. *Isted*, e disse: — Proponho que esta festa se celebre todos os annos no mesmo dia 17 de Junho. — (Applausos da direita, e approvação da esquerda). Fez-se hum Compromisso muito simples, cada membro da irmandade era obrigado, por seu turno, a dar para cada anniversario huma nova impressão de algum codice, ou papel antigo, que fosse raro. Mr. *Bolland*, celebre Jurisconsulto em Londres, tambem se offereceo para esta grande empreza.

O primeiro anniversario da aquisição se celebrou no mesmo dia 17 de Junho de 1813. Esco-

lheo-se hum *local* respeitavel (porque agora falla-se muito em localidades); foi a Taverna de Santo Albano. — Presidio o Conde *Spencer*, e na meza travessa estavão com elle, como Frades Definidores da Ordem da Bibliomania, o Duque de *Devonshire*, o Duque de *Marlborough*, o Conde de *Gower*, o Visconde *Morpeth*, e de cada lado quinze membros dos mais respeitaveis Lordes e Cavalleiros Inglezes. Levantada a toalha, o Presidente, ou Provincial, propoz as saudes *(toasts)* seguintes: (todas as garrafas tinhão hum rotulo em letras douradas que dizia — *Porto-Feitoria.* —)

1.ª saude. A' causa da Bibliomania por toda a terra
2.ª —— A' immortal memoria de *Christovão Valdarfer*, que imprimio *Boccacio* em 1471.
3.ª —— A' immortal memoria de *Guilherme Caxton*, primeiro Impressor de Inglaterra, que imprimio Boccacio.
4.ª —— A' immortal memoria de *Worde.*
5.ª —— A' immortal memoria de *Pynson.*
6.ª —— A' immortal memoria de Juliano *Notary.*
7.ª —— A' immortal memoria de Guilherme *Fox*

Depois que a Confraria fez a razão ás saudes propostas pelo Presidente, e segundo o costume, por tres vezes tres, a saude do Vice-Presidente Mr. *Dibdin* foi proposta por Mr. *Hebert.* Fez-se a razão a estas saudes com a gravidade, que deve caracterizar tamanha honra. A' meia noite (a Sessão durava!) o Presidente foi substituido por Lord *Gower*, seguio-se a este Mr. *Hebert* declarado, e

acclamado o Principe da Bibliomania. A Sessão, e as saudes continuárão até ao amanhecer do dia 18.

No 1.° anniversario hum membro teve a satisfação de offerecer á Companhia huma reimpressão do 2.° livro da Eneida traduzido em versos soltos por Lord *Surrey.* A Sociedade, depois de hum rasgo de ventura similhante, qual foi a reimpressão de hum papel tão velho, se augmentou muito, e o N.° 31 sempre esteve cheio. Nas sessões de 1815, e 1816 se offereceo á sociedade a reimpressão da vida do Doutor *Fian*, famoso Feiticeiro que foi queimado em Edimburgo no mez de Janeiro de.... —

Estas sociedades são boas, porque nos fazem rir, manifestando-nos diversas modificações da loucura, ou demencia humana. He melhor fazer bons livros novos, que estimar tanto inuteis Bacamartes velhos; mas em fim, bebe-se-lhe bem, e os membros destes Clubs, como não são *Radicaes* e *Liberaes*, não forão para a Forca, forão para a Taverna, e depois de bebados, para sua casa. —

FILOSOFIA.

Infidelidade. — Reflexões moraes.

Vou aventurar algumas conjecturas sobre huma materia que tratada por mim obrigará a muitos a exclamar: — Donde veio a Pedro fallar Gallego? — Infidelidade, e infidelidade em amor.... Pois eu sei o que isto he? E ainda que o soubesse, que tinha este grande objecto com *Timão* Atheniense chamado o *Misantrópo*? Depois disto, quantos Amantes ao chegarem com a leitura a estas poucas linhas dirão comsigo: — Aqui somos nós Annibaes ouvindo discorrer o Filosofo *Formião* sobre a arte da guerra. Temos ouvido delirar muitos velhos, porém parvoices por este feitio ainda não escutamos em dias de nossa vida. — Digão lá os Annibaes o que quizerem, o que eu digo he, que quatro centos, quinhentos mil volumes, e todas as Bibliothecas do Mundo, a Ambrosiana, a Vaticana, e outras mais, não conterião em si tudo quanto se tem dito, escrito, e repetido sobre a infidelidade em amor; e com tudo, não existio, não existe, não existirá jámais tal infidelidade em amor! — Que diz, Senhor? Pois isto pode ser? V. m. he surdo? Ha dia em que não oiça as tristes queixas do Pastor Belmiro, e do Pastor Orate de tal, Albano, Frondoso, Silvano etc., contra a infidelidade das Pastoras que lhe pertencem? Não

se queixou Petrarca? Não se queixou de Natercia o Divino Camões? — Tudo isso assim he, e inda mal que eu tenho ouvido tantas queixas dessas, e feitas a quem lhes não podia dar remedio, aos Rouxinoes, ás Faias, aos Rios; mas não existio, não existe, não existirá jámais tal infidelidade em amor!

O Amor he hum daquelles grandes Senhores dos tempos dourados do Feudalismo, que guarda muito bem as suas coutadas; só quando elle se auzenta he que se lá pode ir apanhar huma lebre. Quando elle está em seu vigor, vivacidade, pompa, e energia, quero dizer, quando elle he amor, não dá lugar nem a hum desejo, e até regeitaria o poder fysico de ser infiel. Concentra todos os seus pensamentos, todas as suas emoções, toda a sua ternura, todos os sentidos, todas as faculdades d'alma, e do corpo no objecto que ama. A sua fidelidade he elle mesmo, e por isso nenhum merito tem, porque he o que he. E porque razão ha de ser esta fidelidade considerada como huma virtude, e huma grande virtude? Sim, desgraçadamente he muitas vezes huma virtude, e huma das mais uteis áquelles que a conservão, e áquelles a quem ella se vota, e se consagra. Quando desgraçadamente o Amor se enfraquece, ou passa, a tentação de ser infiel não está fora do coração humano; porém a razão e a moral devem então dizer á virtude, que todo o Amor sincero foi huma especie de consorcio, que em si encerrava tacitamente hum voto, ao qual se ajuntava huma plena, e segura confiança, e que a mais occulta infidelidade seria huma traição, que, apenas fosse conhecida, constituia por si mesma hum divorcio; que o segredo he raro, e que nunca pode ser longo; que todo o desquite de hum consorcio

que foi livre, quando não he fundado sobre delictos gravissimos de ambos os contrahentes, ou sobre a absoluta incompatibilidade de genios, he huma acção má, que não sómente sepára o amor, mas despedaça a amizade, e rompe os vinculos mais ternos, e mais amaveis.

Estes pequenos trabalhos da probidade natural sobre a consciencia afugentão a tentação, e conduzem o coração a disposições mais louvaveis, e fazem renascer ao menos huma parte da affeição que hia a amortecer-se, e extinguir-se, e da felicidade, que se desvanecia.

Ha muita relação entre o Universo fysico, e o Universo moral. Os sentimentos tem, como a Natureza, sua Primavera, seu Estio, seu Outõno, seu Inverno, mais ou menos doce, mais ou menos frio, que diminue inevitavelmente a formosura dos prados, o verdor dos bosques, os encantos das flores. Se se deixa o campo, tudo se perde; porém se se continúa a cultivar, torna-se promptamente a vêr brotar novas plantas, abotoar novas flores, renascer huma nova Primavera, seguida de hum Estio talvez que menos calmoso, e que por isto mesmo fará o Outomno mais abundante, e o Inverno menos aspero, e rigoroso. Passá-se a vida nestas vicissitudes, todos os amantes, todos os esposos as tem experimentado.

Huma O'pera não pode ser toda composta de Arias, e de Arietas. He precizo que haja Córos, e Recitados. Sempre se sente algum motim no meio da melhor musica. Os corações pouco sensiveis, e as cabeças muito leves, deixão o lugar da Platéa, ou assento do Camarote apenas sentem o menor fastio; sahem no fim do primeiro acto, e vão a outro theatro escutar o segundo; correm todos os espectaculos sem gozarem, e sem

gostarem de nenhum. Corações honrados, almas bem formadas, homens estimaveis, mulheres dignas de serem queridas, deixai-vos estar no theatro, vede a *Peça* até ao fim; talvez tenha mais interesse, talvez vos offereça lances mais tocantes do que esses que hides buscar n'outra parte sem nexo, sem principio, e sem fim. Esperai que Deos mande a morte que acabe a *Peça*, e abaixe o panno da boca; não deixeis a casa em que morais por alguma janella mal reparada, e defendida do vento, por algum motim incommodo da vizinhança do andar de cima, que dura pouco e he facil de accommodar, ou porque a chaminé deita algum fumo conforme o vento que sopra. São tantos os incommodos que se padecem em mudança de habitação, que tres mudanças de casas (conta sabida) equivalem a hum incendio.

MISCELANEA.

Novo Alcali vegetal (1), — *pelo Dr.* Meissner.

O NUMERO dos alcalis descobertos desde o *morfio (morphium)* parece augmentão de dia a dia, e eu o vou ainda accrescentar com huma substancia da mesma natureza, que tirei da *sevadilha* ou *loendro (sébadille)*, e que depois de muito trabalho conhecí ser hum alcali particular.

Obtem-se este alcali fazendo huma tintura da semente com alcohol moderadamente forte; evapora-se o alcohol ao ar livre ou em hum apparelho distillatorio; fica huma materia resinosa que se moe com agua; côa-se, e ao liquido pardo ajunta-se subcarbonato de potassa até que não haja precipitação alguma; lava-se o sedimento com agua até que este liquido corra sem côr, e depois séca-se.

A substancia obtida deste modo, tem huma cor branca hum pouco suja; não tem cheiro sensivel, mas hum sabor mui ardente, e que excita huma irritação desagradavel na lingua, prolongando-se até a garganta. Esta sensação se faz sentir

---

(1) Este novo corpo obteve-se quasi ao mesmo tempo em França na Alemanha, e nos Paizes Baixos; mas parece ter sido neste ultimo paiz o seu primeiro descobrimento, onde Mr. Meissner o fez conhecer nos principios de Agosto de 1819.

com $\frac{1}{16}$ de grão; a substancia está em forma de hum pó ligeiro, sem apparencia de cristallisação, a pezar de eu ter empregado todos os meios para o trazer a ella, o que comtudo poderá ter sido por causa da pequena porção com que me via obrigado a operar. Posta por cima da chamma do alcohol, derrete-se á primeira impressão do calor, entumece, e espalha hum cheiro empyreumatico particular, que tem alguma relação com o amoniaco; deixa bastante carvão, que pela incineração se converte em hum pouco de residuo branco, pelo qual não he affectado o papel de curcuma molhado: Não muda ao ar, e restabelece em azul o papel encarnado de girasol.

O ether sulfurico absoluto não tomou sensivel parte desta substancia em solução; o alcohol dissolve-a completamente; o oleo de therebentina rectificado não a ataca em frio, mas pelo calor opera a sua solução; a agua dissolveo-a difficultosamente, e em pequena quantidade; os acidos sulfurico, muriatico, nitrico, e acético formão com ella combinações neutras, facilmente soluveis, de que ainda não tenho podido determinar a forma: só pude observar que possue huma debil capacidade de saturação.

Estes caracteres bastão para estabelecer que a nova substancia he hum alcali particular; ella se contém no epiderme da semente longa, de cor parda escura, da *Sevadilha*, e acha-se na relação de 1 a 2 por cento pouco mais ou menos. A infusão aquosa da grã, de que se pode separar, tanto pelos alcalis causticos, como pelos alcalis e pelos subcarbonatos d'alcali, a contém no estado de hum sal acido que, segundo algumas experiencias, se forma de hum acido que tem muita analogia com o ácido málico.

Tem-se visto quanto a acção do novo alcali na economia animal he violenta. Introduzido no nariz, excita espirros (como he constante), e determina huma abundante secreção de materia mucosa.

Os novos alcalis são para os alcalis antigos o que os acidos vegetaes são para os ácidos mineraes. Eu darei á nova substancia o nome de *Sebadillium (Sevadilho)*, entretanto que se não verifica se elle se acha igualmente em outras especies do genero *Veratrum (Helleboro)*, e então lhe seria mais proprio o nome de *Veratrium (Veratrio)*.

Alliagem, ou Liga da Prata com o cobre, obtida pela via humida; — pelo mesmo Dr. Meissner.

Tem-se ultimamente posto em duvida a possibilidade de obter ligas de metaes da precipitação dos metaes dissolvidos. Entre tanto a experiencia tão sabida da decomposição do sulfato de cobre por huma lamina de zinco, donde resulta o latão, executa-se sempre com bom exito. He só necessario que a dissolução seja diluida por trinta partes ao menos d'agua em huma de sal: desprendem-se primeiro algumas bolhas de gaz hydrogenio, e pouco depois se cobre a lamina de manchas negras que insensivelmente se estendem, e formão huma camada continua desta cor. Se se despegar esta camada, e se pulir a lamina, ver-se-ha que apparece com hum bello brilho amarello de latão; deve-se evitar não prolongar muito a immersão, e só até a camada escura começar a ser

visivel. Huma experiencia particular me deo o mesmo resultado.

No intuito de separar a prata em humas moedas antigas deste metal ligado de cobre, puz varias dellas em hum vaso cylindrico, e deitei-lhe por cima huma porção de acido nitrico insufficiente para completar a sua dissolução. Passadas 24 horas, e tendo cessado toda a acção do ácido, achei, não só as paredes do vidro, mas tambem as moedas não dissolvidas, totalmente emboçadas de huma folhinha tenue de prata metalica. Despeguei-a, e depois de bem lavada, comprimia em hum gral de agata; apresentou hum brilho de prata mui puro. Fiz dissolver huma parte no ácido nitrico, e obtive hum liquido que, por sua cor parda clara, denotava o seu conteúdo em cobre. Deitei nas moedas nova porção de ácido nitrico, e desta vez mostrou a camada debaixo do brunidor hum brilho de prata algum tanto avermelhado; e deo, com o ácido nitrico, huma dissolução fortemente azul.

Repeti por vezes esta experiencia, e sempre com o mesmo resultado. Quanto menos prata tinhão as moedas, mais precipitado reduzido eu obtinha. A dissolução decantada de cima do precipitado, e cuja cor era intensamente azul, ainda não era de todo izenta de prata.

Assim, he evidente que pela via humida se pode, como pela via seca, obter alliagens metallicas, que não são misturas accidentaes, mas uniões manifestas; porque na minha experiencia a totalidade do metal precipitado de huma mesma dissolução, tinha o mesmo grão de liga, como o fez ver a cor uniformemente vermelha que offereceo depois de polido. Para que esta liga saia bem, cumpre que o cobre não seja em mui pouca quantidade

He notavel que por huma serie de moedas de liga de cobre e prata, sobrepostas em hum conductor humido, se tenha podido excitar huma corrente electrica assaz forte para separar em tão pouco tempo huma tão grande quantidade de hum dos metaes em o estado reduzido.

Analyse do Wootz, *ou Aço da India*, — *por Mr.* Faraday.

Mr. Faraday teve occasião de submetter á analyse o *Wootz* (ou *Vutzo* segundo o genio da lingua Portugueza), a que chamão tambem *Aço da India*, de que ha poucos tempos as Gazetas derão noticia ter-se fabricado em Inglaterra huma espada, que foi offerecida ao Imperador da Russia. A amostra era proveniente de hum pedaço deste aço que Mr. Banks remettêra a Mr. Stodart; pezava 164,5 grãos. Depois das mais minuciosas experiencias não se pode separar delle, além do carbonio, mais de $\frac{1}{10}$ de grão de silicia, e $\frac{4}{10}$ de grão de alumina. Tendo-se analysado comparativamente aço Inglez da primeira sorte, não forneceo nada destas terras.

Estando Mr. Faraday occupado com Mr. Stodart em hum trabalho sobre as alliagens do aço, aproveitou a occasião para fazer experiencias sobre a imitação do aço da India, mas não o pôde conseguir. Obteve bocados de ferro, que, em sua decomposição, davão silicia e alumina em abundancia; porém não apresentárão tratados com os ácidos algum dos caracteres do *Wootz*, mesmo quando o metal empregado em fazer a liga tinha sido aço; donde concluio que se o *Wootz* deve a

excellencia das suas qualidades á sua liga com os metaes da silicia e da alumina, estas substancias devem achar-se nelle em hum estado de combinação particular, e totalmente diversa da que pode adquirir nas suas experiencias.

Sobre os usos medicos das preparações do Arsenico.

O célebre Professor *Foderé* deo ha poucos mezes huma memoria á luz sobre este assumpto, em que faz mui uteis obserções. O arsenico tem a horrivel propriedade de anniquilar a vida em todos os seres que compõem o reino animal; mas pode restabelecer a saude, se for introduzido no corpo humano em mui pequena dose, e com muita prudencia; não he elle a unica droga que, mortifera de sua natureza, applicada com a devida cautella se torna em efficaz remedio de muitas enfermidades. Nas febres intermittentes o tem applicado alguns com bom exito em lugar da quina, em paizes onde esta saudavel casca era escassa. Este remedio reanima o systema digestivo, restabelece o apetite, limpa a lingua, excita a secreção e a excreção de ourinas abundantes, e copiosas transpirações, e facilita a respiração. Os Medicos Inglezes, Alemães, e Americanos empregão o arsenico em grande numero de enfermidades; porém assenta o Doutor *Foderé* que tem havido nisto grandes abusos. O que he innegavel he que nas enfermidades cutaneas, e especialmente na lepra, são mui efficazes as suas virtudes. Os exemplos referidos pelo author, de curas radicaes em casos desesperados não deixão sobre esta pro-

priedade a menor duvida; mas infelizmente não chega a curar o cancro. — Fez tambem o author curiosas observações sobre a acção venenosa do arsenico, da qual resulta que não mata causando lesões nos orgãos, mas sim destruindo completamente a vida em seu principio.

Note-se porém que este metal, chamado em outro tempo *régulo de arsenico*, ha muito se emprega na Medicina em diversas preparações, como febrifugo, e he a base da solução mineral de Fowler, etc.; e que as observações do Dr. *Foderé* tendem meramente a dar maior luz a este objecto, conhecido pelos facultativos; advertencia que fazemos tendo em vista os que o não são.

Nova especie de Chá.

Haverá perto de tres annos que trouxe hum Russo á França huma planta denominada pelos Botanicos *Xenopoma Thea Sinensis* que he huma especie da planta do Chá, mas até agora apenas conhecida na Europa. O Ministro do Interior a mandou examinar; e os Academicos, Quimicos e Fysicos, a quem foi commettido o exame, forão concordes em asseverar que as suas virtudes são sudoríficas e estomáquicas. As folhas podem usar-se verdes, logo depois de apanhadas. He de facil cultura; e ainda que nos paizes frios do Norte requer calòr na terra em que se planta, presume-se que nos paizes meridionaes da França, e por conseguinte na Italia e na Hespanha facilmente se ha de naturalizar. A planta cultivada em París, dá-se alli para se propagar, com direcções impressas do modo como se deve tratar, e do seu

uso, etc. Na nossa Provincia do Algarve podião dar-se esta e outras muitas plantas exóticas uteis, havendo cuidado de promover esta cultura. Em França cultiva-se já algum chá, e porque não se cultivaria em Portugal estando mais ao Sul, e possuindo terreno muito mais fertil? Isto só nasce de pouca curiosidade, não só neste ponto, mas em outros ainda mais essenciaes: he preciso para isto que sejão menos indolentes os grandes proprietarios de terras, que leião alguma coiza util sobre tudo á prosperidade da agricultura. Ha menos de quarenta annos havia em Thomar, e no jardim do Auditor do Campo Grande, a arvore do Chá; hoje não nos consta se se conserva esta planta em vegetação neste paiz.

Meio de preservar da alteração as provisões de cozinha, e objectos de commercio. — por Mr. Musweeny.

"Este meio (diz Mr. *Musweeny*) he dos mais simples; trata-se de introduzir em vasos cheios d'agua, (fervida primeiramente, para lhe tirar o ar, com alguns bocados de ferro bem limpo de ferrugem), as substancias susceptiveis de serem alteradas pelo ar; cobre-se depois a agua com huma camada de azeite: essas substancias se conservaráõ alli por muito tempo. Arranjei deste modo a carne fresca, em huma vasilha que guardei em hum lugar escuro; passadas sete semanas ainda estava sem a menor alteração. As substancias vegetaes forão conservadas por este meio; só algumas dellas, de huma contextura delicada, mostrárão padecer alguma coiza, mais ou menos,

da acção da agua; mas enfraquece-se esta acção juntando-lhe algum assucar ou gomma. Tenho observado que a cutelaria pode em similhante agua ser preservada da ferrugem, com tanto que se haja tido cuidado de lhe metter algum tempo antes bocados de ferro. No cabo de cinco dias, tirei de huma solução de sal commum, coberta de azeite (ou oleo) hum pedaço de ferro; não só não estava ferrugento, mas estava mais terso; todas e quaesquer fazendas, até os pannos, podem deste modo ser preservadas de avaria. "

Fim do N. V.

JORNAL ENCYCLOPÉDICO

DE

LISBOA.

N.º VI. Junho de 1820.

HISTORIA POLITICA.

Considerações imparciaes sobre os Inglezes.

Muito se tem escrito sobre esta Nação prodigiosa! Não ha Francez que passando a Londres, e estando lá oito dias, não mande logo de presente ao Mundo hum Tratado sobre a Grã-Bretanha. Já li hum livro que se intitulava — Seis mezes em Inglaterra, — e outro que se dizia — Tres semanas em Inglaterra, — e outro — Quinze dias em Londres; — e tanto bastava para conhecer esta Nação!!! E com effeito, basta que hum Francez, ainda que seja mestre de dança, olhe huma só vez para as coizas, para as ficar conhecendo por dentro, e por fóra; onde eu admiro mais a penetração desta gente subtil, he nos quadros que nos pintão das Nações. Em ficando huma noite n'huma Estalagem, vem logo hum — *Tableau* —

daquella Nação. Isto estamos nós fartos de vêr nas suas viagens por Portugal, ou em Portugal, livros cuja leitura não só me impacienta, porém me enfurece. Pois tão exactos são os seus conhecimentos, e tão ajustadas as suas observações a nosso respeito, como são as que fazem, e as que nos imbutem a respeito dos Inglezes, e a respeito das outras Nações. Pode, por ventura, o homem sensato fazer idéa do caracter Inglez, porque a *populaça* bebada de cerveja se combate a murro seco á porta das tavernas? Porque grita no Theatro, porque gosta do combate dos Gallos, porque se enforca, quando não tem vontade de viver? E conhecem-se por isto os Inglezes? Assim como se conhecem os Portuguezes porque Murphy diz em suas viagens a Portugal, que vira bailar o fandango na Estalagem dos Carvalhos. Outros são os caminhos de conhecer huma Nação. He preciso consideralla na sua totalidade, no seu principio, no seu estabelecimento, no seu progresso, nas suas Leis, nas suas emprezas, em suas relações com os outros povos. Isto constitue huma Nação, e isto a distingue, e só pela analyse dos objectos propostos se pode caminhar ao seu conhecimento.

Quando revolvo as paginas da Historia do Mundo nada encontro, que se possa comparar ás forças navaes da Inglaterra. Nada se pode comparar á riqueza de seu commercio, á maça de suas dividas, e de suas despezas, á multidão de seus meios, e seus recursos, e á fragilidade das bases sobre que repouza o edificio immenso da sua fortuna. Façamos a este povo celebre a justiça que elle muitas vezes nega a Portugal, e a muitos povos, e digamos que elle tem obrado grandes coizas, e executado verdadeiros prodigios.

A primeira coiza que se descobre em seu caracter he hum espirito d'ordem, e de perseverança, e que influe sempre em seus trabalhos, suas leis e policia, e que faz esquecer as consequencias de sua natural altivez. Os Inglezes são o unico povo da Terra para quem as idéas de servidão, e de tyrannia forão sempre insupportaveis. Suas profundas combinações politicas tiverão sempre por objecto a racionavel liberdade individual, a segurança da propriedade, e a protecção do trabalho. Este he o principio do melhor regimen domestico, e os Inglezes lhe são devedores de todos os bens que tem gozado, e de todas as ventagens que tem conseguido.

Mas antes de considerarmos a situação actual da Inglaterra, fixemos a contemplação sobre o principio, e progressos de sua Marinha, e suas transacções commerciaes; nem percamos de vista a occasião de louvar neste povo tudo o que tem de louvavel, e que a muitos respeitos nos pode servir de lição, e de exemplo: deixemos-lhe a triste consolação de não imitar, nem approvar coiza alguma dos outros povos da Terra. He coiza na verdade extraordinaria que os Inglezes se hajão deixado ficar atrás por todas as Nações da Europa, quero dizer, que na arte da navegação os tenhão precedido os outros povos, os Portuguezes, os Hespanhoes, os Hollandezes, e os Francezes lhes abrirão o caminho, e em tempos antigos, e remotos, os Fenicios, e os Carthaginezes fazião todo o commercio activo da Inglaterra antes que fosse conquistada pelos Romanos. Hião alli buscar trigo, gado, pelles, chumbo, estanho, e segundo nos diz Tacito, tambem hião buscar pérolas, ouro, e prata. Os Inglezes só começárão a conhecer Navios de guerra, quando Cesar desembarcou em

suas costas. Não cuidavão mais que em cultivar seus campos, e pastorear seus rebanhos, e até depois de serem subjugados pelos Romanos conservárão estes costumes ruraes, vivendo em sua Ilha separados de todo o resto do Mundo: = *Et toto divisos Orbe Britannos.* = Este apego exclusivo á sua terra natal, e antigos costumes, se nos offerece com frequencia em sua mesma Historia; achase isto mesmo no meio da variação das fórmulas, e principios porque tem passado seu governo, e ainda depois de espalhados por todos os angulos do globo, ainda depois de haverem coalhado os mares com suas esquadras, seus campos, e seus rebanhos, suas Leis, e seus costumes, são o constante objecto de seu invariavel apreço. Feliz instincto desta prodigiosa nação, e seguro apoio de sua invariavel moralidade!

Os Saxonios, e os Dinamarquezes penetrárão sem obstaculo em hum paiz cujos portos não erão defendidos por forças navaes. Assolárão tudo, e se estabelecêrão nesta subjugada Ilha. Alfredo o Grande foi o primeiro que tratou do estabelecimento de Marinha, fez construir navios de guerra que felizmente lhe servírão contra os Dinamarquezes. Honrou a navegação em quanto reinou; mas declinou muito nos reinados seguintes até á conquista de Guilherme de Normandia. Harold, seu competidor, tinha huma esquadra, porém não se pôde oppôr ao desembarque de Guilherme, que queimou seus proprios navios depois de ter feito desembarcar o exercito. Desde esta época se começou a vêr em Inglaterra huma succession nunca interrompida de frotas mercantes, e de vasos de guerra. Contrahirão em fim os Inglezes o habito do mar, fez-se isto nacional. Começárão a estenderse pela pesca em todas as costas do continente,

e suas eternas guerras com a França os obrigárão a huma navegação offensiva e defensiva. Suas aquisições, e conquistas multiplicárão suas allianças com o continente. As cruzadas desenvolvêrão a industria mais entre os Inglezes, que entre os mesmos Francezes. A *Grande Carta*, que elles obtiverão de João Semterra os tirou do abatimento, e sugeição servil em que os conservavão seus Monarcas, e Senhores. Conhecêrão os direitos do Cidadão, e os reclamárão, e se os não obtiverão em toda a sua extensão, ao menos os afiançárão com segurança. As Fabricas dos Paizes Baixos excitárão sua emulação. Duarte 1.º foi o fundador das manufacturas. Os tecelões forão os fundadores daquella fortuna colossal que nos espanta: a Legislação lhe perpetúa a lembrança dando por cadeiras aos Pares do Reino saccos de lã. Abrirão-se as minas de Carvão, e forão-se excavando em huma direcção combinada com a extensão da navegação, e o consumo da lenha combustivel, assim como com a economia das madeiras de construcção. Derão principio a instituições sabias, que nascêrão, e se conservárão a pezar das facções, das guerras civis, e até dos esforços da tyrannia. O Parlamento, as sentenças do Foro, dadas por Jurados, a administração municipal, se perpetuárão de seculo em seculo, a despeito das mais sanguinolentas querellas e fanatismo religionario. O povo muitas vezes opprimido não perdeo occasião de se sustentar em seus direitos, izenções, e liberdade civil. Os Tribunaes Inglezes começárão a ser famosos desde o duodecimo seculo. E a navegação, que então nada era comparada com o que foi depois, já se firmava em bases muito solidas, não em suas leis commerciaes, e maritimas, das quaes muitas erão absurdas como a da prohibição

de dinheiro a juro, e o uso dos previlegios exclusivos de muitos generos de trafico; mas o que lhes preparava a materia de hum grande commercio nos mesmos seculos de barbaridade, era hum espirito publico, que desde então se dirigia para a ordem interior, para a economia domestica, para o amor do trabalho de que resultava hum excedente de producto, que elles exportavão para o continente. A conquista de Irlanda, e a oppressão cruel em que sempre a conservárão, os costumou a grandes emprezas, e a grandes espoliações, que muito concorrêrão para a corrupção de seu systema politico. He de notar que em tempos posteriores áquelles de que fallo, o systema do Despotismo externo, se acha consagrado em hum canto Nacional (*Rule, Britannia, &c.*) que nada mais he que o commentario literal de hum verso de Virgilio:

Tu regere imperio populos, Romane, memento. —
E lembra-te, ó Romano,
De reger com imperio as Nações todas.

O monopolio do commercio na *Irlanda*, a prohibição das manufacturas, e navegação deste desgraçado paiz compozerão, com a tyrannia religiosa a que estava submettido, o codigo mais monstruoso, que povo algum da terra tem até agora recebido das mãos de seus Conquistadores, e quando se considera qae esta tyrannia he hum dos elementos da prosperidade commercial, e maritima da Inglaterra, conhece-se que qualquer Déspota da Asia pode ser rico, e poderoso com estas condições, mas não se pode entender, como hum povo livre, illustrado, que se honra, e até ufana de suas Leis, onde a humanidade, a justiça, a liber-

dade, sempre encontrárão zelosos defensores, e que tem dentro em si multiplicado os estabelecimentos de beneficencia, seja tão ávido, tão intolerante, tão selvagem. Não se pode explicar esta inconsequencia do coração humano, ainda que não seja particular, e privativa aos Inglezes, já se observou entre os Gregos e Romanos; e porque razão não hão de os Inglezes esperar das mesmas causas os mesmos effeitos?

Quando se estuda hum povo celebre, e que occupa na Historia hum lugar tão distincto como o povo Inglez, he precizo considerallo em suas Leis, e costumes, porque só nisto se encontra a verdadeira causa do seu engrandecimento, ou declinação. A Marinha, e o Commercio Inglez derão grande brado depois de acabado o seculo 17.°; porém havia muitos seculos que os fundamentos de hum, e de outro se hião consolidando. Vejo os Inglezes em seus gostos, e occupações nacionaes, que são entre elles invariaveis. As manufacturas de lã precedêrão as de algodão; porém longe do se desprezarem, ainda se aperfeiçoárão mais quando começárão as de algodão. A importancia da agricultura, sua protecção, e socorros se transmittem em primeira linha de geração em geração. O commercio, e a navegação, são os seus auxiliares: esta he a razão determinante da sua prosperidade; mas quando estes dois ramos de economia politica sugeitarem a si todos os outros, então se começarão a aluir os alicerces do edificio social.

Henrique, filho de João Semterra, deveo á sua Marinha a conservação da sua coroa. Està lhe foi disputada por Luiz, filho de Filippe Augusto; porém deshonrou sua victoria fazendo cortar a cabeça ao Almirante Francez, que não foi vencido, e aprizionado senão depois de ter sido

cobardemente abandonado de todos os vasos da sua esquadra. Este mesmo Rei Henrique, destroçado por S. Luiz na Guiena, não sahiria de lá, se alguns senhores Inglezes não tiverão á sua custa armado huma esquadra em que lhe levarão soccorros. Desde este reinado até ao de Duarte III, entre os frequentes combates da Marinha Franceza com a Ingleza, nada aconteceo memoravel mais do que a batalha de *Ecluse* a 22 de Junho de 1340, na qual os Francezes depois de haverem combatido valerosamente pelo espaço de nove horas, forão totalmente destroçados pelos Inglezes que lhes erão inferiores em numero de navios, mas muito superiores em a tactica, ou nas manobras. Tiverão ainda outra vantagem, combatião em seus proprios navios, e a maior parte das forças Francezas erão estrangeiras. Os *Valois* assoldadavão gente, e náos nos portos da Hespanha, e da Italia. As guerras maritimas deste seculo contribuírão muito para exercitar o valor de ambos os povos. Os exercitos de terra quasi sempre andavão ás mãos com os Francezes. A marinha Ingleza conservou sempre a superioridade, e servio muito aos projectos da Rainha Isabel no auxilio que ella quiz dar á revolta dos Paizes Baixos contra Filippe II. — Drake, hum dos Almirantes Inglezes no reinado desta Soberana, se immortalizou com sua viagem á roda do globo depois da viagem de Magalhães, e muito mais se immortalizou pelo saque de S. Domingos; porém o orgulho de Filippe se irritou de tal maneira, que determinou esquipar a Armada chamada invencivel, com a qual esperava conquistar, e destruir a Inglaterra. Carlos Havard, e Francisco Drake tiverão a gloria de a dispersar, e vencer, felizmente ajudados, não só pelos ventos, porém muito mais pela incapacidade do Du-

que de Medina Sidonia. Então appareceo a bandeira Ingleza em ambas as Indias. Walter Raleigh na Virginia, Lancaster no Indostão, fundárão as primeiras colonias. O segundo foi pacifico e modesto. Os Hollandezes de então tinhão os principios e o poder dos Inglezes da nossa idade; procurárão expulsar os Inglezes do India; porém estes souberão conservar-se. Alguns annos depois rompeo a guerra na Europa entre as duas nações com aquella raiva e furor que parece propria das guerras de Commercio. Antes que se declarasse, Blake exigio a continencia naval do Almirante Hollandez, que respondeo a esta pretenção com huma descarga de artilheria. Batalhas tão sangrentas como gloriosas ás duas Republicas, tornárão para sempre memoravel esta Epoca; porém a Hollanda depois de ter perdido Tromp em o ultimo combate, se decidio a fazer a paz, e consentio em arrear a bandeira diante da bandeira Ingleza. Tinhão morrido os dois Stuards, educados com os principios arbitrarios de seu pai Carlos I; porém succumbio a Inglaterra ao pezo da tyrannia de Cromwel; politico profundo, administrador habil deo Cromwel á Marinha, e ao Commercio huma impulsão prodigiosa com o vigor, e energia de seu governo. Fez respeitar as Leis, que elle mesmo tinha violado; restabeleceo a disciplina nos exercitos do mar e da terra, empregou Magistrados de conhecida probidade, e Almirantes de acreditado valor. Depois de ter pizado aos pés a liberdade de seus Concidadãos, lhes tornou proficua a sua tyrannia. Se fosse hum Rei legitimo, teria offuscado a gloria da mesma Isabel; porém foi hum usurpador cruel, e o esplendor da sua administração não fez esquecer a atrocidade de seu caracter: augmentou sem contradicção a fortuna do seu paiz, e suas esqua-

dras, mais que seus exercitos, augmentárão a sua gloria. Os Inglezes lhe devem aquelle famoso Acto de Navegação, que augmentando os recursos da Inglaterrra, os roubou a todas as outras Potencias maritimas; mas o que lhes não pôde vedar foi o emprego dos mesmos meios, porque nenhum povo he reprehensivel por dar a preferencia á sua propria industria, nem se deve exprobar aos Inglezes sua affeição predominante pelos interesses nacionaes; tem razão de se amarem mais que o resto do Mundo; mas não tem razão de converterem este amor proprio em odio, e desprezo de tudo o que não for Inglez.

Não pode deixar de se considerar com interesse o progresso da Marinha Ingleza, que desde o decimo seculo foi sempre marchando sustentada pela agricultura, e pelo commercio, identificandose de tal maneira com as Leis, e com os costumes, que veio a formar á base principal dos interesses nacionaes. A Marinha Franceza nada avultava, e só appareceo com esplendor no reinado de Luiz XIV, e ministerio de Colbert; e ainda que os Hespanhoes, e Hollandezes tivessem no 17.° seculo forças navaes mais consideraveis que as de Inglaterra, as desta nação erão mais robustas, e muito melhor ordenadas. As Colonias Inglezas, que então começárão, nos apresentão outro espectaculo não menos instructivo. Começárão na India por transacções commerciaes. Então começou tambem o estabelecimento de Penn nas margens do Delaware. Os das ribeiras do Ganges, e os selvagens da America conhecêrão logo o que devião temer, e esperar dos novos hospedes. Todos os paizes confinantes forão invadidos, e o fanatismo religioso dividio de tal arte os Colonos, que tanto se matavão na America como se matavão na

Irlanda. A cobiça commercial sacrificou tudo, e o caracter nacional se conheceo logo em ambos os Mundos, não se satisfazendo senão com o Imperio, e commercio universal. A indolencia de Carlos II, e suas allianças com Luiz XIV, affrouxárão por largo tempo a rapidez destes progressos. A inconsequencia, e o Despotismo de seu irmão, bom Almirante, e máo Rei, restituírão aos Inglezes a amortecida energia. Expulsárão Jacques II, prescrevêrão limites ao poder Real, mas estes limites não se conhecêrão nas pretenções de sua Marinha, e de seu Commercio. Luiz XIV os reprimio, fazendo fluctuar gloriosamente sua bandeira em todos os mares, e a Marinha Franceza appareceo grande em seu mesmo berço. Formárão-se estabelecimentos Francezes na Asia, e na America; crescêrão, forão protegidos, castigados os Piratas, humilhados os Genovezes, e os Hollandezes obrigados a pedir a paz; enriquecêrão-se os Armadores, illustrárão-se os Almirantes Francezes, e quando as Esquadras desta Nação protegião o Rei expulso, e ameaçavão a Inglaterra com sua restituição, Guilherme se vio obrigado a unir suas forças ás da Hollanda para combater a esquadra Franceza: a batalha de La Hogue deo aos Inglezes a preponderancia até alli vacillante; a paz de Utrecht a confirmou de todo. Na guerra da succecção que se seguio começou a consolidada divida da Inglaterra. Acreditava-se então em Londres (e este era o parecer dos maiores homens de Estado), que se a divida chegasse a quarenta milhões de libras estrelinas, ficaria de todo perdida a Inglaterra; e he coiza bem digna de notar-se, que o juro da divida actual excedesse a metade desta somma. E que produzio este sacrificio immenso de dinheiro, e que produzio o sangue que

elle fez derramar? Depois da paz de Utrecht, podião os Inglezes dizer huns aos outros o que dizia Cynéas a Pyrrho: Senhor, suspendamo-nos aqui, e conservemo-nos no ponto em que estamos. — Porém a ambição, e sobre tudo a que se alimenta do producto do commercio, raras vezes he estacionaria. Faltava aos Inglezes a posse exclusiva das costas de Bengala, e do Malabar, faltavão-lhe as pelles do Canadá, a pesca da Terra nova, o trafico dos Negros, as Sedas, e o Chá da China, o ouro do Brazil, e os Algodões de todo o Universo. Era precizo, que suas guerras, seus Tratados, seus navios, suas manufacturas lhes procurassem a posse de tudo isto; era preciso sobre tudo que nenhuma Potencia maritima da Europa a contrariasse em suas especulações; e com effeito, tem conseguido tudo isto. Seu poder naval, sua industria commercial e politica, são os grandes meios para este fim; e porque se não dirá que a Inglaterra se soube fazer a primeira Nação? Ora qual he a mais feliz possessão dos Inglezes? He a liberdade Civil, he o feliz systema de seu Governo interior. Esta he a maior conquista que os Inglezes tem feito, e que basta para lhes segurar seu poder relativo, suas riquezas legitimas; eis-aqui o que elles devem defender, não se premittindo já mais o emprego iniquo da força, porque esta he a vereda por onde se caminha á degradação moral. Sentar-se na Asia sobre o throno do Mogol, adjudicar-se na America a terça parte deste continente, impôr á Europa o jugo de hum commercio exclusivo, não são os meios mais seguros para conservar a gloria, e a grandeza. Se elles chegassem a conquistar todas as suas colonias Americanas desde a bahia de Hudson até ás Floridas, poderião acaso contar com a pos-

se pacifica destas mesmas possessões? Poderião concentrar em seus portos (sem opposição) todo o commercio do Mundo? Eis-aqui o que parece que não pode ser; porém eis-aqui o que effectivamente vemos. Sempre julgarei a Inglaterra a Nação mais prodigiosa. A paz, tal e qual, de que goza a Europa, não se deve senão á sua constancia; sem esta, o filho de Maria Leticia, e companhia, ainda estaria sentado no Throno de França, e a Europa seria toda huma Roça de Escravos, que trabalhassem para a gloria daquelle insigne mentecapto. Até agora ainda não vi no quadro da Historia antiga, e moderna, coiza que os Inglezes quizessem que não conseguissem. Fazia-lhes sombra o porto de Dunkerque? Arruine-se. Convem-lhe a liberdade do Estreito de Gibraltar? Ceda-lhe a Hespanha a Fortaleza deste nome em seu mesmo territorio. Precizão do Cabo da Boa Esperança? He seu. Faz-lhes conta Malta? Lá a tem. Fizerão-lhe geito as Ilhas Jonias? São suas. Faz a terra que habitamos alguma ponta comprida que se metta pelo mar? Faz isto algum arranjo aos Inglezes? Lá estão em Ormuz, em Malaca, em Ceilão, onde querem. Se for preciso hum covado de chita no Reino de Meaco, que he no Japão, lá o levão, sem que se lhes dispute hum palmo de mar. Declarárão ao Mundo o Direito de Visita? O Tribunal do Almirantado está em Londres, mas transporta-se a todos os mares, e a todas as costas. Todas as bandeiras são obrigadas (ao menos já se vio em pratica) a arrear-se diante da sua, e de apresentar o rol exacto das suas carregações. Quem me taxará a mim de Anglomania? Pois sem ella digo, pelo que levo exposto, que a Inglaterra, ou os Inglezes, formão a nação mais prodigiosa

do Globo. Não o serião se os Portuguezes se quizessem conhecer desde 1501.

Estas considerações servirão de introducção á seguinte Memoria communicada, em que se vê hum epílogo interessante da época mais memoravel dos Fastos da Grã-Bretanha.

Memoria historica do reinado do fallecido Jorge III, Rei do Reino-Unido da Grã-Bretanha, e Irlanda. Por ****

Entre tantos Monarcas por diversos titulos grandes que tem tido a Europa depois do seu estabelecimento ha doze seculos no systema actual de sua divisão em diversos Estados, apenas se contavão tres Soberanos que dessem nome ao século ou época em que existírão; taes forão Carlos Magno, Carlos V, e Luiz XIV, este e o primeiro da França, e o segundo da Austria e da Hespanha; pois que em seus longos reinados vio a Europa os mais estupendos successos, e derão nella as Letras e a illustração civil dos povos os mais remontados vôos. Nos nossos dias porém se juntou a estes estremados nomes o de Jorge III, o qual no throno da Grã-Bretanha, pela longa serie de quasi 60 annos de reinado, em que vio a Europa acontecimentos politicos, e progressos nas Artes e Sciencias superiores talvez a quanto os passados seculos ostentárão desde a decadencia do Imperio Romano, grangeou sem duvida o direito de dar o seu nome a esta estrondosa época do Fastos do Mundo. Escrever a historia de seu glorioso reinado he empreza que demanda forças altamente superiores, e destinada a algum desses grandes genios

de que he tão avara a Natureza, mas de que a mesma Inglaterra tem tido por vezes razão de se gloriar, taes como os Humes, os Robertsons, os Gibbons, os Goldsmiths, e outros. He com tudo licito traçar hum bosquejo historico de hum Monarca que presidio a tantos e tão extraordinarios successos, que elevou a nação Ingleza ao ultimo fastigio da gloria, que foi hum alliado fiel, e mesmo hum particular amigo da nação Portugueza; o que julgo dará gosto aos leitores, e servirá de desculpa ao escritor desta Memoria.

Por fallecimento de Jorge II em 25 de Outubro de 1760, subio ao throno da Grã-Bretanha seu neto Jorge, terceiro do nome, primogenito de seu filho Frederico, Principe de Galles, e de Augusta de Saxonia Gotha, nascido em 4 de Junho de 1738, o qual, sendo já Rei, casou com Carlota Sofia, Princeza de Mecklemburgo Strelitz, a 8 de Setembro de 1761, a quem sobreviveo pouco mais de hum anno. Durava ainda a guerra entre a Grã-Bretanha e a França, desde 1755, sobre os limites da Acadia no Canadá, e foi por tanto o primeiro acto do novo Soberano congregar os Pares e o Conselho Privado para lhes declarar quanto precizava de seus energicos esforços para a proseguir; declaração que renovou na abertura do Parlamento (*), e achou ambas as Camaras promptas para o auxiliarem amplamente nesta guerra, a qual foi com vigor sustentada contra a França e contra a Austria, a que depois se unio a Hespanha, em 1761, terminando com brilhantes successos, que pozerão em poder da Inglaterra parte

---

(*) Huma das primeiras e das mais acertadas medidas legislativas foi o Bill, proposto pelo Rei, para assegurar a independencia dos Julgadores, ou Juizes.

das Colonias das Potencias suas inimigas. Em breve porém o Conde de Bute, que tivera grande parte na educação do Rei, affastou do Ministerio Pitt, o pai, e a 10 de Fevereiro de 1763 se concluio em París a paz entre as Cortes de Londres, e Lisboa, por huma parte, Versalhes, e Madrid, por outra, que assegurou á Inglaterra a posse de Minorca, do Canadá, da Nova Escocia, das Ilhas de Granada, S. Vicente, e Dominica, do Rio Senegal, etc., e poz Dunkerque no estado fixado pelo Tratado de Aquisgran, ou Aixla-Chapelle, de 1748. Nesta guerra tinha sido envolvido Portugal, porque julgárão as duas Cortes, Franceza e Hespanhola, devião separar este Reino da Alliança da Grã-Bretanha, e juntallo ao seu partido, o que intimárão os seus Ministros á nossa Corte a 16 de Março de 1762; e como se não contentassem com as conciliadoras respostas que se lhe derão, foi precizo, depois de segunda instancia mais forte, recorrer Portugal ás armas, para rebater a invasão das duas Potencias. Enviou Jorge III tropas ao seu alliado, commandadas por Lord Tyrawley, e depois por Lord Loudon, e deo esta guerra occasião a vir o celebre Conde Lippe a Portugal, e receber o nosso Exercito aquella disciplina de que então carecia, e que gozavão as mais bem organizadas tropas da Europa. Nesta época se conservárão preparadas com o maior segredo no Tejo seis Náos de linha para transportar ao Brasil, em caso de sinistro exito da guerra, a Familia Real, successo que a Providencia parece tinha de proposito reservado para outra crise mais terrivel dalli a 45 annos. Huma expedição, que sahira do Tejo em 1762, composta de Inglezes e Portuguezes, chegou no 1.º de Janeiro de 1763 a Buenos Ayres;

mas pegando fogo no Navio do Commodoro Inglez, falhou a empreza a que se destinava.

O imposto sobre a cidra, a guerra contra os Indios da America Septentrional, e contra Cassim-Aly-Kan, na India, assignalárão o anno de 1763, assim como a retirada do Conde Bute do Ministerio; e este mesmo anno foi memoravel por ser o das primeiras expedições ao redor do globo, que tanto illustrárão o reinado deste Monarca, sendo a primeira commandada por Lord Byron, e a segunda pelos Capitães Wallis e Carteret.

No anno de 64 apenas alguns negocios domesticos, e a paz com os Indios da America Septentrional, concilião a attenção; o de 65 porém he notavel por ser o em que se fizerão as primeiras tentativas para impôr alguns tributos, particularmente o do sello, que se quizerão estender ás possessões da America Septentrional; e por ser o do primeiro ataque mental que teve o Rei, o qual foi a 24 de Abril já restabelecido ao Parlamento; pouco depois se renovou o Ministerio. Neste tempo excitava o Bill sobre o papel sellado a mais lugubre sensação nas Colonias Americanas Inglezas. Quando chegou a Boston pozerão os Navios a bandeira em ar de luto, cobrirão-se os sinos de preto, e dobrárão a defuntos; o que basta para dar idéa do quanto a nova medida atterrou aquelles povos. Na India triunfavão as armas Britannicas, debaixo do Commando de Lord Clive; ficou o paiz de Bengala subjugado, e estendeo-se com agigantados passos o dominio da Companhia Ingleza naquella parte da India.

Não cessavão de dar cuidado os desgostos suscitados nas Colonias, multiplicavão-se as petições ao Parlamento, revogou-se o Acto do sello, e o imposto na cidra, e dissolvido o Ministerio

de Rockingham, tornou Pitt (em 1766) a entrar no Ministerio, e lhe foi conferido o titulo de Conde de Chatam. A carestia do pão suscitou tumultos, que só forão socegados pela força armada. Considerando o Governo necessarios alguns impostos na America, passou-se hum Bill de direitos sobre o vidro, papel, tintas, e chá importados de Inglaterra para as Colonias: mas novas reclamações fizerão supprimir aquelles, ficando só os direitos do chá, que foi a origem da sanguinosa guerra que alguns annos depois rebentou, e fez perder a Inglaterra as suas melhores colonias da America. No decurso do anno de 67 em que se tomárão aquellas medidas foi-se augmentando a divisão entre os Ministros, e entrou Lord North no Ministerio como Chanceller do Thesouro: no anno seguinte deo Lord Chatam a sua demissão, augmentou-se o numero dos Ministros, cresceo a fermentação nas Colonias da America, e partio Cook para a sua primeira viagem, acompanhado de Banks, que ainda hoje vive, e de Solander, distinctos Sabios. Neste mesmo anno se fundou a Real Academia Ingleza das Bellas Artes. Na India continuava a guerra contra Haider-Aly, e se proseguio no anno seguinte, no fim do qual se assignou a paz entre elle e a Companhia Ingleza das Indias.

Em 1770, depois de varias demissões e novas nomeações, principiou o Ministerio chamado de Lord North; revogárão-se todos os direitos sobre a exportação das fazendas enviadas para a America, excepto o chá, por huma fatalidade, que parecia arrastar aquelle Ministerio ao desastrado fim de ver separar aquella preciosa porção dos dominios Britannicos. Passados cinco annos em discussões e medidas em Inglaterra e na America, co-

meçárão no de 1775 as hostilidades no Estado de Massachuset pela acção de Lexington, a que se seguirão outros combates; formou-se o Congresso, e foi nomeado Washington General em Chefe dos Americanos. Não he da natureza deste escrito especificar os successos desta fatal guerra. Favorecidos os Americanos pelas Potencias da Europa, declarou o Congresso a sua independencia em 1776. A Inglaterra porém, no meio desta dispendiosa guerra, recebia dominio de territorio na Asia, augmentava a sua Marinha, aguerria os seus soldados, estendia a sua industria e o seu commercio; entretanto graves perdas contrabalançárão por vezes os successos prosperos das armas Britannicas. Deveo esta os mais brilhantes successos ao grande Almirante Rodney, que em 8 de Janeiro de 1780 aprisionou o Almirante Hespanhol Langara, e derrotou a sua Esquadra no Cabo de S. Vicente, e poucos dias depois defronte de Cadiz: não menos a illustrárão os Almirantes Hughes, Parker, Howe, e outros. Em 1780 se formou na India contra a Companhia a Confederação de Haider Ali, com o Nizam, e os Maratás; declarou a Grã-Bretanha a guerra á Hollanda, que perdeo em 1781 o seu estabelecimento de Sumatra e outros; e no anno seguinte, depois de varios successos, já prosperos, já adversos, offerecendo sua mediação a Imperatriz Catherina II da Russia, assignou-se hum Tratado provisional entre a Inglaterra e a America em 30 de Novembro de 1782, pelo qual foi reconhecida a independencia dos Americanos, no fim de quasi sete annos de guerra, em que a Inglaterra consumio immenso cabedal, e augmentou muito a sua divida publica. A illustrada policia de Lord *Chatam* assaz diligenciára fazer adoptar nesta guerra medidas de conciliação; mas

prevaleceo a obstinada politica de Lord North, primeiro Ministro. A França logrou esplendidas victorias navaes por meio dos seus Almirantes Suffren, d'Estaing, e Lamothe-Piquet; a Marinha d'Hespanha foi menos feliz; com tudo a Florida occidental cahio em poder dos Hespanhoes; mas os seus esforços contra Gibraltar forão inuteis. Portugal, tendo obtido ficar neutral, gozou de grandes vantagens no seu commercio, o qual se elevou então a grande prosperidade.

Princiárão nesta época a brilhar os grandes talentos de Pitt, do immortal Guilherme Pitt, (filho do Lord Chatam, do mesmo appellido), apenas na idade de vinte e hum annos nomeado primeiro Lord do Thesouro e Chanceller do *Echequer*, que depois deo tanta gloria á sua patria, e se constituio o maior Estadista do seu tempo. Não menos dignos de nome florecião já os célebres Burke, Sheridan, e o eloquente Fox.

Restituida a paz, continuárão a occupar a attenção do Governo os negocios domesticos, sendo o que mais estrondo fez o processo de Hastings, Governador de Bengala, accusado de má administração; processo que durou annos desde o de 1787, ficando elle absolvido a final. Neste mesmo anno de 87 concluio a Corte de Londres dois vantajosos tratados de commercio, com a Hespanha em 14 de Julho, e com a França em 26 de Setembro. Foi tambem neste anno que principiou Wilberforce a propôr a abolição da Escravatura, auxiliado pela eloquencia de Pitt. No anno de 1788 veio novo ataque mental privar o Rei de poder por si exercer as funcções da Soberania, até que em Março do seguinte anno se participou o seu restabelecimento com grande jubilo da nação.

Approximava-se a época terrivel e eterna-

mente memoravel da revolução Franceza; lavrava a devastadora torrente das idéas de libertinagem e impiedade; saltárão na Inglaterra em 1791 faiscas do incendio que abrazava a França, e perturbárão o publico socego; foi preciso recorrer á força armada. Tinha a guerra principiado na India em 1790 entre a Companhia e o Tippoo, ou Tipú Saib, e neste de 91 cercou Lord Cornwallis Seringapatão, capital dos Estados deste formidavel inimigo, que seguindo as pizadas de Hider-Aly, (ou Haider-Aly) pugnou com a maior coragem contra as forças Inglezas, até que sua completa derrota em 1799 (omittidas outras antecedencias) deixou os Inglezes absolutos Senhores da maior e melhor parte do Indostão:

A politica dos Gabinetes da Europa deixava a França victima do partido demagogo, até que o tratado de Pilnitz em Agosto de 91 parecia occorrer á fatal subversão da sua legitima Soberania; mas a morte do Imperador Leopoldo d'Austria deixou a Prussia quasi só em campo, e por fim a retirada do Duque de Brunswik em Setembro de 92 poz os Francezes senhores de proseguirem suas medidas revolucionarias. Já Luiz 16 tinha cahido debaixo do cutello dos assassinos, em Janeiro de 1793, quando, a esta horrorosa noticia, que encheo de consternação o Monarca e Povo Britannico, bem como todos os da Europa, se mandou sahir o Embaixador Francez Chauvelin da Corte de Londres, ficou declarada a guerra, unindo-se a Grã-Bretanha á nova alliança geral, e sustentando esta resolução com tal firmeza, que, jámais deixou Jorge III de pugnar pela mais justa das causas. Logo em Fevereiro de 93 marchou o Duque de York para a Hollanda com forças, que merecião me-

lhor successo. Se porém as tropas Inglezas, não obstante o valor e disciplina que sempre mostrárão, tiverão nos primeiros annos da Revolução pouco prosperos successos, a Marinha Britannica adquirio os mais gloriosos troféos, e subio ao maior fastigio de grandeza a que nunca se vio elevada a Marinha de nação alguma. Lord Hood, com 20 náos de linha, unido aos Hespanhoes, cuja Esquadra commardava D. João de Langara, tomou a 28 de Agosto de 93 a principal estação maritima da França, Toulon; e em Dezembro, vendo não podia conservar a conquista, queimou o Arsenal, armazens, e embarcações, á excepção das Náos e Fragatas, com que se augmentou a Armada Ingleza. No seguinte anno, de 1794, bate o Lord Howe á Esquadra Republicana de Brest, que deixou 6 Náos em poder dos vencedores. Neste mesmo anno triunfavão as armas Britannicas na India, e nas Antilhas; nestas forão tomadas a Martinica, Guadalupe, e Santa Luzia, Ilhas da França; e naquella as suas possessões de Pondichery, Chandernagor, e Mahé.

Entrou o anno de 95, e já parecia desagradar a guerra ao Povo Britannico, quando nova victoria ganhada por Lord Bridport, em que tomou 3 Náos Francezas, fez mudar a opinião. Reunio-se em Inglaterra hum corpo de emigrados Francezes, fez-se hum desembarque na França perto de Quiberon, empreza mal traçada, e infeliz, que fez retirar com grande perda os Inglezes, e entregou aos Revolucionarios grande numero dos emigrados, que forão passados pelas armas. Tinha a este tempo a Hollanda succumbido á França, e por conseguinte ficavão as suas possessões ultramarinas expostas ás armas Britannicas; o Cabo da Boa Esperança, e os estabelecimentos preciosos que

tinha em Ceylão, cahirão immediatamente em poder dos Inglezes. Algumas esperanças de paz luzírão no fim deste anno, mas desvanecêrão-se, e continuárão as hostilidades contra as Republicas Franceza e Bátava no de 96 com prosperas vantagens. Na altura do Cabo da Boa-Esperança tomou o Almirante Elphinstone huma grande frota de Navios Hollandezes da India. Immortalisou-se o Capitão Trollope, commandando huma Embarcação de 54 peças, com a qual, depois de longo e obstinado combate, obrigou huma esquadra Franceza de 6 Fragatas, 1 Brigue, e 1 Cuter a entrar destroçada em Helvoetsluis. Os descontentes da Irlanda tinhão neste anno dado azo a emprehender a França hum desembarque naquelle Reino com 18$ homens; apenas chegárão a pôr pé em terra alguns, que forão aprizionados sem resistencia.

A Hespanha, que jámais devêra abandonar os alliados na justa causa contra a Nação Franceza revolucionada, fez com ella a paz, e, o que mais admirou, veio a ser sua alliada. Suas forças navaes unidas ás da França parecião formidaveis, e capazes juntas ellas de, se não aterrarem, ao menos paralysarem nos seus triunfos a Marinha Britannica. Mas no principio do anno de 1797 se vio dar esta hum golpe terrivel na da Marinha Hespanhola, ganhando Jervis na altura do Cabo de S. Vicente com 15 Náos de linha huma das mais assignaladas victorias contra 22 Náos Hespanholas, quatro das quaes forão tomadas. Foi nesta acção que o grande Nelson na sua Náo Captain, de 74, tomou duas Náos Hespanholas por abordada, e daqui principiou huma serie de illustres proezas a immortalisar seu nome.

Tomárão os Inglezes neste anno a Ilha da Trindade; mas falhárão em suas emprezas contra

Porto Rico, Cadiz, e Tenerife. Destinava-se a armada Hollandeza a sahir do Texel para se unir á Franceza de Brest, mas não o podia fazer pelo desvélo com que era bloqueada pelo Almirante Duncan; até que, obrigado este por hum temporal a largar o bloqueio, aproveitou esta occasião o Almirante Hollandez Winter para sahir com a sua Esquadra composta de 11 Náos, 4 Navios de 56, e algumas Fragatas. Avisado Duncan, sahe-lhe ao encontro com a sua Esquadra, e depois de terrivel combate, ficão em poder dos Inglezes 8 Náos Hollandezas, entrando a do Almirante e a do Vice-Almirante. Duncan foi creado Par, como o fôra Jervis. Os negocios domesticos erão menos favoraveis: o espirito publico estava inquieto; a suspensão de pagar em dinheiro os bilhetes do Banco, os excessivos impostos, e outros motivos fazião necessarias medidas energicas e sabias; Pitt soube com sua destreza occorrer aos progressos do mal. Na Irlanda porém era mais difficil restituir o socego, porque a França instigava os insurgentes. As victorias dos Exercitos Francezes obrigárão a Austria, unica Potencia do Continente que a este tempo combatia contra a França, a fazer a paz com a Republica; e ficava por tanto a Grã-Bretanha sendo a unica que sustentava a lide; pareceo pois ao Gabinete Britannico acertado entrar em negociação com o Directorio, o qual conveio nisso, e foi Lilla designada para as conferencias. Foi alli enviado Lord Malmsbury, que chegou em Julho de 97, e depois de varias conferencias, querendo altivos os Plenipotenciarios Francezes a plena restituição de tudo quanto os Inglezes tinhão tomado, retirou-se em Setembro o Plenipotenciario Inglez, e continuou a guerra maritima, a pezar da paz do Continente, de que a Fran-

ça se aproveitava para levar as suas armas ao Egypto, subjugando de caminho Bounaparte, Chefe da Expedição, a Ilha de Malta.

A agitação da Irlanda era fomentada pela França, que ainda no principio do anno de 98 tentou alli novo desembarque, de que só tirou ruina, sendo batidos os descontentes, e os Francezes; e ainda depois cahio em poder do Almirante *Warren* huma Náo e 6 Fragatas com tropas e munições, que de França hião para a Irlanda. As emprezas de desembarque sahião funestas em ambos os paizes, pois tambem se mallogrou a que neste anno fizerão os Inglezes em Ostende. Em França porém não se fallava senão em hum desembarque na Inglaterra; reunírão-se corpos na Costa, e deo-se-lhes o nome de Exercito d'Inglaterra; mas tudo em vão. Neste meio tempo sahio de Toulon, a 19 de Maio, Buonaparte em huma Esquadra de 13 Náos, 7 Fragatas, e outros vasos menores, com 20$ homens de tropas escolhidas, sendo ignorado o seu destino; porém o Ministerio Inglez mandou Nelson observar o seu movimento. Demorou-se muito a reunião de forças Inglezas no Mediterraneo, e entretanto toma Buonaparte Malta em 12 de Junho, e parte para o Egypto, onde desembarca no 1.º de Julho, e rende Alexandria no dia seguinte. Só no 1.º de Agosto teve Nelson noticia da Armada Franceza, fundeada na bahia de Aboukir; faz logo passar parte da sua Esquadra entre a terra e os Navios Francezes, e mette-os assim entre dois fogos. Não apresentão mais completa victoria os Fastos da Marinha Ingleza; 9 Náos tomadas, 2 destroçadas, huma das quaes era a famosa Náo *Oriente* de 120 peças, além de duas Fragatas destruidas, forão os trofeos de tão glorioso triunfo, o qual elevou o Nome de

Nelson á esfera dos Heroes da primeira classe, e cortou aos Francezes os seus melhores recursos navaes.

Entrou o anno de 99, e logo em Janeiro se propoz no Parlamento a união da Irlanda, como meio o mais efficaz de evitar os designios da sua separação dos Dominios Britannicos, que a França tanto fomentava. Desembarcárão os Inglezes na Hollanda Septentrional hum exercito de 35$ homens, 18$ dos quaes erão Russianos, em virtude de hum tratado do anno precedente entre os Gabinetes de S. Petersburgo e Londres. O primeiro resultado deste desembarque foi a tomada da Ilha do Texel, e da Armada Hollandeza composta de 18 Náos, e 23 Navios menores. Era General deste Exercito o Duque de York, o qual, obtendo vantagens assignaladas ao principio, se vio obrigado a regressar com as tropas do seu commando para Inglaterra. — Continuava na India a guerra; pela tomada Seringapatam a 4 de Maio deste anno, e morte Tipoo-Saib, ficárão os Inglezes Senhores do Reino de Mysore. Em Agosto se apoderarão da colonia Hollandeza de Surinam.

O anno de 1800 principiou com apparencias de paz, porque tendo Buonaparte voltado a França, e conseguido pôr-se á frente da Nação com o titulo de Primeiro Consul desde que em 9 de Novembro de 99 se abolira o Directorio, assentou nada convinha tanto naquella época á França como a paz; para cujo effeito escreveo a Jorge III huma carta, que talvez seja a unica sua proposta em que luzisse hum desejo sincero de pacificação. A resposta de Lord Grenville, então Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, não só era pouco análoga, mas hum pouco imprudente; e assim ficou subsistindo a guerra. Concluio-se nes-

te anno a reunião da Irlanda. A 5 de Setembro tomárão os Inglezes Malta aos Francezes; a 11 do mesmo mez se apoderárão de Curaçao, colonia da Hollanda; e em Abril se tinhão sem custo assenhoreado de Goréa, Ilha da Costa d'Africa, pertencente á França. A Esquadra Ingleza do Mediterraneo, commandada por Lord *Keith*, que escoltava 20$ homens ás ordens do General Abercrombie, dirigidos depois ao Egypto, ameaçou Cadiz, mas sem effeito. — Pela dispersão dos Cavalleiros de Malta, tinha Paulo I, Imperador da Russia, tomado o titulo de Grã-Mestre da Ordem, e conservava esperanças de obter a posse daquella Ilha; desenganado porém desta esperança, e movido de outras causas, concorreo com as Potencias do Norte para formarem huma neutralidade armada a fim de manter contra a Inglaterra a liberdade dos mares.

A 14 de Janeiro de 1801 forão embargados nos portos da Grã-Bretanha os Navios das Potencias do Norte confederadas, e fizerão o mesmo estas Potencias. Partio depois para o Baltico huma Armada poderosa, ás ordens de *Parker* e *Nelson*, que entrou no Sund a 30 de Março, sem resistencia, a pezar dos grandes preparativos que para isso se tinhão feito. Fundeou a Armada Ingleza perto da Ilha de Huen; a Dinamarqueza estava ancorada na enseada de Copenhague, flanqueada pela terra e pelo mar de fortes baterias. Pedio *Nelson*, e lhe foi concedido atacar esta formidavel linha de defensa; e deo principio á acção (em 2 de Abril) com doze Náos, 4 Fragatas, e outras embarcações menores: foi horrorosa a peleja; e o mesmo *Nelson* confessava ser a mais terrivel facção em que se vira. Toda a linha Dinamarqueza ao Sul das Ilhas da Coroa estava já destruida,

quando Nelson propoz e tratou hum armisticio com o Principe de Dinamarca. A morte de *Paulo I*, que se disse apparecera morto em 22 de Março, e a exaltação ao throno de seu filho Alexandre I, restituio a paz ao Norte. — No Egypto erão igualmente felices as armas Britannicas unidas ás dos Turcos contra os Francezes, a ponto de serem estes obrigados a evacuar aquella região, em consequencia da batalha de Alexandria, em que pereceo victorioso o General Inglez Abercrombie, e depois da tomada do Cairo. Neste anno se reunio o primeiro Parlamento Imperial do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, a 22 de Janeiro; Pitt havia dado esperança aos Catholicos Irlandezes de que se estenderia a elles a fruição de todos os privilegios politicos; o Monarca oppoz-se a isso; e esta circunstancia, além de outras assaz ponderosas, moveo aquelle Ministro a pedir a sua demissão, a que se seguírão as de outros Ministros. Entrou para primeiro Ministro Addinghton, Presidente da Camara dos Communs, e nomeárão-se os outros necessarios para os lugares vagos do Ministerio. Os tumultos, que se tinhão renovado e augmentado, fizerão necessaria a medida da suspensão do *Habeas Corpus*, (medida que se não tinha posto em pratica desde 1793), e outras providencias contra os ajuntamentos sediciosos.

Livre a França da guerra continental pela paz de Luneville, feita a 9 de Fevereiro de 1801, dedicou-se por todos os modos á guerra maritima; a invasão da Inglaterra soou por toda a parte, formárão-se campos, e reunio-se huma Armada Hespanhola á Franceza de Brest. Forão proporcionados ao perigo os preparativos da Inglaterra, cujas forças navaes, elevadas ao maior auge, tanto

em numero, como pela pericia dos Chefes, se disposerão de modo que frustrárão os intuitos dos Inimigos. O Almirante Inglez *Saumarez* atacou em Algeziras o Almirante Francez *Linois*, com pouco fructo; mas sahindo ao mar a 12 de Julho a Esquadra Franceza, reforçada por 6 Náos Hespanholas, *Saumarez* lhe apresentou batalha; forão pelos ares 2 das Náos Hespanholas de 112 peças, e outra de 74 foi tomada. Na Mancha fez *Nelson* huma tentativa infructuosa em Agosto contra os Navios Francezes do porto de Bolonha, os quaes se achavão prezos com cadeias huns aos outros, perdendo os Inglezes algumas embarcações nesta empreza.

Foi sempre hum dos objectos dos inimigos da Grã-Bretanha separalla da sua alliança com o Reino de Portugal, e neste anno de 1801, unidas as forças da França e da Hespanha, e á sua frente o funestamente celebre *Principe da Paz*, invadírão este Reino com arrogancia, mas sem acção de nome, mais que a tomada de Olivença, cuja cessão se fez á Hespanha nos Preliminares de Badajoz de 5 de Junho, de que outros tratados posteriores nos tem promettido restituição, sem que até agora se tenha visto seu cumprimento. A 29 de Setembro concluio-se em Madrid o Tratado definitivo. A Inglaterra mandou nesta occasião huma expedição tomar posse da Ilha da Madeira, a fim de a segurar (se dizia) á Coroa de Portugal. — Chegou finalmente a concluir-se a paz entre a Inglaterra e a França, cujos preliminares se assignárão no 1.° de Outubro, com extrema alegria de ambas as Nações. O tratado de Amiens, de 27 de Março de 1802, ultimou a paz, entregando a Inglaterra á França, Hespanha, e Hollanda todas as conquistas que lhes fizera durante a guerra, excepto a

Ilha da Trindade e a de Ceilão, que lhe forão cedidas pela Hespanha e Hollanda. Foi então reconhecida a primeira independencia da Republica das Sete Ilhas Jonias, sob a protecção da Russia.

Apenas decorreo hum anno de plena paz. A Inglaterra demorava cautelosa a entrega de Malta, a França preparava e augmentava as suas forças militares e navaes, o Primeiro Consul não fez caso das representações de Lord Whitwort, Embaixador Inglez em París, a este respeito. Os Francezes invadírão o Hanover, e a Italia, reunio-se hum formidavel exercito na Costa para a invasão da Grã-Bretanha, juntou-se em Boulonha huma flotilha para esse effeito; mas os cruzeiros Britannicos destruírão muitas baterias da costa; bloqueou logo huma esquadra de Fragatas o Elba e o Weser, e depois os portos da França; arvorou Nelson a sua Bandeira de Commandante em Chefe no Mediterraneo na Náo Victoria de 110 peças, passando com huma Esquadra a observar a Franceza de Toulon. Chamou-se toda a Milicia Ingleza ás armas, e tomárão-se todas as providencias para resistir ao desembarque dos Francezes, que foi desta vez disposto com maiores forças que nunca, e de que Buonaparte em pessoa apressava a execução. Nas Antilhas commandava Lord Hood huma expedição, cujas emprezas submettêrão á Inglaterra as Ilhas de Santa Luzia e Tabago, bem como se rendêrão as colonias Hollandezas de Demerara, Essequibo, e Berbice ás armas Inglezas. Não erão estas menos felizes na India, onde neste anno rompêra a guerra, na qual teve grande parte o Major General Arthur-Wellesley, hoje Duque de Wellington, que na Asia colheo illustres louros, precursores da immortal gloria que a Providencia lhe reservava na Europa. O exito feliz desta guerra da India desfez

a poderosa liga formada contra os Inglezes naquella região, e anniquilou a influencia Franceza nas Cortes Indianas.

Em Fevereiro de 1804 sobreveio novo ataque mental do Rei, calamidade que em taes circunstancias muito era de sentir; mas restabeleceo-se em poucos mezes. Entrou novamente Pitt no Ministerio, o qual se renovou de outros Ministros, e se mostrou mais energico que o precedente. A actividade da Marinha Ingleza obteve neste anno alguns notaveis triunfos; a tomada de Goréa, e de Surinam, accrescentárão as novas conquistas Inglezas; e na Asia, suscitando a guerra o Chefe Maratá *Holkar*, triunfárão as armas Britannicas commandadas pelos Generaes Frazer, Wellesley, e Lake. Hum successo bem notavel deste anno, e que certamente não honrou muito quem o promoveo, foi a tomada das 4 Fragatas Hespanholas que conduzião a Cadiz importantes thesouros da America; a 5 de Outubro forão avistadas pelo Capitão *Moore* que o Ministerio Inglez, em paz com a Hespanha, enviára cruzar diante de Cadiz para este fim: foi pelos ares a Fragata *Mercedes*, de que só escapárão 40 pessoas, e as outras arriárão bandeira, e se entregárão. O motivo dado pelo Ministerio Inglez foi, que estes cabedaes erão destinados para o serviço da França; parece pedia a honra, e o Direito das Gentes, se tivesse antecedentemente declarado a guerra á Hespanha por motivos justos, ou ao menos especiosos. Em 12 de Dezembro fez a Corte d'Hespanha, fundando-se principalmente neste facto, publicar a sua declaração de guerra contra a Inglaterra. Não ha duvida que esta tinha motivos de queixa contra a Hespanha, que a pezar da paz auxiliava clandestinamente a França, a quem pelo tratado de *Santo Ildefonso* se tinha

obrigado a dar soccorros. Mas atacar sem prévia declaração aquelles navios não podia ser acção louvavel, e na mesma Inglaterra foi altamente desapprovado este procedimento. Nos fins deste anno de 1804 assumio Buonaparte o titulo de Imperador dos Francezes, e reconhecido pelo medo, ou pela incomprehensivel politica dos Gabinetes do Continente, propoz novamente a paz á Inglaterra em huma carta ao Rei, datada a 2 de Janeiro de 1805, a que foi respondido, que era precizo serem ouvidos os alliados da Grã-Bretanha, e por fim nada se concluio.

A alliança da França com a Hespanha dava maior extensão á guerra maritima, e convinha fazer no Continente huma diversão; a Austria se poz em campo, e abrio Buonaparte a guerra na Alemanha com os mais prosperos successos, atacando e batendo os Austriacos quasi d'improviso; pela rapida marcha do exercito Francez das costas da Bretanha até as margens do Danubio, e conquista subita da praça d'Ulm, evitou a juncção dos Russos aos Austriacos, entrou em Vienna, e ganhada a victoria *d'Austerlitz* contra os Russos unidos ás reliquias do Exercito da Austria, concluio com esta a paz de *Presburgo.* Se a Inglaterra via com magoa succumbirem no Continente os seus alliados, tinha a gloria de colher illustres louros por meio de suas armadas. Illudida a vigilancia de *Nelson*, que bloqueava Toulon, sahio deste porto o Almirante *Villeneuve* com 11 Náos e 2 Fragatas, e navegou a Cadiz; juntárão-se-lhe seis Náos Hespanholas e mais huma Franceza, e dirigio-se esta poderosa Armada ás Antilhas. Seguio-a Nelson com 10 Náos, mas sem poder conseguir que o inimigo lhe offerecesse acção; antes, sem nada emprehender, se fez na volta de

França o Almirante *Villeneuve*, tendo 20 Náos e 5 Fragatas debaixo do seu commando; encontrado porém a 22 de Julho pelo Almirante Inglez *Calder*, que cruzava na altura do Cabo de Finisterræ, perdeo duas Náos de linha. *Nelson*, que voltára a Inglaterra, passou a tomar o commando da Esquadra do Almirante *Collingwood*, que bloqueava Cadiz; e deixando alli só algumas Fragatas, fêz-se na volta do Cabo de Santa Maria, e conseguio assim, que a Esquadra combinada Franceza e Hespanhola sahisse de Cadiz. Na sua derrota para o Estreito, na altura do Cabo de *Trafalgar*, avistando Nelson, apresentão-lhe batalha, e por espaço de quatro horas se batêrão as duas Esquadras com horrivel encarniçamento, e da parte dos Inglezes com hum dos mais completos triunfos de que fazem memoria os Fastos Navaes dos seculos modernos. Dezenove Náos Francezas e Hespanholas forão tomadas nesta batalha (dada no dia 21 de Outubro) entrando a do Almirante *Villeneuve*, e as dos dois Vice-Almirantes Hespanhoes; porém alli acabou seus dias o victorioso *Nelson*. Quatro Náos ainda forão cahir em poder dos Inglezes, que cruzavão á frente do Ferrol. Com tudo, não poderão aproveitar os Inglezes todas as prezas tomadas em Trafalgar, porque o pessimo tempo os obrigou a destruir a maior parte dellas. — Na India, depois de varios successos, concluio-se a paz com *Holkar* a 24 de Dezembro.

A morte de *Pitt* em 23 de Janeiro de 1806 privou a Grã-Bretanha deste grande homem, ao qual forão tributadas as maiores honras: mudou-se então totalmente o Ministerio. Os ambiciosos planos de *Napoleão* sempre erão precedidos de alguma nova proposta de paz á Inglaterra; este anno se repetio igual estratagema, que teve o mes-

mo exito que os precedentes. Seguio-se a guerra destruidora da Prussia, e continuava na Italia contra Napoles, a quem os Inglezes auxiliavão: a pezar de victoriosos em *Maida*, o resultado foi ficar Napoles em poder dos Francezes, e José Buonaparte no throno de Fernando IV. Neste mesmo anno se converteo em Monarquico o Governo das Sete Provincias-Unidas, pondo alli *Buonaparte* o seu Irmão *Luiz*. — A Hespanha, submettida ao desgraçado governo ou direcção do Principe da Paz, não era mais que hum ludibrio do Gabinete de Buonaparte, e mal podia obstar aos projectos que este deixava perceber contra Portugal. Enviou a Inglaterra huma Esquadra ao Tejo, de que era Almirante Lord *Jervis*, Conde de S. Vicente; mas cessou momentaneamente o perigo, para no anno seguinte vir mais terrivel em seus effeitos, a pezar das apparencias de que veio revestido. Neste anno foi conquistado o Cabo da Boa-Esperança aos Hollandezes, e tomou o General *Beresford* Buenos Ayres; foi esta ultima empreza suscitada pelo Cavalheiro *Home Popham* sem authorisação do Governo Inglez, mas o seu exito causou em Inglaterra grande alegria, posto que nenhum fructo se tirou da mesma empreza. Não forão tão notaveis como no anno precedente os successos maritimos; porque, reduzidas as forças navaes inimigas a quasi perfeita nullidade, não se podião offerecer acções brilhantes: não obstante isso, o Cavalheiro *Duckworth*, encontrando a 20 de Janeiro (de 1806) huma divisão de 5 Náos, 2 Fragatas, e hum Brigue da Esquadra que sahíra de Brest em Dezembro de 1805, tomou tres daquellas Náos, e as 2 restantes derão á costa e forão queimadas: o Cavalheiro *Warren* aprisionou o Almirante Francez *Linois*, que voltava de ter cruzado na India,

a bordo da Náo *Marengo*, de 80 peças: e o Cavalheiro *Hood* tomou perto de Rochefort 5 grandes Fragatas Francezas que levàvão tropas para as Antilhas. Havia neste tempo algumas desavenças entre a Grã-Bretanha, e os Estados-Unidos, que parecia ficarem arranjadas em hum tratado que se concluio, mas que o Presidente Jefferson não quiz ratificar. Em Setembro perdeo a Inglaterra o famoso *Fox*, antagonista formidavel de Pitt, não menos habil que este, mas quasi sempre á testa do partido da Opposição, até que por fim entrou no Ministerio.

Continuava no Continente a guerra entre a França, e a Russia, que na Prussia depois da batalha de Jena já não tinha mais que hum debil alliado; tinha a Inglaterra intervindo na guerra da Russia contra a Porta, e tinha mandado com propostas o Almirante *Luiz* aos Dardanellos com huma Esquadra, na qual embarcárão alli os Embaixadores Russiano e Inglez; e no principio do anno de 1807 foi o Cavalheiro *Duckworth* com outra Esquadra destinado a bombardear Constantinopla, se o Porta não accedesse a certas condições. Não foi bem succedida esta empreza; teve melhor exito porém a da expedição de 5$ homens contra Alexandria do Egypto, que capitulou a 20 de Março; sem embargo disso, depois de varios successos evacuárão os Inglezes aquelle paiz. No 1.° de Janeiro tinhão os Inglezes tomado a colonia Hollandeza de *Curaçao*, e as forças enviadas no outomno precedente ao Rio da Prata tomárão em Janeiro Montevideo, e 57 Navios no seu porto. Em Março partio para aquelle ponto com reforços o General *Whitelocke*; mas o General Francez *Linieres*, ao serviço da Hespanha, de tal modo se houve, que os Inglezes abandonárão aquella con-

quista, e o General *Whitelocke* foi posto em Conselho de Guerra, e declarado por fim incapaz e indigno do Real Serviço.

Tinha *Buonaparte* em seu extravagante decreto de Berlin *bloqueado* nominalmente a Grã-Bretanha, e procurava todos os meios de arruinar o seu Commercio; para o que projectava induzir a unir-se-lhe a neutral Dinamarca, esperando descarregar grande golpe nos Inglezes fechando-lhes o commercio do Baltico. Entendeo o Gabinete de Londres que contra as occultas maquinações do de París não convinha seguir o curso ordinario das declarações de guerra antes das hostilidades. *Napoleão* tinha concluido com a Russia a 7 de Julho a paz de *Tilsit*, de que devião provir grandes males á Inglaterra, e ao Sul da Europa; era precizo hum grande golpe; foi o raio cahir em *Copenhague*. Huma expedição de 20$ homens, ás ordens de Lord *Gambier*, preparada em segredo, deo á vela para o *Sund*. Dirigio-se previamente *Jackson* a propôr ao Gabinete Dinamarquez a entrega da Esquadra, a qual seria restituida á Dinamarca logo que se fizesse a paz entre a França e a Inglaterra. Não he de admirar se recusasse esta proposição, que nada tinha de honrosa. Em consequencia disto bombardeou a Armada Ingleza *Copenhague*; por tres dias e tres noites durou o estrago; capitulou a Cidadella, e foi entregue no dia 7 de Setembro aos Inglezes, como o fôra toda a Armada Dinamarqueza, constando de 18 Náos, 15 Fragatas, e outras embarcações menores, e todos os armazens de aprestos navaes. Não recebêrão os Inglezes a Armada como preza, declarárão que a conduzião para Inglaterra em deposito, e que só se consideraria preza se a Dinamarca commettesse ulteriores hostilidades contra a Grã-Bretanha. Nes-

te tempo principiava a dispôr Buonaparte a invasão de Portugal, precedendo a execução de seus projectos com a pretenção de fechar os nossos portos aos Inglezes, até que achando no Gabinete d'Hespanha a ambição e perfidia de *Godoy*, veio á falsa fé hum Exercito impôr-nos o jugo, que talvez nunca podéra impôr-nos pelas armas. A resolução de Sua Magestade ElRei Nosso Senhor frustrou as vistas do *Corso*. Da Esquadra Ingleza, que viera bloquear a foz do Tejo, ás ordens de *Sidney Smith*, forão destacadas 4 Náos que acompanhárão a Esquadra Portugueza, que conduzia ao Brasil a Real Familia. Em Dezembro tomárão os Inglezes as Ilhas de S. Thomás, S. João, e Santa Cruz pertencentes aos Dinamarquezes.

Abrio-se em 31 de Janeiro o Parlamento, por meio de huma Commissão do Rei, cujo discurso apresentou o quadro funesto em que se via a Grã-Bretanha; estava-lhe fechada a communicação com todos os paizes da Europa, á excepção da Suecia. Mas este estado violento não podia durar, sobre tudo pela má politica do Chefe da França, que, não obstante ver-se illudido em seus pérfidos projectos contra Portugal, pela passagem da nossa Corte para além do Atlantico, ainda se persuadio que bastavão os seus abjectos procedimentos de Baiona para se apoderar pacifidamente de toda a Peninsula. Assim que em Hespanha soou em Maio de 1809 o clamor da liberdade contra os oppressores, logo se buscou o auxilio da Inglaterra; e unidos em breve os Portuguezes contra o inimigo commum, em pouco tempo se apresentou huma expedição Ingleza nas costas de Portugal, e forão expulsos deste paiz os seus perfidos invasores. As acções da Roliça e do Vimeiro principiárão huma serie de victorias, qual nunca tinha

gozado tão seguida o Exercito Inglez, e pareceo que desde que se unio ao Exercito Portuguez ficou igualmente desfructando a gloria constante do triunfo, que se pode dizer anda ha tantos seculos vinculada aos nossos guerreiros, que desde a fundação da Monarquia raras vezes combatêrão que não ficassem victoriosos. Unidos com elles os soldados Britannicos, lançou Wellesley perpetuos alicerces á sua immortal fama. A guerra da Peninsula, em que a Grã-Bretanha teve tanta e tão honrosa parte, não entra neste rapido bosquejo do reinado de Jorge III senão perfunctoriamente, não só por ser assumpto mui longo para ser tratado por extenso em huma Memoria, mas porque estão em Portugal mui frescas as recordações destes successos, e da grande parte que nelles teve a Nação Britannica; por isso apenas de passagem irei tocando os mais notaveis de cada anno de tão renhida como gloriosa luta. Neste anno de 1808 entrárão os Russos na Finlandia, e achou-se em guerra a Suecia com a Russia, Prussia, e Dinamarca, tendo só por sua alliada a Inglaterra, que lhe enviou hum soccorro de 10$ homens ás ordens do Cavalheiro *João Moor*, que chegou a Gothemburgo a 17 de Maio; mas como não quizesse concorrer o General Inglez para os planos de *Gustavo IV*, porque os julgava pouco adequados, excitou de tal modo a colera daquelle Rei, que se vio obrigado a fugir disfarçado da sua presença, e voltar com as tropas Inglezes ao seu paiz sem terem desembarcado. — O Almirante *Keats*, postado no Belt grande, enviou hum destacamento de Canhoeiras para proteger o embarque das tropas Hespanholas do Marquez de *LaRomana*, que derão á Hespanha hum reforço de perto de 10$ veteranos. Passou o General *Moore* a commandar os Inglezes

em Hespanha, que em consequencia da batalha de Tudéla se virão obrigados a retirar-se. O Almirante *Hood* fez com os Suecos diligencia por atacar huma Esquadra Russa no Baltico em Agosto, mas apenas lhe destruio huma embarcação. A Esquadra do Almirante Russiano *Siniavin*, fundeada no Tejo, entregou-se ao Almirante Cotton por Capitulação. A Marinha Dinamarqueza, que estava reduzida a 2 Náos de 74 desde o anno precedente, perdeo neste de 1808 huma dellas, tomada, e queimada pelos Inglezes na costa de Selandia. Assim tinha a Grã-Bretanha conseguido, acabar com quasi toda a Marinha da Europa, e reduzir ao seu dominio quasi todas as colonias da França, Hollanda, e Dinamarca; as duas Ilhas Francezas *la Desirade*, e *Maria Galante*, nas Antilhas, vierão no principio do mesmo anno a cahir em seu poder.

A pezar dos talentos do General *Moore*, e do valor que o seu exercito mostrou na batalha da Corunha, em Janeiro de 1809, o grande poder do inimigo, e a morte daquelle General fizerão indispensavel o embarque das tropas Inglezas no porto da Corunha. *Arthur Wellesley* tomou em Abril o commando em Portugal, trazendo hum reforço de tropas escolhidas, e foi nomeado General em Chefe do exercito alliado; fòra encarregado poucos mezes antes o General Beresford da organisação e commando do Exercito Portuguez, que com admiravel presteza se poz capaz de emparelhar com os primeiros exercitos da Europa. Os Francezes ás ordens de Soult invadírão o Minho em Março, entrando no Porto a 29; em 12 de Maio foi restaurado o Porto pelas tropas Anglo-Lusitanas, e expulso o inimigo do Norte de Portugal. Passou então Wellesley á Hespanha, e em Julho

ganhou a victoria de Talavera, acção principal do exercito Inglez na Peninsula neste anno. Tendo-se declarado a guerra da Austria contra a França, quiz a Grã-Bretanha fazer huma diversão na Hollanda, e alli enviou hum corpo de exercito de 40$ homens ás ordens do Conde *Chatam*; mas a rapidez com que Buonaparte obrigou a Austria á paz, junta á demora que teve aquella expedição em sahir d'Inglaterra, mallogrou o seu effeito. Não foi mais feliz a diversão que o General Stuart quiz fazer com 15$ homens do Exercito Inglez da Sicilia nas Costas da Calabria. Mais felices successos entregárão nas mãos dos Inglezes a Martinica, o Senegal, S. Domingos, antiga Capital da parte Hespanhola desta Ilha de que estavão de posse os Francezes, e tambem se assenhoreárão de algumas das Ilhas Jonias. O Almirante *Collingwood* mandou huma Divisão da sua Esquadra no alcance de outra de 3 Náos, 2 Fragatas, e 2 Brigues Francezes, que sahirão de Toulon em Outubro; duas Náos Francezas forão obrigadas a varar na foz do Rhodano, e o comboi foi destruido na bahia de Rosas na Catalunha, onde se refugiára. Outra empreza notavel foi a destruição de parte da Esquadra Franceza, que se achava fundeada na enseada da Ilha d'Aix, perto de Rochella, no mez de Abril; facção em que teve a maior parte o celebre Lord Cochrane. Tambem tiverão parte algumas tropas Inglezas juntas com as Portuguezas na tomada de Cayenna em 12 de Janeiro deste anno. A deposição do Rei Gustavo IV de Suecia restabeleceo a paz desta com as Potencias do Continente, e separou-a da alliança da Grã-Bretanha.

A desgraçada campanha da Austria, e a frustrada empreza do desembarque na Hollanda, tinhão dado grandes motivos á Opposição para

atacar as medidas dos Ministros, e forão grandes os debates no Parlamento na sessão principiada em Janeiro de 1810. No mesmo mez de Janeiro fez o Monarca Britannico saber a sua magnanima intenção de ter em Portugal hum Corpo de 30$ homens, e de dar hum subsidio de 980$ libras esterlinas para a manutenção de hum corpo de 30$ Portuguezes, resolução participada ao Parlamento a 16 de Fevereiro. Fazião progressos os Francezes na Hespanha; tomárão Sevilha, cercarão Cadiz, ultimo refugio do Governo Hespanhol. O objecto principal que este anno occupou o inimigo foi a conquista de Portugal, onde se dispoz a entrar Massena com hum exercito de 80$ homens escolhidos. Cahio Ciudad-Rodrigo em 15 de Julho, e Almeida em 27 de Agosto em poder dos invasores. Entre tanto Wellington dispunha o seu plano de defensa, e fazendo alto, espera os Francezes na serra de Bussaco, e ganha a 27 de Setembro a celebre batalha deste nome, em que teve occasião de ficar plenamente convencido do extremado valor das tropas Portuguezas, e da confiança illimitada que devia ter em taes guerreiros. Não era porém alli o ponto em que podia conter-se o poderoso invasor; nas linhas de Torres Vedras até ao Téjo estava o antemural da nossa liberdade, e para alli se retirou o Exercito alliado, seguido do inimigo, que em vão forcejou por penetrar em Lisboa; antes, tendo perdido em Coimbra 5$ prisioneiros, e apertado pela sua situação, se retirou logo em Novembro para *Santarem*, avançando o Quartel General alliado para o *Cartaxo*. — Neste mesmo anno de 1810 se rendeo aos Inglezes a Ilha de Guadalupe, unica possessão que os Francezes conservavão nas Antilhas, e igual sorte tiverão as suas Ilhas de Bourbon e

de França no mar da India. A Ilha de Amboino com suas dependencias, pertencente á Hollanda, tambem foi submettida por huma expedição Ingleza sahida de Malaca. A pezar destes e outros successos sustentarem a gloria da Grã-Bretanha, o estado interior dava bastante cuidado; as fabricas soffrião grandes empates, as quebras erão muitas no Commercio, e esperava-se huma guerra com os Estados-Unidos. Nos fins do anno adoeceo o Rei da mesma molestia que por vezes o assaltára, e, já por sua avançada idade, já pela viva dôr que lhe causára a morte da Princeza Amelia sua filha, fallecida em 2 de Novembro, nunca mais se pôde restabelecer.

Cuidou-se em encarregar a regencia do Estado ao Principe de Galles, hoje S. M. Jorge IV, e podem-se em certo modo considerar concluidos com o anno de 1810 os successos do reinado de seu augusto Pai; mas como elle ainda continuou a viver mais de nove annos não se lhe pode tirar a gloria dos ulteriores factos que illustrárão o seu memoravel reinado. Em 1811 se apresentão muitos, e interessantes. A pezar de 30$ homens de reforço que vierão em Janeiro e Fevereiro a Massena, abandona este em 5 de Março Santarem, e se retira, perseguido pelo seu antagonista, que, depois de varios choques, o bate em *Fuentes de Onor* no principio de Maio, estando já livre Portugal dos invasores. Foge o inimigo que guarnecia a praça de Almeida, illudindo a vigilancia dos cercadores; ganhão os alliados a batalha de Barrosa na Andaluzia, cercão Badajoz, marcha Soult a soccorrella, e perde a batalha de Albuéra, cuja victoria, comprada com grande perda dos Anglo-Portuguezes, e Hespanhoes, custou ao nosso General, o valoroso Beresford, huma perigosa ferida. — Lord

Wellington começou em Setembro a bloquear CiudadRodrigo, mas o exercito Francez, já a esse tempo commandado por Marmont, o fez levantar o bloqueio. Em Novembro bateo o General Hill em Arroio de Molinos os Francezes commandados por Gerard. Neste anno veio a suspender-se o commercio entre os Estados-Unidos e a Inglaterra. Accrescentárão-se as possessões desta na India pela conquista de Batavia, e de toda a da Ilha de Java, de que erão senhores os Hollandezes. Algumas acções teve a Marinha, mas de pouco estrondo, pois não havia forças navaes Francezas que podessem tentar alguma empreza maritima.

A retirada do exercito Francez de Portugal tinha feito tal impressão nas Cortes do Norte, que em certo modo começavão, particularmente a Russia, a envergonhar-se da sua submissão aos Decretos da Corte das Tulherias. A 19 de Janeiro de 1812 toma Lord Wellington CiudadRodrigo; assalta e toma Badajoz em 7 de Abril: avança Marmont até á Guarda, e logo se retira. A 2 de Fevereiro entrou a Principe Regente d'Inglaterra na plena administração das redeas do Governo; e a 17 de Junho revogou a Grã-Bretanha as ordens em Conselho de 7 de Janeiro e 26 de Abril de 1807 sobre a visita dos Navios neutraes. Ao passo que Buonaparte marchava contra a Russia, concluia esta hum tratado de paz, em 18 de Julho, com a Inglaterra e com a Suecia, e outro de alliança com a Hespanha, assignado em Weliki-Luki a 20 do mesmo mez, a 31 do qual se deo a batalha dos Arapiles, em que forão derrotados por Wellington os Francezes, commandados por Marmont. Organisava Lord *Bentinck* as tropas da Sicilia, onde estavão forças Inglezas, e em Agosto desembarcou hum corpo daquellas tropas em Alicante ás ordens

do General *Maitland*; no mesmo mez levantou *Soult* o cerco de Cadiz. Começou Lord Wellington a 19 de Setembro o cerco de Burgos; mas obrigado a retirar-se pela reunião do exercito de Soult com outras forças consideraveis, estabeleceo em Freineda a 24 de Novembro o seu Quartel General. — Declarárão finalmente a guerra os Estados-Unidos á Grã-Bretanha, e começárão as hostilidades pela invasão do Canadá, mas com pouco fructo da parte dos Americanos, os quaes forão em certo modo compensados pelo bom exito de alguns combates navaes, se bem que de pequenas forças. Neste anno concluio o Governo Inglez hum interessante tratado com a Persia. A derrota de Buonaparte na Russia fez luzir na Europa a esperança de ver-se livre da escravidão que elle lhe preparava.

Reforçado o exercito Anglo-Portuguez, sahio Lord Wellington de Freineda nos fins de Maio de 1813 a ganhar novos louros, immortalizando-se em Victoria a 21 de Junho com a completa derrota e dispersão do Exercito inimigo, que perdeo toda a artilheria e bagagens, fugindo para França o intruso Rei José Buonaparte. Veio Soult reorganizar o destroçado exercito Francez, perdeo as batalhas de S. João de Pié de Port, de Orthez, e outras; foi tomada a praça de S. Sebastião por assalto, em que tiverão a maior parte os Portuguezes; mas a Cidadella entregou-se por capitulação a 8 de Setembro. Em Outubro passa Lord Wellington o Bidassoa, e entra em França com o exercito Inglez, e Portuguez do seu commando, que se illustra nas acções brilhantes do Nivelle, de Sarre, do Nive, e outras, que obrigão Soult a abandonar o campo que tinha ao pé de Baiona. — Na America tomárão os Americanos York,

Capital do Canadá, e tiverão algumas outras vantagens. A revolução da Hollanda contra os Francezes foi hum dos mais notaveis acontecimentos deste anno, e chamou a Casa de *Orange* ao Governo dos Paizes-Baixos.

Depois de varios successos durante a campanha de 1813, unida a Austria aos alliados, entrárão estes em França no principio do anno de 1814, e a 18 de Janeiro chegou Lord Castlereagh, Ministro dos Negocios Estrangeiros da Grã-Bretanha ao Quartel General dos Soberanos que estava em Basiléa; a 26 do mesmo mez concluio-se hum armisticio entre Murat, Rei então de Napoles, e os Inglezes. Em 23 de Fevereiro passa Wellington o Adour, e manda investir Baiona; depois de varios choques, e da tomada de Aix, marcha o General Beresford com hum corpo pela maior parte de Portuguezes a tomar posse de Bordeos, onde era chamado pelos habitantes, que insistem e pedem que entrem os Alliados na Cidade. Foi a 12 de Março o memoravel dia da entrada das nossas tropas em Bordeos, e foi acclamado no mesmo dia Luiz XVIII com grande enthusiasmo pelo Maire *Lynch*, e pelos habitadores; dois dias depois entrou alli o Duque de Angoulême. A 10 de Abril venceo Lord *Wellington* a batalha de Tolosa, ultimo esforço que fez Soult, que ainda ignorava a quéda de Napoleão, e remate da guerra da Peninsula, que se tinha tornado de toda a Europa, que veio a obter a desejada paz, e a restituição dos legitimos Governos. A 12 entrou Lord Wellington em Tolosa no meio de geraes acclamações. A 14 de Maio entrou em Madrid a pé, entre huma multidão de povo embriagado de jubilo, Fernando VII, Monarca d'Hespanha, que sahíra de Valençay em Março. Em 20 de Abril entrou em Londres Luiz

XVIII com grande pompa, e lhe sahio ao encontro o Principe Regente: a 24 desembarcou Luiz em Calais, e a 3 de Maio entrou em París, onde a 30 assignou com os Soberanos alliados a paz geral. A 16 do mesmo mez de Maio capitulou Genova com o General Inglez Lord Bentinck, e a 17 desembarcou alli o Rei de Sardenha; a 24 entrou o Santo Padre em Roma. — Na America proseguia a guerra; em Agosto, batidos pelos Inglezes os Americanos, entrárão aquelles em Washington; e queimárão os edificios publicos, respeitando porém as propriedades particulares. Forão menos felices os Inglezes no ataque contra Baltimore e outros pontos. A final concluio-se a paz entre ambos os Governos em Gante a 24 de Dezembro. Os Soberanos da Russia e Prussia honrárão com a sua presença a Capital da Grã-Bretanha, e além destas augustas pessoas forão outras muitas da primeira jerarquia visitar o foco da liberdade da Europa, quasi como hum tributo de gratidão pela perseverança que o Povo Inglez mostrára em auxiliar as miras do seu Governo.

Tinhão os Monarcas Alliados arranjado em Vienna os negocios da Europa, e parecia que tão cedo se não tornaria a empregar a força das armas, quando Buonaparte (a quem fòra dada a Ilha d'Elba para residencia em propriedade) fez a tentativa de desembarcar em França no 1.° de Março, para reassumir o Imperio que não soubera sustentar por sua louca politica; fez isto rebentar a guerra, e escolhido General em Chefe dos Alliados o Duque de *Wellington*, ganha este com *Blucher* a 18 de Junho a decisiva batalha de *Waterloo*, que entregou a França nas mãos dos Alliados, firmou Luiz XVIII no throno, e levou o Usurpador a habitar a Ilha de Santa Helena, guardado por

aquelles mesmos Inglezes, cujo Governo e preponderancia elle tanto a peito tivera destruir. Neste anno se estabeleceo de todo o dominio dos Inglezes em Ceylão. — No anno de 1816 ainda a Marinha Ingleza ganhou na destruição de Argel hum glorioso troféo, pelo qual se fez assaz famoso o nome do seu Almirante Lord Exmouth.

Não seria possivel em tão breve memoria ennumerar todos os factos que illustrárão o longo e glorioso Reinado de Jorge III; mas da singella exposição dos principaes successos, rapidamente enunciados, se vê que não se encontra na Historia da Grã-Bretanha hum seculo tão cheio de acontecimentos memoraveis, nem que desse ao Gabinete de S. Jaime tanta influencia nos negocios do Mundo. O Monarca ancião, inhibido pela enfermidade de sustentar pessoalmente o Governo, teve no Principe de Galles seu filho hum firme seguidor da sua politica, e por isso a sua molestia em nada prejudicou os interesses da boa causa. Falleceo Jorge III em 29 de Janeiro deste anno de 1820; teve sete filhos, e cinco filhas, huma só das quaes casou, com o ultimo Rei de Wurtemberg: os Principes seus filhos são, (além do Soberano actual): Frederico, Duque de York; Guilherme, Duque de Clarence; Eduardo Augusto, Duque de Kent, fallecido poucos dias antes do Rei seu pai; Ernesto, Duque de Cumberland; Augusto Frederido, Duque de Sussex; e Adolfo Frederico, Duque de Cambridge.

Em outra memoria se exporão brevemente os progressos que neste reinado fizerão diversos ramos da administração, commercio, e industria da Grã-Bretanha, que não podião sem confusão misturar-se neste epitome dos successos das suas armas, e outros objectos da sua politica exterior; mas he em certo modo indispensavel descre-

ver, ainda que em breve quadro, esses progressos, para se ver quão bem quadra o nome de Seculo de Jorge III á época do seu governo.

Nota, e documento historico, pertencente aos factos do anno de 1805.

He notavel que, passando Buonaparte de Primeiro Consul da Republica a Imperador dos Francezes pelo Senatus-Consulto organico de 18 de Maio de 1804, que estabelecia a dignidade Imperial hereditaria na sua familia, existindo o legitimo Soberano, cujo direito jámais podia prescrever, deo o mesmo Buonaparte hum passo que plenamente mostrava que era hum intruso, e reconhecia a legitimidade de S. M. Luiz XVIII, provando *ipso facto* quanto absurdo he o principio da Soberania do Povo, a que devia a sua exaltação ao throno: foi este passo mandar escrever a S. M. Luiz XVIII huma carta em que lhe propunha renunciasse, mediante algumas indemnisações, o throno da França. Eis-aqui a resposta que recebeo o Usurpador, digna de gravar-se em bronze:

" Varsovia 24 de Fevereiro de 1805.

" Eu não confundo Buonaparte com aquelles que o precedêrão; estimo o seu valor, e seus talentos militares; dou-me por satisfeito de varios actos de sua administração, porque o bem que se fizer ao meu povo sempre me será caro. Mas elle se engana se julga mover-me a transigir sobre os meus direitos: longe disso, elle proprio os estabeleceria, se podessem ser litigiosos, pelo passo que ao presente dá.

" Ignoro quaes são as vistas de Deos sobre a minha familia e sobre mim; porém conheço as obrigações que me impoz pela jerarquia em que lhe aprouve fazer-me nascer. Christão, desempenharei estas obrigações até ao ultimo suspiro; filho de S. Luiz, saberei, a seu exemplo, respeitar-me até em ferros; successor de Francisco I, quero ao menos poder dizer como elle; *Perdemos tudo, excepto a honra.* (Assignado) *Luiz.* "

ARTES.

Sobre a refundição do papel impresso e manuscrito, e noticia da Fabrica estabelecida para isso perto de Londres.

Ha muito que tanto em França como na Alemanha se tem feito ensaios para utilisar o papel impresso e manuscrito: tiverão estes ensaios mais ou menos effeito; mas em Inglaterra he onde esta operação se tem melhor executado. Em 1800 se estabeleceo em *Bermandsey*, a tres leguas de *Londres*, huma fabrica em que se entrou a fazer em ponto grande a refundição do papel, convertendo-se alli impressos e manuscritos velhos em papel de muito boa qualidade e de diversos tamanhos, que se não pode differençar do papel commum. — O engenho do papel he movido por huma maquina de vapôr da força de vinte cinco cavallos. Em 1814 empregava 800 Operarios, homens, mulheres, e rapazes, que fazião por semana quinhentas a seiscentas resmas de papel; e o consummo annual era de 700 tonneladas, ou hum milhão e quatrocentos mil arrateis, de papel velho.

"Ha nella tres enxugadouros, (diz huma noticia da mesma Fabrica feita no dito anno), cada hum de 200 pés de comprido, huma estufa de 80 pés de comprido atravessada em todos os sentidos por canos de cobre nos quaes circula o vapôr da

agua quente, que séca o papel em todas as estações. O thermometro de *Farenheit* sobe alli a 112 gráos. A tina grande que serve para a preparação do papel pode conter 10$ gallons d'agua (2220 almudes de Lisboa). — As prensas que alli se empregão são notaveis por sua extraordinaria força, e pelo engenhoso mecanismo que as move. As prensas hydraulicas laborão por meio de maquinas de vapôr. A agua que suppre a fabrica he fornecida por dois canaes que communicão com o *Tamisa*. — Faz-se mysterio dos processos que alli se empregão; mas segundo todas as apparencias são os mesmos que se publicárão em *França* no anno 2.° da Republica, e que exporemos aqui succintamente.

1.° *Tratamento do Papel manuscrito.*

"Para destruir a tinta de que está coberto o papel e a colla que elle em si tem, põe-se de molho em huma grande tina de agua de rio pura. Vão-se-lhe deitando pouco a pouco, e mexendo sempre, duas libras de acido sulfurico concentrado, por cada 100 libras de papel. O papel põe-se folha por folha, cobre-se a tina, e deixa-se tudo quieto até que tenha desapparecido a escrita de todo. O papel he comprimido no licor por meio de huma grade de páo que entra exactamente na tina. — O acido sulfurico destroe promptamente o ácido de galha e o ferro que compõem a tinta de escrever. Esta operação facilita-se mechendo fortemente a massa com grandes pás de páo. — Depois deixa-se escorrer a agua abrindo hum rolhão adaptado ao fundo da tina. Deita-se nova quantidade d'agua, depois de ter tapado o batoque, e meche-se de novo por varias vezes, até que a massa já não contenha ácido, e que esteja

de todo dissolvida a colla. — Quando o papel está sufficientemente purificado, leva-se ao cylindro de refinar, e trata-se do modo ordinario. Tem o mesmo macio, e as mesmas qualidades que o papel novo.

2.° *Tratamento do papel impresso.*

" Emprega-se hum processo totalmenie differente do que acabamos de indicar para o papel manuscrito; porque he precizo destruir o oleo e os pós de çapatos que constituem a tinta de impressão. — Para este effeito, prepara-se huma barrela caustica de potassa, contendo pelo menos dez partes d'alcali por cem de potassa. — Põe-se o papel folha por folha em huma tina de páo sem o amontoar, e deita-se-lhe em cima quantidade sufficiente da barrela ou lexivia para completamente o penetrar. Como a lexivia fria não dissolveria tão facilmente a tinta d'impressão como o acido sulfurico dissolve a de escrever, deve-se empregar quente. Para este effeito faz-se communicar por meio de hum cano a tina com huma caldeira de cobre em que está agua a ferver; o vapôr desta agua, entrando na tina, basta para aquecer a lexivia, e para a fazer propria para dissolver a tinta da impressão. — Deixa-se remolhar o papel nesta lexivia quente por espaço de cinco a seis horas, no fim das quaes estará completamente livre da tinta da impressão. Depois submette-se á acção do cylindro refinador, e trata-se do modo ordinario. "

QUIMICA.

Sobre a Céra amarella e seus elementos, o Cerino *e o* Nigricino. *Por Mrs.* Bucholz (1) *e* Brandes.

SEGUNDO as experiencias de Mr. *John*, de *Berlin*, compõe-se a Cêra amarella de duas materias distinctas, que elle denominou *Cerino*, e *Negricino*. Querendo verificar este facto, submettemos a successivas digestões em alcohol absoluto cem partes de cêra amarella mui seca e mui pura: o liquido apoderou-se logo de *Cerino*, de que deo 90 partes; depois obtivemos 8 partes de *Nigricino*, e 2 partes de huma materia graxa balsamica. Vamos descrever as principaes propriedades que reconhecemos nestas substancias.

O *Cerino*, depois de extrahido pelo processo que acabamos de indicar, tem a consistencia da cêra; he quasi sem côr; toma huma tinctura de branco enxovalhado quando se tem derretido em calor brando, e se tem feito esfriar lentamente; tem mui tenue cheiro a cêra; o seu pezo especico, comparado com a agua, he de 0,969; he so-

---

(1) Este sabio (Mr. *Bucholz*) falleceo em 18 de Junho de 1818; era Professor de Quimica na Universidade de Erfurth, na Saxonia.

luvel em 16 partes de alcohol absoluto a ferver; pelo esfriamento, forma-se esta solução em huma geléa granulosa; para se dissolver no ether absoluto exige perto de 43 partes deste liquido na temperatura de agua a ferver.

O *Nigricino* he ao principio de hum branco pardo: depois de sua liquefacção, e de esfriar, faz-se escuro; o seu cheiro não differe do *Cerino*, mas a sua consistencia he mais molle; o seu pezo especifico he similhante ao da agua, isto he, de 1,000; he dissoluvel em obra de 123 partes de alcohol absoluto a ferver, e separa-se desta solução, sem formar godilhões soltos; exige 99 partes de ether frio para se dissolver. Na temperatura de agua a ferver, derrete-se huma quarta parte mais depressa que o *Cerino*.

Quando no alcohol rectificado se dissolve, no calor de banho de agua, sabão de cêra amarella feito com potassa, separa-se huma materia cinzenta em forma de godilhões, e fica a solução com demaziado alcali: se lhe juntarem cêra raspada, levará esta muito tempo a dissolver-se, e separão-se ainda godilhões cinzentos; mas depois já nada depõe a solução, que se tornou em hum amarello côr de ouro. Pela evaporação espontanea, torna-se a fazer concreta em huma cêra hum pouco amarella, mas que não tem aspecto gelatinoso. Este sabão he hum composto de Cerino e de Potassa; os godilhões precedentemente recolhidos erão do Nigricino.

Noticia do Gliadino, *e do* Zimomo. — *Por Mr.* Taddei.

Andando fazendo indagações sobre a fermentação em geral, e particularmente sobre a dos legumes, e dos cereaes, vim a conhecer que o gluten do trigo he hum composto de dois elementos mui distinctos, e designei hum delles pelo nome de *Gliadino* (de γλία, *gluten*), e o outro pelo de *Zimomo* (de ζύμη, *fermento*). Ao primeiro he que o gluten deve a sua contractibilidade; o segundo constitue o seu fermento.

Amassando farinha de trigo com pó de resina de guaiaco, percebi que a massa pelo seu contacto com o ar tomava huma côr azul summamente bella; a farinha dos outros cereaes produzio o mesmo effeito, mas com huma côr mais clara. Mr. *Ridolfi*, proseguindo estas experiencias, reconheceo que a côr azul que tomava nesta occasião a massa da farinha de trigo com a resina de guaico se devia ao *zimomo*, e que as farinhas mais destituidas de gluten davão menos côr; além disto o amido, e as outras materias vegetaes que não contém gluten não motivão côr alguma. A farinha de trigo em que o gluten está alterado, dá tambem pouca côr, de sorte que a resina de guaiaco he hum reagente precioso para a boa qualidade do trigo, assim como o mesmo trigo he hum bom reagente para a qualidade da resina de guaiaco. O gluten puro, e mais ainda o zimomo puro, produzem instantaneamente pela amassadura com a resina de guaiaco, e pela intervenção do ar, o mais brilhante azul.

A resina de guaiaco só, exposta á luz directa ou diffusa do Sol, toma quasi immediatamente

huma côr verde, sem que o ar tenha nisso a menor parte. Não acontecerá acaso o mesmo quando está misturada com o principio zimomoso? Sem razão se attribue a *Wollaston* a observação desta mudança de côr, conhecida ha muitissimo tempo: a solução espirituosa do guaiaco toma a mesma côr em se lhe ajuntando hum pouco de acido nitrico; e Mr. *Van Mons* indicou esta solução, como reactivo do ether nitrico e do espirito de nitro doce, completamente despojado do acido excedente, ou demaziado, pelo tartrato de potassa, os quaes não mudão então de côr. *Brugnatelli* filho tem observado que na solução espirituosa fraca de guaiaco, hum pedaço de *iodo*, assim como em agua hum bocado de *camaleão mineral*, se rodeião de cintas coradas que, na sua successão, observão a ordem das côres prismaticas.

MECANICA.

Noticia do Chronómetro (*) *Francez, publicada por Mr.* LeNormand, *Professor de Technologia em París, em Junho de* 1819.

VEMOS presentemente todos os curiosos, nacionaes e estrangeiros, que habitão a Capital (París), concorrerem em grande affluencia a casa de Mr. *Peschot* o mais velho, Rolojoeiro Mecanico, estabelecido na rua *des Filles-Saint-Thomas, N.°* 18, para verem alli huma coiza summamente maravilhosa que elle tem exposta ha poucos mezes á vista do publico; desde cujo tempo está o seu gabinete continuamente cheio de curiosos. Vamos ver se damos huma idéa desta máquina.

No meio de hum grande vidro, posto verticalmente, está pegada humo rodella de páo, tendo no seu centro hum espigão de aço temperado, perfeitamente polido, e da grossura de huma agulha de cozer grande. Este espigão, perpendicular ao plano do vidro, serve de centro a hum quadrante de trinta pollegadas de diametro, pintado no mesmo vidro. Sobre este espigão, absolutamente fixo, he que se move a engenhosa maquina de que tratamos, e que os inventores denominão *Chronómetro Francez.*

(*) *Chronómetro* significa medida do tempo.

Consiste o *Chronómetro* em hum ponteiro de obra de trinta pollegadas de comprido: em huma das suas extremidades está huma flor de liz de cobre dourado, de humas tres pollegadas de comprido, e assaz massiça; he quem indica as horas no mostrador. A outra extremidade he redonda e parece servir para equilibrar a flor de liz; tambem he dourada. Pelo meio do comprimento do ponteiro ha hum canudinho de cobre dourado de coiza de dezoito linhas de comprido: tudo o mais he de cristal. O canudinho de cobre he furado de banda a banda no meio do comprimento, perpendicularmente ao seu eixo, para receber neste boraquinho o espigão de aço temperado e solido, de que acima se fallou, e que serve de eixo ao ponteiro.

O ponteiro faz regularmente o gyro do quadrante ou mostrador em doze horas, e marca por conseguinte nelle as horas; mas o que ha de particular he que as divisões do quadrante não são iguaes: vão diminuindo do meio dia ás tres horas, augmentando das tres ás seis, diminuindo das seis ás nove, e por fim augmentando das nove ás doze: he impossivel dizer em que proporções, sem revelar os meios de que usão os inventores. A pezar desta difficuldade, corre o ponteiro as horas em tempos iguaes.

Outra coiza mui notavel neste *Chronómetro* he que, se se der impulso ao ponteiro, isto he, se se dirigir para outra hora diversa da que elle indica no quadrante, tão depressa o deixem livre logo volta ás horas que são, alli se fixa e continúa a andar, como huma agulha de marear que alguem tivesse afastado dos polos. Bem como a mesma agulha, assim procura este ponteiro a sua primitiva posição por meio de oscillações livres, de sorte que jámais pára senão no ponto do mostra-

dor que corresponde ás horas que são nesse momento, e não ás em que estava quando o fizerão oscillar.

Conserva esta maquina as suas faculdades interiores em todas as posições em que a podem collocar. Se a separão, por exemplo, do seu eixo, pondo-a horisontal ou verticalmente em cima de huma meza, e deixando-a em repouzo algumas horas; em a tornando a pôr no eixo, vai por si mesma buscar as horas que são a esse tempo, e nellas se fixa. He construida de modo que pode conservar por quinze dias as propriedades que acabamos de expôr; no fim desse tempo tornão-se-lhe a dar por huma operação mui simples, e em poucos segundos.

A forma e as dimensões do Chronometro varião á vontade: os inventores fizerão gravar doze modêlos diversos delle para os curiosos escolherem. Mandárão imprimir huma instrucção para darem aos que quizerem comprar este instrumento, e por meio da qual o saberão regular sem custo.

Esta maquina he summamente commoda para as pessoas que habitão alternadamente na Cidade e no campo. Bastará haver em qualquer casa onde se queira ter, hum quadrante traçado na parede ou em hum vidro; conduz-se de huma parte para a outra sem ser preciso rolojoeiro para o ir arranjar; em toda a parte mostra as horas com grande regularidade. Se se quer ir da Cidade para o campo, ou voltar do campo para a Cidade, mette-se o ponteiro em hum estojo, e em chegando ao sitio põe-se no seu eixo; mostra logo que horas são, o que dispensa de transportar pendulas, que facilmente se desconcertão nas jornadas, e que poucas pessoas sabem collocar sem recorrerem a rolojoeiro.

Os inventores nos confiárão os meios que empregárão na construcção do seu *Chronómetro*; mas dando a nossa palavra de guardar segredo, nada podemos divulgar sobre os principios que dão em certo modo a vida a esta maquina. Limitar-nos-hemos a dizer, que ella nos parece susceptivel de huma multidão de uteis applicações. Não recebe o movimento nem por effeito do iman, nem pelo da electricidade; nem tão pouco tem nelle a minima parte a pilha de Volta: contém todo o seu poder em si mesmo, para nos servirmos das expressões do inventor. Estamos finalmente convencidos de que logo que seja conhecido o principio em que se funda a construcção do Chronómetro, a França se gloriará de que nella tenha tido origem esta maquina.

MISCELANEA.

Preparação de hum Verniz solido para preservar da ferrugem o ferro. — Por Mr. Lampadio, *ou* Lampadius.

Tem-se proposto diversos meios mais ou menos efficazes para preservar de ferrugem o ferro. De ordinario cobrem-no de hum verniz que possa resistir ás influencias da atmosfera. Para que este verniz preencha as condições que se requerem cumpre que seja assaz elastico para não lascar, e bem adherente para não deixar lugar algum falto. Os Inglezes tem huma composição deste genero, cujo segredo ainda não he conhecido.

Madama Leroi de Jaucourt obteve em 1791 privilegio por hum verniz metallico proprio para preservar os metaes da ferrugem. He huma especie de estanhado composto de 5 libras d'estanho, 8 onças de zinco, 8 onças de bismutho, oito onças de cobre amarello em verguinha, e 8 onças de salitre. Estas materias se ligão de tal modo que o metal que resulta he duro, branco, e sonoro. O pouco cobre que entra nesta composição não produz azebre, por sua pouca quantidade. — Os objectos que se querem cobrir desta composição devem ser aquecidos dentro mesmo della, posta em fusão em vaoss de folha de ferro. Tirão-se dalli em tendo calor sufficiente, e deita-se-lhes

por cima sal ammoniaco; passão-se rapidamente na liga, cobertos deste sal; limpão-se com estopas ou algodão, como no estanhado ordinario se pratica, e depois mete-se em agua a peça.

Empregavão-se algum dia pregos e cavilhas de ferro para fixar no costado e cintas dos Navios as chapas de cobre destinadas ao forro; mas depois que se conheceo que a acção galvanica exercitada pela reunião destes dois metaes era huma causa de destruição, usárão-se prégos e cavilhas de cobre, que não tinhão os mesmos inconvenientes, a pezar de serem menos solidos. Hoje tem-se conseguido cobrir os prégos de ferro de hum verniz tão adherente, que se podem empregar sem perigo no forro dos navios. — Os prégos fundidos tinhão-se proposto para o mesmo fim, mas em breve se deixárão, porque se vio que quebrão mui facilmente, se não houver todo o cuidado ao pregallos de lhes bater exactamente na direcção do eixo ou do comprimento.

Hum meio tão simples como vantajoso de preservar o ferro da ferrugem he pôr este metal em braza, e esfregallo assim com cêra. Nota-se depois de esfriar que todos os poros do ferro estão de todo tapados, e que esta especie de untura he mui homogenea: mas como só he applicavel a peças ou coizas pequenas, era preciso achar hum verniz que se podesse empregar em frio, e que resistisse á acção combinada do ar e dos vapores ácidos.

Mr. Lampadio parece ter resolvido este problema, e eis-aqui o seu invento publicado no n.° 103 do *Boletim da Sociedade de Fomento*: — Tendo notado que os vapores sulfuricos e ácidos que se elevão das forjas de ustulação de mineral, destruião em pouco tempo os vernizes ordinarios, e

atacavão os metaes que entrão na construcção dos edificios, procurou descobrir hum emboço que os podesse preservar da ferrugem. — Como convinha oppòr aos ácidos huma materia que elles não podessem dissolver, tentou empregar dois oxidos metalicos já saturados de ácidos, e que por sua qualidade secante são mui proprios para entrarem na composição do verniz. Coroou o bom exito as suas tentativas, e huma experiencia de seis annos assaz demonstrou a utilidade deste meio. — Empregou por tanto Mr. Lampadio para este fim o chumbo sulfatado, e o zinco sulfatado, ou vitriolo de zinco. — O primeiro prepara-se misturando huma dissolução de quatro onças de acetato de chumbo (sal de Saturno) em onze onças d'agua, com huma dissolução de sulfato de soda (sal de Glauber) em quatorze onças d'agua. O precipitado que se obtem por esta mistura he o chumbo sulfatado, o qual se filtra, se edulcora, e se põe a secar. =

Modo de preparar o verniz.

Reduz-se a finissimo pó huma onça de plombagina (lapis) ou de anthracido (carvão de pedra), a que se juntão quatro onças de chumbo sulfatado, e huma de zinco sulfatado, e deita-se-lhe pouco a pouco huma libra de verniz preparado com oleo de linhaça, que se tem previamente aquentado até o ponto de ferver. — Este verniz seca-se promptamente, e livra perfeitamente da oxidação (ferrugem) os metaes com elle envernizados. — Tem-se empregado com bom exito em cubrir os guarda-raios, e pode igualmente servir para quaesquer coizas onde se emprega chumbo, ferro, ou zinco, em que estes metaes estejão expostos á humidade e vapores ácidos.

Verniz Italiano para madeira.

Sabe-se que as obras Italianas de marcineria excedem todas as dos outros paizes neste ponto. Para produzirem este effeito os marcineiros Italianos saturão ou embebem a superficie da madeira em azeite de oliveira, e depois applicão-lhe huma solução de gomma arabia em espirito de vinho a ferver. Este modo de envernizar he tão brilhante, se não he mesmo superior, como o que os Francezes empregão nas obras mais bem trabalhadas.

Modo de temperar o vidro.

Tem sido ultimamente adoptado pelos Quimicos hum engenhoso e simples modo de dar a tempera a este até aqui quebradiço material; consiste em meter o vaso em agua fria, gradualmente aquentada até ferver, e depois se deixa esfriar; estando frio está prompto pará o uso. Se o vidro subio a maior calôr que o d'agua a ferver, será precizo mergulhallo em azeite.

CRITICA.

O progresso das Luzes.

Quando se julga rebater, e humilhar o presente seculo, esses idolatras de coizas antigas com arqueadas sobrancelhas, crespo nariz, e inchadas bochechas começão de lembrar á gente os seculos passados. Com hum ar empoeirado da escola velha dos Padres da Companhia (que ainda vem para tudo, e não servem para nada, porque nós cá temos muitos Frades) nos lembrão o seculo de Pericles, o seculo de Augusto, o seculo de Leão X, o seculo de Luiz XIV; e comparando o nosso seculo com estes, não achão em o nosso seculo mais que huns pobres de Christo, fraca gente, aves rasteiras, lodacentas, miseraveis, confrontadas com as sublimes, e remontadas aguias dos taes seculos acima mencionados; em fim, a dar crédito aos taes atrabiliarios Censores, começa-se a desconfiar da progressiva perfectibilidade humana. Eu não estou por isto. Dirão que eu não folheio com mão diurna, e nocturna aquelles exemplares antigos, que ignoro os bons escriptos, que a minha vida he andar sempre pelo meio da rua, ler a Gazeta, sentar-me, e olhar assim por modo de pasmaceira para o que vai por esse Mundo. Sim, Senhores, esse he o meu livro, e para o ler he precisa huma qualidade de olhinho, que a

Providencia não costuma dar indistinctamente a todos os filhos de Eva; por isso digo que não estou pelo que dizem esses causticos, que tanto nos censurão, e me admiro de lhes não quebrar os olhos o visivel, e espantoso progresso das luzes do nosso seculo. Certamente andamos cégos de modestia, e esta nos não deixa fazer justiça a nós mesmos. Com effeito, se começarmos a examinar com imparcialidade o que somos, o que valemos, e o que por ahi vai, veremos que nos taes seculos tão gabados, cada engenho se limitava, e circunscrevia a hum genero determinado em Litteratura, em Artes, em Sciencias; e agora qualquer engenho se dá a todos os generos, qualquer Litterato he para tudo. Esta resolução effectiva prova o sentimento das nossas forças. Hum mestre; por ex., de Grammatica, que diz aos seus meninos; — *Petrus amat Deum* —, Oração perfeitissima, acabada, completa, e prodigiosa; porque aqui, diz elle, está o nominativo, está o verbo, está o caso, que em todo o caso forma a perfeita oração, porque ou claras, ou occultas não pode haver sem estas coizas no Mundo Oração de qualidade nenhuma; e que julga este ponderavel negocio, hum negocio da costa acima, e da costa abaixo; este homem que saborêa a immortalidade com hum supino obliterado, e por elle reproduzido, e com hum gerundio da sua lavra, e inteiramente novo; este mestre de meninos, não he hum *Petrus amat Deum*, he hum *Petrus in cunctis*, ou se faz elle; he Chronólogo, Politico, Estadista, Doutor em Medicina; em tudo falla, de tudo ercreve, a tudo chega. E então o progresso das luzes não he maior neste seculo? Sérvio, e Donato, Sanches, Despauterio, o illustre Chorro, o grande Alvares, o profundo Mendes, erão só

Grammaticos, e mais nada; agora hum mestre de Grammatica com huma palmatoria na mão, terrivel sceptro do Imperio Infantil, he tudo, e quer ser tudo. No seculo de Augusto bastárão a Virgilio dois versos de hum Epigramma que fez a Augusto, para o immortalisar:

De noite chuvas ha, jogos de dia;
O Imperio dividio Cesar com Jove.

E por isto teve logo dois pães cada dia que lhe mandou dar o grande Augusto. Neste nosso seculo compõem-se versos aos milhões. Morreo Bocage, alagou-se Lisboa, morreo Firmina, inundou-se o Mundo. Que Poemás! Passeios, Braziliadas, Alfonseidas, Apparições. Commenta-se em oito linguas hum Poemeto de hum Poeta Inglez, páre tres volumes, quatro volumes, vinte volumes, ninguem os lê, em quanto os Romanos lião, e applaudião de tal arte o tal Epigramma, que até houve quem o apropriou a si sem ser seu dono: agora o talento de compòr Odes he tão vulgar, e tão commum, que ninguem faz caso delle. E isto não prova o progresso das Luzes? Noutro tempo escrevia-se em hum sentido só, agora escreve-se em todos os sentidos, o que prova que sabemos considerar as coizas debaixo de toda as faces. Noutro tempo podião-se contar os autores, e ainda agora sabemos como se chamavão os que composerão alguma coiza em cada hum daquelles seculos; agora são innumeraveis; por ex. Theatro — Sofócles, Euripides, Tragicos de Athenas, Aristofanes, Menandro, Comicos, e al não disse. Plauto, e Terencio, Comicos em Roma, Seneca, Tragico; falla-se de huma Tragedia chamada Medéa composta por Ovidio, e de outra chamada Agáve

composta por Estacio, e al não disse. E agora? Oh progresso das Luzes deste seculo! Ha por ahi homens que comem, bebem, vestem, calção, e pagão casas só de fazer Tragedias. Vou por essas ruas, acotovela-me o meu amigo, e diz-me: — Vossê vai a compôr Reportorios? Olhe para aquelle homem que além vai, triste, magro, lazarento, esfrangalhado? Bem o vejo, e conheço de vista, he coveiro ahi de hum Cemiterio, não sei onde. Pois assim mesmo como o vê

Compoz Tragedias cem, Comedias cento.

Vê Vossê aquelle Ourives? Pois deixou a loja, e escreve para o Theatro. Vê vossê aquelle Energumeno que alli anda por aquelle Rocio de cabello Africano cerrado, olhos orbiculares, tez sombria, sem se lhe conhecer outro officio mais que gritar? Pois aquelle homem he o Moliere, he o Roscio do seculo:

Compoz Tragedias mil, Farças seiscentas.

Inda que isto sejão meros figurões de fantasia, he melhor fallar em geral. Naquelles seculos conhecião-se os Escriptores, e as obras, agora a multidão he tão enorme, que não se conhecem nem huns, nem outras. Naquelles seculos animavão-se os authores com a esperança do bom effeito das suas obras, erão lidos, e applaudidos; agora todo o Mundo escreve tanto, que já não resta viva alma que leia. Que fecundidade de engenho he precisa para resistir á certeza quasi absoluta de não fazer a menor sensação com o que se escreve? Noutro tempo, não escrevia cada hum senão daquillo que sabia, e sabia a fundo; presentemen-

te escreve-se daquillo que menos se entende, porque as idéas das Sciencias ainda as mais difficultosas estão de tal arte espalhadas, que qualquer Zote julga que não he preciso estudallas para as saber, e para escrever de tudo, basta não saber nada. Que progresso de Luzes! Vai hum Jornalista para Inglaterra, ou para França, porque em fim tinha cá duas coizas que o incommodávão muito, a fome, e o Limoeiro; em tendo, como tem, cá hum ou dois amigos que lhe remetão papeis, he logo o Legislador do Mundo, não he preciso ler hum livro para ajuizar delle, huma linha, huma palavra solta, *e destacada* (isto não he Portuguez) basta para lhe dar huma idéa completa da totalidade da obra. E então isto não prova que os engenhos agora são mais vastos, mais vivos, mais penetrantes? Estes Senhores sem nunca terem aberto hum livro de Diplomacia, sem a menor tintura de Legislação, sem a mais ligeira idéa da Jurisprudencia, pegão nas Ordenações prudentissimas, e antiquissimas de hum Reino, mandão-nas a Satanaz, e fazem huma Constituição porque querem que nos governemos. Oh! milagre do engenho humano neste seculo das luzes! Quem são estes Charondas, estes Lycurgos, estes Justinianos? Quem são? Essa he boa! Hum he, por exemplo, hum Frade que deo ás trancas, outro era hum Vampiro chupador de Ponche, e torradas por esses Botequins. Então, não he progressivo o clarão das luzes do seculo? He tal a differença, he tão fino o tacto dos actuaes engenhos, que para ajuizarem de hum homem, basta, e sem appellação, que lhe vejão fazer huma cortezia, ou huma reverencia com a mão pela barba em ar de esquadria.

Noutro tempo, nesses quatro seculos, ou periodos tão gabados, os homens procuravão agra-

dar mutuamente huns aos outros, agora ninguem se embaraça com os outros, basta-se a si mesmo. As mulheres tinhão n'outro tempo hum namoro, e os homens huma cortezanîa, que dava bem a conhecer que huns não podião passar sem os outros; presentemente o amor proprio he tão luminoso, está tão bem apontado, e crystalizado, que se dispensa de todas as contemplações. Nenhum homem admira os outros, admira-se a si, e admira-se de boa fé, porque todos se julgão admiraveis; cada hum guarda para si huma lanterna, e hum espelho. Todos estão emendados daquella modestia que he a hypocrisia da vaidade. Naquelles seculos (que ignorancia!) ninguem julgava a sua balança infallivel, ninguem votava em si mesmo, presentemente todos os homens são superiores a estas miserias, conhecem quaes são, e vem os outros como elles são. Que rapidez de vista! Que penetração, que agudeza! De tudo se decide em menos de hum minuto segundo! N'outro tempo fallavão os homens só com a boca, agora fallão com as tripas, e ha quem os oiça, e a custo de muito dinheiro, de muitos incommodos, de muitos apertões. N'outro tempo nesses rudes seculos de Augusto, e Leão, fallavão os homens com a voz humana que lhes deo a Natureza, agora ha passarinho por esses ares, e quadrupede por esses campos, em cuja lingoagem elles se não expliquem dignamente? Não só elles fallão, mas os outros entendem, porque ninguem tem a paciencia de estar quatro, e cinco horas assentado n'hum páo a ouvir o que não percebe; para isto cumpre, que aquella linguagem seja sentimental, e chegue ao coração. E que prova isto? A superioridade das Luzes do nosso seculo sobre todos os outros. Naquella época chamada a da grande Litteratura,

e Sciencia, consumião-se muitos annos no estudo do Homem, até era precisa huma lanterna para achar hum de dia, agora não he assim, basta huma vista rapida, e superficial para julgar deste Ente enigmatico, e incomprehensivel chamado o Homem, e decidir do pé para a mão das suas mais occultas e imperceptiveis qualidades. Sem ceremonia nenhuma se decide, e se decreta improvisamente do caracter de hum homem, com toda a franqueza se declarão sem appellação nem aggravo ás opiniões que se formão.

Naquelles seculos apontava-se com o dedo hum, ou outro grande General. Themistocles, Cimon, Xenofonte, Anibal, Cesar, Pompeo, e Scipião; e agora? Oh que grandes Capitães! Que Generaes! E que pouco he preciso para isto! Em pondo o rabo de hum gallo no chapéo, em fumando bem, em cavalgando em Rabão com o anus levantado palmo e meio do selim, dando muito á cabeça e mais aos braços, como rapaz a embaloiçar-se na ponta de huma trave, basta sò isto, em cada galope vemos hum Turena, hum Catinat, e o Mestre Frederico. Aquelles Generaes famosos na antiguidade, marcavão huma posição, medião hum terreno, limitavão-se a isto, e isto bastava para os fazer grandes; agora ha mais alguma coiza, não só medem o terreno, porém medem tambem os ares, e por lá marcão as suas posições. Veja-se hum Cabo destes atraz de huma Procissão por aquelle Chiado abaixo, (desfiladeiros das Termópylas): Que tacto militar! Ha janella que não examinem? Ha conquista que não intentem! Por ventura fez nunca isto Xerxes, ou Epaminondas? Não digo eu que passem o Bidassôa, basta o rio de Alcantara; a passagem do Granico he nada para elles; onde fica Alexandre? Ora digão que este

seculo não he o mais illustrado de todos os seculos? O progresso das luzes não he sensivel? A superioridade não he patente? Os progressos do engenho humano não só diariamente se augmentão, mas vão descobrindo novos horisontes da perfectibilidade humana. Já não ha precisão dos subterfugios de huma inquieta vaidade, cada hum faz ostentação de huma profunda candura na confissão do seu merito, e do merito dos outros.

Que estudos, que applicações, que pratica, que exercicio não era preciso naquelles seculos para fazer hum digno Jurisconsulto? Quanto estudou Cujacio, quanto Accursio, quanto Baldo, quanto Bartholo, quanto Alciato, quanto Strikio, quanto Pegas, quanto Themudo, quanto Paiva, ou quanto Pona? E ainda assim tremião. Patru, Cochin, Talon, e Daguesseau, tremião como Cicero, se fallavão, ou se escrevião; pobres homens, acanhados engenhos, mesquinhos mortaes! Bem provão que as luzes ainda então não tinhão feito progressos! E agora? Agora he outro seculo. Para ser Jurisconsulto, não he preciso ter livros, e estudallos, basta comprar huma banca, e ter sido Fiel de Feitos. Algum dia aquelles grandes Jurisconsultos achavão razão em huma das partes; agora (oh! progresso das Luzes!) achão-na em ambas, e ambas são defendidas por hum homem só. Algum dia aquelles grandes Jurisconsultos tinhão saude para folhearem huns Autos, agora todos estão doentes, e até o jurão. Aquelles homens erão de engenho tão tardo, que lhes era precisa huma vasta Bibliotheca da sua vasta, e difficil faculdade; neste seculo, pelo espantoso derramamento de Luzes não he preciso nada disto; o dinheiro para os livros tem huma mais razoavel, e honesta applicação, o Jogo, e o Theatro, e alguma coiza

mais. E Livros! Ah! E então as luzes do seculo? Primeiras Linhas, e Lobão não suprem tudo? Só ha huma differença, os Ministros Desembargadores erão mais amigos dos Advogados daquelle tempo, respeitavão-nos muito, agora não he assim, as condemnações, e o Limoeiro fervem, e devião ferver mais; e então para os Desembargadores não hade chegar tambem o seculo das luzes, para conhecerem muito bem estes Advogados de huma tão conhecida superioridade?

Tudo me prova os gráos de perfectibidade a que neste seculo illustrado tem subido o engenho humano, sobre tudo na universalidade, e mistura de conhecimentos. Hypocrates, Celso, e Galeno, Avicena, Fabricio Aquapendente, André Cisalpino, Riverio, e Laguna, erão Medicos, e dizem que matavão bem; mas todos elles se absorvião nos unguentos, nas siringas, nos emplastros, e nos Hospitaes; alguns delles nem á Missa hião (tambem agora poucos vão), estavão só nisto, a nada mais chegavão, a nada mais se estendião os seus talentos, os seus estudos, as suas applicações, as suas vigilias; mas aquelles seculos não erão illustrados, nada disso tinhão; agora he outra coiza, e coiza que prova a superioridade a que chegamos sobre os antigos. Hum Medico do tempo de Zacuto Lusitano, de Abrão Gadelha, que a Bibliotheca Lusitana faz natural do Porto, ainda mais, hum Medico do tempo de Mirandella Trasmontano, era hum homem, como os vemos pintados nos antigos Paineis de Milagres na Nazareth, e Penha de França, com huns çapatos muito grandes, humas fivellas muito pequenas, humas meias de rollo, huma casaca preta de baeta, cujas abás dianteiras, como amigas, se chegavão muito huma para a outra, huma golilha, huma capinha chama-

da de volta, que lhe batia modestamente nas curvas das pernas, hum chapéo assim por modo de huma frigideirinha para obra de tres ovos fritos; á porta do Hospital, ou do doente, huma mula cuja circunspecção, e prudencia creou o proverbio de Mula de Fysico. Este Ente assim vestido caminhava a passos lentos como febre tisica: tomava nas mãos a penna, cujo aparo era assim por modo do feitio da foice da morte, dizia pouco, e pausado sobre as virtudes do antimonio, e efficacia dos olhos de caranguejo, escrevia.... encapotavase a Natureza, os Astros vestião hum capuz, os sinos das Freguezias convēzinhas, sem o Sacristão lhes mexer, nem saber o que aquillo era, dobravão por si; mas este Ser medonho, e terrivel não fallava em mais nada, não sahia da sua órbita, era hum Astro da noite eterna que lá hia rodando entre Bazilicão, e Madre Tecla; agora não he isto assim. E como ha de ser, se nós existimos nos seculos illustrados? Se o progresso das das Luzes he visivel? A boca de hum Medico he o Gabinete de S. Jayme, de S. Petersburgo, de S. Cloud. No acto da Formatura recebeo os talentos de João Pico de La Mirandola, e os do Capucho de *Botão* Fr. *Macedo.* — Tudo. — Venhão para cá dizer-me que estamos degenerados, que já não ha homens como os do seculo de Pericles, de Augusto, de Leão X, de Luiz XIV! Isso he mentira, porque contra a experiencia não ha argumentos.

Outra coiza vemos nós neste seculo que se não vio nos outros, que he o talento da mistura. Agora mette-se a Geometria, a Quimica, e a Fysica na Eloquencia, a Poesia na Logica, a Astronomia nos Sermões, e a Religião nas Novellas, e testemunha *Ata-lá.* Então os outros seculos tinhão isto? Que bons effeitos não resultarão des-

te acorde ajuntamento de coizas tão disparatadas?

Claramente se conhece pois, que nós nos vamos aperfeiçoando, digão o que disserem; mesmo sem nos sentirmos avançamos muito, simillhantes ao nosso globo que andando á roda de si como hum pião, e seguindo a Walsa geral das Esferas, nem por isso deixa de ir insensivelmente caminhando, e avançando na Ecliptica. Depois disto, chamavão áquelles seculos, os seculos d'ouro, isto não he assim, o seculo do ouro he este. Tudo por elle se faz, tudo isto mostra Luzes, e progressos. Já lá vão idéas, e preoccupações Gothicas; algum dia era preciso muito trabalho para adquirir, e merecer a estimação dos homens, era preciso muito estudo, muita prudencia, muito valor, muita probidade, muita honra, muito desinteresse, muita fidelidade. Isto erão seculos barbaros, agora he o seculo da simplificação, tudo se simplificou, até a Guilhotina, que aviava muito. Quem ha de estar agora com tantos trabalhos para conseguir alguma coiza? Nossos pais erão rudes, e pezados, não tinha ainda raiado o Astro da razão. O seculo das Luzes he o seculo de ouro.

— Ouro!!! —

INDICE

Dos seis Numeros que formão este I Volume.

Fim do N. VI, e do Volume primeiro.

(*) Omitimos aqui debaixo do titulo *Miscellanea* alguns artigos, que no Vol. vão debaixo delle, porque os passámos no Indice a diversos titulos a que directamente competião.